



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

ANA PAULA CAVALCANTE LUNA DE ANDRADE

**FRATERNIDADE E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA EXPERIÊNCIA DO
MOVIMENTO DOS FOCOLARES**

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Recife, 2021

FRATERNIDADE E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

Doutoranda: Ana Paula Cavalcante Luna de Andrade

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora pelo Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Religião da
Universidade Católica de Pernambuco.

Recife, 2021.

A553f Andrade, Ana Paula Cavalcante Luna de.
 Fraternidade e diálogo inter-religioso na experiência
 do movimento dos focolares / Ana Paula Cavalcante
 Luna de Andrade, 2021.
 206 f. : il.

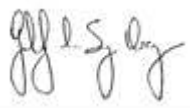
 Orientador: Gilbraz de Souza Aragão.
 Tese (Doutorado) - Universidade Católica de
 Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências
 da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2021.

 1. Movimento dos Focolares. 2. Fraternidade.
 3. Pluralismo religioso. I. Título.

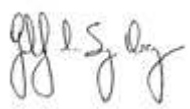
CDU 261.8

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

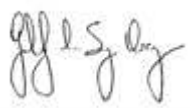
Tese de autoria de ANA PAULA CAVALCANTE LUNA DE ANDRADE, intitulada “FRATERNIDADE E DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES”, apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em nome do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, em 10 de fevereiro de 2021, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:



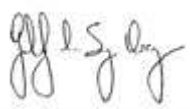
P/ Prof. Dr. José Tadeu Batista de Souza – Leitor Interno (UNICAP)



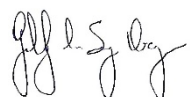
P/ Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques – Leitor Interno (UNICAP)



P/ Prof. Dr. Anderson de Alencar Menezes – Leitor Externo (UFAL)



P/ Prof. Dr. Marco Luppi – Leitor Externo (ASCES)



Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão – Orientador (UNICAP)
(Presidente da Banca Examinadora)

...se tentares viver de amor, perceberás que, aqui na terra, convém fazeres a tua parte. A outra, não sabes nunca se virá, e não é necessário que venha. Por vezes, ficarás desiludido, porém jamais perderás a coragem, se te convenceres de que, no amor, o que vale é amar...

Chiara Lubich

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a Fernando Andrade, meu esposo, amigo e parceiro de todas as horas, agradeço imensamente a Deus dom que és na minha vida e aos nossos amados filhos: Luiz Fernando, Gabriel José e João Paulo, que o amor seja sempre o nosso maior bem.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus pelo dom da vida, pelo seu infinito amor.

A Chiara Lubich (*in memoriam*), pela sua vida e herança espiritual. A todos os focolarinos e focolarinas do mundo inteiro na constante busca da construção de um mundo mais humano, justo e fraterno.

Ao meu esposo, Fernando Andrade, por todo incentivo, escuta sempre atenta, tranquilidade, topo apoio no cuidado com as crianças nos momentos que precisei estar ausente e tudo aquilo que imaterial e intangível que não podem ser expressos em palavras.

Aos meus filhos, Luiz Fernando, Gabriel José e João Paulo, obrigada por toda a compreensão, amor e força, vocês são a minha inspiração.

Aos meus queridos pais, Douglas Luna e Lindinalva Luna, vocês são exemplos de acolhimento, ternura e generosidade. Aos meus irmãos e irmãs, Júnior (*in memoriam*) Roberto, Flávio, Marcos, Socorro, Mariana, meus grandes amigos (as), os admiro muito.

Ao meu Orientador, Dr. Gilbraz Aragão, obrigada por cada orientação, cada palavra, cada silêncio transformado em diálogo, pela segurança e excelência acadêmica associados a uma humanidade que é expressa na sua vida, foi realmente uma honra ser sua orientanda.

Aos queridos professores do programa de Doutorado em Ciências da Religião, pelas preciosas lições, em Especial, Dr. Newton Darwin, Dr. José Tadeu e Dr. Luiz Carlos.

Aos amigos Fátima Athias, Joana e Roberto Catalano agradeço a escuta sempre atenta e as sugestões pertinentes ao bom desenvolvimento da investigação no âmbito do Movimento dos Focolares.

Aos amigos Anderson Menezes e Marco Luppi pela disponibilidade, atenção e apontamentos que foram muito importantes para a finalização do trabalho.

Ao Instituto de Estudos Avançados da ASCES UNITA, na pessoa do Dr. Paulo Muniz Lopes, pelo apoio pessoal e institucional.

SIGLAS

LG Constituição Dogmática sobre a Igreja, Lumen Gentium», do Concílio Vaticano II

NMI João Paulo II, «Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte», do Sumo Pontífice João Paulo II

NA Declaração Nostra Aetate, sobre a Igreja e as Religiões Não Cristãs, do Concílio Vaticano II

EN Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, do Papa Paulo VI

RM Carta Encíclica Redemptoris Missio, do Sumo Pontífice Papa João Paulo II

DA Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso - Congregação para a Evangelização dos Povos Diálogo e Anúncio

DM Secretariado para os Não-Cristãos - A Igreja e as outras Religiões, Diálogo e Missão

UUS Carta Encíclica Ut Unum Sint, de João Paulo II
UR Decreto sobre o ecumenismo Unitatis Redintegratio, do Concílio Ecuménico Vaticano II

MC Carta Encíclica Mystici Corporis, do Sumo Pontífice Papa Pio XII

ES Carta Encíclica Ecclesiam Suam, do Sumo Pontífice Papa Paulo VI

AG Decreto Ad Gentes, sobre a Atividade Missionária da Igreja, do Concílio Ecuménico Vaticano II

DH Declaração Dignitatis Humanae, sobre a Liberdade Religiosa AAS Acta Apostolicae Sedis

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1- A primeira audiência de Chiara Lubich com o Papa Paulo VI em 1964.....	115
Figura 2- Mariápolis permanentes ao redor do mundo.....	117
Figura 3- Alunos na Escola Santa Maria.....	118
Figura 4- Imagem aérea da Mariápolis Santa Maria.....	118
Figura 5- Mariápolis Glória, Benevides-PA	118
Figura 6- Mariápolis Ginetta, Vargem Grande Paulista-SP.....	119
Figura 7-Visita de Chiara Lubich em 1966 junto ao Fon de Fontem.....	141
Figura 8 - O povo Bangwa recebe Chiara Lubich em Fontem em sua segunda visita em Janeiro de 1969.....	141
Figura 9- Em Maio de 2000, Chiara em Fontem (Camarões), encontro com os Fons (Reis) de Fonjumentaw e Fontem	142
Figura 10 - Em 1981, na cidade de Tóquio (Japão) encontrando com Rev. Nikkyo Niwano, fundador do Movimento leigo para a renovação budista, a Rissho Kosei-kai	144
Figura 11 - Chiara Lubich em 18 de maio de 1997 em discurso na Mesquita Malcolm Shabazz.....	147
Figura 12- O encontro com W.D. Mohammed	147
Figura 13- Chiara Lubich na Sinagoga da <i>Hebrew Union College</i>	151
Figura 14- Chiara Lubich e Minoti Airam na Índia.....	154
Figura 15- Chiara recebendo o prêmio “Defensor da Paz em Coimbatore, sul da Índia, em 2001.....	154
Figura 16- Perfil dos entrevistados por faixa etária, gênero e religião.....	160
Figura 17- Como conheceu o Movimento dos Focolares / Tempo que participa.....	161
Figura 18- Abordagem do tema do diálogo inter-religioso na formação como Membro.....	163
Figura 19- Importância conferida ao diálogo inter-religioso	165
Figura 20- Vivência do diálogo inter-religioso promovida pelo Movimento dos Focolares.....	166
Figura 21- Categorias apresentadas sobre as premissas do Movimento dos Focolares para a efetivação do diálogo inter-religioso.....	169
Figura 22-Significado do termo fraternidade.....	171
Figura 23- Desafios da vivência do diálogo inter-religioso.....	175

RESUMO

A presente investigação tem por objetivo evidenciar as experiências de fraternidade e diálogo inter-religioso no Movimento dos focolares, a fim de apreciar as formas e metodologias de diálogo vivenciadas por eles, bem como os frutos, obstáculos e desafios que a relação dialógica suscita e as possibilidades de superação utilizando-se o princípio de fraternidade. O Movimento dos Focolares nasce no seio da Igreja Católica durante a II Guerra Mundial e tem como carisma a unidade e a fraternidade universal. Trabalha pela construção de um mundo unido até o *ut omnes*, ou seja, “todos um”, tendo o diálogo, como ponto de partida. Para o bom andamento da nossa pesquisa adentramos inicialmente na discussão da construção do diálogo, o reconhecimento da intersubjetividade e o sentido de interdependência, desta forma analisamos a etimologia do diálogo bem como a contribuição de autores que abordam a temática evidenciando aspectos fundamentais ao estabelecimento do diálogo, quais sejam: reciprocidade, intersubjetividade e silêncio. Na sequência investigamos o diálogo inter-religioso e sua importância na sociedade contemporânea, bem como os seus fundamentos, dinamismo, direitos e responsabilidades. Posteriormente, adentramos nos documentos da Igreja Católica, conciliares e pós-conciliares, que promovem e suscitam o diálogo inter-religioso ao longo da história, entendendo-os como importantes não apenas para os católicos cristãos, mas para o mundo em transformação. Em seguida destacamos e aprofundamos os conceitos essenciais da fraternidade como condição indispensável ao diálogo inter-religioso, bem como os efeitos da fraternidade na religião. Sendo primordial para a investigação do diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares como fruto da vivência do carisma, o método por excelência, e os diversos diálogos potencializados por esta espiritualidade. Concluimos a nossa investigação com apresentação e análises dos dados obtidos nas entrevistas com membros do Movimento dos Focolares, as quais foram essenciais na descoberta das contribuições mais genuínas deste Movimento Católico para o diálogo no mundo atual, quais sejam as ações concretas de fraternidade, um diálogo construído com a vida. O nosso percurso metodológico deu-se mediante pesquisa documental considerando a produção bibliográfica principalmente dos documentos oficiais da Igreja Católica e doutrinadores que enfrentaram essa temática. A investigação teórica propiciou uma revisão epistemológica no sentido de aprofundar e obter subsídios necessários para a construção da pesquisa. Por fim realizamos entrevistas semiestruturadas com membros do Movimento dos Focolares, para análise das entrevistas utilizamos a metodologia de análise de conteúdo. Concluimos que a fraternidade vivenciada no Movimento dos Focolares propicia um autêntico e eficaz diálogo inter-religioso sedimentado no amor, sem proselitismo e sem prescindir da liberdade e autonomia de cada ser humano.

Palavras-chave: Fraternidade, Diálogo Inter-religioso, Movimento dos Focolares.

ABSTRACT

The present investigation aims to highlight the experiences of fraternity and interreligious dialogue in the Focolare Movement, in order to appreciate the forms and methodologies of dialogue experienced by them, as well as the fruits, obstacles and challenges that the dialogical relationship raises and the overcoming possibilities using the fraternity principle. The Focolare Movement was born within the Catholic Church during World War II and has as its charism unity and universal fraternity. It works to build a world united to *ut omnes*, that is, “all one”, with dialogue as a starting point. For the good progress of our research, we first entered the discussion of the construction of dialogue, the recognition of intersubjectivity and the sense of interdependence, in this way we analyze the etymology of the dialogue as well as the contribution of authors who address the theme, showing fundamental aspects to the establishment of the dialogue, namely: reciprocity, intersubjectivity and silence. Then, we investigate interreligious dialogue and its importance in contemporary society, as well as its foundations, dynamism, rights and responsibilities. Subsequently, we entered the documents of the Catholic Church, conciliar and post-conciliar, which promote and encourage interreligious dialogue throughout history, understanding them as important not only for Christian Catholics, but for the changing world. Then we highlight and deepen the essential concepts of fraternity as an indispensable condition for interreligious dialogue, as well as the effects of fraternity on religion. Being essential for the investigation of interreligious dialogue in the Focolare Movement as a result of the experience of the charism, the method par excellence, and the various dialogues enhanced by this spirituality. We concluded our investigation with presentation and analysis of the data obtained in the interviews with members of the Focolare Movement, which were essential in discovering the most genuine contributions of this Catholic Movement to dialogue in the current world, which are the concrete actions of fraternity, a dialogue built with life. Our methodological path took place through documentary research considering the bibliographic production mainly of the official documents of the Catholic Church and doctrines that faced this theme. The theoretical investigation provided an epistemological review in order to deepen and obtain necessary subsidies for the construction of the research. Finally, we conducted semi-structured interviews with members of the Focolare Movement, to analyze the interviews we used the content analysis methodology. We conclude that the fraternity experienced in the Focolare Movement provides an authentic and effective interreligious dialogue based on love, without proselytism and without giving up the freedom and autonomy of each human being.

Keywords: Fraternity, Interreligious Dialogue, Focolare Movement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPITULO 1: A construção do Diálogo, o reconhecimento da intersubjetividade e o sentido de interdependência	24
1.1 A etimologia do diálogo	24
1.2 O Diálogo em ação	26
1.3 O diálogo e a relação dialógica em Martin Buber.	28
1.4 Delineamento do diálogo na perspectiva habermasiana.....	32
1.5 Por uma Antropologia do Diálogo em Gennaro Cicchese	36
1.6 O diálogo inter-religioso e sua importância na sociedade contemporânea	
1.7 Fundamentos e Dinamismo do diálogo inter-religioso	44
1.8 Direitos e responsabilidades no diálogo inter-religioso	47
1.9 A “regra de ouro” como elo comum entre as religiões	50
1.10 A experiência do Parlamento Mundial de Religiões (1893).....	52
CAPITULO 2: Delineamentos do Diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II e Pós-Concílio Vaticano II	57
2.1 O diálogo Inter-religioso a partir do Concílio Vaticano II	57
2.1.1 Declaração <i>Nostra Aetate</i> (17 de novembro de 1965)	61
2.1.2 A Constituição Pastoral <i>Gaudium et spes</i> (7 de Dezembro de 1965)	64
2.1.3 Declaração <i>Dignitatis Humanae</i> sobre a liberdade religiosa (7 de Dezembro de 1965)	66
2.2 Documentos pós-conciliares que abordam a temática.....	70
2.2.1 Carta Encíclica <i>Redemptor Hominis</i> (1979).....	70
2.2.2 Exortação apostólica <i>Catechesi Tradendae</i> (1979)	71
2.2.3 Diálogo e Missão (1984)	71
2.2.4 Exortação apostólica <i>Reconciliatio et Paenitentia</i> (1984).....	72
2.2.5 O Diálogo Inter-religioso entre aproximações e distanciamentos: Diálogo e Anúncio e <i>Dominus Iesus</i>	73
2.2.6 Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> (2013).....	81
2.3 Construção do diálogo na Igreja Católica: a experiência do resgate histórico	82
2.4 Uma Igreja em Saída.....	83
2.4.1 O Espírito de Assis no pontificado do Papa João Paulo II	84
2.4.2 Decálogo de Assis pela Paz.....	86
2.4.3 O diálogo inter-religioso fraterno no pontificado do Papa Francisco	91

CAPITULO 3: A fraternidade como condição indispensável para o diálogo inter-religioso.	96
3.1 A relevância histórica e social da Fraternidade	100
3.2 Diferenças entre solidariedade e fraternidade	104
3.3 Fraternidade na promoção do diálogo inter-religioso	106
3.4 Os efeitos da Fraternidade na Religião	108
CAPITULO 4: O diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares como fruto da vivência de um carisma	114
4.1 Chiara Lubich e o nascimento do Movimento dos Focolares	115
4.2 Mariápolis permanentes ao redor do mundo.....	116
4.3 O Método por Excelência da Espiritualidade da Unidade	121
4.4 A “arte de amar” como chave profícua para o diálogo	123
4.5 As Ramificações dos Diálogos Potencializados pela Espiritualidade da Unidade.....	127
4.5.1 O primeiro diálogo: no interior da Igreja	129
4.5.2 O segundo diálogo: Ecumênico.....	131
4.5.3 O terceiro diálogo: inter-religioso.	134
4.5.4 O quarto diálogo: com pessoas de convicções não religiosas.....	135
4.5.5 O quinto diálogo: com a cultura e a sociedade.....	139
4.6 O florescimento do Diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares	141
4.6.1 O diálogo da vida: Religiões tradicionais africanas	142
4.6.2 O diálogo com os budistas	146
4.6.3 O diálogo com os Muçulmanos	148
4.6.4 O diálogo com os Judeus.....	152
4.6.5 O diálogo com os Hindus	155
4.7 Características do Diálogo no Movimento dos Focolares	157
CAPÍTULO 5. Entrevista com membros do Movimento dos Focolares: análise e discussão dos dados.....	161
5.1 Perfil dos entrevistados: religião, faixa etária e gênero.	162
5.2 Descoberta e participação no Movimento dos Focolares.....	162
5.3 O Diálogo inter-religioso e sua abordagem dentre os participantes do Movimento dos Focolares	163
5.4 A importância do diálogo inter-religioso para os membros do Movimento dos Focolares.	165
5.5 Vivência de experiências concretas do diálogo inter-religioso promovido pelo Movimento dos Focolares.....	167

5.6 Percepção da fraternidade como premissa do Movimento dos Focolares na efetivação do diálogo inter-religioso.	168
5.7 A relevância do conceito de fraternidade.....	171
5.8 Os desafios da vivência do diálogo inter-religioso dentro do Movimento dos Focolares.	173
5.9 A relação dos fiéis de outras religiões com os membros do Movimento dos Focolares.	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIAS	193

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por um cenário de crises, mudanças, de profundas transformações, de quebras de paradigmas e construção de novas perspectivas de apreensão do conhecimento. No âmbito da Epistemologia, a razão ancorada no racionalismo vê-se questionada por uma razão aberta à experiência como meio de percepção da realidade. Também no campo religioso profundas transformações foram sentidas, destaca-se a secularização, o pluralismo religioso, o fundamentalismo, o individualismo e a intolerância, questões que se apresentam importantes a serem pensadas e discutidas por esse novo sujeito não mais enraizado numa razão secular.

Verificamos que no campo religioso, em sua dinâmica, a pluralidade é característica marcante, diversas formas de expressões religiosas convivem e dividem o mesmo espaço. Como afirma Teixeira: “a realidade do pluralismo religioso faz parte inevitável do cenário do século XXI. Há uma presença crescente da diversidade religiosa no panorama mundial”¹.

A destraditionalização² generalizada nas sociedades contemporâneas se expressa na crise das instituições religiosas e na liberdade do sujeito em relação aos complexos sistemas de construção das identidades tradicionais, abrindo espaço para uma crescente liberdade de interpretação religiosa. Mas é *mister* chamar atenção ao fato que apesar da liberdade religiosa ser caracterizada pela pluralidade, há um fenômeno que chama a atenção e causa preocupação, o retorno ao fundamentalismo, ou seja, ao fechamento de determinadas religiões ao considerar verdadeira apenas sua doutrina, que traz como consequência a intolerância e a supressão da fraternidade.

Com tamanha diversidade e pluralismo, cresce a necessidade de diálogos que promovam a criação de novos paradigmas, onde todos são importantes e podem falar livremente e serem ouvidos e também ouvir o outro

¹ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso: A arte do Possível**. Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2008, p. 119.

² NOGUEIRA, Paulo Agostinho de Souza (Org.). **Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. São Paulo: Paulus, 2015, p.302.

despido de quaisquer preconceitos ou barreiras, sejam religiosas, políticas, filosóficas e entendemos que apenas é possível quando nos sentimos unidos por laços mais estreitos nos relacionamentos, nesse sentido, o reconhecimento do princípio da fraternidade é indispensável no processo do diálogo inter-religioso.

O Papa Paulo VI, em suas palavras, nos fornece pistas acerca desta problemática ao asseverar: “os homens constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano”³. A nossa temática, qual seja, “Fraternidade e diálogo inter-religioso na experiência do Movimento dos Focolares”, portanto, torna-se atual e desejada, haja vista que neste Movimento católico encontramos teoria e prática na vivência da fraternidade e do diálogo inter-religioso.

Para bem desenvolvermos o tema proposto, o presente estudo foi dividido em 5 (cinco) capítulos.

No primeiro capítulo intitulado: a construção do diálogo, o reconhecimento da intersubjetividade e o sentido de interdependência desenvolvemos a nossa investigação considerando a relevância do diálogo propriamente dito nas relações humanas.

Para esta construção teórica levantamos questionamentos sobre o diálogo cujas perguntas foram: o que é de fato dialogar? É possível desenvolver um diálogo sem que haja da nossa parte uma abertura ao outro, uma atitude autêntica em relação à palavra e a escuta? Quando me abro ao diálogo perco a minha identidade?

Na sequência apresentamos a etimologia do diálogo cuja concepção expressa nos princípios da arte dialética passou pela história da filosofia até os tempos mais recentes traduzindo-se e reinventando-se na relação com o outro e adentrando no diálogo em ação que congrega em si formas concretas

³ PAULO VI. **Declaração *Nostra Aetate*: sobre a Igreja e as religiões não-cristãs.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html, acesso em 05 de Dezembro de 2019.

de colaboração e formação do gênero humano de modo integral e colaborativo.

Prosseguindo, traçamos alguns delineamentos acerca do diálogo no pensamento de alguns autores que abordam o tema como Martin Buber (relação dialógica), a sua proposta acerca do diálogo repousa sobre a perspectiva de uma espiritualidade relacional, o ser humano necessita entrar em relação dialógica com o mundo, pois compreende o ser humano como um ser de relações. Buber questiona, como pessoas que possuem uma excelente qualidade humana não conseguem dialogar? O contributo deste autor foi deveras importante para a investigação sobre a temática a qual nos propusemos desenvolver.

Analisamos no subitem seguinte o pensamento de Jürgen Habermas pois sua proposta é necessária no sentido de vislumbrarmos o diálogo numa via comunicativa, perpassando pela reflexão das condições éticas para a existência e efetivação do diálogo. A abordagem deste autor auxiliou a compreensão que a ação comunicativa é voltada para o entendimento mútuo e possibilita um acordo entre os falantes e ouvintes referentes ao significado das mensagens transmitidas e se apresenta como oposição ao agir estratégico. Esta constatação foi de suma importância nesta investigação.

No subitem 1.5 desenvolvemos as “descobertas” da antropologia do diálogo de Gennaro Cicchese cuja obra é estruturada no silêncio, no diálogo, na relação, na interioridade (reciprocidade) e na comunidade, consideradas por este autor italiano como sustentáculos essenciais da vivência interpessoal. Este autor indica como fundamental o reconhecimento do outro como pessoa, o pensar as relações humanas como um “encontro”, de um tu pessoal.

Interessante abordagem é realizada no subitem seguinte, pois dialogar é criar pontes, chegar ao outro de forma respeitosa onde a primeira atitude para o estabelecimento do diálogo é a disponibilidade de uma escuta ativa e autêntica do outro.

Na sequência adentramos no diálogo inter-religioso propriamente dito e sua importância na sociedade contemporânea, bem como apresentando

seus fundamentos, dinamismo e condições em uma primeira abordagem, a qual foi desenvolvida ao longo de todo o trabalho, haja vista apresentar-se como um dos grandes desafios da sociedade contemporânea globalizada em meio a um quadro de mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas. Ainda neste subitem tivemos o cuidado de diferenciar os termos ecumenismo, sincretismo religioso e diálogo inter-religioso.

Situamos a “regra de ouro” como elo comum entre as religiões. Tal “regra” surge como princípio ético em várias religiões em tempos históricos e espaços geográficos distintos, mas com a mesma finalidade e propósito comum, qual seja o reconhecimento do outro na sua dignidade e humanidade.

Finalizamos o capítulo 1 (um) enfocando a experiência do Parlamento Mundial de Religiões de 1893 como evento que representou um marco histórico no diálogo inter-religioso em âmbito mundial, no estudo das religiões do mundo e pretendeu oferecer uma lição de tolerância, entendimento e harmonia entre as religiões.

No segundo capítulo aprofundamos a investigação nos documentos da Igreja Católica que suscitam e promovem o diálogo inter-religioso ao longo da história, nos documentos do magistério que buscaram definir a identidade e os conteúdos do diálogo entre as religiões, perpassando pelos grandes interlocutores com o Cristianismo.

Para tanto iniciamos realizando delineamentos do diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II e Pós-Concílio Vaticano II. Logo no primeiro subitem de nossa explanação desenvolvemos o tema do diálogo Inter-religioso considerando como ponto de partida o Concílio Vaticano II, pois representou mudanças profundas na Igreja Católica, abrindo-se ao novo modo de ser Igreja. De uma postura de exclusão se propôs ao diálogo, em documentos que portam legitimidade eclesial.

Neste diapasão, analisamos a Declaração *Nostra Aetate* de 17 de Novembro de 1965, pois faz aos seus membros um convite ao diálogo, na promoção e respeito, inspirando a Igreja a condenar quaisquer tipos de discriminação ou perseguição por causa das diferenças de raça, cor, condição ou religião, além de exortar a Igreja no sentido de maior relacionamento com

as demais religiões reforçando sua missão de promover a unidade e o amor entre os povos. Tal Declaração mostra-se de suma importância para a compreensão da fraternidade universal referenciada pelo Papa Paulo VI.

Na sequência, incluímos na discussão a Constituição Pastoral *Gaudium et spes* de 7 de Dezembro de 1965, pois ela propõe a abertura ao diálogo com todos os seres humanos a respeito dos nossos problemas comuns. Este documento da Igreja por diversas vezes ressalta a expressão “única família humana”, no sentido de interdependência, além de marcar de modo significativo a passagem de uma postura exclusivista para uma postura aberta ao diálogo com o mundo.

Dos documentos conciliares abordados, finalizamos com a Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa de 7 de Dezembro de 1965, ela declara o direito da pessoa e das comunidades à liberdade social e civil em matéria religiosa. Estabelece que o ser humano deve ser livre, conforme sua consciência, para aderir e reconhecer com retidão e verdade, livremente, as determinações da lei divina.

Analizamos os documentos pós-conciliares que abordam a temática proposta na presente tese, como a Carta Encíclica *Redemptor Hominis* de 1979, a primeira do pontificado do Papa João Paulo II e que dá continuidade aos pontificados do Papa João XXIII e do Papa Paulo VI, na disposição de diálogo, abertura e aproximação de todas as culturas, de todas as concepções ideológicas e de todos os homens de boa vontade. Nela o Papa ressalta a importância do diálogo ecumênico e inter-religioso e faz uma reflexão acerca dos passos que a Igreja Católica já deu neste sentido. Na sequência estudamos a Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, também de 1979, importante documento pedindo que a catequese tenha uma dimensão ecumênica e tenha cuidado com uma apresentação objetiva das outras religiões.

Na análise de Diálogo e Missão de 1984 a Igreja realiza uma espécie de “catequese do diálogo”, explicando seu sentido e alcance ao apresentar os princípios fundamentais e as formas de diálogo. Na investigação acerca da Exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* de 1984 encontramos mais um contributo importante para a construção da tese. A Exortação em análise

discorre que a Igreja Católica continua a procurar caminhos de unidade tanto com os demais cristãos, como também os fiéis de outras religiões, através de um diálogo sincero na esperança que ele seja capaz de superar as atitudes de hostilidade, desconfiança e mútua condenação, além de levar a uma reconciliação nas relações com as outras Igrejas e Comunidades eclesiais e com as outras religiões.

Em nossa análise e aprofundamento nos documentos pós-conciliares estudamos o Diálogo Inter-religioso entre aproximações e distanciamentos: “Diálogo e Anúncio”, o qual propõe vias para um autêntico diálogo inter-religioso e é destinado a todos os católicos, aos cristãos que pertencem a outras Igrejas ou comunidades eclesiais, como também aberto para conhecimento, a membros de outras tradições religiosas e “*Dominus Iesus*” declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, documento que gerou diversas reações, dentro e fora da Igreja católica, pois o documento parecia não estar no contexto vivenciado pela Igreja desde o Concílio Vaticano II, de tentativas de abertura e diálogo com as demais religiões. Destacamos as aproximações e distanciamentos entre os dois documentos no que diz respeito ao diálogo Inter-religioso.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de 2013, a primeira do Papa Francisco, também mereceu destaque em nossa pesquisa pois expõe que os crentes não deveriam esconder-se uns dos outros, mas deveriam procurar criar vínculos profundos e estáveis.

No subitem 2.3 observamos a construção do diálogo na Igreja Católica na experiência do resgate histórico mediante a atitude de reconciliação curando as feridas do passado e colhendo tudo aquilo que foi positivo e edificante entre as religiões. Fazemos uma análise da aproximação entre judeus e cristãos.

Em seguida destacamos a Igreja Católica como uma Igreja em saída haja vista que depois do Concílio Vaticano II houve uma paulatina e constante abertura no relacionamento com as outras religiões, as saídas dos Papas ao encontro de vários líderes religiosos em países de tradições não predominantemente católicas. Paulo VI na sua visita de peregrinação a Bombaim, na Índia, em 3 de dezembro de 1964, João Paulo II com gestos

expressivos em direção ao diálogo inter-religioso e o “Espírito de Assis”, evento que deu um passo importante e significativo no encontro com as outras religiões ao orarem juntos pela paz no mundo. Igualmente o pontificado do Papa Francisco e sua “Igreja em saída” na construção de um diálogo inter-religioso fraterno.

No terceiro capítulo abordamos o princípio da fraternidade como indispensável à criação e manutenção de um compromissado diálogo inter-religioso voltado à percepção de que todos somos irmãos. Tal estudo é necessário pois nos documentos oficiais da Igreja Católica é profícuo o reconhecimento de que todos os seres humanos são irmãos, filhos do mesmo Pai, criador de todas as coisas.

Neste sentido, quando falamos em fraternidade o próprio termo traz uma carga semântica que evoca o sentido de corresponsabilidade e interdependência sendo capaz de gerar relacionamentos autênticos que possibilitam a concretização do bem-comum, de sentir-se partícipe da grande família humana. Para este trabalho foi *sine qua non* estudá-la, haja vista, o desiderato do Movimento dos Focolares voltado à construção do *ut omnes* (todos um) no sentido do reconhecimento do outro que é diferente de mim, mas ao mesmo tempo igual a mim.

Para o bom desenvolvimento deste capítulo, abordamos a relevância histórica da Fraternidade no mundo ocidental iniciada, como contributo laico, pela Revolução Francesa de 1789 trazendo consigo o lema: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, deste modo, é observado que a humanidade laica e politizada encontra na fraternidade um elemento que potencializa e caracteriza o próprio ser humano considerando sua essência natural.

No subitem seguinte diferenciamos os termos fraternidade e solidariedade, pois, embora parecidos, trazem consigo diferenças abissais no que pertine a atitude e paridade relacional. A solidariedade une-se ao assistencialismo em uma relação vertical baseada no binômio auxiliador/auxiliado, deste modo evidenciando a compaixão em uma via de mão única, pois não há reciprocidade. A fraternidade compromete bem mais, pois é preciso paridade, horizontalidade, possibilidade de reciprocidade, bilateralidade.

Na seqüência, analisamos a fraternidade na promoção do diálogo inter-religioso. Ponto importante para nossa investigação, haja vista a possibilidade de gerar inter-relação, solidariedade e reciprocidade, abrindo-se à escuta silenciosa e respeitosa às diversas visões de mundo. O espaço fraterno construído e aceito por todos os envolvidos mostra-se como campo fecundo no processo dialogal, pois ao envolver as pessoas em relação paritária não permite a superioridade e dominância de um pensamento ou crença sobre o outro. Entre irmãos não há o binômio dominante/dominado. Concluindo o capítulo 3, abordamos os efeitos da fraternidade na religião, em especial, nos encontros de aproximação com a Igreja Católica.

No quarto capítulo, intitulado “o diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares como fruto da vivência de um carisma” realizamos, logo no início, uma breve apresentação da fundadora do Movimento dos Focolares, qual seja Chiara Lubich, a fim de que pudéssemos situar o contexto histórico e o percurso que fomentaram o desejo e a prática do diálogo dentro dessa espiritualidade.

Na seqüência investigamos o método por excelência da espiritualidade da unidade analisando as experiências vivenciadas nas últimas décadas pelos membros do Movimento dos Focolares em diversas regiões do mundo a fim de buscarmos explicação na existência de um diálogo fraterno, corresponsável com o mundo da vida entre membros de diversas religiões.

No subitem seguinte abordamos o caráter pedagógico e formador presente no Movimento dos Focolares, uma espécie de cartilha de vivência da espiritualidade do carisma da unidade denominada de “arte de amar”.

Essencial em nossa investigação foi a verificação das ramificações dos diálogos potencializados pela espiritualidade da unidade, pois no decorrer dos anos com a difusão e aprovação do Movimento pela Igreja Católica, nasceram diversos diálogos espontâneos os quais percorrem trajetórias diferentes, no seu contato, na sua abordagem, porém todos permeados pela Espiritualidade da Unidade. Deste modo, foram desenvolvidos no seio deste Movimento 5 (cinco) diálogos, quais sejam: no interior da Igreja Católica,

ecumênico, inter-religioso, com pessoas de convicções não-religiosas e com a cultura e a sociedade.

No subitem 4.6 discorreremos especificamente acerca do diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares, qual seja com as religiões tradicionais africanas, budistas, muçulmanos, judeus e hindus.

Na sequência, no subitem 4.7, abordamos as características do diálogo no Movimento dos Focolares, os quais fornecem subsídios importantes para entendermos como deve ser realizado um verdadeiro e fraterno diálogo inter-religioso.

No quinto e último capítulo deste trabalho, foram apresentados os resultados das entrevistas realizadas com membros do Movimento dos Focolares, bem como a análise e discussão dos dados. Para tanto traçamos um perfil dos entrevistados reunidos por religião, faixa etária e gênero, bem como conheceu o Movimento dos Focolares e o tempo que participa.

Os entrevistados responderam às seguintes questões: o diálogo inter-religioso foi abordado durante a participação no Movimento? Quais ocasiões? Considera importante o diálogo inter-religioso? Por quê? Já vivenciou alguma experiência concreta do diálogo inter-religioso promovido pelo Movimento? Para você quais as premissas do Movimento dos Focolares na efetivação do diálogo inter-religioso? Você acredita que a fraternidade é uma das premissas? O que é a fraternidade? Quais os desafios da vivência do diálogo inter-religioso dentro do Movimento?

Dando prosseguimento às entrevistas, na oportunidade de participar de um evento promovido pelo Movimento dos Focolares, intitulado “Escola para o dialogo Inter-religioso” em Castel Gandolfo na Italia, no qual havia a participação de diversas representações religiosas, entrevistamos *in loco* alguns participantes que nos falaram da importância do diálogo inter-religioso na sociedade atual, do sentido da fraternidade e da relação construída com os membros do Movimento dos Focolares em suas localidades.

A fase das entrevistas foi essencial para verificarmos a coerência da teoria com a prática do diálogo inter-religioso promovido pelo Movimento estudado.

Considerando a importância da metodologia, da escolha de um método, para um bom andamento da investigação entendemos que as pesquisas no âmbito das ciências da religião necessitam ultrapassar as perspectivas das ciências positivistas, compartimentadas em direção a um olhar, *inter*, *multi* e transdisciplinar que permita a construção de novos referenciais que possibilitem a aproximação e o distanciamento do objeto de estudo no seu conjunto, “A Ciência da religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da ‘indiferença’ diante do seu objeto de estudo”⁴.

Para tanto a metodologia ocorreu por meio de pesquisa documental considerando a produção bibliográfica principalmente dos documentos oficiais da Igreja Católica e dos doutrinadores que enfrentaram esta temática, como também utilizamos a entrevista semiestruturada, que foi realizada com membros do Movimento dos Focolares os quais haviam vivenciado momentos de diálogo inter-religioso há mais de 20 anos, totalizando o quantitativo de 45 entrevistados.

A investigação teórica nos propiciou uma revisão epistemológica no sentido de aprofundar e obter conhecimentos necessários para a construção da pesquisa. Para tanto iniciamos a nossa investigação, com a revisão bibliográfica, leitura dos textos, no qual verificamos as ideias, influências, como também o percurso histórico da construção do diálogo inter-religioso perpassando por obras de comentadores relacionados ao tema. Em seguida iniciamos o processo de análise da importância da fraternidade como ponto de unidade das grandes religiões e sua essencial e indispensável contribuição para um diálogo inter-religioso verdadeiro.

Para análise das entrevistas e discursos, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo, percorrendo as seguintes fases: a) Pré-análise, onde organizamos o material investigado e posteriormente realizamos a b) Exploração do material, processado que nos possibilitou uma maior compreensão e interpretação. Na terceira fase, concluímos: c) O tratamento dos resultados, onde elencamos as categorias centradas na pertinência das

⁴ PASSOS, Joao Décio. USARSKI, Frank (Orgs). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulus, 2014, p. 51.

respostas, lógica e coerência, sendo este processo balizador na construção de novas propostas. A análise de conteúdo segundo Bardin⁵, é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que mediante procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição visa obter indicadores que possibilitem a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Após realizado o processo de entendimento e aprofundamento da temática proposta iniciamos a fase das entrevistas com membros do Movimento dos Focolares, a fim de apreciar as formas e metodologias de diálogo vivenciadas por eles, bem como os frutos, obstáculos, os desafios que a relação dialógica suscita e as possibilidades de superação destas dificuldades utilizando-se o princípio da fraternidade. Após a análise das entrevistas iniciamos a produção dos textos considerando os aportes fundamentais para a produção da Tese.

⁵ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010, p.42.

CAPITULO 1: A construção do Diálogo, o reconhecimento da intersubjetividade e o sentido de interdependência

Antes de falarmos do diálogo inter-religioso, nos debruçaremos em pensar o diálogo propriamente dito, no que concerne à sua construção e relevância nas relações e desenvolvimento humano. Para tanto suscitamos algumas indagações acerca do diálogo que pretendemos respondê-las adentrando no pensamento de alguns teóricos que abordaram o tema: Podemos nos perguntar o que é de fato dialogar? Podemos dialogar sem que tenha da nossa parte uma abertura ao outro, uma atitude autêntica em relação à palavra e a escuta? Quando me abro ao diálogo perco a minha identidade?

Quase paradoxalmente há uma sociedade que impõe a lógica do individualismo, não só de modo individual, mas por vezes um individualismo coletivo, de grupos e povos que têm como consequência a exclusão do outro, as tensões e conflitos crescentes entre países e grupos étnicos, o diálogo em seus diversos âmbitos torna-se necessário e fundamental como via de saída e reencontro do ser humano.

Dentro de diversos âmbitos da sociedade a expressão diálogo ganhou força nas últimas décadas, como modo de relação, suscitando uma nova postura, não mais enraizada na construção do pensamento ocidental, no *logos* da razão, de modelos autoritários e detentores da “verdade”.

Quando falamos em diálogo devemos levar em conta que para a sua construção e efetivação há a necessidade de superação e quebra de paradigmas que ultrapassem as barreiras do utilitarismo, do consumismo e do individualismo, os quais reproduzem cenários de intolerância, violência e indiferença.

1.1 A etimologia do diálogo

Etimologicamente o termo "Diálogo" (gr. *διάλογος*, lat. *Dialogus*) é resultante da fusão das palavras gregas “dia” e “logos”. “Dia” significa “através”. “logos” foi traduzida para o latim como “*ratio*” (razão), razão que emerge do ser e torna-se palavra. O termo foi adotado para indicar a expressão linguística com a qual o ser humano transmite seu *logos* interno,

seu pensamento: a palavra é *logos*, ou seja, a expressão externa do pensamento humano que é expressa e transmitida a outros. Na visão grega, existe uma correspondência radical entre ser, pensamento e palavra⁶.

O Diálogo na filosofia socrática, dá-se mediante perguntas entre dois ou mais interlocutores, intenta na correção de um “erro inicial” a fim de chegar a uma “verdade” compartilhada que sempre deve ser posta em causa, possuindo as características inconclusivas, ou seja, a conclusão sempre permanece aberta, pronta a ser submetida ao diálogo novamente.

Para grande parte do pensamento antigo até Aristóteles, o Diálogo não é somente uma das formas pelas quais se pode exprimir o discurso filosófico, mas a sua forma típica e privilegiada, isso porque não se trata de discurso feito de um filósofo para si mesmo, que o isole em si mesmo, mas de uma conversa, uma discussão, um perguntar e responder entre pessoas unidas pelo interesse comum da busca⁷.

A concepção do diálogo, expressa nos princípios da arte dialética, passou pela história da filosofia até os tempos mais recentes traduzindo-se e reinventando-se na relação com o outro.

Mesmo que se possa partir de pontos de vista diferentes, o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíproca⁸. “Para o pensamento fenomenológico e existencialista o diálogo é uma troca recíproca de pensamentos através da qual se realiza a comunicação das consciências⁹”, adentrando no ‘pensamento dialógico’ que possui como característica a passagem de uma racionalidade solipsista, monológica para uma racionalidade da intersubjetividade, sujeito-sujeito.

⁶ SCATTOLIN, P. Giuseppe. *Il dialogo interreligioso: Fondamenti e dimensioni*. In: *Rivista Atopon, Centro Studi Mythos*. Disponível em <https://www.atopon.it/il-dialogo-interreligioso/#fn1>, acesso em 9 de Maio de 2020.

⁷ ABBAGNO, Nicola. **Dicionário de Filosofia** Trad. Alfredo Bosi. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 274.

⁸ DUROZOL, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Papirus, 2005, p. 135.

⁹ JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 54.

1.2 O Diálogo em ação

Vivemos numa sociedade cada vez mais global, caracterizada pela abertura de fronteiras e pelo encontro de todos os seres humanos em nível planetário, onde são mais visíveis expressões multiculturais, multirraciais e multirreligiosas de uma maneira sem precedentes na história. Esses encontros são permeados de grandes possibilidades, mas também de muitos desafios. No que tange a convivência harmônica, a resistência e o desconhecimento do outro podem gerar muitos conflitos. Tais desafios não devem paralisar, mas suscitar ações de conhecimento mútuo. Com tamanha diversidade, surge uma nova responsabilidade, qual seja a de um diálogo autêntico.

É necessário refletir sobre as possibilidades de dialogar e abrir-se às diferenças, o diálogo faz parte da natureza humana da sua constituição, mas para que não corramos o risco de torná-lo uma meta inalcançável, uma utopia, se faz relevante um aprofundamento antropológico do diálogo, uma escuta sincera e verdadeira do outro, há a necessidade de silenciar para pensar.

O diálogo posto como ação, congrega em si formas concretas de colaboração e formação do gênero humano de modo integral e colaborativo no que concerne as questões éticas que os circundam como a defesa da vida, a justiça, a igualdade social, a convivência harmônica e pacífica, sendo assim uma base comum entre as religiões colocar em relevo o que as une e não o que as separa. “Na grande dança do mundo, somos todos partes de todos e cresce a consciência de que deveríamos nos reconhecer como comunidade humana, geneticamente ligada com todos os seres vivos, evoluindo junto com a totalidade do cosmos”¹⁰.

O diálogo é, portanto, vital para as relações humanas nos seus mais variados âmbitos sejam políticos, econômicos, sociais e sem sombra de dúvida no âmbito religioso. Não são poucos os autores que se debruçam em investigar a importância no desenvolvimento de um diálogo entre as diferentes culturas e civilizações como um antídoto ao embate, contenda, conflito entre elas. Do mesmo modo, quando defendemos o diálogo inter-religioso,

¹⁰ ARAGÃO, Gilbraz S. **Lógica e diálogo**: a física e a teologia do diálogo inter-religioso. In: Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap. Recife: FASA, anual, ano 4, n. 4, p. 76-127, 2005. p.78.

entendemos que o mesmo se mostra eficaz no combate às posições fundamentalistas as quais já escreveram páginas lamentáveis e danosas à própria humanidade, haja vista a visão unilateral e monologal.

O diálogo pressupõe uma predisposição e uma escuta autêntica do outro, de conhecimento mútuo, que não necessariamente pensem da mesma forma ou sejam iguais. A diversidade de pensamento pode gerar ações consonantes ao que tange o bem comum. E se hoje falamos tanto em diálogo precisamos refletir do que estamos falando, de como se dá a sua construção e disponibilidade no desenvolvimento humano.

Relevante contribuição foi trazida por Raimon Panikkar ao distinguir o diálogo dialogal e o diálogo dialético. Para ele, o diálogo dialético tem a pretensão de vencer dialeticamente o outro, ou mesmo buscar juntos uma verdade desde que esteja submetida à dialética. Este diálogo pressupõe “a aceitação de um campo lógico e ‘pessoal, ao qual se atribui ou reconhece uma validade ou jurisdição puramente objetiva”¹¹. Em outras palavras, o diálogo dialético revela uma disputa baseada na intelectualidade apontando razões e imprecisões dos envolvidos.

O diálogo dialogal se processa de modo diverso, pois parte do pressuposto de uma confiança recíproca em um “aventurar-se comum no desconhecido já que não pode ser estabelecido *a priori* se nos entenderemos um ao outro, nem supõe que o homem seja um ser exclusivamente lógico”¹².

Panikkar entende que se deve escutar, fazer silêncio da mente e da vontade, eliminando o egocentrismo, antes mesmo de falar. O diálogo dialogal não tem a pretensão de convencer, mas compreender o outro e participar da riqueza que ele possui, seria uma “partilha de dons”, para o autor citado, o verdadeiro diálogo é um “ato essencialmente religioso”.

Em momento oportuno desta investigação demonstraremos a experiência do “diálogo dialogal” realizado pelo Movimento dos Focolares permeado pela fraternidade, nas relações com a Igreja Católica, com os

¹¹ PANIKKAR, Raimon. Prólogo em: VALLESCAR PALANCA, Diana de. *Tender puentes, abrir caminos: vida consagrada y multiculturalidad*. Madrid: Clarentianas, 2007, p. 52.

¹² *Idem, Ibidem*.

cristãos, com as outras tradições religiosas, bem como com aqueles que não professam fé alguma. Destacamos, contudo, o caráter concreto e real e não apenas limitado a argumentos ou ponderações racionais ou mesmo a “formalismos abstratos de validade geral”, tão criticados por Panikkar, haja vista a busca, pelo Movimento dos Focolares, pelo *ut omnes* (a unidade, o que “todos sejam um”) donde a fraternidade e o diálogo são elementos indispensáveis para obtê-lo. Destaque-se unidade, mas reconhecendo a diversidade, a pluralidade e nunca a uniformidade. Em uma representação metafórica seria como um único jardim com a beleza da multiplicidade das flores mantendo-se, todavia, a importância particular.

Longe de esgotarmos a discussão acerca do diálogo iremos traçar delineamentos no pensamento de alguns autores que abordam o tema como Martin Buber, Jurgen Habermas e Gennaro Cicchese com a sua abordagem antropológica do diálogo.

1.3 O diálogo e a relação dialógica em Martin Buber.

Martin Buber, filósofo judeu (1878-1965), defensor da coexistência entre Judeus e Árabes¹³, tem o diálogo como um dos temas centrais presentes na sua filosofia e se destaca como um dos teóricos que dialogou intensamente com o seu tempo e com a tradição. Destaca-se dois temas centrais no seu pensamento que estiveram presentes por toda a sua vida de um lado, o Hassidismo e a concepção dialógica, do outro.

A sua proposta acerca do diálogo versa sobre a perspectiva de uma espiritualidade relacional, o ser humano necessita entrar em relação dialógica com o mundo. A base do seu pensamento vem do seu interesse singular pelas questões religiosas. “A abertura e a disponibilidade como relação ao outro encontravam em Buber um suporte: a zona de silêncio, na qual se inscreve a confiança no outro”¹⁴.

¹³ Cf: BUBER, Martin. **Caminos de utopía**. Ciudad de Mexico: Fondo de cultura economica, 1987.

¹⁴ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p XVI.

Compreende o ser humano como um ser de relações. “É preciso perceber o outro na sua totalidade, na sua unidade e sua unicidade”.¹⁵ O diálogo assim carece o reconhecimento do outro como essencialmente diferente de mim. O diálogo não é apresentado numa categoria de raciocínio dedutivo, mas emerge da relação dialógica.

Por relação dialógica Buber entende não só como uma relação de seres humanos entre si, mas perpassa pela sua ação, a sua atitude um-para-com-o-outro, em clima de reciprocidade sem no entanto perder ou abdicar da sua especificidade, “o diálogo não se limita ao tráfego de homens entre si; ele é assim que demonstrou ser para nós – um comportamento dos homens uns-para os outros, que é apenas representado no seu tráfego”¹⁶.

O ser humano como um ser de relações, existencialmente interligado ao outro, sai de uma perspectiva monológica para uma perspectiva dialógica, intersubjetiva, pois o homem ontologicamente tem a vocação ao diálogo. “Diz-se então que o homem é um ente de relação ou que a relação é essencial ou o fundamento de sua existência”¹⁷.

A relação possibilita a sustentação antropológica do pensamento de Buber, da filosofia do encontro, do diálogo, enfocando o fenômeno da intersubjetividade como fundamental fato antropológico.

A sua obra, *ich Und Du*, (Eu e Tu) de 1923, foi escrita no contexto do pós-guerra, reflete sobre o sentido humano e a existência autêntica que se dá em relação com o outro, é a chave do seu pensamento que influenciará as suas obras posteriores. “Eu e Tu não é simplesmente uma descrição fenomenológica da palavra, mas é também e sobretudo uma ontologia da relação”¹⁸.

Buber questiona, como pessoas que possuem uma excelente qualidade humana não conseguem dialogar? Sendo esta a pergunta geradora do seu pensamento dialógico. Assim Buber apresenta o que chamou de palavras-princípio, Eu-Tu, Eu-Isso, Eu-Tu eterno, propondo três níveis de

¹⁵ *Idem, ibidem*, p.8.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 40.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 44.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 13.

relacionamento: a relação com a natureza, a relação com os seres humanos e a relação com Deus.

O Eu-Tu, (relação) o Eu-Isso (Experiência) tornam-se para Buber as bases da existência humana, em dimensões distintas que não se excluem, mas se complementam. “O mundo como experiência diz respeito a palavra-princípio Eu-Isso. A palavra-princípio Eu-Tu fundamenta o mundo da relação”¹⁹. Temos assim, a relação dos seres humanos com seres humanos, e dos seres humanos com as coisas.

Em se tratando da filosofia do diálogo, a abordagem mais referenciada do pensamento de Buber “a verdadeira vida comunitária é aquela que permite a cada indivíduo relacionar-se com o próximo em termos da relação Eu-Tu, e não em termos da relação Eu-Isso”²⁰.

Para Buber a palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade, já a palavra princípio Eu-Isso não poderá jamais ser proferida pelo ser em sua totalidade.²¹

Na palavra-princípio Eu-Isso, as atitudes relacionais são objetais, cognoscíveis de utilização é “o lugar e o suporte da experiência, do conhecimento, da utilização”²². É pelo Eu-Isso, que conhecemos e experimentamos o mundo, mas não podemos permanecer constantemente nessa relação, pois para nos tornarmos humanos, necessitamos ir ao encontro autêntico com o Tu. Assim segundo Buber: “O homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente o isso não é homem”²³. O mundo da relação pessoal, se contrapõe ao mundo da experiência da coisificação do outro, a definição autêntica, do ser humano, dar-se na relação Eu-Tu, torna-se ciente de si mesmo como subjetividade.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 6.

²⁰ BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. Trad. Marta Ekstein de Souza Queiroz, Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 25.

²¹ BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001, p. 4.

²² *Idem, ibidem*, p. LI.

²³ *Idem, ibidem*, p 39.

Na palavra-princípio Eu e Tu, há expresso a força da relação autêntica, por dois seres que se reconhecem mutuamente, uma relação sujeito-sujeito, trata-se de uma atitude intersubjetiva.

Buber discorre:

A palavra-princípio Eu-Tu, só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não podem ser realizadas por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando Eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro.²⁴

Nesse sentido há expresso no pensamento de Buber um compromisso com as experiências vividas que se dá essencialmente no diálogo na relação entre as pessoas. “A existência dialógica recebe, mesmo no extremo abandono, uma sensação áspera e revigorante de reciprocidade; a existência monológica não se aventurará, nem na mais terna comunhão, a tatear para fora dos contornos de si mesma”.²⁵

Logo, podemos concluir que mesmo o termo “diálogo” não ser novo, pois desde Platão era utilizado, no século XX com Martin Buber, esta palavra adquiriu significados novos com repercussão nos mais variados campos de investigação. “Para Buber o diálogo mais do que mera sistematização de conteúdo conceitual, era expressão de um conteúdo vivido da experiência humana”.²⁶

A contribuição das teorias do diálogo é verificada no sentido de que as conversas e discussões interpessoais não ficam adstritas à deliberação racional para expor motivos ou propor soluções, mas são auxiliadas por um espírito de fraternidade cidadã, em especial quando os interlocutores têm problemas comuns que devem ser enfrentados e resolvidos.

Em resumo, Martin Buber em sua filosofia do diálogo no livro “Eu e Tu” defende que o homem é um ser dialógico, criado para o diálogo, entende

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 13.

²⁵ BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. Trad: Marta Ekstein de Souza Queiroz, Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 55.

²⁶ MENEZES, Anderson de Alencar. **A evolução do diálogo na Igreja Católica: A Ecclesiam Suam**. Trabalho de Graduação em Teologia defendido no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, 2002, p. 15

que o ser humano é constituído como pessoa em um relacionamento dialógico, ou seja, quando o “eu” encontra o “tu”. Pressupõe um encontro de pessoas com a intenção e disposição em compartilhar um relacionamento dialógico transparente e não estratégico buscando apenas seus próprios interesses, pois se assim fosse seria destruído o diálogo e a dignidade da pessoa. Buber, ao defender o diálogo como uma qualidade essencial que distingue o ser humano, descortina o fato de que é possível que tenhamos capacidade de nos comunicar com os outros, entretanto, caso essa comunicação não tenha qualidade dialógica, não existe um real diálogo.

1.4 Delineamento do diálogo na perspectiva habermasiana

Adentrar no pensamento de Habermas mesmo de forma preliminar, nos é essencial, pois o autor traz uma proposta necessária para que possamos pensar o diálogo numa via comunicativa, perpassando pela reflexão das condições éticas para a existência e efetivação do diálogo.

A perspectiva Habermasiana direcionada ao diálogo passa pela compreensão do “agir comunicativo”, de uma “ação comunicativa”, que realiza um corte com a denominada “filosofia do sujeito”, na tentativa de superação radical aos conceitos da modernidade tradicional, propondo uma nova concepção de racionalidade, uma racionalidade comunicativa, que se expressa no reconhecimento do outro e que emerge na linguagem.

O paradigma proposto por Habermas, em oposição ao paradigma da consciência, é o da interação mediado pela linguagem que em seu entendimento é fundamental e relevante nas relações nas quais os sujeitos capazes de falar e agir estabelecem com o mundo; consiste, portanto, em suceder uma atividade segundo os fins, uma ação sujeito-objeto para uma ação comunicativa que busca chegar a um entendimento²⁷. Argumenta que:

uma mudança de paradigma para a teoria da comunicação tornará possível um retorno a tarefa que foi interrompida com a crítica da razão instrumental, nos permitindo retomar as

²⁷ ANDRADE, Ana Paula Cavalcante Luna de. **A ética do discurso habermasiana: novo paradigma na sociedade moderna e possível meio de integração social**. Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, Recife, 2007, p. 40.

tarefas, desde então negligenciadas, de uma teoria crítica da sociedade.²⁸

Na tentativa de fornecer bases firmes à racionalidade, a razão, no intuito que esta possa unificar e dar sentido à totalidade do mundo, Habermas segue um caminho diferente do percorrido pela teoria crítica e encontra na linguagem a interrelação entre individual e unidade, interesses e normas, cognição e intenção, subjetividade e objetividade²⁹.

A linguagem é concebida no pensamento habermasiano como meio de interação entre os indivíduos, comum a todos os homens e proporciona uma abertura ao diálogo, necessitando sempre de um outro para se efetivar, tornando-se, portanto, um referencial social. Nesse contexto:

A linguagem orientada ao entendimento é fonte de integração social. Os participantes da comunidade interpretam coletivamente uma situação e tentam chegar a um consenso quanto a uma interpretação que contemple interesses comuns e seja o factualmente possível daquilo que é idealmente postulado³⁰.

A importância da linguagem nesse novo paradigma proposto por Habermas dá-se pela sua ligação na ação do homem no mundo objetivo, subjetivo e social; é a categoria única cuja natureza podemos de fato conhecer³¹. Possibilita substituir, na construção de um novo paradigma.

As relações entre linguagem e mundo, entre proposição e estados de coisas, substituem as relações sujeito-objeto; tornando-se assim uma relação comunicativa intersubjetiva. Nas palavras de Habermas:

A passagem do paradigma da filosofia da consciência para o paradigma da filosofia da linguagem constitui um corte de igual profundidade. A partir deste momento, os sinais linguísticos, que serviam apenas como instrumento e equipamento das representações, adquirem, como reino intermediário dos significados linguísticos, uma dignidade própria. As relações entre linguagem e mundo, entre

²⁸ HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa I*. Madrid: Taurus, 2003, p. 390.

²⁹ ANDRADE, Ana Paula Cavalcante Luna de. **A ética do discurso habermasiano: novo paradigma na sociedade moderna e possível meio de integração social**. Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, Recife, 2007, p. 51.

³⁰ EFKEN, Karl-Heinz. **Razão comunicativa e integração social em Jürgen Habermas**. In: Revista Symposium, Recife, Vol. 8, nº 1, Jan./Jun. 2004, p. 5.

³¹ HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 310.

proposição e estados de coisas, substituem as relações sujeito-objeto. O trabalho de constituição do mundo deixa de ser uma tarefa da subjetividade transcendental para se transformar em estruturas gramaticais.³²

Mas, esta opção pela linguagem não é propriamente nova na filosofia contemporânea e em várias correntes das ciências sociais. Tendo como ponto de partida a antropologia cultural, muitos estudiosos consideram a linguagem simbólica e articulada, como perfil marcante da natureza humana, e ainda, há aqueles que vêem a linguagem não apenas como um elemento a mais no homem, mas como o elemento principal e definatório do seu comportamento social.

Para Habermas, a linguagem não se encontra no plano precisamente gramatical, mas principalmente como um meio de atingir o entendimento recíproco acerca de algo. A sua proposta está direcionada para uma teoria social enquanto comunicação intersubjetiva, teoria da intercompreensão. Esta por sua vez é instaurada pelas ações linguísticas que através da argumentação racional possibilita a obtenção do consenso, numa perspectiva real de emancipação dos homens.

O sujeito é posto no pensamento habermasiano como um ser comunicativo, que no diálogo, encontra a sua realização e a realização da sociedade, no seu papel transformador cuja a ação comunicativa é a base.

A ação comunicativa é uma ação voltada para o entendimento mútuo, possibilita um acordo entre os falantes e ouvintes referente ao significado das mensagens transmitidas e se apresenta como oposição ao agir estratégico. Nas palavras de Habermas:

Ao contrário, falo em agir comunicativo quando os atores tratam de harmonizar internamente seus planos de ação e de só perseguir suas respectivas metas sob a condição de um acordo existente ou a negociar sobre a situação e as consequências esperadas³³.

³² HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1990, p.15.

³³ HABERMAS, Jürgen. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 165.

Para ele a sociedade é constituída de um todo formado por estruturas intersubjetivas e objetivas geradas através da ação e da linguagem, permeada pela compreensão das intenções e assegurada mediante o reconhecimento das obrigações por todos.

Adentramos assim no pensamento habermasiano no que tange à ética do discurso, que tem como princípio fundamental que uma norma somente pode ter validade quando todas as pessoas que toca conseguem entrar em acordo enquanto participantes de um discurso prático em que esta norma seja válida, ou seja, dispõe que só pode reclamar validade aquelas normas em que todos os envolvidos tenham condições de concordar ou discordar, sem coação, no processo de formação discursiva de vontade.

O diálogo, considerando a perspectiva Habermasiana, ocorre realmente quando pessoas com mesma capacidade de linguagem e ação, abrem-se de tal modo a até aceitarem proposições contrárias em uma interação desprovida de constrangimentos não permitindo que fatores externos determinem ideias pré-concebidas que o dificulte.

O pensamento habermasiano, que ao estabelecer o paradigma da intersubjetividade (sujeito x sujeito) quer salvaguardar o diálogo entre sujeitos capazes de falar e agir em situações iguais, em que a ação comunicativa mediada pela linguagem é o *telos* para se construir uma sociedade e consequentemente, mais humana³⁴.

Em tempo, vale destacar a necessidade de construção do diálogo e o papel das religiões na esfera pública no pensamento habermasiano. Habermas, por ocasião do recebimento do Prêmio da Paz oferecido pela Associação dos Livreiros da Alemanha, escreve um discurso intitulado “Fé e Saber” que adentra na reflexão sócio, histórico e cultural dos nossos tempos, a partir do atentado às “Torres Gêmeas” no fatídico 11 de setembro de 2001 e do desenvolvimento das biociências trazendo à tona a relação de tensão entre religião e sociedade secular, do papel da religião e do seu potencial semântico, fatos estes que tornam evidentes as dicotômicas visões dos

³⁴ MENEZES, Anderson de Alencar. **A evolução do diálogo na Igreja Católica: A Ecclesiam Suam**. Trabalho de Graduação em Teologia defendido no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, 2002, p. 34.

chamados teocráticos não secularizados e os secularizados ocidentais globalizados.

Como afirma Araújo:

O diagnóstico de Habermas tem como mira principal o tempo nascente de um novo milênio cuja situação cultural exigiria duas tendências contrárias: de um lado a propagação de imagens de mundo naturalista; e, de outro, a revitalização inesperada de comunidades de fé e tradições religiosas e sua politização em escala mundial³⁵.

Habermas entende que esta dicotomia é um jogo de soma zero, pois não traz resultado. A razão comunicativa, com o diálogo antecedendo a ação, conduziria ao pós-secularismo³⁶ afastando o fundamentalismo (o qual considera um modelo único de verdade desconsiderando outras possibilidades), mas também não pode sucumbir ao relativismo pois há necessidade do consenso. Este autor alemão defende a existência de um parâmetro basilar, um mínimo possível o qual ele denominou de “senso comum democraticamente esclarecido”, qual seja a possibilidade de uma racionalidade vivida no cotidiano baseada em critérios pautados em valores básicos compartilhados, como por exemplo, tolerância e solidariedade. Neste sentido, os dois grupos acima apontados devem afastar-se do fundamentalismo existente em cada um a fim de seja possível o diálogo e a convivência.

1.5 Por uma Antropologia do Diálogo em Gennaro Cicchese

Diante de tantos desafios vivenciados pelo ser humano no mundo contemporâneo a perda da capacidade de escutar, de silenciar e por sua vez de dialogar é sem dúvida uma das causas do distanciamento do outro e consequentemente do individualismo.

³⁵ ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. Apresentação à edição brasileira HABERMAS, Jurgen. Fé e Saber. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. XIV.

³⁶ Segundo MENEZES, Anderson de Alencar. **Religiões e espaço público: uma perspectiva pós-secular na ótica de Jurgen Habermas**. In: Revista de Cultura Teológica, n. 88, 2016, p. 105.: “A perspectiva pós-secular admite a persistência do discurso das religiões no espaço público. Ao mesmo tempo em que, as sociedades pós-seculares estão mais atentas à tradição hermenêutica e semântica das religiões”.

Para refletirmos acerca de uma antropologia do diálogo partiremos do pensamento de Gennaro Cicchese, o qual estrutura sua obra em cinco “descobertas” que se interligam, quais sejam: o silêncio, o diálogo, a relação, a interioridade (reciprocidade) e a comunidade, pilares fundamentais da vivência interpessoal. Nessa trajetória o autor aponta como necessário o reconhecimento do outro como pessoa, o pensar as relações humanas indo ao encontro do outro, de um tu pessoal.

Cicchese, aponta a necessidade de um silêncio profundo e autêntico para acolher o outro, expressa que tudo em nós deve calar, nossos sentidos, o intelecto, as ideias, nossos preconceitos, desta forma se pode acolher o outro em sua totalidade e diversidade, sendo essas as condições para realizar uma antropologia do diálogo³⁷. “A verdadeira comunicação começa com o silêncio, lugar onde o ser humano se faz ‘escutar’, condição imprescindível para ir, ativamente, ‘até o encontro do tu’³⁸. Escutar é um exercício que exige estar presente para você e para os outros sem distração³⁹, e em uma sociedade como a nossa que faz “muito barulho”, precisamos reaprender essa ação da escuta.

O autor argumenta que: “quem tem medo de fazer silêncio, na verdade, tem medo de pensar. E pensar é precisamente o primeiro passo para acessar o conhecimento de si mesmo e dos outros, e para um autêntico diálogo”⁴⁰. Parte da compreensão que o silêncio corresponde a uma “dimensão constitutiva do homem”, mas que no mundo contemporâneo ocorre o fenômeno do esquecimento do silêncio, haja vista um mundo cada vez mais ruidoso que banaliza o uso da palavra tornando-a vazia de conteúdo ou mesmo “enganosas mensagens de um mundo consumista e narcisista”⁴¹.

Considerando a existência do diálogo em sentido antropológico, é necessário compreender que os seres humanos possuem características

³⁷ CICHESE, Genaro. *Incontro a te: antropologia del dialogo*. Roma: Città Nuova, 2010, p. 56.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 124.

³⁹ CICHESE, Gennaro. *Antrología del diálogo: hacia el “entre” de la interculturalidad*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011, p. 44.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 11.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 20.

inatas que propiciam uma comunicação. O diálogo é constituído de duas premissas, quais sejam, a palavra e o silêncio.

Para Cicchese há uma “crise da palavra”, pois ao não estar alicerçada no silêncio, perde sua função. Citando Nouwen: “a palavra já não oferece uma base digna de confiança sobre a qual as pessoas possam movimentar-se até o encontro de uma à outra e construir a sociedade”⁴². Picard concorda com tais assertivas ao expor: “nada modificou tanto a essência do homem como a perda do silêncio”⁴³.

Cicchese destaca a palavra e o silêncio como elementos próprios de uma comunicação autêntica. Para ele, a crise da palavra causa incompreensão e incomunicabilidade. Em suas palavras: “a palavra privada de sua relação vital com o silêncio torna-se vazia e sem autenticidade, ou seja, incapaz de criar comunhão e comunidade”⁴⁴.

Por isso no seu pensamento se faz imperiosa uma compreensão copernicana, um novo caminho para a compreensão do ser humano. No coração do homem, cujo ápice está na liberdade, reside uma inteligência e uma vontade humana, graças às quais tem capacidade de calar de fazer silêncio.⁴⁵

O autor considera uma tríade fundamental para realizar uma antropologia do diálogo à luz dos recentes desenvolvimentos culturais e das reflexões feitas, parece-nos que é reafirmada a necessidade de um profundo e autêntico silêncio para acolher o outro que deve permear toda relação humana e que é necessária para se realizar um verdadeiro diálogo, qual seja o silêncio, a alteridade e o diálogo, estes se realizam plenamente no encontro com o outro, cuja condição repousa em uma escuta recíproca no silêncio⁴⁶.

⁴² NOUWEN, Henri J. M. **Silenzio, solitudine, preghiera**. *Linee di spiritualità sacerdotale*. Roma: Città Nuova, 1985 *apud* CICHESE, Gennaro. **Antrología del diálogo: hacia el “entre” de la interculturalidad**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011, p. 21.

⁴³ PICARD, M. **Il mondo del silenzio**. Milán, Di Comunità, 1951 *apud* CICHESE, Gennaro. **Antrología del diálogo: hacia el “entre” de la interculturalidad**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011, p. 23.

⁴⁴ CICHESE, Gennaro. **Antrología del diálogo: hacia el “entre” de la interculturalidad**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011, p. 35.

⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 46.

⁴⁶ Segundo CICHESE, Genaro. **Incontro a te: antropologia del dialogo**. Roma: Città Nuova, 2010, p.57, não se trata de “um silêncio que cala” mas sim “um silêncio ativo” que se põe na escuta do outro e quem em profundidade expressa compreensão e amor.

Tudo em nós deve permanecer silencioso: nossos sentidos, o intelecto, as ideias. Antes de tudo, nossos preconceitos devem ficar em silêncio. Nossa pessoa, reunida em sua plena unidade, em silêncio, deve poder acolher e abraçar o outro em sua totalidade e diversidade sendo essas as condições para uma antropologia do diálogo.

Assim, silêncio e alteridade estão estreitamente ligados ao diálogo e são necessárias para todas as relações humanas e também um caminho para o verdadeiro encontro autêntico com o outro, que se realiza na fusão de horizontes de dois indivíduos que alcançaram a verdadeira unidade, mesmo mantendo-se distintos, que se torna possível pela recíproca escuta.

O diálogo para esses autores possui um grau de importância nas relações humanas, ultrapassam a perspectiva monológica e solipsista do sujeito, adentrando numa perspectiva intersubjetiva e de reciprocidade, é pois constitutivo da natureza humana, é antes de tudo um encontro pessoal, uma disposição ao outro que necessita da doação do próprio ser.

O primeiro passo para o estabelecimento do diálogo é a disponibilidade de uma escuta ativa, autêntica do outro, assim o diálogo entre pessoas de diferentes culturas, de diferentes religiões, inicia-se com a comunicação interpessoal e está intimamente ligada ao conhecimento que cada um possui do outro, permitindo a construção de pontes entre os seres humanos nas suas mais variadas expressões.

1.6 O diálogo inter-religioso e sua importância na sociedade contemporânea

O Diálogo inter-religioso apresenta-se no momento atual como um dos grandes desafios da sociedade contemporânea globalizada⁴⁷ onde se estabelece um quadro de mudanças sociais, culturais, econômicas, políticas e tecnológicas. Nesse contexto, expõe Dupuis que: “o compromisso inter-

⁴⁷ Neste sentido, CRUZ, Ramiro Loureiro da. **Diálogo inter-religioso: o desafio do nosso tempo.** In Além Mar (perspectiva missionária). Jan. 2007, disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEyZIEIVVukhUYCFUa>, acesso em 08 de Dezembro de 2016.

religioso pela justiça e pela paz se tornou de fato uma preocupação universal”⁴⁸.

A globalização e as novas tecnologias de informação e comunicação, sem dúvida modificaram o modo de agir e a relação entre as pessoas certamente trazendo grandes vantagens à democratização do conhecimento, a aproximação de pensamentos, mas ao mesmo tempo um distanciamento de quem está fisicamente mais próximo. O sentido de ‘mercado global’, ‘sem fronteiras econômicas’, a busca pelo lucro, atinge as relações humanas, as relações culturais e as relações religiosas, produzindo desafios preocupantes e cada vez mais sentidos pelos diversos âmbitos da sociedade.

Aragão questiona:

será que a globalização humana e o pluralismo cultural que começamos a vivenciar hoje, empuxados pela evolução das comunicações e pelas novas formas de energia e produção, estão nos levando a um novo tempo axial?⁴⁹.

Com o crescimento de manifestações fundamentalistas em escala global, com permanentes fluxos migratórios e a não aceitação da pluralidade das diferenças não só culturais, mas religiosas, o diálogo inter-religioso torna-se cada vez mais necessário na preservação das relações e compreensão recíproca entre os povos. “À medida que cresce a comunicação global entre os homens no mundo contemporâneo, se dá, simultaneamente, o encontro das diversas formas de religiões”.⁵⁰

Assim, no âmbito das religiões, é necessário conferir importância ao diálogo inter-religioso como dinamizador das relações entre tradições religiosas, que permite a pluralidade da manifestação do sagrado na humanidade. É um desafio, mas ao mesmo tempo configura-se numa experiência enriquecedora para as tradições religiosas que estão dispostas a

⁴⁸ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 512.

⁴⁹ ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **A libertação desdobra-se em diálogo? Teologia da libertação e diálogo inter-religioso**. In Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 17, out./dez. 2013.

⁵⁰ BIZON, Cônego José. SCHLESINGER, Rabino Michel (orgs.) **Diálogo inter-religioso: religiões a caminho da paz**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 15.

dialogar. “A finalidade do diálogo situa-se, então, em termos de uma harmonia no respeito as diferenças, o que implica a eliminação de preconceitos e de qualquer discriminação com base religiosa”⁵¹.

Um dos entraves ao diálogo inter-religioso é o desconhecimento histórico no que concerne os princípios, os valores de cada religião, as suas razões e suas experiências. Abrir-se ao diálogo não quer dizer converter-se à religião do outro ou perder a sua própria identidade, mas gerar possibilidade de reconhecimento mútuo, tal objetivo se materializa concretamente em atitudes fraternas. “O diálogo requer esse esvaziamento de si, essa *kenosis*, para poder deixar valer o outro, esse deslocamento essencial, essa abertura de coração”⁵².

No diálogo inter-religioso, Dupuis atenta para a honestidade dessa relação onde não se pode colocar entre parênteses nem por um momento a própria fé. “Ao contrário, a honestidade e a sinceridade do diálogo exigem especificamente que os vários interlocutores o realizem e nele se empenhem na integridade da própria fé”⁵³.

Para Panikkar, o diálogo é um evento indispensável e inevitável nos nossos tempos, e para que este seja eficaz entre as religiões deve sempre ser um diálogo genuíno, carregado com o peso e a dignidade da tradição do orador. No diálogo, expresso meus pensamentos; mas esses pensamentos, embora pensados por mim, revelam um passado e um âmbito do qual eu não tenho plena consciência⁵⁴.

Assim, para a compreensão do tema abordado é necessário diferenciar algumas expressões para evitar confusões semânticas acerca de seu significado e alcance. Neste sentido, é importante distinguir “ecumenismo”, “sincretismo religioso” e “diálogo inter-religioso”.

⁵¹ FITZGERALD, Michael. **A unidade desejo de Deus**: quarenta anos de diálogo inter-religioso. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 27.

⁵² TEIXEIRA, Faustino. In DICIONÁRIO DO PLURALISMO RELIGIOSO. (ver como citação com Gilbraz)

⁵³ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 515.

⁵⁴ PANIKKAR, Raimon. **L'incontro indispensabile: dialogo delle religioni**. Milano: Jaca Book, 2001, p. 40.

O Ecumenismo (em grego *oíkouménē*) denota um processo dialogal e cooperativo com o objetivo de promoção da unidade entre os cristãos considerando todas as suas denominações, em outras palavras, busca superar a divisão entre os próprios cristãos atendendo a um pedido de Jesus: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,21).

Tal tema, abordado no Concílio Vaticano II, continuado no Decreto *Unitatis Redintegratio* do Papa Paulo VI (1964) que reconheceu a necessidade de avançar no ecumenismo ao estabelecer: “é mister que os católicos reconheçam com alegria e estimem os bens verdadeiramente cristãos, oriundos de um patrimônio comum, que se encontram nos irmãos de nós separados” foi reforçado pelo então Papa João Paulo II na encíclica *Ut unum sint* (Maio de 1995), pois propõe de modo efetivo ações para realizar a unidade dos cristãos seja pelo ecumenismo espiritual, promoção de uma cultura de paz, da realização de ações comuns para a promoção da dignidade humana, o diálogo teológico entre as mais diversas confissões cristãs, dentre outras.

O sincretismo religioso (do grego *sygkretismós*) acontece quando há uma fusão de diferentes doutrinas, ritos e crenças de religiões diferentes, por vezes, incongruentes entre si em conteúdo teológico. Neste sentido, significa a mistura de crenças religiosas.

Bem distinto é o diálogo inter-religioso. Neste, há um esforço de aproximação e diálogo com religiões diferentes. Mais uma vez citamos o Concílio Vaticano II, haja vista sua contribuição *sine qua non* na abertura ao diálogo com outras religiões ao reconhecer a dignidade de consciência e liberdade religiosa de cada ser humano. Tal Concílio destaca sobremaneira a liberdade, colocando-a como condição indispensável ao diálogo. No âmbito das religiões, o diálogo inter-religioso é um desafio, mas ao mesmo tempo, configura-se numa experiência enriquecedora para as tradições religiosas que estão dispostas a dialogar, sendo necessário conferir importância ao diálogo entre as religiões e as culturas.

Panasiewicz destaca dois grandes objetivos que englobam o diálogo inter-religioso. O primeiro versa sobre a vida interna das tradições religiosas,

neste sentido: “o diálogo inter-religioso visa ampliar a concepção de Deus presente em cada tradição religiosa”⁵⁵, abrindo as portas para o conhecimento das diversas tradições religiosas em seus contextos históricos.

O segundo está direcionado à sociedade, à vida social, “O encontro entre tradições religiosas carrega consigo uma exigência ética que é a de promover a vida e a paz sobretudo para as comunidades que participam do diálogo”⁵⁶.

No desenvolvimento do diálogo inter-religioso, escutar o outro é tão importante quanto falar e expor seus pontos-de-vista, portanto a escuta facilita o diálogo e promove um ambiente saudável e confiável. Neste sentido, importante é a contribuição de Kay Lindahl⁵⁷ a qual idealizou “nove diretrizes para ouvir os outros” e que passaremos a analisar; Primeiro: “quando escutamos devemos suspender nossas suposições”, ou seja, deve-se afastar aquilo que presumimos, pois podemos estar entendendo de forma equivocada aquilo trazido pelo outro haja vista estarmos utilizando nossas próprias experiências, deste modo, a melhor ação seria a escuta compreensiva do outro. Segundo: “quando você estiver falando, expresse sua resposta pessoal”, pois para um diálogo sincero não se deve falar em terceira pessoa ou sujeito indefinido, mas em primeira pessoa, “eu”, pois gera mais sinceridade. Terceiro: “escutar sem julgamento”, haja vista que dialogar é também buscar o entendimento do outro e não julgá-lo ou enquadrá-lo no pensamento maniqueísta de bom ou mau. Quarto: “*suspend status*”, ou seja, todos devem ser iguais e sem hierarquia. Quinto: “honrar a confidencialidade”, pois deve-se criar um ambiente seguro para as pessoas se expressarem sem revelar, nem expor publicamente seus nomes e pensamentos. Sexto: “Escutar para compreender e não para concordar ou acreditar”. Sétimo: “Fazer perguntas para auxiliar à sua compreensão”. Oitavo: “Honrar o silêncio e

⁵⁵ PANASIEWICZ, Roberley. **Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso**: uma leitura a partir da teologia cristã. In: Horizonte, v. 2, nº 3, Belo Horizonte, 2003, p. 39.

⁵⁶ *Idem, ibidem*.

⁵⁷ Kay Lindahl, fundadora do *Listening Center em Laguan Niguel, Califórnia* e Presidente da *North American Interfaith Network (NAIN)*. No original: *Nine Guidelines for Listening to Others*, disponível em: <https://www.scarboromissions.ca/interfaith-dialogue/principles-and-guidelines-for-interfaith-dialogue/11>, acesso em 28 de Agosto de 2020.

tempo para reflexão”. Nono: “Falar uma pessoa de cada vez”, cada qual deve ter oportunidade de fala, mas sem obrigação em falar, podendo fazer silêncio.

1.7 Fundamentos e Dinamismo do diálogo inter-religioso

Uma das exigências fundamentais do diálogo inter-religioso é a recepção do outro na sua tradição religiosa e o reconhecimento da pluralidade e aceitação das diferenças, “implica atenção, respeito e acolhida do outro, a quem se deixa o espaço necessário à sua identidade e à expressão de seus valores próprios”.⁵⁸ É fundamental encontrar elementos que nos una, valores, princípios, causas comuns enquanto membros da família humana.

O Diálogo inter-religioso pode provocar essa mudança concreta em busca da paz. Por outro lado, a falta de diálogo impõe uma relação de desconfiança e preconceito, impõe também a demarcação de estereótipos e produzem um distanciamento entre religiões. É necessário ultrapassar as barreiras da ignorância e abrir espaço para o conhecimento e compreensão do outro e incorporar o diálogo como caminho que por certo é uma via privilegiada para a promoção da paz.

Mesmo diante de tantos desafios que são impostos à sociedade contemporânea, contamos também com uma mudança por vezes tímida, mas sempre crescente, das identidades religiosas que desejam entrar em relação, sem perder a própria identidade, saindo de uma concepção exclusivista e abrindo-se para uma concepção dialogal. Nunca houve na história da humanidade um período tão fértil e propício para o diálogo inter-religioso como o que estamos vivendo.

O conceito e entendimento do tema que antes era restrito a líderes religiosos, passa a fazer parte e torna-se mais frequente entre as comunidades de fiéis de diferentes credos, o sentimento de dependência mútua e reconhecimento promovem o respeito recíproco.

O diálogo se dá entre pessoas, assim também o diálogo inter-religioso deve surgir dessa relação, desse contato com o outro, tornando-se mais

⁵⁸ FITZGERALD, Michael. **A unidade:** desejo de Deus: quarenta anos de diálogo inter-religioso. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 24.

fecundo, pois parte de uma relação construída, de um encontro. Este não deve fechar-se a sistemas, a estruturas, mas às pessoas religiosas, que compreendem esse encontro como enriquecimento da própria fé.

Dialogamos com muçulmanos e não com o Islamismo, com budistas e não com o budismo etc. Se podemos falar de diálogo das religiões, ou diálogo das culturas, ou das civilizações, é porque os indivíduos que se encontram estão marcados pelos sistemas religiosos, culturas e civilizacionais aos quais pertencem. Isso deve ser bem compreendido por todos.⁵⁹

É importante salientar que o diálogo inter-religioso não tem por finalidade a conversão do outro à sua profissão de fé, mas que no encontro, no diálogo, as pessoas provenientes de tradições religiosas diferentes, possam sentir-se acolhidas e respeitadas na sua escolha de encontro com Deus.

Segundo Wolff:

A verdade é o conteúdo central de todo tipo de diálogo que queira ser frutífero. A base da comunicação é a exigência e o reconhecimento da verdade. Por isso quem dialoga o faz com base na pretensão de estar na verdade. No diálogo entre igrejas e religiões, ignorar esse princípio seria negar o que é constitutivo da consciência religiosa tanto pessoal quanto do interlocutor, criando bases artificiais para o diálogo e impossibilitando-o de atingir o seu fim. O desafio está em fugir dos exclusivismos na afirmação das 'próprias' verdades⁶⁰.

Assim, o diálogo autêntico privilegia a verdade e a sinceridade nas relações, deste modo, não deve buscar a facilidade que termina sendo ilusória, não deve ocultar as contradições que podem existir entre as mais diversas fés religiosas, por isso é fundamental reconhecê-las onde existirem, bem como enfrentá-las de forma paciente e com responsabilidade⁶¹. Segundo Dupuis: “depois de tudo, o diálogo busca a compreensão na diferença, numa

⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 25.

⁶⁰ WOLFF, Elias. **Ministros do diálogo**: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004, p. 72-73.

⁶¹ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 515.

estima sincera pelas convicções religiosas diferentes das próprias”⁶². Destaca Araújo⁶³:

Dar importância ao diálogo entre as religiões e as culturas. Diálogo como um conjunto de relações inter-religiosas, que ajudam construir positivamente as pessoas, as comunidades e as religiões para um crescimento e enriquecimento mútuo e recíproco

Tal objetivo se materializa concretamente em atitudes fraternas.

É preciso, contudo, conhecer em primeiro lugar a própria tradição religiosa constitutiva de sua própria identidade, entretanto, segundo Panikkar: “só descobrimos o significado profundo do nosso próprio mundo depois de provar algo exoticamente diferente. Descobre-se ‘lar, doce lar’ quando se volta de outro lugar”⁶⁴.

O diálogo inter-religioso é indispensável para a convivência pacífica, no contexto atual em que vivemos, que nos coloca tão próximos uns dos outros, nessa ‘aldeia global’, um diálogo que não pode limitar-se aos especialistas, estudiosos, ou apenas a líderes, necessita torna-se diálogo da vida, do povo. Swidler destaca três metas para o diálogo inter-religioso:

Conhecer-se cada vez mais profundamente e enriquecer e ampliar a apreciação da própria tradição de fé; conhecer o outro cada vez mais autenticamente e obter uma compreensão amigável dos outros como eles são e não como uma caricatura; viver cada vez mais plenamente em conformidade e estabelecer uma base mais sólida para a comunidade de vida e ação entre as pessoas de várias tradições⁶⁵.

No diálogo inter-religioso se faz necessário uma atitude, uma escuta compassiva, que aceita o outro do modo que se apresenta, não tendo a pretensão de modificá-lo, mas de acolher, que se pode traduzir em um ato de amor que gera liberdade. No amor e na liberdade é possível criar novos laços,

⁶² *Idem, ibidem*, p. 515.

⁶³ ARAÚJO, Jurandyr Azevedo. **Diálogo inter-religioso**: considerações, elementos unificadores e desafiantes. Disponível em: <http://www.salesianos.br/news/artigo-dialogo-inter-religioso-consideracoes-elementos-unificadores-e-desafiantes/> acesso em 10 de dezembro de 2016.

⁶⁴ PANIKKAR, Raimon. *The Intra-religious dialogue*. New Jersey: Paulist press, 1999, p. XXVII.

⁶⁵ SWIDLER, Leonard. *Toward a universal theology of religion*. New York: Orbis Books, 1987, p. 26.

elos, entre os sujeitos participantes do diálogo e sanar conflitos, cicatrizes históricas, abrindo espaço para esperança de uma verdadeira reconciliação que vai além das fronteiras das diferenças em direção à construção de um mundo de paz.

Este diálogo requer um dinamismo pessoal, que perpassa pelo acolhimento, disponibilidade, humildade e abertura, que são fundamentais no conhecimento do ponto de vista do outro, no agir conjuntamente em direção ao bem comum, de causas comuns, na habilidade de doar os próprios pontos de vista com mansidão, sem violência.

Ao adentrar na aventura do diálogo inter-religioso percebe-se a riqueza, beleza e grandiosidade que todas as tradições religiosas expressam e refletem em direção ao Bem Supremo nas suas aproximações e distanciamentos, nas convergências e divergências.

1.8 Direitos e responsabilidades no diálogo inter-religioso

No âmbito local como também no âmbito global, vemos cotidianamente problemas relacionados a violação do direito à liberdade religiosa por grupos que promovem focos de hostilidade, intolerância e discriminação ou mesmo uma política ideológica que fragiliza esse direito, isso tem causado preocupação nos promotores do diálogo inter-religioso, pois tais ações apresentam-se na contramão de uma coexistência harmoniosa e pacífica, levando ao confronto, a exclusão e em alguns casos a violência.

Como constatamos nos itens anteriores, o diálogo ocorre entre pessoas em relação e, em grande medida, quando existem relações humanas, o fenômeno jurídico se faz presente como garantidor da harmonia e segurança, evitando os excessos (quase sempre punidos pela norma), permitindo um ambiente livre e favorável à dignidade da pessoa humana.

Neste sentido, quando se dialoga, especialmente com o diferente, é imprescindível salvaguardar um ambiente garantidor, protetor e seguro que pode ser expresso nas normas jurídicas, que trazem consigo o dever de responsabilidade para com o interlocutor. Esta situação ocorre quando o país analisado respeita a liberdade religiosa, pois fica evidente que em países que

não respeitam este direito, as normas jurídicas são utilizadas com um fim inverso, qual seja o da perseguição, punição, discriminação por motivo religioso, campanhas de ódio e até mesmo a condenação à morte de grupos religiosos minoritários.

O Papa Francisco declarou que: “ A razão reconhece que a liberdade religiosa é um direito fundamental do homem, refletindo sua mais alta dignidade”⁶⁶.

Destacamos o “Relatório da Liberdade Religiosa” de 2018, pois verifica-se imprescindível ao diálogo inter-religioso que o ambiente no qual ele ocorra seja de liberdade, igualdade para construir a fraternidade, pois nas palavras do Cardeal Dieudonné Nzapalainga: "A liberdade religiosa na sua totalidade elimina o risco de instrumentalização religiosa e também pode unir-nos, incentivando-nos a respeitarmos as diferenças uns dos outros”⁶⁷. Nas palavras de John Pontifex: "Simplesmente por pertencerem à religião errada, inúmeras pessoas foram assassinadas e muitas outras desapareceram ou foram encarceradas indefinidamente.”⁶⁸, ou seja ainda se observa muita perseguição e intolerância religiosa.

Ainda que não seja promovido pelo Estado, o diálogo inter-religioso pressupõe atitude e vontade, respeito e igualdade, liberdade que conduz à fraternidade e, deste modo, reconhecida como pessoa dotada de dignidade, pode seguir algumas regras básicas para bem realizá-lo.

A pessoa que dialoga deve ter a liberdade de expressar suas crenças e sentimentos, sem sofrer preconceitos ou estereótipos, fazer questionamentos ao interlocutor, não ser compelida a mudar de opinião nem “converter-se”, bem como aquilo que foi confidenciado não ser publicizado. Estes são direitos básicos quando se empreende um diálogo justo e sério. Cada direito aqui expresso ocorre em via de mão dupla, pois deve haver uma

⁶⁶ PAPA FRANCISCO. *Discurso aos participantes do Congresso Internacional «Liberdade Religiosa segundo o Direito Internacional e o Conflito Global Dos Valores»*, disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/june/documents/papa-francesco_20140620_liberta-religiosa.html, acesso em 8 de setembro de 2020.

⁶⁷ Prefácio do Relatório da Liberdade Religiosa, disponível em: <https://religious-freedom-report.org/pt/foreword-pt/?foreword=3172>, acesso em 7 de setembro de 2020.

⁶⁸ Editor-chefe do Relatório da Liberdade Religiosa, disponível em <https://religious-freedom-report.org/pt/main-findings-pt/?case=3063>, acesso em 7 de setembro de 2020.

reciprocidade, portanto, cada direito pressupõe uma responsabilidade, pois se alguém é escutado deve retribuir escutando e a medida será sempre inicialmente a da dignidade da pessoa humana e, ao criar um ambiente de confiança e respeito recíprocos, em nosso olhar, amplia-se naturalmente a outra medida, qual seja a fraterna.

O direito à liberdade religiosa é expresso em diversas normas nacionais e estrangeiras. No direito internacional destaca-se a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e seu artigo 18 ao dispor:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Ainda no âmbito internacional destaca-se a Declaração de Princípios sobre a Tolerância aprovada pela Conferência Geral da UNESCO, na 28ª reunião, ocorrida em Paris a 16 de novembro de 1995, ressaltando a incumbência conferida aos Estados soberanos o desenvolvimento e fomento dos direitos humanos, dentre eles, a liberdade religiosa.

No caso brasileiro está presente na Constituição Federal de 1988 como um direito fundamental ao determinar no artigo 5º, VI: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Não se restringe apenas a este dispositivo, pois encontra-se na Constituição diversas outras normas dispondo sobre este tema, como no artigo 5º, VII: “é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva” e VIII: “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa”, assim como o artigo 19 da Constituição Federal de 1988:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência

ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

A Constituição Federal de 1988 também protege os locais de qualquer culto ao estabelecer no artigo 150, VI, b: “Sem prejuízo de outras garantias asseguradas ao contribuinte, é vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios. VI: instituir impostos sobre: b) templos de qualquer culto”, além do ensino religioso ser facultativo conforme o artigo 210, § 1º: “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”.

Deste modo verificamos que existe no Brasil e em organizações internacionais como a ONU e a UNESCO uma produção legislativa concernente à liberdade religiosa fato que contribui para a criação das condições ideais de diálogo inter-religioso.

1.9 A “regra de ouro” como elo comum entre as religiões

Na história da humanidade sempre estiveram presentes a religião e a busca pelo sagrado, assim, no transcorrer dos tempos, foram responsáveis e construtoras de significativos princípios éticos que nortearam a ação humana, como a justiça, a solidariedade e o respeito.

O pertencimento a uma tradição religiosa nos leva a seguir e respeitar suas regras. Estas podem perpassar desde o modo de vestir, alguma restrição alimentar, horários de oração, as orações e ritos que lhe são próprios, entre outros. É interessante notar que na busca da coexistência humana, a “regra de ouro” surge como princípio ético em várias religiões em tempos históricos e espaços geográficos distintos, mas com a mesma finalidade e propósito comum, qual seja o reconhecimento do outro na sua dignidade e humanidade.

Segundo os livros sagrados, a “regra de ouro” significa:

- a) Judaísmo: "Aquilo que para você é odioso não faça ao seu próximo. Esta é toda a lei" (31º *Sabbat*, *Talmud* Babilônio);

- b) Cristianismo: "Tudo quanto queiram que os homens façam a vocês, também vocês façam a eles: esta em fato é a lei e os profetas" (Evangelho segundo Mateus 7, 12);
- c) Islamismo: "Nenhum de vocês é um crente até que ame seu próximo como ama você mesmo" (Profeta Muhammed, 13° dos 40 *Hadiths Nawawi*);
- d) Budismo: "Não ferir os outros em maneira que você não deva se reencontrar ferido" (*The Buddha, Uadanavarga* 5, 18);
- e) Induísmo: "Esta é a soma do dever: não fazer aos outros aquilo que causa dor se feito a você" (*Mahabharata*, 5.15.17);
- f) Confucionismo: "É a máxima da amável benevolência: não fazer aos outros aquilo que não gostaria que os outros fizessem a você" (Confúcio, *Analects* 15.23);
- g) Jainismo: "Na felicidade e no sofrimento, na alegria e na dor, deveríamos ter cuidado de todas as criaturas como temos cuidado de nós mesmos" (*Lord Mahavira, 24° Tirthankara*);
- h) Sikhismo: "Como estima a você mesmo, assim estime os outros" (*Sri Guru Granth Sahib*);
- i) Taoísmo: "Respeite a vitória do seu próximo como se fosse a sua, e a derrota do seu próximo como se fosse a sua" (*Lao Tzu T'ai Shang Kan Ying P'ien* 213-218);
- j) Bahai: "Bem-aventurado é aquele que ama seu irmão antes de si mesmo" (*Bahá' u' Iláh, Tablets of Bahá' u' Iláh, Bahá'í World Centre, Haifa* 1978);
- k) Zoroastrismo: "Não fazer aos outros aquilo que é nocivo para você mesmo" (*Shayast-na-Shayast* 13.29);
- l) Religião Tradicional Africana: "Aquilo que você dá (ou faz) aos outros, isto será dado (ou feito) a você" (Provérbio ruandês)⁶⁹.

Vislumbramos que a partir deste ponto em comum, se vivido e posto em prática pelos fiéis de acordo com seus livros sagrados se constitui como um ponto de partida para o encontro e o diálogo entre as religiões.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.run4unity.net/2015/pt-pt/quem-somos/the-golden-rule/>, acesso em 23 de Maio de 2020.

1.10 A experiência do Parlamento Mundial de Religiões (1893)

Neste subitem adentramos no evento que marcou a história do diálogo entre religiões, o Parlamento Mundial de Religiões, pois é considerada a primeira vez na história da humanidade de criação de uma instância promotora de diálogo envolvendo as religiões de todo o mundo⁷⁰.

Em setembro de 1893, na cidade de Chicago (EUA), na ocasião do quarto centenário da descoberta da América, ocorreu a primeira experiência de diálogo inter-religioso, com cerca de cinco mil participantes e dezesseis religiões oficialmente representadas, qual seja o primeiro “Parlamento das Religiões”, o *World’s Parliament of Religions*. Os religiosos do final do século XIX foram chamados para debater, a partir de suas mais diversas visões religiosas, a problemática positivista suscitada, qual seja a que defendia que a humanidade poderia se desenvolver prescindindo a religiosidade. Durante uma semana foram compartilhados princípios de fé, espiritualidade e contributo na construção de um modelo capaz de robustecer os valores humanos apoiando o desenvolvimento, mas sem prescindir, ao contrário, valorizar a espiritualidade.

Neste sentido, o “parlamento” pretendia oferecer uma lição de tolerância demonstrando que o entendimento e harmonia entre as religiões é possível e desejável, enquanto a irreligiosidade é contrária às ideias fundamentais do homem.

Este evento representou um marco histórico no diálogo inter-religioso em âmbito mundial, no estudo das religiões do mundo e as repercussões das tradições religiosas orientais na cultura americana. Estavam presentes representantes do Hinduísmo, Budismo, Judaísmo e Cristãos protestantes e Católicos romanos. Embora o “parlamento” tivesse um tom inegavelmente liberal protestante, mesmo assim foi também um evento internacional pioneiro. Porta-vozes católicos romanos e judeus tomaram seus lugares ao

⁷⁰ Cf. SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 86.

lado de representantes protestantes que naquela época era geralmente percebida como a forma dominante de religião norte-americana⁷¹.

A ideia de patrocinar um parlamento de religiões não partiu de iniciativa da Igreja Católica, mas de nomes como Charles C. Bonney que era um líder cívico e devoto leigo da Igreja *Swedenborgian*, simbolizando a crescente influência dos leigos na religião americana naquele tempo e Paul Carus um editor influente por sua introdução inicial de Clássicos orientais para os leitores ocidentais. Entretanto, a liderança do parlamento era clerical tendo como referência predominante John Henry Barrows, um reconhecido Ministro presbiteriano de Chicago⁷².

Entre os participantes das diversas tradições religiosas, destacaram-se três representantes do Hinduísmo e Budismo: Swami Vivekananda⁷³, Anagarika Dharmapala e Shaku Soen. Vivekananda através de seu discurso pacífico em defesa do pluralismo religioso, torna-se uma das principais vozes do hinduísmo no Ocidente. Propôs a harmonia inter-religiosa e a união de todas as religiões contra toda irreligião⁷⁴.

Por certo, o “parlamento” não deixou de enfrentar divergências e dificuldades nas suas proposições. Na Igreja Católica romana, a repercussão da participação de alguns membros gerou inquietações e críticas, bem como entre os Protestantes mais conservadores; apesar disso, muitos temas de grande relevância foram abordados, tais como: Deus, sua existência, seus atributos, homem e religião; sistemas religiosos; livros sagrados; a família; líderes religiosos; religião e problemas sociais; religião e sociedade civil; religião e suas relações com o amor humano; a condição atual do cristianismo; a união de toda a família humana; o futuro da religião⁷⁵.

Realmente, após a realização do primeiro “Parlamento Mundial de Religiões”, a relação entre as mais diversas expressões religiosas não mais

⁷¹ JONES, Lindsay (editor in chief). *Encyclopedia of religion*. 2nd ed. Farmington Hills, 2005, p. 9804.

⁷² *Idem*, *ibidem*, p. 9804.

⁷³ Vivekananda, religioso indiano e discípulo dos santos Ramakrishna Paramahansa, apresentou o hinduísmo e uma fonte teórica para embasar o pluralismo religioso.

⁷⁴ DECOCK, Diana Chao. **Sobre a religião universal em Vivekananda**. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia* (UFSM). v. 10, n. 2 (2019), p. 1.

⁷⁵ RIES, Julien. *La scienza delle religioni*. Milano: Jaca Book, 2008, p. 18.

seria a mesma, pois naquele momento históricos sementes de diálogo foram lançadas e fizeram crescer, ao longo da história, um relacionamento mais estreito entre algumas.

Destacamos que entre o primeiro e o segundo Parlamento Mundial das Religiões várias organizações inter-religiosas foram surgindo, tais como: *International Association for Religious Freedom* (1900)⁷⁶; *World Congress of Faith* (1936)⁷⁷, *Temple of Understanding* (1960)⁷⁸ e a *World Conference on Religion and Peace* (1970)⁷⁹ com o intuito de aproximar e fortalecer o diálogo inter-religioso.

Cem anos depois do primeiro “Parlamento”, em 1993 aconteceu o segundo Parlamento das Religiões do Mundo com a participação aproximada de seis mil pessoas de diversas tradições religiosas, sendo considerado um dos maiores eventos inter-religiosos da história. Nesta ocasião constatou-se a significativa influência que as religiões continuavam exercendo no modo das

⁷⁶ “A IARF começou em 1900 em 25 de maio em Boston, Massachusetts, no 75º aniversário da reunião da Associação Unitária Americana. Seu nome original era the International Council of Unitarian and Other Liberal Religious. O objetivo é abrir comunicação com aqueles em todas as terras que estão se esforçando para unir Religião e Liberdade aumentando a comunhão e cooperação entre eles”. Disponível em: <https://iarf.net/wp-content/uploads/2012/04/A-Short-History-of-the-IARF-Bob-Traer.pdf>, acesso em 22 de Maio de 2020.

⁷⁷ “Sir Francis Younghusband organizou duas conferências internacionais em Londres e, após a segunda, à sombra de uma Guerra Mundial iminente, o WCF se estabeleceu como um órgão independente. Ele enfatizou que o objetivo principal da iniciativa era promover a comunhão entre as religiões: não havia intenção de formular uma nova religião por meio da convergência, nem de buscar o menor denominador comum, nem de avaliar o valor das religiões existentes e discutir os respectivos méritos e defeitos. Através da discussão e reflexão, e ao se aproximarem, membros de diferentes religiões aprofundariam sua própria comunhão espiritual e o conceito de Deus foi fortalecido. O evento de 1936 do qual o WCF surgiu foi notável por atrair uma galáxia de oradores ilustres de todo o mundo e de todas as principais religiões”. Disponível em: <http://www.worldfaiths.org/our-history/>, acesso em 22 de Maio de 2020.

⁷⁸ “Em 1960, Juliet Hollister (1916-2000) criou o Templo do Entendimento (TOU) depois de perceber que o mundo estava em grave perigo, a menos que os dons, a sabedoria e as ideias das tradições religiosas pudessem ser reconhecidos e cultivados para promover mudanças sociais positivas. Ela é a primeira mulher a fundar uma organização inter-religiosa”. Disponível em: <https://templeofunderstanding.org/about-us/history/>, acesso em 22 de Maio de 2020.

⁷⁹ “A Conferência Mundial sobre Religião e Paz (WCRP) é uma organização internacional de representantes das principais tradições religiosas do mundo que se reúnem para estudar e agir sobre problemas globais que afetam a paz, a justiça e a sobrevivência humana. Foram realizadas cinco conferências mundiais (Kyoto, 1970; Louvain, 1974; Princeton, 1979; Nairóbi, 1984; e Melbourne, 1989), bem como numerosas assembleias regionais. De 1970 a 1984, a sede internacional em Nova York foi dirigida por Homer A. Jack, Secretário Geral. A sede foi transferida para Genebra, na Suíça, em 1984, onde John B. Taylor é Secretário Geral”. Disponível em: <https://snaccooperative.org/ark:/99166/w6dr8tc1>, acesso em 22 de Maio de 2020.

peças se conduzirem e pensarem. Assim, em um ambiente de diálogo e procurando os pontos em comum em detrimento de pôr em relevo aquilo que pudesse separá-los no campo doutrinal e moral, as religiões, diante dos grandes desafios da humanidade tomaram consciência de sua grande responsabilidade frente aos problemas da humanidade.

No final de agosto ao início de setembro de 1993 os participantes do segundo “Parlamento” debatiam acerca da criação da Declaração das Religiões sobre uma Ética Mundial, o documento, proposto por Hans Kung⁸⁰ foi amplamente discutido antes do evento aparando as arestas das diferenças e construindo o texto com base no consenso, naquilo que as mais diferentes religiões representadas tinham em comum. Após intenso trabalho todos concordaram sobre a importância da declaração, bem como incluir o “faça aos outros aquilo que gostaria que fosse feito a você”, qual seja a “regra de ouro” como ponto convergente a todos, e também a regra basilar de que todo ser humano deve ser tratado humanamente.

Ao analisar atentamente a declaração ética, percebe-se a preocupação dos religiosos em lutar juntos pela justiça, paz e a cultura da não-violência. Foram apresentados os “princípios de uma ética mundial”, enfatizando que: I - Não há nova ordem mundial sem uma ética mundial; II -. O desafio básico: todo ser humano tem que ser tratado de forma humana; III- Quatro preceitos inamovíveis: 1. Compromisso com uma cultura da não-violência e do temor diante da vida; 2. Compromisso com uma cultura da solidariedade e uma ordem econômica justa; 3. Compromisso com uma cultura da tolerância e uma vida de veracidade; 4. Compromisso com uma cultura da igualdade de direitos e do companheirismo entre homem e mulher; IV. Mudança de consciência⁸¹.

O terceiro parlamento das religiões do mundo aconteceu em 1999 na cidade do Cabo, na África do Sul. A busca na convergência de pensamentos

⁸⁰ Cf: KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 2003.

⁸¹ PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS. **Declaração de Ética Mundial**, 4 de setembro de 1993 Chicago, E. U. A. Disponível em: https://www.weltethos.org/1-pdf/10-stiftung/declaration/declaration_portuguese.pdf, acesso em 22 de Maio de 2020.

que pudessem gerar soluções éticas frente aos desafios do mundo atual foi a grande motivação do evento. Posteriormente, quatro outras edições do “parlamento” aconteceram, continuamente abordaram pontos de relevância diante dos problemas globais do terceiro milênio: Espanha, Austrália, Estados Unidos e Canadá foram respectivamente as sedes dos eventos.

CAPITULO 2: Delineamentos do Diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II e Pós-Concílio Vaticano II

Neste segundo capítulo aprofundaremos a investigação dos documentos da Igreja Católica que suscitam e promovem o diálogo inter-religioso ao longo da história, adentrando nos documentos do Concílio Vaticano II e Pós-Concílio Vaticano II, nos documentos do magistério que buscaram definir a identidade e os conteúdos do diálogo entre as religiões, perpassando pelos grandes interlocutores com o Cristianismo.

No contexto católico, de onde parte a nossa análise de estudo, o diálogo inter-religioso é proposto de modo oficial pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Como destaca Sanchez :

Do ponto de vista oficial, o Concílio Vaticano II foi o responsável por iniciar uma nova era na Igreja católica, na relação com as demais religiões. É a partir do evento conciliar que surge a expressão diálogo inter-religioso, que será muito utilizada no interior da instituição para referir-se, de um lado, a uma nova atitude diante das outras religiões, e de outro lado, ao conjunto de atividades que visam se aproximar das outras religiões. O diálogo inter-religioso, depois do Vaticano II, tem, portanto, uma dupla característica: atitude e ação, princípio e movimento, busca e realização.⁸²

2.1 O diálogo Inter-religioso a partir do Concílio Vaticano II

Temos nesse século como expressão de mudança na Igreja Católica o Concílio Vaticano II que é posto no efervescente contexto da década de 1960, onde tem seu discurso voltado não mais ao sujeito pré-moderno, mas ao sujeito social que almeja o diálogo, “a preocupação pelo reino de Deus ajudou as comunidades a se comprometer mais na construção de uma nova sociedade e de um novo jeito de ser Igreja.⁸³” Abrindo-se também para um novo relacionamento com fiéis de outras religiões.

⁸² SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015, p.14.

⁸³ FRISOTTI, Heitor. **Passos no Diálogo: igreja católica e religiões afro-descendentes**. São Paulo. Paulus, 1996, p.11.

O Concílio Vaticano II, representou mudanças profundas na Igreja Católica, abrindo-se ao novo modo de ser Igreja. De uma postura de exclusão se propôs o diálogo, em documentos que portam legitimidade eclesial e do Magistério, “significou uma mudança de atitude dos cristãos e da Igreja em relação aos membros das outras religiões”⁸⁴. Piero Coda observa que amadureceu na Igreja: “a compreensão e a experiência de que o diálogo com outras religiões não é alternativa, mas complementar à testemunha e ao anúncio: porque o anúncio é dialógico em si mesmo, como o próprio Deus se revela aos homens em diálogo”⁸⁵.

Nesse contexto realizamos um corte epistemológico no sentido de pensar o diálogo inter-religioso no Concílio Vaticano II, adentrando nos documentos da Igreja Católica que suscitam e promovem o diálogo inter-religioso. A promoção de novas práticas eclesiais e reflexões teológicas, gera a convicção de que o diálogo entre as religiões pode ser um contributo para reconstrução de laços da família humana.

Existem muitos escritos sobre esses documentos oficiais da Igreja Católica os quais doravante iremos analisar. Nossa intenção não é produzir uma nova interpretação, mas a de adentrar em textos que sem dúvida foram e são muito importantes não apenas para os católicos cristãos, mas para o mundo em transformação no que tange o diálogo inter-religioso.

Pela força do carisma de renovação, João XXIII, que teve um pontificado breve de 1958 a 1963, anunciou o Concílio no dia 25 de Janeiro de 1959, notícia recebida com surpresa não só pela Igreja, mas para o mundo inteiro. O Concílio Vaticano II abre espaço para o diálogo inter-religioso. Como destaca Aragão, “No âmbito Católico-romano, o Concílio Vaticano II (1962 - 1965) significou um início de abertura às outras religiões e uma expressão de nova sensibilidade dialogal.”⁸⁶

⁸⁴ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 224.

⁸⁵ CODA, Piero. **Dio che dice Amore: lezioni di teologia**. Roma: Città Nuova, 2007, p. 172.

⁸⁶ ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **Diálogos interculturais e diversidade religiosa**. Recife: FASA, 2017.

Libanio enfatiza o Concílio Vaticano II como divisor de águas no sentido da abertura da confecção de textos dirigidos ao sujeito social moderno:

O Concílio Vaticano II significou real ruptura em relação à mentalidade predominante na Igreja católica até o final do pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna.⁸⁷

Duque destaca que o Concílio propiciou a “transição de uma posição radicalmente condenatória, para uma posição disposta a conversar sobre os assuntos e a avaliar o que de positivo essa modernidade pudesse conter”⁸⁸.

O diálogo inter-religioso, como também o diálogo ecumênico, representaram dois grandes desafios e inovações postos no Concílio Vaticano II, “Na maior parte da sua história, a Igreja católica teve uma atitude de condenação em relação às demais religiões e aos seus membros”⁸⁹, há nesse momento uma mudança no relacionamento da Igreja com os fiéis de outras religiões. Tais mudanças paulatinamente foram sentidas, na liturgia como também em um novo jeito de ser igreja. Realmente fazia-se necessário ruir sedimentados preconceitos e avaliações negativas arraigadas no passado que apenas seria possível “chamando a atenção sobre os valores positivos e as prerrogativas divinas das outras religiões”⁹⁰.

Tal Concílio destaca sobremaneira a liberdade, reconhecer a dignidade de consciência e liberdade religiosa de cada ser humano colocando-a como condição indispensável ao diálogo. O reconhecimento da liberdade religiosa é um dos pressupostos fundamentais na tentativa e disposição para o diálogo. A Igreja amplia sua visão para além do mundo ocidental e reflete sobre “as relações da Igreja com as religiões não só em termos da questão judaica, mas também das religiões do mundo inteiro”⁹¹.

⁸⁷ LIBANIO, J. B. **Concilio Vaticano II**. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005, p.14.

⁸⁸ DUQUE, João. **Sob o signo da universalidade**: breve impulso para uma leitura da *Gaudium et Spes*. In: CARDITA, Ângelo (Org). **Vaticano II**: 40 anos depois. Coimbra: Ariadne, 2005, p. 136.

⁸⁹ SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015, p. 10

⁹⁰ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 226.

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 226.

O Concílio Vaticano II declara nesse sentido que o direito à liberdade religiosa se funda sobre a mesma dignidade da pessoa humana e afirma que esse direito deve ser reconhecido e sancionado como direito civil e no ordenamento jurídico na sociedade.

A Declaração da Liberdade Religiosa põe a claro de modo bem convincente, como Cristo, em seguida, os seus Apóstolos, ao anunciarem a verdade que não provém dos homens, mas sim de Deus, ‘a minha doutrina não é tão minha como daquele que me enviou’, ou seja do Pai, embora agindo com todo o vigor do Espírito, conservam uma profunda estima pelo homem, pela sua vontade, pela sua consciência e pela sua liberdade.⁹²

Na Carta Encíclica *Ecclesiam suam*, o Papa Paulo VI (1964) aborda o tema do diálogo como estilo e método da igreja do nosso tempo e expressa: “A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio” e ainda:

o diálogo sincero supõe, por um lado, aceitar reciprocamente a existência das diferenças, ou também das contradições, e, pelo outro respeitar a livre decisão que as pessoas tomam em conformidade com a própria consciência⁹³.

Após o Concílio, vários foram os momentos, encontros, documentos que pensaram e abriram caminhos, mesmo com resistência, para abertura e construção efetiva do diálogo inter-religioso na Igreja, pois como discorre Dupuis, com perspectivas pastorais e não doutrinárias e propondo um novo relacionamento com as outras religiões a sua intenção “era a de promover entre elas e o Cristianismo novas atitudes de recíproca compreensão, estima, diálogo e cooperação”.⁹⁴

Destacamos três documentos oficiais da Igreja Católica produzidos durante o Concílio Vaticano II como essenciais para se compreender a abertura e promoção da Igreja ao diálogo inter-religioso e com o mundo, a saber:

⁹² JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor hominis***. 4 de março de 1979. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html. Acesso em 13 de Novembro de 2017. P.15

⁹³ PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam suam***. 6 de agosto de 1964. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html, acesso em 20 de janeiro de 2019.

⁹⁴ DUPUIS, Jaques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas 1999, p. 224.

Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs; a Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa e a Constituição *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual.

2.1.1 Declaração *Nostra Aetate* (17 de novembro de 1965)

A Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs (1965), é um documento sucinto, mas fundamental, que contém cinco breves tópicos de grande iluminação para atitude da Igreja para com as demais religiões e a humanidade.

Faz aos seus membros um convite ao diálogo, promovendo o respeito e inspirando a Igreja a reprovando qualquer tipo de discriminação ou perseguição por causa das diferenças de raça, cor, condição ou religião. Neste documento, o Papa Paulo VI exorta a fraternidade universal e expõe: “não podemos, porém, invocar Deus como Pai comum de todos se nos recusamos a tratar como irmãos alguns homens, criados à Sua imagem”⁹⁵. Deste modo, o diálogo será cada vez mais profícuo e realizado quando abre espaço e reconhece o valor da convicção e singularidade do outro⁹⁶.

Ainda sobre a *Nostra Aetate* Catalano⁹⁷ afirma:

Nostra Aetate mostra como do Concílio emerge de modo, talvez tímido, mas sem dúvida, uma nova consciência de horizontes e de amplos respiros ousados, uma consciência que determinou um empenho a descobrir a presença da semente do Verbo em diferentes culturas religiosas, e que teve a coragem de anunciar para a humanidade que é filha de um único Pai.

Na introdução da Declaração *Nostra Aetate*, é posto em relevo o gênero humano como um só, a necessidade da interdependência e, por isso, exorta

⁹⁵ PAULO VI. **Declaração *Nostra Aetate*: sobre a Igreja e as religiões não-cristãs.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html>, acesso em 05 de Dezembro de 2019.

⁹⁶ STÜRNER, Rosângela. **Diálogo inter-religioso.** In Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura. Ano II, n. 15.

⁹⁷ CATALANO, Roberto. ***Spiritualità de Comunione e dialogo interreligioso: a l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari.*** Roma: Città Nuova, 2010, p.31.

a Igreja no sentido de maior relacionamento com as demais religiões reforçando sua missão de promover a unidade e o amor entre os povos.

É importante observar que esta Declaração não nega que existem grandes diferenças entre as religiões, mas deseja valorizar aquilo que as une, naqueles argumentos sagrados para todos em busca de um objetivo comum, qual seja, Deus. Considera que a “providência, as manifestações de amor e os auxílios para a salvação se estendem a todos”⁹⁸. Deste modo, reconhece o sagrado na diversidade das religiões e que todas buscam respostas para os grandes dilemas que afligem o gênero humano, tais como as noções de bem e mal, a origem e o sentido da dor e do sofrimento, o que esperar depois da morte, como ser feliz, etc.

No texto, é evidenciada a beleza de cada grande religião e as aproximações com a Igreja Católica. Ao referir-se às religiões não-cristãs como o Hinduísmo e o Budismo, valoriza o senso religioso e o reconhecimento da divindade. Destaca que no Hinduísmo busca-se o refúgio em Deus permeado com sentimentos de amor, confiança e meditação. Em relação ao Budismo, sublinha a proposição de caminhos para o homem alcançar o estado da perfeita libertação e iluminação.

Percebe-se uma grande delicadeza e respeito quando afirma que as demais religiões “procuram vir, de muitos modos, ao encontro da inquietação do coração humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas, preceitos e ritos sagrados”⁹⁹, deste modo, e este é um ponto que merece destaque na *Nostra Aetate*, mesmo considerando que estas religiões estejam distantes daquilo que a Igreja Católica crê e ensina, não há a rejeição do que é verdadeiro e santo nelas e considera “suas práticas, maneiras de viver, preceitos e doutrinas como reflexo, não raramente autêntico, da verdade que ilumina todos os seres humanos”.

Com base neste reconhecimento e no sentido de promover os bens espirituais, morais e valores socioculturais, há uma exortação aos católicos que estabeleçam um diálogo com as pessoas de outras religiões não-cristãs.

⁹⁸ CATÃO, Francisco (Trad.) **Vaticano II: Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 340.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 341.

A Declaração especifica a relação da Igreja Católica com a religião muçulmana e judaica com “intenção não doutrinal, concreta e pastoral”¹⁰⁰.

Em relação aos muçulmanos relembra o patriarca Abraão e dele a decorrência em se adorar um Deus “único, vivo, subsistente, misericordioso e onipotente, Criador do céu e da terra e que falou aos seres humanos”, bem como a expectativa do juízo final e da recompensa divina aos ressuscitados. Sublinha a valorização da vida moral, oração, esmolas e jejum. Destaca a veneração de Jesus Cristo como profeta e o devoto respeito a Maria, virgem e mãe de Jesus. Relembra as contendas históricas entre cristãos e muçulmanos, mas convida à superação do passado a fim de que possam cultivar com sinceridade uma compreensão recíproca no sentido da proteção e promoção, em favor de todos, da “justiça social, os bens morais, a paz e a liberdade”¹⁰¹.

Discorrendo acerca da religião judaica, a Declaração *Nostra Aetate* evidencia que a fé e vocação da Igreja Católica iniciam com Moisés e os profetas, logo não olvida que recebeu a revelação do Antigo Testamento por meio dos judeus, além do próprio Jesus ser judeu acreditando que: “Cristo, nossa paz, reconciliou pela cruz judeus e não-judeus, tornando-os um, em si mesmo”¹⁰².

Há, portanto, o reconhecimento da importância dos judeus na história salvífica da humanidade e da própria Igreja Católica, pois dos judeus “nasceram os apóstolos, fundamento e colunas da Igreja, e muitos dos primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho”¹⁰³. De fato, foi necessário “derrubar os preconceitos difamadores consolidados que os cristãos nutriam contra os judeus e sanar as profundas feridas infringidas a estes últimos ao longo dos séculos”¹⁰⁴.

¹⁰⁰ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 226.

¹⁰¹ CATÃO, Francisco (Trad.) **Vaticano II: Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 342.

¹⁰² *Idem, ibidem*.

¹⁰³ *Idem, ibidem*, p. 343.

¹⁰⁴ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 225.

O documento em análise repudia toda forma de antissemitismo e de perseguição aos judeus e valoriza a existência de um patrimônio comum entre ambas ao fazer menção ao Concílio Vaticano II, nestes termos: “O Concílio recomenda e estimula o conhecimento e a estima mútuos entre cristãos e judeus, cujo imenso patrimônio espiritual comum deve ser cultivado nos estudos bíblicos e teológicos e pelo diálogo fraterno”¹⁰⁵

2.1.2 A Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (7 de Dezembro de 1965)

A Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje é posta como um dos documentos mais emblemáticos do Concílio Vaticano II. Após diversas alterações foi finalmente aprovado “no dia 07 de dezembro de 1965, com um número significativo de 75 votos contra e 10 nulos”¹⁰⁶. Intenta dirigir-se à humanidade na sua totalidade considerando as realidades vividas pelo gênero humano no mundo moderno, tais realidades como questões referentes ao destino do mundo, o lugar e o papel do ser humano, perpassando pelos esforços individuais e coletivos, e propõe, neste sentido, a abertura do diálogo com todos os seres humanos a respeito dos nossos problemas comuns. Documento este que não teve unanimidade em sua aprovação e, nestes mais de meio século, enfrentou restrições em sua aplicabilidade pois propôs uma renovação profunda.

Demarca, assim, a resistência do documento no âmbito da própria Igreja, mas também marca um momento de transição, de uma Igreja secular que se abre ao diálogo. “A Igreja oferece à humanidade sua colaboração sincera para que alcance a fraternidade, que é vocação de todos”¹⁰⁷.

Esta Constituição Pastoral diversas vezes ressalta a expressão “única família humana”, no sentido de interdependência:

Tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das

¹⁰⁵ CATÃO, Francisco (Trad.) **Vaticano II: Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 343.

¹⁰⁶ CARDITA, Ângelo (Org.) **Vaticano II 40 anos depois**. Coimbra: Ariadne editora, 2005.

¹⁰⁷ CATÃO, Francisco (Trad.) **Vaticano II: Mensagens, discursos, documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 471.

quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias¹⁰⁸.

E ainda deseja: “cooperar fraternalmente no serviço da família humana, chamada, em Cristo, a tornar-se a família dos filhos de Deus”¹⁰⁹.

Este documento da Igreja marca de modo significativo a passagem de uma postura exclusivista para uma postura aberta ao diálogo com o mundo. Observamos que passados 55 anos, mostra-se atual nos dias de hoje, pois convoca os cristãos à intervenção contextualizada com seu tempo, a saber:

O mundo atual apresenta-se, assim, simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E o homem torna-se consciente de que a ele compete dirigir as forças que suscitou, e que tanto o podem esmagar como servir. Por isso se interroga a si mesmo¹¹⁰.

Neste nosso tempo possuímos muito mais recursos tecnológicos e avanços científicos inimagináveis naquele período histórico. O ser humano do século XXI tem acesso à informação em tempo real e um poder comunicativo sem precedentes, entretanto, diante de todo este poderio caberá a ele decidir como utilizará estes recursos, se para o bem ou para o mal da própria humanidade.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* apresenta ao ser humano, independentemente de sua religião¹¹¹, o que a Igreja Católica pode contribuir para que sejam tomadas boas escolhas que promovam a liberdade e a dignidade da pessoa humana; o documento recomenda:

a reverência para com o homem, de maneira que cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como um «outro

¹⁰⁸ PAULO VI. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes***. 7 de Dezembro de 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html, acesso em 22 de maio de 2019.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem*.

¹¹⁰ *Idem, ibidem*.

¹¹¹ *Idem, ibidem*: “Voltamos também o nosso pensamento para todos os que reconhecem Deus e guardam nas suas tradições preciosos elementos religiosos e humanos, desejando que um diálogo franco nos leve a todos a receber com fidelidade os impulsos do Espírito e a segui-los com entusiasmo”.

eu», tendo em conta, antes de mais, a sua vida e os meios necessários para a levar dignamente¹¹².

Com olhar otimista para o mundo em geral e no desejo de diálogo sincero, a Igreja deseja que apenas o amor pela verdade guie o diálogo sem excluir ninguém, mesmo os que não conhecem a Deus e até aqueles que se opõem à Igreja perseguindo-a de várias formas¹¹³, o caminho para se alcançar o objetivo da cooperação pacífica sem nenhum tipo de violência na busca pela paz é a fraternidade¹¹⁴, pois “Como Deus Pai é o princípio e o fim de todos eles, todos somos chamados a ser irmãos”¹¹⁵.

A *Gaudium et Spes* conclui exortando e reconhecendo toda a legítima diversidade e com o desejo de promover na própria Igreja a estima mútua, respeito e concórdia, em ordem a estabelecer:

entre todos os que formam o Povo de Deus, pastores ou fiéis, um diálogo cada vez mais fecundo, porque o que une entre si os fiéis é bem mais forte do que o que os divide: haja unidade no necessário, liberdade no que é duvidoso, e em tudo caridade¹¹⁶.

2.1.3 Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa (7 de Dezembro de 1965)

Declara o direito da pessoa e das comunidades à liberdade social e civil em matéria religiosa. Como destaca Teixeira:

Esta Declaração forneceu uma ‘cognição importantíssima’ para o horizonte da consciência católica-romana, tendo contribuído de forma decisiva para a mudança de atitude com respeito às outras tradições religiosas¹¹⁷.

Realmente enfatiza que as pessoas devem utilizar meios compatíveis com a dignidade humana para buscar a verdade na liberdade de pesquisa,

¹¹² *Idem, ibidem*.

¹¹³ *Idem, ibidem*.

¹¹⁴ *Idem, ibidem*: “Em virtude da sua missão de iluminar o mundo inteiro com a mensagem de Cristo e de reunir sob um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero”.

¹¹⁵ *Idem, ibidem*.

¹¹⁶ *Idem, ibidem*.

¹¹⁷ TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014, p. 158.

ensino, liberdade de intercomunicação e de diálogo, em que se transmitem aos outros “a verdade que encontraram ou julgam ter encontrado, a fim de se ajudarem mutuamente na busca da verdade, e, finalmente, disposição de aderir firme e pessoalmente à verdade conhecida”¹¹⁸.

No documento em análise, a Igreja condena qualquer meio coercitivo estatal, que explore o medo ou utilize outros meios para obrigar as pessoas a aderirem ou rejeitarem qualquer que seja a religião¹¹⁹. Estabelece que o ser humano deve ser livre, conforme sua consciência, para aderir e reconhecer com retidão e verdade, livremente, as determinações da lei divina.

Ao comentar esta Declaração na Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, o Papa João Paulo II expôs que ela:

põe a claro, de modo bem convincente, como Cristo e, em seguida, os seus Apóstolos, ao anunciarem a verdade que não provém dos homens, mas sim de Deus (...) embora agindo com todo o vigor do espírito, conservam uma profunda estima pelo homem, pela sua inteligência, pela sua vontade, pela sua consciência e pela sua liberdade¹²⁰.

Em nossa análise, é na conclusão deste importante documento que a Igreja Católica contribui para o reconhecimento, respeito e diálogo inter-religioso, pois aborda que os seres humanos estão unidos em laços cada vez mais estreitos mesmo que pertençam a culturas e religiões diferentes. Tal proximidade, verificada a 55 anos atrás e hoje ainda mais estreitada, denota o aumento da consciência e responsabilidade de todos, mas a fim de que o relacionamento pacífico e cordial entre eles seja estabelecido e fortalecido faz-se “indispensável que a liberdade religiosa seja juridicamente protegida de maneira eficaz, que se respeitem os supremos deveres dos seres humanos e seu direito de praticarem livremente a religião em sociedade”¹²¹.

¹¹⁸ PAULO VI. **Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa**. 7 de Dezembro de 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html, acesso em 12 de março de 2019.

¹¹⁹ *Idem, ibidem*.

¹²⁰ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. 4 de março de 1979. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html, acesso em 12 de março de 2019.

¹²¹ PAULO VI. **Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa**. 7 de Dezembro de 1965. Disponível em:

2.2 Documentos pós-conciliares que abordam a temática

Na sequência adentramos nos documentos pós-conciliares, escritos pelos Sumos Pontífices e os *experts* da Igreja, os quais continuam aprofundando as implicações doutrinárias e práticas do diálogo com outras religiões e culturas.

2.2.1 Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (1979)

A primeira Encíclica do pontificado de João Paulo II a *Redemptor Hominis*, dá continuidade aos pontificados de João XXIII e Paulo VI, na disposição de diálogo, abertura e aproximação de todas as culturas, de todas as concepções ideológicas e de todos os homens de boa vontade.

Referindo-se às religiões não cristãs, João Paulo II afirma que o documento do Concílio dedicado a essa realidade é:

cheio de estima profunda pelos grandes valores espirituais, ou melhor, pelo primado daquilo que é espiritual, e que encontra na vida da humanidade a sua expressão na religião e, em seguida, na moralidade, que se reflete em toda a cultura¹²².

E chama todos os cristãos ao comprometimento do diálogo e crescimento de compreensão e colaboração mútua com os crentes de outras religiões, os quais mesmo por caminhos diferentes buscam o sentido pleno da vida humana.

Nesta Carta Encíclica o Papa ressalta a importância do diálogo ecumênico e inter-religioso e faz uma reflexão acerca dos passos que a Igreja Católica tem dado neste sentido e expõe:

uma coisa é certa: temos trabalhado com perseverança e coerência; e conjuntamente conosco têm vindo a aplicar-se também os representantes de outras Igrejas e de outras Comunidades cristãs, pelo que lhes estamos sinceramente obrigados¹²³.

http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html, acesso em 12 de março de 2019.

¹²² JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis***. 4 de março de 1979. **Disponível em:** https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html, acesso em 12 de março de 2019.

¹²³ *Idem, ibidem*.

Especificamente acerca do diálogo o sumo pontífice o vê como uma atividade que intenta a aproximação com os representantes das religiões não-cristãs, além de outras atitudes como contatos, oração em comum e a “busca dos tesouros da espiritualidade humana, os quais, como bem sabemos, não faltam também aos membros destas religiões”¹²⁴. O Papa valorizou as demais religiões e se comprometeu com o diálogo inter-religioso.

Ao comentar o trabalho e o compromisso com o diálogo inter-religioso, bem como o conteúdo repleto de estima profunda pelos elevados valores espirituais que encontra na vida da humanidade e sua expressão na religião, na moralidade refletida em toda a cultura, presentes no Concílio Vaticano II e na Encíclica *Ecclesiam Suam* do Papa Paulo VI, o Papa João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptor Hominis* ressalta que:

Uma tal consciência — ou antes autoconsciência da Igreja — forma-se ‘no diálogo’, o qual, antes de se tornar colóquio, deve volver a própria atenção para ‘o outro’, ou seja para aquele com o qual queremos falar.

Ressalta a expressão “sementes do verbo” identificando deste modo os “reflexos de uma única verdade”. Ao dizer estas palavras ressalta e reconhece o divino presente nas diversas religiões, fato que aproxima a todos. Chiara Lubich explica que: “com as pessoas das outras religiões o nosso diálogo é possível acima de tudo porque, nas várias fés, pode colher-se as sementes do Verbo”¹²⁵, ao explicar este diálogo no seio do Movimento dos Focolares.

Analisando este documento da Igreja, verificamos sua grande importância para o tema do diálogo inter-religioso, haja vista se constituir como uma importante continuidade iniciada pelo II Concílio do Vaticano, aprofundada pelo Papa Paulo VI e assumida pelo então Papa João Paulo II.

2.2.2 Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1979)

O Papa João Paulo II pede que a catequese tenha uma dimensão ecumênica e tenha cuidado com uma apresentação objetiva das outras

¹²⁴ *Idem ibidem*.

¹²⁵ LUBICH, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000, p. 102.

religiões. Discorre, exaltando o caráter ecumênico da catequese, que por inspiração do Espírito Santo a Igreja Católica vem sendo impelida a buscar com outras Igrejas ou confissões cristãs a “recomposição da perfeita unidade desejada pelo Senhor” (CT, 32). Ressalta que esse movimento se deve ao II Concílio do Vaticano.

Neste sentido de dimensão ecumênica da catequese, adverte que não se deve deixar de lecionar a “plenitude das verdades reveladas e dos meios de salvação instituídos por Cristo” existentes na Igreja Católica, mas tal ensino deve guardar um respeito sincero em obras e palavras com “as demais comunidades eclesiais que não estão em perfeita comunhão com esta mesma Igreja” (CT, 32), essa busca deve suscitar e nutrir o desejo de perfeita unidade cristã. Fica claro, nas palavras de João Paulo II, que a catequese ecumênica deve preparar os cristãos para saberem conviver com não-católicos, mas sem perderem sua identidade católica, com o nutrimento do respeito pela fé dos outros. Referindo-se às demais comunidades eclesiais, o Papa João Paulo II discorre:

O Espírito de Cristo não recusa servir-se delas como de meios de salvação; «entre os elementos e bens, tomados em conjunto, com que a Igreja se edifica e é vivificada, alguns, e até muitos e muito importantes, podem existir fora dos limites visíveis da Igreja Católica¹²⁶.

Entendemos que esta abertura a uma catequese ecumênica contribuiu para a aproximação da Igreja Católica com as outras Igrejas cristãs e, conseqüentemente, favoreceu a construção histórica do diálogo em busca da unidade. Seria um contrassenso falarmos em diálogo inter-religioso, sem demonstrarmos que os cristãos procuram também entre si fazerem este esforço dialogal.

¹²⁶ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica *Catechesi Tradendae***. 16 de outubro de 1979. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html. Acesso em 12 de março de 2019.

2.2.3 Diálogo e Missão (1984)

Neste documento, a Igreja realiza uma espécie de “catequese do diálogo”, explicando seu sentido e alcance ao apresentar os princípios fundamentais e as formas de diálogo.

O diálogo, desde sua concepção expressa na *Nostra Aetate*, significa não apenas um colóquio, mas um sistema de relações positivas entre as religiões de forma a propiciar um enriquecimento recíproco a partir do conhecimento mútuo, ou seja, uma construção conjunta. Portanto, não surge de “oportunistas táticos do momento, mas sim de razões que a experiência, a reflexão, bem como as próprias dificuldades, foram aprofundando”¹²⁷ ; a abertura ao diálogo, pela Igreja, dá-se por fidelidade ao homem e às relações humanas, pois “impele-nos a nós, cristãos, a escutar e compreender o que os outros crentes possam transmitir-nos, para tirar proveito dos dons que Deus concede”¹²⁸.

Apresenta de forma didática as formas de diálogo que podem ser vivenciadas em conjunto ou separadamente.

O diálogo é visto como “um estilo de ação, uma atitude e um espírito que guia o comportamento”¹²⁹, deste modo “implica atenção, respeito e acolhimento para com outro, a quem se reconhece espaço para a sua identidade pessoal, para as suas expressões, os seus valores”¹³⁰.

Ressalta que a vocação cristã exige a vivência do diálogo em qualquer situação pois encontra-se inserido na própria missão eclesial e expõe o chamado “diálogo das ações” no qual os problemas existentes no mundo são enfrentados por cristãos e crentes de outras religiões.

Também importante e explicado no documento em análise, há o compartilhamento das experiências de oração, fé, contemplação, compromisso, expressões e caminhos percorridos na busca do Absoluto, este

¹²⁷ SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. **Diálogo e missão**. 10 de junho de 1984. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em 12 de março de 2019.

¹²⁸ *Idem, ibidem*.

¹²⁹ *Idem, ibidem*.

¹³⁰ *Idem, ibidem*.

tipo de diálogo “torna-se enriquecimento recíproco e cooperação fecunda, na promoção e preservação dos valores e dos ideais espirituais mais altos do homem”¹³¹.

Tal atitude dialogal tem o objetivo de levar “naturalmente à comunicação recíproca das razões da própria fé e não se detém diante das diferenças, às vezes profundas, mas confia-se, com humildade e confiança, a Deus, ‘que é maior do que o nosso coração’ (1Jo 3,20)”¹³².

2.2.4 Exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia* (1984)

Nesta exortação apostólica observa-se a existência de numerosas, profundas e dolorosas divisões de um mundo despedaçado donde se verificam rupturas, conflitos e contraposições e são apresentados “meios e vias para a promoção da penitência e da reconciliação”¹³³.

Ressalta a catequese e os sacramentos como meios que a Igreja Católica possui para promoção da penitência e reconciliação e o modo com o qual se pode buscar estes objetivos foi designado por “método do diálogo”.

Nas palavras da Exortação ora analisada: “O diálogo é para a Igreja, em certo sentido, um meio e sobretudo um modo de desenvolver a sua ação no mundo contemporâneo”¹³⁴ e faz referência ao II Concílio do Vaticano ao destacar a importância do diálogo fraterno, sincero e robusto cabendo à Igreja: “estabelecer um diálogo cada vez mais frutuoso entre todos os que constituem o único Povo de Deus”, bem como “um diálogo com a sociedade humana”¹³⁵.

Discorre o texto que a Igreja promove um diálogo ecumênico com lealdade, sem exaltação, desalento ou perda de tempo, realizado também com as demais pessoas que procuram encontrar Deus.

¹³¹ *Idem, ibidem.*

¹³² *Idem, ibidem.*

¹³³ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica *Reconciliatio et Paenitentia***. 2 de dezembro de 1984. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html. Acesso em 15 de março de 2019.

¹³⁴ *Idem, ibidem.*

¹³⁵ *Idem, ibidem.*

A Exortação em análise fala que a Igreja Católica continua procurando as vias de unidade tanto com os irmãos cristãos, como também os fiéis de outras religiões, mediante um diálogo sincero e espera que ele seja capaz de superar as atitudes de hostilidade, desconfiança e mútua condenação, além de levar a uma reconciliação nas relações com as outras Igrejas e Comunidades eclesiais e com as outras religiões.

Em 1986, foi publicada a Encíclica *Dominum et Vivificantem*, nela o Papa João Paulo II contribui com o tema desta Tese ao expressar, na perspectiva do grande Jubileu, que a Igreja Católica deve ampliar sua visão “para *mais longe*, ‘para o largo’, conscientes de que ‘o vento sopra onde quer’”¹³⁶. Ressalta o Concílio Vaticano II que recorda a “ação do Espírito Santo mesmo ‘fora’ do corpo visível da Igreja”¹³⁷.

2.2.5 O Diálogo Inter-religioso entre aproximações e distanciamentos: Diálogo e Anúncio e *Dominus Iesus*

Após o Concílio, vários foram os momentos, encontros, documentos que pensaram e abriram caminhos, mesmo com resistência, para abertura e construção efetiva do diálogo inter-religioso na Igreja. Destacamos o documento “*Diálogo e Anúncio*”, que teve a colaboração expressiva do Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso.

O presente documento, propõe vias para um autêntico diálogo inter-religioso e é destinado a todos os católicos, aos cristãos que pertencem a outras Igrejas ou comunidades eclesiais, como também aberto para conhecimento, a membros de outras tradições religiosas.

No ano 2000, foi publicado, pela Congregação para a Doutrina da Fé, assinado pelo então prefeito da Congregação, o Cardeal Joseph Ratzinger, a “*Dominus Iesus*”, Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, documento que gerou diversas reações, dentro e fora da Igreja Católica, pois o documento parecia não estar no contexto

¹³⁶ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem***. 18 de maio de 1986. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html. Acesso em 18 de abril de 2019.

¹³⁷ *Idem, ibidem*.

vivenciado pela Igreja desde o Concílio Vaticano II, de tentativas de abertura e diálogo com as demais religiões.

Cabe neste momento destacar as aproximações e distanciamentos entre os dois documentos no que diz respeito ao diálogo Inter-religioso. Após 25 anos da Declaração *Nostra aetate*, que trata das relações da Igreja com outras religiões, em 19 de Maio de 1991 é finalmente apresentado o documento *Diálogo e Anúncio*, que teve a colaboração expressiva do Pontifício Conselho para o Diálogo inter-religioso.

Destaca o diálogo como ponto de partida, diferenciando-o em níveis, momentos a serem construídos e vivenciados, que de certo modo possuem uma ligação estreita entre si. São eles: O diálogo da vida, o diálogo das obras, o diálogo de intercâmbios teológicos e o diálogo das experiências religiosas.¹³⁸

No primeiro momento, na sua relação humana, necessária a vida em comunidade, na sua relação de comunicação, de entendimento recíproco, numa comunhão interpessoal, que gera possibilidades de encontro, onde as “pessoas se esforçam por viver num espírito de abertura e de boa vizinhança, compartilhando as suas alegrias e tristezas, os seus problemas e as suas preocupações”¹³⁹.

Nesse contexto vislumbramos um diálogo da vida, de um mundo vivido, de uma concretude de ações, como discorre Fitzgerald:

As relações de boa vizinhança, que constituem a essência do diálogo da vida, implicam que saibamos dar e receber. Supõe uma atitude de prestar serviço uns aos outros, mesmo que isso se dê esporadicamente¹⁴⁰.

Gerando assim uma relação de troca, de reciprocidade, harmonia e respeito mútuo, independente da sua crença, da sua confissão religiosa.

¹³⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e anúncio*. 19 de maio de 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html. Acesso em 25 de abril de 2019.

¹³⁹ *Idem, ibidem*.

¹⁴⁰ FITZGERALD, Michael. **A unidade desejo de Deus**: quarenta anos de diálogo inter-religioso. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 32.

Assim entendemos que o diálogo por sua própria natureza de ligação, proporciona uma abertura, um encontro interpessoal.

No segundo momento, o diálogo é tratado como uma atitude de respeito e amizade que deve estar presente na ação evangelizadora da Igreja, num “espírito de diálogo”, “O *diálogo das obras*, onde os cristãos e os outros colaboram em vista do desenvolvimento integral e da libertação da gente”¹⁴¹. Este consiste numa relação de proximidade que pode promover ações concretas de intervenção, de ajuda, localmente como também em âmbito global.

O terceiro diálogo dá-se entre especialistas que em conjunto promovem, “O *diálogo dos intercâmbios teológicos*, onde os peritos procuram aprofundar a compreensão das suas respectivas heranças religiosas, e apreciar os valores espirituais uns dos outros”¹⁴². Este tipo de diálogo pode contribuir para compreensão mútua, para o enfraquecimento de fundamentalismos e preconceitos.

Temos por fim O *diálogo da experiência religiosa*, onde pessoas “radicadas nas próprias tradições religiosas compartilham as suas riquezas espirituais, por exemplo, no que se refere à oração e à contemplação, à fé e aos caminhos da busca de Deus e do Absoluto”¹⁴³.

Estas formas, podemos dizer, organizadas de diálogo, abrem espaço para os intercâmbios de experiências religiosas que podem suscitar uma maior fecundidade nas discussões teológicas, “estas, por sua vez, podem iluminar as experiências e encorajar relações mais estreitas”¹⁴⁴.

É conferido ao diálogo inter-religioso uma importância no que tange o desenvolvimento integral, da justiça social e libertação humana. Sendo assim um chamado responsável à promoção de uma educação que favoreça tais princípios.

¹⁴¹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. ***Diálogo e anúncio***. 19 de maio de 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_do_c_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html. Acesso em 25 de abril de 2019.

¹⁴² *Idem, ibidem*.

¹⁴³ *Idem, ibidem*.

¹⁴⁴ *Idem, ibidem*.

Nesse sentido o diálogo inter-religioso não tem apenas a finalidade de estabelecer entendimento mútuo, mas vai além, passa pelo encontro entre as pessoas, pelas experiências vividas e

atinge um nível bem mais profundo, o do espírito, onde o intercâmbio e a partilha consistem num testemunho mútuo do próprio credo e numa descoberta comum das respectivas convicções religiosas¹⁴⁵.

Ao tratar das disposições e frutos que o diálogo pode gerar, o documento chama a atenção para que nessa relação haja uma atitude de equilíbrio em ambas as partes, que se traduz no respeito, aceitação das diferenças e busca sincera pela verdade. “Isto não significa que, ao entrar em diálogo, devam ser postas de lado as próprias convicções religiosas. Pelo contrário, a sinceridade do diálogo inter-religioso exige que se entre nele com a integralidade da própria fé”¹⁴⁶. Tais atitudes e disposição para o diálogo pode gerar frutos de partilha, de quebra de preconceitos, de enriquecimento da própria fé e busca pelo bem comum, é preciso deixar-se surpreender pelos seus efeitos.

Quando nos dispomos a dialogar podemos encontrar algumas dificuldades e se pensarmos no diálogo inter-religioso essas podem ser mais acentuadas e precisamos ser conscientes da sua existência. No documento alguns desses obstáculos são descritos, mas não como forma de barreiras intransponíveis e sim como desafios a serem superados. Tais desafios se expressam em:

a) Uma fé escassamente enraizada. b) Um conhecimento e uma compreensão insuficientes do credo e das práticas das outras religiões levam a uma falta de apreço do seu significado e, por vezes também, a interpretações erradas. c) As diferenças culturais que surgem dos níveis diversos de instrução ou do uso de línguas diferentes. d) Fatores sócio-políticos ou certos pesos do passado. e) Uma compreensão errônea do significado de termos como conversão, batismo, diálogo etc. f) Auto-suficiência, falta de abertura, que levam a atitudes defensivas ou agressivas. g) A falta de convicção acerca do valor do diálogo inter-religioso, que alguns podem considerar como uma tarefa reservada a especialistas e outros como um sinal de fraqueza ou até de traição à fé. h) A

¹⁴⁵ *Idem, ibidem.*

¹⁴⁶ *Idem, ibidem.*

suspeita das motivações dos parceiros para o diálogo. i) Um espírito polêmico, quando se exprimem convicções religiosas. j) A intolerância, com frequência agravada quando é associada a fatores políticos, econômicos, raciais e étnicos, e uma falta de reciprocidade no diálogo que pode levar à frustração. k) Certas características do atual clima religioso: o crescente materialismo, a indiferença religiosa e o multiplicar-se de seitas religiosas, que geram confusão e novos problemas.¹⁴⁷

Esses obstáculos nascem do desconhecimento da finalidade do diálogo inter-religioso. Ir além daquilo que nos separa e escolher o que nos une, acolher o outro sem pretensões e responsabilizar-se com ele pela busca da verdade e do bem comum podem ser a chave para a superação desses desafios.

A declaração *Dominus Iesus* sobre a Unicidade e a Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, é destinada aos Bispos, aos teólogos e a todos os fiéis católicos e tem por finalidade recordar “conteúdos doutrinários imprescindíveis, que podem ajudar na reflexão teológica a amadurecer soluções de acordo com o dado da fé e em correspondência com as urgências culturais do nosso tempo”¹⁴⁸. Uma cultura segundo a declaração, em transformação rápida, relativismo ético e religioso, ceticismo filosófico e pluralismo cultural.

Ao tratar da relação da Igreja e as Religiões no que concerne a salvação, no sexto capítulo, a Declaração discorre:

Quanto ao modo como a graça salvífica de Deus, dada sempre através de Cristo no Espírito e em relação misteriosa com a Igreja, atinge os não cristãos, o Concílio Vaticano II limitou-se a afirmar que Deus a dá ‘por caminhos só por Ele conhecidos’¹⁴⁹.

A intencionalidade da declaração é esclarecer a verdade de fé presente na Igreja Católica, “com a vinda de Jesus Cristo Salvador, Deus quis que a Igreja por Ele fundada fosse instrumento de salvação para toda

¹⁴⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁴⁸ **CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ.** Declaração *Dominus Iesus* sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. 6 de agosto de 2000. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html. Acesso em 12 de abril de 2019.

¹⁴⁹ *Idem, ibidem.*

humanidade”¹⁵⁰, a declaração enfatiza que a verdade de fé não obsta que “a Igreja nutra pelas religiões do mundo um sincero respeito, mas ao mesmo tempo, exclui de forma radical a mentalidade indiferencialista imbuída de um relativismo religioso que leva a pensar que tanto vale uma como outra”¹⁵¹.

Ao tratar especificamente do diálogo inter-religioso, a declaração considera a sua validade e necessidade, mas que o diálogo se configura apenas em uma das ações da Igreja em sua missão *ad gentes*,¹⁵² “afirmando que a “paridade, que é um pressuposto do diálogo, refere-se à igual necessidade das partes, não aos conteúdos doutrinários.”¹⁵³

As verdades de fé expressas e defendidas pela *Dominus Iesus*, com um discurso mais exclusivista provocou distanciamentos e reações dentro e fora da Igreja Católica, entre teólogos e membros de outras religiões, “surpreendeu por vir na contramão do esforço de João Paulo II de fazer do Jubileu do ano 2000 um acontecimento ecumênico e encerrá-lo em um encontro inter-religioso”¹⁵⁴

O desconforto provocado suscitou questionamentos que perduram desde a sua publicação, várias questões foram levantadas, colocando-se por vezes em contradição às proposições do Concílio Vaticano II, retomando e reafirmando as diferenças entre o cristianismo e as outras religiões.

O estudo dos documentos oficiais Diálogo e Anúncio e *Dominus Iesus*, como dos seus comentadores, possibilitou-nos verificar as influências que ambos documentos causam no mundo atual, quando tratamos do diálogo inter-religioso.

O primeiro apresenta uma metodologia clara de diálogo que se torna um ponto de partida em direção aos fiéis de outras religiões, um discurso que inclui, que possibilita um encontro, diferenciando-o em níveis, momentos a

¹⁵⁰ *Idem, ibidem.*

¹⁵¹ *Idem, ibidem.*

¹⁵² *Idem, ibidem.*

¹⁵³ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁴ BARROS, Marcelo. **A unicidade e universalidade salvíficas de Jesus Cristo e da Igreja.** A *Dominus Iesus* cinco anos depois e a Teologia na América Latina. In: Livros Digitais Koinonia. Volumen 1. Versión 1.01 (25-10-2005). Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK1port.pdf> p.14. Acesso em 27 de abril de 2019.

serem construídos e vivenciados, que de certo modo possuem uma ligação estreita entre si, como vimos anteriormente: O diálogo da vida, o diálogo das obras, o diálogo de intercâmbios teológicos e o diálogo das experiências religiosas.

O segundo documento possui um teor de retorno de exclusividade, que é destinado a fiéis católicos a fim de reafirmar verdades de fé e diferenças entre o cristianismo e as demais religiões, o tom do documento provocou reações por vezes frustrantes em meio aos teólogos e estudiosos do diálogo inter-religioso.

Após quase uma década da sua publicação, é notório os esforços para continuar mesmo com as adversidades geradas pós declaração com a dinâmica aventura do diálogo entre as religiões.

2.2.6 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013)

Em sua primeira Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium* (A alegria do Evangelho) o Papa Francisco destaca, ao perceber a expansão nas possibilidades de comunicação, que

O desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos (...) pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada¹⁵⁵.

Também é lapidar sua percepção ao expor que não se pode esquivar de uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Verifica que os crentes não deveriam esconder-se uns dos outros, mas que procurassem criar vínculos profundos e estáveis. Em suas palavras:

Faz falta ajudar a reconhecer que o único caminho é aprender a encontrar os demais com a atitude adequada, que é valorizá-los e aceitá-los como companheiros de estrada, sem

¹⁵⁵ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Sobre o mundo atual. anúncio do Evangelho 24 de novembro de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 23 de maio de 2019.

resistências interiores. Melhor ainda, trata-se de aprender a descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus crucificado, quando recebemos agressões injustas ou ingratidões, sem nos cansarmos jamais de optar pela fraternidade¹⁵⁶.

Analisando os documentos da Igreja Católica no que tange à construção do diálogo inter-religioso, vemos que o Concílio Vaticano II afirmou que nas tradições religiosas não-cristãs existem "coisas boas e verdadeiras" (OT,16), "preciosos elementos religiosos e humanos" (GS,92), "germes de contemplação" (AG,18), "elementos de verdade e de graça" (AG,9), "sementes do Verbo" (AG,11, 15), "raios da verdade que ilumina a todos os homens" (NA,2).

Tais expressões são reconhecidas pela Igreja Católica às grandes tradições religiosas da humanidade, ou seja, "elas merecem, portanto, a atenção e a estima dos cristãos, e o seu patrimônio espiritual é um eficaz convite ao diálogo (cf. NA 2.3; AG 11), não só sobre os elementos convergentes, mas também sobre os divergentes"¹⁵⁷.

2.3 Construção do diálogo na Igreja Católica: a experiência do resgate histórico

O diálogo deve ser respeitoso¹⁵⁸, sincero, leal e fraterno sem pretensões proselitistas, mas desejoso em perceber o divino presente em cada manifestação religiosa, pois de fato, como entendia Chiara Lubich, há um "fio de ouro" que une todas elas. Entretanto, para que exista o diálogo, deve existir inicialmente uma confiança recíproca e uma reconciliação entre aqueles cuja história aponta rivalidades, desconfiança, mágoas, perseguições, ou seja, a existência de um perdão pelos erros cometidos ao longo do tempo e da história conducente a uma reconciliação, o que Chiara denominou "recomeçar".

¹⁵⁶ *Idem, ibidem.*

¹⁵⁷ SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. **Diálogo e missão**. 10 de junho de 1984. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_do_c_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em 12 de março de 2019.

¹⁵⁸ LUBICH, Chiara. **O amor mútuo**. São Paulo, Cidade Nova, 2013, p. 123: "‘respeitoso’ é a palavra-chave para o diálogo. Por lealdade perante Deus, por lealdade a nós mesmos e também por sinceridade perante o próximo".

Nesse diapasão, a primeira atitude é a reconciliação conducente ao recomeço, curando as feridas do passado e colhendo tudo aquilo que foi positivo e edificante entre as religiões.

No passado, os judeus eram severamente acusados de deicídio e na Idade Média as “bulas papais pediam justiça para os judeus, usando termos por vezes até agressivos; e alguns sustentavam que os judeus deveriam ser reduzidos a uma servidão total”. (p.95)

De forma paulatina (e evangélica) o termo “servos” foi substituído por “irmãos” e o Papa Pio XI rejeitou o antissemitismo em nome da fraternidade de todos os descendentes de Adão. Carneiro enfatiza que: “a encíclica programada no ano 1938 por Pio XI contra o racismo e o antissemitismo, *Humani Generis Unitas*, não chegou a promulgar-se devido à morte do Papa em fevereiro de 1939”¹⁵⁹. Pio XII, no Ano Santo de 1950, o qual “não exitou em reunir num só contexto de seu discurso os judeus a todos os cristãos separados de Roma”.

João XXIII saudou os judeus como irmãos. Todos estes acontecimentos são precedentes ao Concílio Vaticano II, documento oficial da Igreja Católica onde esta realidade seria assumida, como visto anteriormente, na *Nostra Aetate*, cujos enunciados regem até os dias atuais o diálogo inter-religioso por parte da Igreja Católica e, como exemplo, serve de base para as atividades dos diferentes grupos de diálogo cristão-judaico, pois nele se afirma a existência de um patrimônio espiritual comum a cristãos e judeus e uma herança terrena uma vez que Jesus Cristo nasceu judeu.

Segundo PORTO & MARTIN:

O espírito fundamental do Concílio diante dos judeus revela-se no reconhecimento das raízes hebraicas do cristianismo, na proclamação da universalidade do amor de Cristo e dos apóstolos, na condenação das perseguições antijudaicas e na defesa do diálogo fraterno¹⁶⁰.

¹⁵⁹ CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **O anti-semitismo nas Américas**: memória e história. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 215.

¹⁶⁰ MARTIN, Leonardo; PORTO, Humberto. **Unidade e fraternidade**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 97.

Nesta mesma direção, vale destacar algumas atitudes importantes do Papa Paulo VI em direção à efetividade do diálogo inter-religioso, a saber: a) a criação de um Secretariado para os não-cristãos em 1964; b) a publicação da encíclica *Ecclesiam Suam* enfatizando o diálogo inclusive com não-cristãos; c) visita e encontro com chefes de religiões não-cristãs na Índia (1964) com “grande humanidade e calor”¹⁶¹.

Também o Papa João Paulo II, em 12 de março de 2000, pediu perdão aos judeus vítimas do Holocausto, em suas palavras:

Estamos profundamente entristecidos pelo comportamento daqueles que, no curso da história causaram tantos sofrimentos aos nossos filhos, e pedindo o seu perdão, queremos empenhar-nos numa fraternidade autêntica com o povo da Aliança¹⁶².

O esforço na reconciliação se estendeu ainda naquele mês de março, em uma visita histórica ao memorial de Yad Vashem, um monumento nacional israelense em honra às vítimas e heróis do Holocausto, o qual posteriormente foi tornado um dos mais sagrados objetos de devoção do Judaísmo, o Muro das Lamentações. Ali, ele tocou a parede e seguiu o costume de colocar uma carta entre as frestas de seus tijolos, em que ele pediu perdão pelas perseguições aos judeus¹⁶³. Nas palavras de João Paulo II: “O diálogo (inter-religioso) é fundamental para a Igreja, chamada a colaborar no plano de Deus com os seus métodos de presença, de respeito e de amor para com todos os homens”.¹⁶⁴

¹⁶¹ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 225.

¹⁶² Cf. Disponível em: <https://br.historyplay.tv/hoy-en-la-historia/papa-joao-paulo-ii-pede-o-perdao-pelos-erros-da-igreja>, acesso em 26 de maio de 2020.

¹⁶³ Cf. site *History.com*.

¹⁶⁴ In PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. **Diálogo e anúncio**. 19 de maio de 1991. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html. Acesso em 25 de abril de 2019.

2.4 Uma Igreja em Saída

Após o Concílio Vaticano II, as janelas da Igreja se abrem paulatinamente no relacionamento com as outras religiões, as saídas dos Papas ao encontro de vários líderes religiosos, a países de tradições não predominantemente católicos. A exemplo do Papa Paulo VI, na sua visita de peregrinação a Bombaim, na Índia, em 3 de dezembro de 1964 em seu discurso expressa nas suas palavras o profundo respeito e valorização da história e cultura daquele país, vejamos:

Seu país é de cultura antiga, berço de grandes religiões, lar de uma nação que buscou a Deus com implacável desejo, em profunda meditação e silêncio, e em hinos de fervorosa oração. Raramente essa busca por Deus foi expressa com palavras tão cheias do espírito do advento como nas palavras escritas em seus livros sagrados muitos séculos antes de Cristo: 'Do irreal, leve-me ao real; das trevas, leva-me à luz; da morte, leve-me à imortalidade'¹⁶⁵.

A proposta de formas de diálogo, que podemos dizer didática, apresentada nos documentos anteriores, o diálogo da vida, de ação, de intercâmbio teológico e de experiência religiosa, impulsiona a 'saída' da Igreja ao encontro de fiéis de diversas convicções religiosas, mesmo se ainda com a resistência interna por parte de alguns setores, o caminho de abertura, acolhimento e tentativa de curar as 'feridas' dos desencontros do passado foram paulatinamente desabrochando na promoção de inúmeros encontros promovidos pela Igreja.

Na sequência os convida à união profunda e sincera, a compreensão e amor mútuos e a colaboração conjunta para a construção do futuro comum da humanidade, em suas palavras:

Precisamos encontrar os meios concretos e práticos de organização e cooperação para que todas as fontes se fundam e todos os esforços se juntem para alcançar a verdadeira comunhão entre todas as nações¹⁶⁶.

¹⁶⁵ PAULO VI, **Discurso do Santo Padre aos representantes das religiões não-cristãs**. Bombaim, Índia, em 3 de Dezembro de 1964. (tradução do espanhol minha), disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19641203_other-religions.html, acesso em 20 de janeiro de 2020.

¹⁶⁶ *Idem, ibidem*.

Almeja ainda em seu discurso que o amor verdadeiro seja a força motriz das suas ações conjuntas e salienta que Deus desperte “esse amor em todos nós e nos una através do vínculo invisível e inquebrável que deve unir todos os que se refugiam no amor de Deus. Isso nos torna a única família de seus filhos”¹⁶⁷.

2.4.1 O Espírito de Assis no pontificado do Papa João Paulo II

O pontificado de João Paulo II foi marcado por gestos expressivos em direção ao diálogo inter-religioso, com seu extraordinário carisma pessoal, tentou ampliar e aprofundar a abordagem positiva de outras religiões que contribuíram para estreitar os laços com diversas tradições religiosas. Sem, contudo, deixar de afirmar que, também durante o seu pontificado como dos seus antecessores, houve controvérsias em documentos oficiais da Igreja que causaram desconforto em lideranças religiosas e em estudiosos sobre o tema¹⁶⁸, que por vezes foram superadas e ofuscadas pela força de atitudes de diálogos autênticos promovidos pelo Pontífice.

Há 34 anos atrás, em 27 de outubro de 1986, o Papa João Paulo II, por ocasião do ano internacional da paz, convidou lideranças de diversas religiões para um encontro de oração pela paz em Assis (Itália), fato que se constituiu como mais um marco para a Igreja Católica no que diz respeito ao diálogo inter-religioso, haja vista a experiência ter sido repetida a cada ano, em todo o mundo, ecoando o chamado “espírito de Assis”, o qual causou grande repercussão não só entre os católicos, mas na opinião de todo o mundo.

O evento foi um despertar para a toda a Igreja, um passo importante e significativo no encontro com as outras religiões, orar juntos pela paz no mundo, torna-se uma centelha que se espalha e multiplica-se em diversas formas de encontros ao redor do mundo.

No seu discurso de abertura, o Papa acolhe os presentes e agradece a aceitação do convite para orarem juntos. Enfoca a força da oração realizada

¹⁶⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁶⁸ As verdades de fé expressas e defendidas pela *Dominus Iesus*, com um discurso mais exclusivista provocou distanciamentos, e reações dentro e fora da igreja católica, entre teólogos e membros de outras religiões.

em conjunto como um exemplo para o mundo de construção e promoção da paz. Discorre que o fato de vários líderes religiosos reunirem-se para orar expressa um testemunho ao mundo de hoje “para tomar consciência de que existe outra dimensão da paz e outra maneira de promovê-la, que não é resultado de negociações, compromissos políticos ou barganhas”¹⁶⁹.

A intenção do encontro não residia na busca de um consenso religioso, de debate acerca das verdades de fé ou mesmo objetivando uma reconciliação baseada em um compromisso formal, igualmente não pretendia relativizar as crenças religiosas, pois: “todo ser humano deve seguir sinceramente sua consciência correta na intenção de buscar e obedecer à verdade”¹⁷⁰, a reunião propôs que as diversas religiões testemunhassem, mesmo na diversidade de crenças, o compromisso com a paz e a humanidade, causa comum motivadora do encontro. Aliás, no dia do encontro, buscou-se aquilo que eles tinham em comum, qual seja a oração, o silêncio, a peregrinação e o jejum. Destacamos este fato como algo importante, pois o diálogo e o relacionamento entre diferentes, para ser duradouro e auspicioso, deve partir de pontos em comum, ou seja, valorizando aquilo que os une em detrimento das divergências.

Vale destacar o acertado método utilizado naquele dia de oração. Cada religião orou inicialmente em um local separado e expressavam-se em seu rito tradicional. Após este momento particular seguiram em peregrinação à praça de São Francisco e naquele local continuaram a orar. Logo após, meditaram silenciosamente sobre a responsabilidade de cada religião em trabalhar pela paz, além de explicitar publicamente este compromisso.

Ao final, o Papa João Paulo II justificou a escolha da cidade de Assis para a realização do encontro, qual seja: “pelo significado particular do santo homem venerado aqui - São Francisco - conhecido e reverenciado por muitos em todo o mundo como um símbolo de paz, reconciliação e fraternidade”¹⁷¹.

¹⁶⁹ JOÃO PAULO II. **Discurso aos representantes das diferentes Igrejas e comunhões cristãs conveniadas em Assis para o dia mundial de oração pela paz.** *Basílica de Santa Maria degli Angeli, 27 de Outubro de 1986. Disponível em:* http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1986/october/documents/hf_jp-ii_spe_19861027_prayer-peace-assis.html, acesso em: 16 de Maio de 2020.

¹⁷⁰ *Idem, ibidem.*

¹⁷¹ *Idem, ibidem.*

Neste encontro estiveram presentes cerca de 50 representantes de Igrejas cristãs, e aproximadamente 60 representantes de outras religiões do mundo.

2.4.2 Decálogo de Assis pela Paz

Em fevereiro de 2002, como consequência do Dia de oração pela paz no mundo, na cidade de Assis, Itália, evento que contou com a presença de 44 delegações religiosas, que unidas apresentaram as suas preces e orações pela paz mundial, o Papa João Paulo II escreve a todos os chefes de governo do mundo com o ‘Decálogo de Assis pela Paz’.

As suas palavras expressaram o desejo de compartilhar este decálogo construído pelas lideranças religiosas, homens e mulheres que inspirados por um pensamento comum, o progresso da paz e a busca pelo amor ao invés do ódio, possa servir de inspiração nas ações políticas e sociais dos governantes para o novo milênio.

O decálogo exprime 10 (dez) compromissos, quais sejam:

1. Comprometemo-nos a proclamar a nossa firme convicção de que a violência e o terrorismo estão em oposição com o verdadeiro espírito religioso e, ao condenar qualquer recurso à violência e à guerra em nome de Deus ou da religião, empenhamo-nos em fazer tudo o que for possível para desenraizar as causas do terrorismo.

Considerando o tempo histórico no qual foi escrito e revelando dois dos piores problemas enfrentados pela humanidade, quais sejam a violência e o terrorismo, por vezes calcados em questões religiosas, os representantes das dezenas de representações religiosas assumem o compromisso público de condenar estas práticas e envidar todos os esforços para combater as suas causas.

Na sequência do “decálogo”, há o compromisso com a base de toda a transformação de uma sociedade, qual seja a educação basilar sedimentada no respeito e estima uns com os outros no sentido de se lograr a paz e a solidariedade entre todos. Nas palavras escritas:

2. Comprometemo-nos a educar as pessoas no respeito e na estima recíprocos, a fim de poder alcançar uma coexistência pacífica e solidária entre os membros de etnias, culturas e religiões diferentes.

O terceiro ponto pactuado revela a importância do estabelecimento do diálogo, o qual deve ser enraizado na cultura, trazendo consigo a paz duradoura e a confiança como indispensáveis a uma convivência pacífica. Não pode ser outra a conclusão quando se verifica o acordado:

3. Comprometemo-nos a promover a cultura do diálogo, para que se desenvolvam a compreensão e a confiança recíprocas entre os indivíduos e entre os povos, pois são estas as condições para uma paz autêntica.

Também mereceu relevância o princípio da dignidade da pessoa humana respeitando a cultura de cada povo, bem como o direito de criar uma família. Preocupa-se, desta forma, com a formação da base social e a proteção às diferentes expressões culturais e uma visível proteção ao ser humano que deve permear todas as ações e esforços. No texto do “decálogo”:

4. Comprometemo-nos a defender o direito de todas as pessoas humanas de levar uma existência digna, conforme com a sua identidade cultural, e de fundar livremente uma família que lhe seja própria.

O ponto 5 (cinco) do “decálogo” exprime uma das formas expressas na “pedagogia do diálogo” ensinado e vivido de forma explícita no Movimento dos Focolares, o qual restou evidenciado na observação cuidadosa permeada nesta investigação, qual seja, o diálogo sincero, paciente e respeitoso o qual não se detém nas diferenças como obstáculos insuperáveis, mas percebendo a beleza na diversidade das manifestações religiosas. Conforme escrito no ponto 5 do “decálogo”:

5. Comprometemo-nos a dialogar com sinceridade e paciência, não considerando o que nos divide como um muro insuperável, mas, ao contrário, reconhecendo que o confronto com a diversidade do próximo pode tornar-se uma ocasião de maior compreensão recíproca.

Chama atenção o ponto 6 do “decálogo”, qual seja o compromisso do perdão recíproco em relação a todo mal praticado no passado e, superando-o, a busca pela justiça conducente à paz verdadeira. Realmente, sem um perdão sincero, não há possibilidade de recomeçar e construir um relacionamento fraterno e dialogal com os entraves históricos de intolerância, perseguições, mortes e tantos desmandos. Este pacto firmado é essencial para reconstrução das relações, *in verbis*:

6. Comprometemo-nos a perdoar-nos reciprocamente os erros e os preconceitos do passado e do presente, e a apoiar-nos no esforço comum para vencer o egoísmo e o abuso, o ódio e a violência, e para aprender do passado que a paz sem justiça não é uma paz verdadeira.

A miséria, o abandono e a ausência de fala de tantos seres humanos mereceram uma atenção especial no “decálogo”, cujo compromisso firmado foi o de falar e reverberar pelos excluídos no sentido de retirá-los da margem da sociedade seja ela qual for, bem como aqueles irredimidos com a violência e o mal. É o que se depreende das seguintes palavras:

7. Comprometemo-nos a estar da parte de quantos sofrem devido à miséria e ao abandono, fazendo-nos a voz dos que não têm voz e empenhando-nos concretamente para sair de tais situações, convictos de que, sozinhos, ninguém pode ser feliz.

8. Comprometemo-nos a fazer nosso o brado de todos os que não se resignam à violência e ao mal, e desejamos contribuir com todos os nossos esforços para dar à humanidade do nosso tempo uma real esperança de justiça e de paz.

A preocupação que o avanço tecnológico pudesse expor o mundo a um risco cada vez maior de destruição e morte foi evidenciada no ponto 9 do “decálogo” trazendo consigo o compromisso de apoiar e fomentar iniciativas promotoras da amizade entre todos, imbuídas do espírito de solidariedade. *In verbis:*

9. Comprometemo-nos a encorajar qualquer iniciativa que promova a amizade entre os povos, convictos de que, se não há um entendimento solidário entre os povos, o progresso tecnológico expõe o mundo a riscos crescentes de destruição e de morte.

No final do “decálogo” são repetidos e evidenciados os três termos que pautaram todo o documento, quais sejam: solidariedade, paz e justiça. Este foi o acordo final entre os religiosos o qual deveria ser levado aos líderes das respectivas nações, uma forma de imprimir os mais altos valores e anseios humanos utilizando-se como via condutora, a religião, como forte componente cultural a ser seguido e utilizado na condução dos povos.

10. Comprometemo-nos a pedir aos responsáveis das nações que façam todos os esforços possíveis para que, quer a nível nacional quer internacional, seja edificado e consolidado um mundo de solidariedade e de paz fundado na justiça.

Como destacado, este “decálogo” apresenta-se como pauta importante no relacionamento entre os mais diversos líderes religiosos e que deve iluminar os mandatários das mais diferentes nações e culturas, pois estabelece compromissos entre seres humanos na busca por uma convivência pacífica, justa, solidária e duradoura, procurando curar as feridas do passado.

Em 27 de outubro de 2011, o Papa Bento XVI, 25 anos depois do primeiro encontro em Assis, convidou todos os representantes de Igrejas Cristãs e das várias tradições religiosas para renovarem juntos o compromisso de viverem em plenitude a própria fé a serviço da construção de um mundo de paz. Há, portanto, uma continuidade na busca pelo diálogo inter-religioso.

2.4.3 O diálogo inter-religioso fraterno no pontificado do Papa Francisco

O Papa Francisco mostra-se como um construtor de diálogo fraterno com todos¹⁷², ele repetiu, trinta anos após, o evento protagonizado por João Paulo II de proximidade com outras religiões em Assis e no que pertine ao diálogo inter-religioso, conferiu uma relevância mais acentuada, quase como um programa a ser seguido.

Também mostrando apreço histórico no encontro das religiões, destacou a visita e o profícuo diálogo de São Francisco de Assis com o Sultão Malik Al Kamil, em suas palavras:

Para este desafio tão urgente e apaixonante de civilização, somos chamados, cristãos, muçulmanos e todos os crentes, a prestar a nossa contribuição: «Vivemos sob o sol de um único Deus misericordioso. (...) Assim, no verdadeiro sentido, podemos chamar-nos, uns aos outros, irmãos e irmãs (...), dado que, sem Deus, a vida do homem seria semelhante ao firmamento sem o sol». Que se levante o sol duma renovada fraternidade em nome de Deus e surja desta terra, beijada pelo sol, o alvorecer duma civilização da paz e do encontro.

¹⁷² É importante destacar que o diálogo inter-religioso do Papa Francisco foi construído ao longo de toda sua trajetória religiosa e muitas vezes traduzidas ao grande público em ações concretas, como se pode observar no livro “Sobre o céu e a terra”, escrito por ele juntamente com o rabino Abraham Skorka na época em que ainda era cardeal.

Interceda por isto mesmo São Francisco de Assis, que, há oito séculos, veio ao Egito e encontrou o Sultão Malik Al Kamil¹⁷³.

A “Igreja em saída” pregada pelo Papa Francisco pode ser traduzida pelo seu encontro com diversos líderes religiosos em visita a países onde o cristianismo é minoria¹⁷⁴ como a Turquia (maioria muçulmana), Albânia (maioria muçulmana), Coréia do Sul (maioria budista), Jordânia (maioria muçulmana), Israel (maioria judaica) e Palestina (maioria muçulmana) (todas em 2014). Em 2015 visitou a Bósnia e Herzegovina (maioria muçulmana) e o Sri Lanka (maioria budista) se encontrando com representantes das quatro grandes tradições religiosas deste país: Budismo, Hinduísmo, Islamismo e Cristianismo.

Chiaretto Yan referindo-se ao Papa Francisco, discorre:

É um homem de comunhão. Reconhece que a Igreja é um pequeno rebanho no mundo e atua como ponte de paz, instrumento de diálogo e precursor de esperança para o mundo, impregnando-se no diálogo com as outras religiões e culturas¹⁷⁵.

Em 2016, além do encontro em Assis, já referenciado supra, por ocasião da jornada mundial pela paz, onde se encontrou com representantes de diversos grupos cristãos, mas também representantes do Judaísmo, Islamismo e Tendai, o Papa Francisco visitou o Azerbaijão (maioria muçulmana) ocasião na qual se encontrou com muçulmanos na mesquita da capital Baku.

Em 2017, visitou Mianmar (maioria budista), Bangladesh (maioria muçulmana) e Egito (maioria muçulmana). Destacamos que quando esteve no Egito o Papa Francisco fez um pronunciamento sobre o diálogo inter-religioso que parece ser a tônica a ser empregada em todo o seu pontificado.

¹⁷³Cf: vaticano.va

¹⁷⁴ As referências a estas viagens foram pesquisadas no site: franciscanos.org.br em 10 de janeiro de 2020.

¹⁷⁵ CHIARETTO YAN, Kin Sheung. *Il Vangelo oltre la grande muraglia: sfide e prospettive del cristianesimo in Cina*. Bologna: Emi, 2015, p. 267.

Em 2019, Francisco foi aos Emirados Árabes Unidos (maioria muçulmana) e ao Marrocos (maioria muçulmana), donde foi apresentada uma peça musical com uma cantora judia, uma cristã e um cantor muçulmano.

Observamos que esses passos concretos dados pela Igreja Católica são decisivos para o início de um diálogo efetivo e promissor, de construção de laços estreitos e auspiciosos em direção à fraternidade universal.

Vale destacar que na viagem apostólica do Papa Francisco ao Egito, o sumo pontífice explicou o que ele considera como diálogo inter-religioso: “Precisamente no campo do diálogo, sobretudo inter-religioso, sempre somos chamados a caminhar juntos, na convicção de que o futuro de todos depende também do encontro entre as religiões e as culturas”¹⁷⁶.

Exemplifica como “concreto e enrorajador” o trabalho do Comitê Misto para o Diálogo entre o Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso e o Comitê de Al-Azhar para o Diálogo, inclusive destaca ser o diálogo o único caminho para a civilização.

Destaca que há três diretrizes fundamentais que podem contribuir com o diálogo caso sejam bem conjugadas, em suas palavras, são elas:

O dever da identidade, a coragem da alteridade e a sinceridade das intenções. O dever da identidade, porque não se pode construir um verdadeiro diálogo sobre a ambiguidade nem sobre o sacrifício do bem para agradar ao outro; a coragem da alteridade, porque quem é cultural ou religiosamente diferente de mim, não deve ser visto e tratado como um inimigo, mas recebido como um companheiro de viagem, na genuína convicção de que o bem de cada um reside no bem de todos; a sinceridade das intenções, porque o diálogo, enquanto expressão autêntica do humano, não é uma estratégia para se conseguir segundos fins, mas um caminho de verdade, que merece ser pacientemente empreendido para transformar a competição em colaboração¹⁷⁷.

¹⁷⁶ FRANCISCO. **Discurso do santo padre aos participantes na Conferência Internacional em prol da paz.** 28-29 de abril de 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-conferenza-pace.html. Acesso em 18 de maio de 2020.

¹⁷⁷ *Idem, ibidem.*

O Papa Francisco, referindo-se ao diálogo, na viagem apostólica ao Egito em 2017 destacou:

Educar para a abertura respeitosa e o diálogo sincero com o outro, reconhecendo os seus direitos e liberdades fundamentais, especialmente a religiosa, constitui o melhor caminho para construir juntos o futuro, para ser construtores de civilização. Porque a única alternativa à civilização do encontro é a incivilidade do conflito; não há outra. E, para contrastar verdadeiramente a barbárie de quem sopra sobre o ódio e incita à violência, é preciso acompanhar e fazer amadurecer gerações que, à lógica incendiária do mal, respondam com o crescimento paciente do bem: jovens que, como árvores bem plantadas, estejam enraizadas no terreno da história e, crescendo para o Alto e junto dos outros, transformem dia-a-dia o ar poluído do ódio no oxigênio da fraternidade¹⁷⁸.

Pelo que fora exposto e, analisando as palavras do Papa Francisco, a “civilização da paz e do encontro” aponta a importância do diálogo inter-religioso como forma de convivência mundial. Como visto, é importante perceber que a aproximação entre as religiões se torna possível quando há passos concretos de reconhecimento (e perdão) histórico, confiança e respeito; tais elementos – com o devido amadurecimento nas relações – torna-se possível ver a beleza divina em cada uma e reconhecer-se como irmãos, como todos advindos do mesmo Pai. Nesse momento de reconhecimento fraterno, o diálogo verdadeiro é realizado, pois cada um reconhece a si mesmo e ao próximo ao tempo em que a busca de Deus na beleza da manifestação das outras religiões impulsiona maior união.

Mais um exemplo de aproximação e diálogo entre cristãos e judeus no mundo foi a criação da “Fraternidade Cristão-Judaica”. Tal instituição surgiu na Europa do pós-guerra, denominada “*Amité judeo-Cherétienne*”, na França, “*Amistitia*” na Itália, “*Amistad*” na Espanha. O sentido de sua existência é o conhecimento recíproco entre Judaísmo e Cristianismo, para tanto há a promoção de conferências, encontros, simpósios e publicações. Usarki destaca: “A liberdade religiosa e o respeito pela integridade de membros de

¹⁷⁸ *Idem, ibidem.*

outras religiões são condições principais para o desenvolvimento de ações conjuntas entre católicos e não católicos”.¹⁷⁹

No Brasil este movimento fraterno teve início com a criação do Conselho de Fraternidade Cristã-Judaica, em São Paulo, em 1962 e no Rio de Janeiro, em 1964, uma proposta semelhante com frutos consistentes e auspiciosos, tais como a iniciativa condizente aos fatos principais entre Israel e a Igreja Católica, como por exemplo, no Rio de Janeiro, em 1995 e 2001 a Assembléia Geral da Comissão para o Diálogo Católico-Judaico, da CNBB, repercutindo em todo o país. Segundo Usarki: “Um diálogo entre religiões é promissor se seus participantes têm garantia de que suas posições vão ser respeitadas e poderão ser abertamente articuladas em um ambiente livre de sanções”¹⁸⁰.

Analisando o histórico do diálogo inter-religioso, vislumbramos um caminho firme e constante de concretização donde a fraternidade mostra-se como elemento indispensável para este mister.

Neste ano de 2020, no dia 3 de Outubro, o Papa Francisco apresentou sua mais nova Encíclica, qual seja, a *Fratelli Tutti* conduzindo a reflexão acerca da importância do diálogo e da escuta.

Em seu texto, a palavra “diálogo” é repetida 47 (quarenta e sete) vezes e “fraternidade” outras 57 (cinquenta e sete), deste modo, seja de forma explícita ou implícita na Carta Encíclica, o contexto conteudístico do documento relaciona estas duas atitudes trazendo uma narrativa clara e lógica na convergência destes termos. Logo no início ressalta sua motivação na confecção da Encíclica donde expõe: “procurei fazê-la de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade”¹⁸¹.

Para que exista diálogo deve existir escuta, atitude esta também posta em relevo pelo Papa: “Sentar-se a escutar o outro, característico dum encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e

¹⁷⁹ USARSKI, Frank. **A Construção do Diálogo: o Concílio Vaticano II e as religiões**. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 130.

¹⁸⁰ *Idem, ibidem*, p. 129.

¹⁸¹ FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***. 3 de Outubro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html, acesso em: 8 de Novembro de 2020.

acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe lugar no próprio círculo” e cita São Francisco de Assis o qual abriu-se a escutar a voz de Deus, dos pobres, enfermos, da própria natureza e “transformou tudo isso num estilo de vida”. Logo, o Papa deseja que o diálogo faça parte do cotidiano e do próprio ser-no-mundo de todas as pessoas.

Neste sentido, “Torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das experiências alheias”¹⁸².

Ressalta que a existência e abertura ao diálogo não significa renunciar à própria fé e nem mesmo perder sua identidade, pois em suas elucidativas palavras: “Não me encontro com o outro, se não possuo um substrato onde estou firme e enraizado, pois é a partir dele que posso acolher o dom do outro e oferecer-lhe algo de autêntico”¹⁸³, portanto, a disposição de entender o outro e ouvi-lo de forma sincera e sem dissimulações, buscando pontos convergentes (pôr em relevo aquilo que os une), mas sem descaracterizar suas raízes.

O Papa Francisco revela uma preocupação em “gerar processos de encontro” e as “armas do diálogo” seriam a forma mais eficaz para este objetivo¹⁸⁴.

Referindo-se às várias religiões, ressalta que ao reconhecerem o valor do ser humano como filho(a) de Deus contribuem para a construção da fraternidade, bem como a defesa da justiça na sociedade. Põe em relevo uma importante questão ao discorrer que:

O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância (...) o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais num espírito de verdade e amor¹⁸⁵.

Deste modo compreende que todos são convidados a ser construtores da paz buscando a união e não o contrário, no sentido de extinguir o ódio ao invés de cultivá-lo e deste modo oportunizando a abertura ao diálogo e não à edificação de novas barreiras¹⁸⁶. Deste modo seu discurso é profícuo ao

¹⁸² *Idem, Ibidem.*

¹⁸³ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁴ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁵ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁶ *Idem, Ibidem.*

discorrer que: “sem uma abertura ao Pai de todos, não pode haver razões sólidas e estáveis para o apelo à fraternidade. Estamos convencidos de que só com esta consciência de filhos que não são órfãos, podemos viver em paz entre nós”¹⁸⁷.

Logo, esta Carta Encíclica convida que a fraternidade e amizade social não seja adstrita às palavras, mas, abrindo-se ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade, sejam dados passos concretos para se tornar uma realidade concreta no cotidiano da sociedade.

¹⁸⁷ *Idem, Ibidem.*

CAPITULO 3: A fraternidade como condição indispensável para o diálogo inter-religioso.

Neste capítulo adentraremos no princípio da fraternidade como indispensável à criação e manutenção de um compromissado diálogo inter-religioso voltado à percepção de que todos somos irmãos, aprofundando assim as literaturas acerca do tema. São recorrentes, nos documentos oficiais da Igreja Católica, o reconhecimento de que todos os seres humanos são irmãos, pois filhos do mesmo Pai, criador de todas as coisas. Este fato se constitui em um importante e imprescindível passo para o estabelecimento de um diálogo.

Fraternidade significa amor ao próximo, união ou convivência como de irmãos, harmonia, paz, concórdia, fraternização. É a fraternidade identificada por Antonio Baggio como solidariedade horizontal que pode ser abstraído de um necessário “socorro mútuo” entre os próprios cidadãos¹⁸⁸. Tosi defende a ideia de que o grande desafio da humanidade (via direitos humanos) no atual século é desvincular o sentido de fraternidade dos laços de sangue ampliando-o para laços universais que busquem um reconhecimento efetivo de alteridade, da diversidade e da reciprocidade.

O vocábulo fraternidade é a meta de um processo cultural de abstração que parte da concretude do termo irmão. O conceito abstrato de fraternidade é posterior ao termo concreto de irmão. Ambos os termos contêm uma intenção: a de aludir a uma realidade. “irmão” vem a significar uma entidade pessoal, a daquele que possui determinadas características identificadas pela elaboração cultural na “fraternidade”. Irmão é uma pessoa, fraternidade é uma prerrogativa¹⁸⁹.

Deste modo, segundo Pizzolato, a fraternidade tem o condão de provocar o comportamento individual a responsabilizar-se pela condição em que se encontra o irmão¹⁹⁰. Segundo Souza Silva e Souza Neto: “Na

¹⁸⁸ BAGGIO, Antonio Maria (org). **O princípio esquecido**. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 114.

¹⁸⁹ DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. 2. ed. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 465.

¹⁹⁰ PIZZOLATO, Filippo. **A fraternidade no ordenamento jurídico italiano**. In: BAGGIO, Antônio Maria. **O princípio esquecido**. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 113.

alteridade, significando pensar no "outro", não como inimigo ou obstáculo a ser vencido ou derrotado, mas como alguém que nos completa, que nos amadurece que nos lembra que não somos competentes sozinhos"¹⁹¹. Neste sentido: "A fraternidade recoloca em questão a comunhão de pactos entre sujeitos concretos com as suas histórias e as suas diferenças, não com os poderes e as rendas de posições que escondem o egoísmo"¹⁹².

O conceito de Fraternidade traz em si a potencialidade da plena cidadania entre os seres humanos, quando se reconhecem como iguais, irmãos, *fraternos*, que fazem parte de uma mesma família. Para Mardones, a fraternidade é "o cimento ou amálgama de uma comunidade política – local, nacional e/ou global – que se observa como confiança generalizada"¹⁹³. Podemos apontar esta como uma dimensão da fraternidade que adentra no reconhecimento do outro por um ato de amor um ato de comunhão. Segundo Barzotto:

A fraternidade é o modo próprio dos seres humanos viverem humanamente. Não há alternativas à fraternidade. Ao negar ao outro o reconhecimento de membro da família humana (irmão), nega-se a própria pertença à humanidade. A fraternidade é a expressão moral da verdade antropológica de que a vida plenamente humana é a vida com os outros e para os outros¹⁹⁴.

Quando tratamos alguém como irmão, quer dizer que tratamos o outro de igual para igual. Agindo assim nos aproximamos da regra de ouro descrita por Mahatma Gandhi: "A regra de ouro é ser amigo do mundo, é considerar 'uma só' toda a família humana", portanto, a vivência da fraternidade possibilita ao ser humano buscar não só o seu próprio bem, mas o bem comum da sociedade.

¹⁹¹ SOUZA SILVA, Juliana. SOUZA NETO, Samuel de. **Projeto 'Escola de Educadores': a fraternidade como prática pedagógica.** Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd91/ee.htm>, acesso em 28.10.2011.

¹⁹² RESTA, César. **O Direito Fraterno.** Tradução Sandra Regina Martini Vial (Coord.). Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC, 2004.

¹⁹³ MARDONES, Rodrigo. **Hacia una precisión conceptual de la fraternidad política.** In: BARRENECHE, Osvaldo. (org.). *Estudios recientes sobre fraternidad: de la enunciación como principio a la consolidación como perspectiva.* Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2010, p.57.

¹⁹⁴ BARZOTTO, Luís Fernando. **Fraternidade: uma aproximação conceitual.** In: MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; JABORANDY, Clara Cardoso Machado; BARZOTTO, Luciane Cardoso. *Direito e Fraternidade: em busca de concretização.* Aracaju: EDUNIT, 2018, p. 79.

O alicerce da Fraternidade é a pessoa como ser existente, a pessoa “abriga em si princípio vital comum individualizado na identidade irrepetível de cada um. O respeito por esta individualidade e a solidariedade com tal comunidade são pré-requisitos da fraternidade”¹⁹⁵.

E pelo forte caráter inclusivo e de alteridade, vislumbramos aproximações com as ideias de Ropelato:

(...) a categoria da fraternidade universal apresenta-se nesse debate com um peso considerável, capaz de interromper e, em certa medida, sanar os efeitos perversos da lógica que transforma inclusão em exclusão. Do ponto de vista político, a fraternidade coloca-se, antes de mais nada, como princípio de construção social, no qual o outro – se podemos definir-nos irmãos – não é diferente de mim, mas outro eu mesmo. Seu significado relacional e, portanto, dinâmico impele a buscar e a reconhecer mutuamente as fisionomias semelhantes entre os diversos sujeitos, grupos sociais e culturais. Além disto, a identificação de uma relação de fraternidade como pertencimento recíproco, entre atores sociais e políticos, implica pôr em prática relações de partilha e de responsabilidade (...)¹⁹⁶.

Em outras palavras Ropelato fala em fraternidade universal que pode ser compreendida como a união de relações de pertencimento recíproco e de responsabilidade, bem como no “respeito de cada uma das diferentes multiplicidades”¹⁹⁷.

Nessa perspectiva, a fraternidade retoma a sua proposta original e revolucionária de mudança e transformação social e se efetiva quando encontra uma sociedade politicamente solidária, de indivíduos livres e iguais.

Podemos falar da fraternidade de modo multifacetado, ou seja, há um conceito religioso, filosófico, político, sociológico e jurídico do termo. Chiara Lubich discorre que a fraternidade é a “categoria de pensamento capaz de conjugar a unidade e a distinção a que anseia a humanidade contemporânea”.

¹⁹⁵ DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. 2. ed. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 471.

¹⁹⁶ ROPELATO, Daniela. **Notas sobre participação e fraternidade**. In: BAGGIO, Antonio Maria (Org.). *O princípio Esquecido I: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas*. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2008, p. 103.

¹⁹⁷ *Idem, ibidem*, p. 103.

A palavra fraternidade contém na sua essência o sentido de corresponsabilidade, de interdependência e gera relacionamentos autênticos que possibilitam a concretização do bem-comum, de sentir-se partícipe da grande família humana, é voltada à construção do *ut omnes* no sentido do reconhecimento do outro que é diferente de mim, mas ao mesmo tempo igual a mim. “A fraternidade é dado fundamental no componente ontológico do ser humano: o homem é irmão. Uma resposta às exigências da fraternidade equivale à própria pessoa humana”¹⁹⁸. Segundo Vargas: “ser pessoa para experimentar a fraternidade, é ser ou estar em relação, uma relação que convida à reciprocidade”¹⁹⁹.

A vivência do concreto amor recíproco, reconhecer o outro como irmão, é a expressão humana do mais sincero desejo por união, do anseio de ver cair os muros que nos separam. “Chamar alguém de irmão supõe testemunho existencial visível, isto é, “fraternidade” implica prodigalizar-se em favor de objetivos e conteúdos tangíveis”²⁰⁰.

Para garantir um ambiente de Paz²⁰¹ que contraponha às crises vividas pelo ser humano na atualidade, a fraternidade não pode ser vista apenas como um sentimento, mas um princípio norteador das relações humanas onde o bem comum perpassa na vivência, no agir de cada indivíduo e tenha como fim o bem-estar da coletividade.

Segundo Chiara Lubich²⁰²: “A fraternidade liberta cada homem das amarras que o prendem, das multiformes de subordinação e de escravidão, de qualquer relacionamento injusto, realizando, assim, uma autêntica revolução existencial, cultural e política”.

¹⁹⁸ DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. 2. ed. Tradução da edição espanhola, adaptada por Augusto Guerra: Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 471.

¹⁹⁹ VARGAS, José Arturo Luna. **La persona, comunicación política y ética. Puntos claves para la construcción de lo público**. In: BAQUERO, Javier; NUIM, Susana (orgs.) Memorias del VI Seminario Internacional sobre estudios de fraternidad: perspectivas de lo político desde la fraternidad. Caruaru: Editora ASCES, 2018, P. 9.

²⁰⁰ DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. *op. cit.*, p. 468.

²⁰¹ Segundo BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000, p. 497: “A solução do problema da paz depende a nossa própria sobrevivência”.

²⁰² LUBICH, Chiara. **Discurso em Innsbruck (Áustria), no Congresso “1000 cidades para a Europa”**, donde fala do “Espírito de fraternidade na política, como chave da unidade da Europa e do Mundo”, na presença de numerosos Presidentes de Câmara, de altas personalidades da política europeia e das autoridades austríacas (Novembro de 2001).

Borin corrobora nossa assertiva, pois: “Reconhecer o outro como irmão exige uma atitude de diálogo, ou seja, ir ao encontro do irmão e desarmar-se, reconhecendo sua individualidade e o amando como realmente é”²⁰³. Deste modo, o autor confirma que: “O amor é capaz de transformar a sociedade violenta em uma sociedade com os princípios da Cultura de Paz”²⁰⁴.

3.1 A relevância histórica e social da Fraternidade

A relevância histórica da Fraternidade no mundo ocidental tem o seu ponto alto na revolução francesa²⁰⁵ que teve como lema a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, nasce em contrapartida a uma sociedade profundamente marcada pela injustiça social e que tinha anseios de políticas e novos modelos que promovessem a justiça e a paz. Antonio Baggio discorre que:

A fraternidade no decorrer da história, foi adquirindo um significado universal, chegando a identificar o sujeito ao qual ela pode referir-se plenamente: o sujeito “humanidade” – comunidade de comunidades-, o único que garante a completa expressão também aos outros dois princípios universais, a liberdade e a igualdade ²⁰⁶.

A abordagem do tema “fraternidade” é delicada, pois o pesquisador deve, antes de tudo, conceituar e situar de forma clara o termo para evitar confusões e imprecisões terminológicas. É fato que a expressão tem origem cristã, Cox entende que: “no núcleo mais forte do princípio da fraternidade está o ágape cristão: amor pelo próximo que prescinde toda noção de cálculo e reciprocidade”, mas no mundo laicizado consta, como dito no início deste subitem, do tríptico revolucionário francês do final do séc. XIX ao lado da liberdade e igualdade, deste modo, foi traduzido como categoria política e jurídica, a despeito do viés religioso.

²⁰³ BORIN, Luiz Cláudio. **Educação para a Paz**: uma proposta pedagógica para a não violência. Disponível em: http://www.faac.unesp.br/pesquisa/tolerancia/texto_educacao_borin.htm, acesso em 30.08.2012.

²⁰⁴ *Idem, ibidem*.

²⁰⁵ A Revolução Francesa foi um acontecimento apontado como um grande marco de entrada para o início da Idade Contemporânea, proclamando os princípios universais de “*Liberdade, Igualdade e Fraternidade*”.

²⁰⁶ BAGGIO, Antonio Maria. **O princípio Esquecido I**. São Paulo: Cidade Nova, 2008, p. 21.

A humanidade laica e politizada encontra na fraternidade construída e reconstruída ao longo do tempo e da história, um elemento potencializador e caracterizador da própria condição humana em sua dignidade intrínseca e natural. Os seres humanos devem promover a liberdade e a igualdade, pois são fraternos (irmãos). Vale destacar que o art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 ressalta e estabelece este parâmetro quando determina que todos os seres humanos nascem livres e iguais devendo agir reciprocamente com espírito de fraternidade.

Como visto, o termo não está aprisionado como categoria religiosa, mas adentra no próprio reconhecimento humano. Em outras palavras, a liberdade e a igualdade teriam sua concretização dificultada, ou mesmo inviabilizada, sem o “espírito fraterno”, logo, a fraternidade é condição indispensável na relação com o outro. Cerviño discorre:

Diante da tentação de ambos os princípios se desvirtuarem em egoísmo (o individualismo liberal e o coletivismo marxista), a fraternidade vem a ser aquele princípio que equilibra a liberdade e a igualdade, descentralizando-as e tornando-as complementares²⁰⁷.

“Podemos afirmar que a fraternidade se perdeu no tempo, porque brotou num contexto sumamente racionalista, que anulou a dimensão religiosa do ser humano, ou, pelo menos, reduziu-a à esfera privada”²⁰⁸, explica Cerviño. De fato, da tríade revolucionária francesa, a liberdade e a igualdade revelaram e desenvolveram a racionalidade; a fraternidade resgata a aspecto humanístico, lembrando ao ser humano que ele deve transpor os limites da razão ao considerar que a religiosidade faz parte de sua natureza.

Quando falamos em liberdade devemos considerar seus mais variados aspectos, ou seja, existe a liberdade de ir e vir, de expressão, de manifestação, de pensamento, de ação política, artística e, entre todas elas, a religiosa. Uma conquista do Estado laico é o reconhecimento de todas as manifestações de religiosidade sem que haja interferência estatal – nem

²⁰⁷ CERVIÑO, Lucas. **A fraternidade em conflito e o conflito fraterno**: contribuições a partir da interculturalidade. In: LOPES, Paulo Muniz (org.). *A fraternidade em debate: percurso de estudos na América latina*. São Paulo: Cidade Nova, 2012, p. 71.

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 73.

positiva, nem negativa – em seu funcionamento. É permitido até que as pessoas não professem fé alguma.

No raciocínio desenvolvido, uma atitude fraterna consistiria em não negar, não prejudicar a liberdade do outro em suas escolhas haja vista serem legítimas.

Acerca da igualdade, a fraternidade tem muito a contribuir, pois apenas conjugando estas duas expressões teremos o grau mais elevado de igualdade. Ao reconhecer o outro diferente de mim, mas igual a mim, percebemos a beleza e a grandeza do divino revelada também no outro. Segundo Baggio: “O conceito de fraternidade contém uma complexidade particular, devido ao fato de expressar uma relação de paridade entre dois sujeitos diferentes (...) a igualdade entre irmãos consiste na possibilidade de ser, cada um, livre na própria diversidade”²⁰⁹.

Diante destes argumentos difíceis de refutar, questiona-se o porquê da fraternidade ainda encontrar tantos obstáculos em sua efetiva aplicação. Martin Luther King constatou: “aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a arte de viver juntos, como irmãos”²¹⁰. Concordamos com Barzotto quando defende que a “fraternidade está ligada conceitualmente à ideia de dever”²¹¹; um dever recíproco que vai e volta, um sair de si ao encontro do outro, algo que vai na contramão do individualismo e das ações estratégicas visando o autointeresse tão difundidas nos dias atuais em uma sociedade hedonista e exclusivista. Baggio adverte que “a fraternidade, a relação fraterna, portanto, não é uma relação de troca, não está baseada sobre o valor do que se troca, pelo contrário, é uma relação de co-associação, fundada no valor intrínseco de existência de cada um”²¹².

²⁰⁹ BAGGIO, Antonio Maria. **La fraternità: una nuova categoria nello spazio pubblico**. In: OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; VERONESE, Josiane Rose Petry. Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão. Florianópolis: Funjab, 2011, p. 15.

²¹⁰ Cf: BERGOGLIO, Jorge Mário; SKORKA, Abraham; FIGUEROA, Marcelo. **A solidariedade**. Sandra Martha Dolinsky (Trad.) São Paulo: Benvirá, 2013, p. 29.

²¹¹ BARZOTTO, Luís Fernando. **Fraternidade: uma aproximação conceitual**. In: MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; JABORANDY, Clara cardoso Machado; BARZOTTO, Luciane Cardoso. Direito e Fraternidade: em busca de concretização. Aracaju: EDUNIT, 2018, p. 79.

²¹² BAGGIO, Antonio Maria. **La fraternidad antagonista: la interpretación freudiana y la fundación de la sociedad igualitaria y conflictiva**. In: BAGGIO, Antonio Maria (org.). *La fraternidad em perspectiva política: exigências, recursos, definiciones del principio olvidado*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2009, p. 209.

A correria frenética imposta pela vida moderna ressalta o adversarismo e a desconfiança ocultando a natureza das pessoas, aquilo que elas realmente são. Os papéis sociais mostram como as pessoas estão, mas não o que são em essência. Neste sentido, há o reconhecimento destes estados transitórios (ex: estar professor, médico, engenheiro, etc) quando desmoronam as estruturas que sustentam este *status quo* social (ex: um bombardeio que destrói a universidade, o hospital) e aparece apenas o eu, o ser. Quando isto ocorre volta-se à essência humana, às raízes do ser e mostram de forma concreta expressões de fraternidade trazendo consigo uma corresponsabilidade, mesmo percebendo diferenças (pois a liberdade de cada um permite a diversidade) e deve ser respeitada. Segundo Barzotto: “reconhecer o outro como irmão é respeitá-lo na sua liberdade (...) entre os irmãos, tem-se a expectativa de que cada um responderá por seus atos e sua vida”.²¹³

Nas crises mais profundas que a humanidade vivenciou na sua história, há exemplos concretos na promoção de ações solidárias e fraternas nas relações entre as pessoas. Não precisamos voltar muito no tempo para percebermos esta realidade, pois no momento atual, qual seja 2020, vivenciamos uma pandemia global causada pela COVID-19 a qual desencadeou uma crise sem precedentes na história recente da humanidade.

Em meio ao caos sanitário, econômico, social, político, etc, ações de solidariedade e fraternidade multiplicam-se, tais como a mobilização espontânea para ajudar pessoas em estado de vulnerabilidade social, apoio psicológico, distribuição de alimentos, doação de produtos de higiene pessoal, consultas médicas gratuitas e o trabalho incessante dos profissionais da saúde.

Como dissemos, nas situações extremas surge a solidariedade e a fraternidade no sentido de corresponsabilidade com o outro, o ser humano é por natureza coletivo e esta condição aflora com mais intensidade diante da fragilidade humana, na busca pela sobrevivência do gênero humano percebe-

²¹³ BARZOTTO, Luís Fernando. **Fraternidade**: uma aproximação conceitual. In: MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; JABORANDY, Clara cardoso Machado; BARZOTTO, Luciane Cardoso. *Direito e Fraternidade: em busca de concretização*. Aracaju: EDUNIT, 2018, p. 84.

se que juntos, no plano coletivo, são mais fortes e capazes de superar as adversidades.

Logo, a relação fraterna não está isolada da liberdade e igualdade, nem tão pouco as prescinde, pois estes são pressupostos indispensáveis para compreendê-la. Uma relação humana baseada na fraternidade exige o protagonismo de todos os envolvidos em um plano horizontal, proativo e atuante (liberdade), bem como equivalência entre todos permeada de reciprocidade, pois os agentes compreendem não possuir apenas direitos, mas também obrigações (igualdade), é preciso lembrar que há, na fraternidade, um comprometimento, um dever, mas este não é suportado por uma parte dos envolvidos, mas por todos.

Considerar-se irmão é comprometedor de fato. A solidariedade é considerada uma expressão da fraternidade, mas apenas e tão somente uma face, um aspecto, uma expressão parcial, deste modo faz-se necessário diferenciar os dois conceitos.

3.2 Diferenças entre solidariedade e fraternidade

Inicialmente é importante ventilar que a fraternidade pressupõe a liberdade e a igualdade. Caso haja uma impossibilidade do interlocutor em exercer plenamente a sua liberdade será preciso uma ação solidária para emancipá-lo e depois estabelecer, na liberdade de todos, uma relação fraterna. Não há plena fraternidade se existe *a priori* uma hierarquização relacional, pois a igualdade também é condição *sine qua non*. Segundo Barzotto, na solidariedade: “trata-se de assumir a responsabilidade pelo outro para que este, no período mais breve possível, assuma a responsabilidade por si mesmo”²¹⁴.

Logo, a solidariedade está ligada ao assistencialismo e, deste modo, a relação é verticalizada, pois há aquele que ajuda e o outro que é ajudado, denotando um sentimento de compaixão, a via é de mão única haja vista que não há reciprocidade, ao contrário, a unilateralidade é visível nos papéis desempenhados. Mardones considera a solidariedade como um vínculo

²¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 86.

“guiado pela racionalidade e não pelos sentimentos, que interpela a prover ajuda e que descansa na similaridade de interesses e metas ainda que se mantenha a diferença entre os membros”²¹⁵.

Citando Bayertz, Mardones diferencia quatro expressões de solidariedade, quais sejam social, humana, política e cívica. Por solidariedade social compreende como o “grau de identificação mútua entre os membros de um grupo como resultado de uma história, consciência, localização ou experiência comuns”²¹⁶. Em relação à solidariedade cívica é considerada a relação do Estado com o cidadão que é socorrido mediante uma política social. A solidariedade política ocorre quando um grupo se une em oposição a outro que titulariza o poder, ou seja, “gera um movimento social que une indivíduos a favor de uma causa contra as práticas e políticas que sustentam outro grupo”²¹⁷. A solidariedade humana é aquilo capaz de vincular e reconhecer o outro como semelhante, pertencente ao gênero humano. Bento XVI afirma que: “A solidariedade consiste primariamente em que todos se sintam responsáveis por todos e, por conseguinte, não pode ser delegada só ao Estado”²¹⁸.

Na fraternidade, as relações são horizontais e de mão dupla (bilateralidade). É possível que em determinados contextos seja preciso iniciar a experiência solidária e avançar na construção de uma sociedade fraterna.

A solidariedade seria o princípio de planificação social permitindo aos desiguais tornarem-se iguais, a fraternidade é o princípio que permite aos iguais serem pessoas diferentes pondo em comum suas potencialidades²¹⁹. A atitude fraterna gera uma relação fraterna, quando há aderência social e

²¹⁵ MARDONES, Rodrigo. **Por uma exatidão conceitual da fraternidade política**. In: LOPES, Paulo Muniz (org.). *A fraternidade em debate: percurso de estudos na América latina*. São Paulo: Cidade Nova, 2012, p. 41/42.

²¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 41/42.

²¹⁷ *Idem, ibidem*.

²¹⁸ BENTO XVI. **CARTA ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE**. 29 de junho de 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, acesso em 26 de Maio de 2020.

²¹⁹ FRANCISCO. Discurso proferido à Pontifícia Academia de Ciências Sociais em 24 de Abril de 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170424_messaggio-accademia-scienzesociali.html, acesso em 13 de maio de 2020.

enraizamento cultural gera uma sociedade fraterna. Entretanto, ressaltamos que dificilmente a sociedade será fraterna sem que antes seja solidária, haja vista que a finalidade da solidariedade é a inclusão, e como bem expressa o Papa Francisco: “a falta de solidariedade é anestésica, adormece a pessoa em relação às necessidades do outro”²²⁰.

Na Carta Encíclica *caritas in veritate*, Bento XVI considera a fraternidade como “prática da caridade na verdade” na gratuidade do amor que dá antes de receber, superando, portanto, a solidariedade genérica²²¹. Chiara Lubich, no mesmo pensamento, defendia a tese de “ser o primeiro a amar”²²².

3.3 Fraternidade na promoção do diálogo inter-religioso

Vargas defende que: “viver o paradigma da fraternidade é ser capaz de gerar ‘encontro’”²²³, este entendido como maior que a simples soma dos participantes, pois gera um algo mais, uma ambiência serena e feliz, campo fértil para o alargamento relacional e de confiança recíproca, um verdadeiro sentimento de pertença familiar muito além de laços de consanguinidade. Aqui temos uma pista relevante para compreender a importância da fraternidade na construção de um diálogo profícuo, qual seja a capacidade de “gerar encontro”, não apenas físico, presencial, mas um estado mais profundo de comunhão (comum união), neste viés, faz-se necessário estar aberto a escutar o outro verdadeiramente, sem anular-se, mas realmente estar interessado nas palavras que são proferidas. Segundo Bento XVI: “Também

²²⁰ BERGOGLIO, Jorge Mário; SKORKA, Abraham; FIGUEROA, Marcelo. **A solidariedade**. Sandra Martha Dolinsky (Trad.) São Paulo: Benvirá, 2013, p. 14.

²²¹ BENTO XVI. **CARTA ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE**. 29 de junho de 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, acesso em 26 de Maio de 2020.

²²² Chiara Lubich em um vídeo em língua italiana: “A arte do amor cristão”, em Taipei (Taiwan) em Janeiro de 1997, apresentou os “caminhos da unidade - a arte de amar”. Em suas palavras: “O amor verdadeiro – outra qualidade – toma a iniciativa. Significa que não espera ser amado para depois amar, mas ama primeiro. Assim como fez o Eterno Pai, que mandou Jesus para morrer por nós quando ainda éramos pecadores. Ele tomou a iniciativa de nos amar. O verdadeiro amor cristão ama primeiro. Experimentem fazer assim e verão a revolução que se desencadeia ao vosso redor vivendo um amor como esse. Portanto, atenção: amar sempre a todos, vendo Jesus neles, ser os primeiros a amar”.

²²³ VARGAS, José Arturo Luna. **La persona, comunicación política y ética. Puntos claves para la construcción de lo público**. In: BAQUERO, Javier; NUIM, Susana (orgs.) Memorias del VI Seminario Internacional sobre estudios de fraternidad: perspectivas de lo político desde la fraternidad. Caruaru: Editora ASCES, 2018, p, 10.

outras culturas e outras religiões ensinam a fraternidade e a paz, revestindo-se, por isso, de grande importância para o desenvolvimento humano integral”²²⁴. Parecendo concordar, Martin expõe que: “o diálogo é necessário para que possamos melhor conhecer as expressões de fé dos nossos irmãos e juntos crescer no amor e na esperança da união”²²⁵.

Esta atitude gera empatia – elemento da fraternidade – em contraposição à indiferença que é capaz de anular o outro rompendo com qualquer possibilidade dialogal. Miguel Niño corrobora esta afirmação ao expor que a fraternidade é o ponto de partida do ser dialogante²²⁶.

A fraternidade potencializa ao máximo o verdadeiro diálogo gerando frutos duradouros que se eternizam no tempo e na história. Vivendo assim, na reciprocidade – que também é elemento fraterno – poderíamos amar ao próximo como a nós mesmos e até avançarmos para amar a Igreja do outro como a nossa própria²²⁷. Dialogar enseja, portanto, escutar, considerar os interlocutores como iguais e ser fraterno.

Neste sentido, a fraternidade se relaciona com a interculturalidade por gerar inter-relação, diálogo, solidariedade e reciprocidade, a abertura à escuta silenciosa e o respeito aos posicionamentos dos diferentes é facilitada pelo espaço fraterno construído e aceito por todos os envolvidos no processo dialogal; envolve a paridade, pois não permite que uma cultura seja dominante, pois entre irmãos não há o binômio dominante/dominado, mas a interação comunicativa das diferentes culturas denota igualmente a multiplicidade do gênero humano em suas mais variadas expressões, inclusive e sobretudo religiosa, posto que estas realidades são constitutivas do ser humano, ou seja, todo e qualquer ser humano traz consigo elementos intrínsecos à natureza, como por exemplo a dignidade humana, mas são

²²⁴ BENTO XVI. **CARTA ENCÍCLICA CARITAS IN VERITATE**. 29 de junho de 2009. Disponível em: http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html, acesso em 26 de Maio de 2020.

²²⁵ MARTIN, Leonardo; PORTO, Humberto. **Unidade e fraternidade**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 79.

²²⁶ NIÑO, Miguel. **Diálogo y fraternidad en la construcción de paz**. In: BAQUERO, Javier; NUIM, Susana (orgs.) Memorias del VI Seminario Internacional sobre estudios de fraternidad: perspectivas de lo político desde la fraternidad. Caruaru: Editora ASCES, 2018, p. 64.

²²⁷ Cf: DE MARCO, Viviana. **Amare la Chiesa dell'altro come la propria**. Klaus Hemmerle e l'unità dei cristiani. In: Nuova Umanità. Rivista bimestrale di cultura, nº 204, 2012.

diferenciados entre si por questões religiosas, políticas, sociais, linguísticas, culturais. “A fraternidade traz consigo um princípio de realidade que explica a constituição do ser humano, o modo com o qual o ser humano é e com o qual ele gostaria de ser considerado: livre e igual, porque irmão”²²⁸, segundo Baggio.

As relações fraternas, na construção de uma sociedade fraterna rumo à fraternidade universal naturalmente deve estar aberta à pluralidade cultural com igual dignidade de fala e escuta. Tal situação não se concebe em um ambiente controlado e determinado por nenhum dos envolvidos, por este motivo pode conduzir a resultados inesperados de concórdia ou discórdia, consenso ou dissenso, mas permeada de confiança e respeito conducentes a uma verdadeira interação.

Desta forma, a fraternidade não pode ser restrita à busca pelo consenso e afastamento do conflito, este continua a existir dada a multiplicidade dos interlocutores, de suas experiências, desejos, história, cultura, mas a forma de equacionar os conflitos é diferente pois em uma ambiência fraterna há elementos já destacados acima como confiança recíproca, igualdade e liberdade com plena autonomia. Conforme discorre Baggio: “a fraternidade, enquanto condição humana, pode ser difícil, conflituosa; mas abre à liberdade e à igualdade, uma condição de amor que deve ser conquistada”²²⁹.

3.4 Os efeitos da Fraternidade na Religião

O Papa Francisco, no início do seu pontificado na Jornada mundial pela paz em 2014, dedicou-se ao tema da fraternidade, tratando de modo significativo, como fundamento e caminho para a paz. A mensagem desperta para a reflexão dos desafios vivenciados pela sociedade, o que chamou de

²²⁸ BAGGIO, Antonio Maria. ***La fraternità: una nuova categoria nello spazio pubblico***. In: OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; VERONESE, Josiane Rose Petry. Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão. Florianópolis: Funjab, 2011, p. 15.

²²⁹ BAGGIO, Antonio Maria. ***La fraternità: una nuova categoria nello spazio pubblico***. In: OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; VERONESE, Josiane Rose Petry. Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão. Florianópolis: Funjab, 2011, p. 16.

‘globalização da indiferença’, e aponta como alternativa a fraternidade. Afirmo logo no início da mensagem que no “no coração de cada homem e mulher, habita o anseio duma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade”, sendo assim uma dimensão essencial do ser humano.

O Papa ressalta ainda na mensagem, os inúmeros dramas que atingem a família humana, como: pobreza, conflitos, criminalidade e fundamentalismos, “em muitas partes do mundo, parece não conhecer tréguas a grave lesão dos direitos humanos fundamentais, sobretudo dos direitos à vida e à liberdade de religião”²³⁰. Enfatiza que a fraternidade deve perpassar por todos os aspectos da vida humana, econômica, política e social. Pressuposto fundamental para a realização de um mundo mais justo e mais pacífico. “A fraternidade gera paz social, porque cria um equilíbrio entre liberdade e justiça, entre responsabilidade pessoal e solidariedade, entre bem dos indivíduos e bem comum”²³¹.

Destacamos ainda o documento sobre a Fraternidade Humana em Prol da Paz mundial e da Convivência Comum, assinado pelo Al-Azar, Ahmad al - Tayyeb e o Papa Francisco em Abu Dabhi, por ocasião da sua visita apostólica aos Emirados Árabes Unidos. O documento, tem uma relevância significativa no relacionamento entre o Cristianismo e Islamismo, verdadeiro marco histórico.

Um documento pensado com sinceridade e seriedade para ser uma declaração conjunta de boas e leais vontades, capaz de convidar todas as pessoas, que trazem no coração a fé em Deus e a fé na *fraternidade humana*, a unir-se e trabalhar em conjunto, de modo que tal documento se torne para as novas gerações um guia rumo à cultura do respeito mútuo, na compreensão da grande graça divina que torna irmãos todos os seres humanos.

²³⁰ FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz. 1º de janeiro de 2014. Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. Disponível em:

http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvi-giornata-mondiale-pace-2014.html. Acesso em 26 de junho de 2019.

²³¹ *Idem, ibidem.*

A importância deste documento não diz respeito apenas ao mundo Islâmico-Cristão, possui um forte impacto internacional, tendo em vista o contexto no qual a assinatura foi firmada, na conferência: *Global Conference of Human Fraternity*, conferência inter-religiosa, promovida pelo conselho de muçulmanos idosos. Entre os objetivos da reunião destacam-se: A promoção de uma cultura global de paz, a promoção da fraternidade como valor humano, o fortalecimento do conceito fundamental de cidadania, respeito pela diversidade e a tolerância a diferentes manifestações de fé. A visita do Papa como Líder Religioso e Chefe de Estado na Conferência representa um marco de colaboração na construção da fraternidade e abertura ao diálogo.

A novidade deste documento é o fato de ser construído conjuntamente e assinado por esses dois grandes líderes religiosos, o documento inicia com a afirmação de que a fé em Deus é o fundamento da fraternidade, evoca a sinceridade e a seriedade do texto produzido juntos, e propõe após uma série de invocações em nome de Deus, “adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério”²³².

Um pedido imbuído de reconhecimento mutuo e fraterno é realizado pelos dois líderes no documento, inicialmente a eles mesmos, aos líderes do mundo inteiro, aos promotores da política Internacional, da economia mundial, para o comprometimento e promoção da tolerância, e convivência pacífica na tentativa de poder “intervir, o mais breve possível, a fim de se impedir o derramamento de sangue inocente e acabar com as guerras, os conflitos, a degradação ambiental e o declínio cultural e moral que o mundo vive atualmente”. Coloca-se assim em relevo o papel e atuação concreta da religião na construção da paz mundial

Assim entendemos que o diálogo inter-religioso permeado de um agir fraterno, pode promover uma comunicação que permita a melhor compreensão da própria religião e a abertura de conhecimento a do outro,

²³² FRANCISCO. Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum. *Abu Dabhi, 4 de fevereiro de 2019*. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em 29 de julho de 2019.

numa dimensão de reciprocidade que possibilita viver e agir juntos nas situações concretas da vida. Situações que necessitam de uma maior sensibilidade, frente aos sofrimentos gerados pela indiferença, pelo individualismo, pela intolerância e pela falta de paz.

O diálogo com efeito pode tornar-se vida, e mesmo que possa parecer insuficiente frente aos desafios postos pelo mundo contemporâneo, pode ser o início para a mudança de postura, para a abertura ao outro, e negação a tudo o que fere a dignidade humana.

A fraternidade promove uma interação autêntica ao oportunizar o encontro de diferentes, mas que se reconhecem em mesmo patamar, assim vislumbramos que numa sociedade onde permita tal concepção a fraternidade, o agir fraterno, será uma resposta ao desejo permanente da humanidade de reconhecer-se como irmão, possibilitando o fortalecimento do diálogo inter-religioso.

CAPITULO 4: O diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares como fruto da vivência de um carisma.

No quarto capítulo faremos inicialmente uma breve apresentação da fundadora do Movimento dos Focolares para que possamos situar o contexto histórico e percurso que fomentaram o desejo e a prática do diálogo dentro dessa espiritualidade. Também apreciaremos as formas de diálogo²³³, frutos, obstáculos, bem como os desafios que a relação dialógica suscita e as possibilidades de superação destas dificuldades utilizando-se o princípio da fraternidade. Para tanto adentraremos na experiência realizada pelo Movimento dos Focolares pós-vaticano II, apresentando as diversas realidades vivenciadas por seus membros na construção efetiva de um diálogo fraterno e sua contribuição à Igreja Católica na promoção do diálogo inter-religioso.

O Concílio Vaticano II, no que tange o diálogo inter-religioso, deve ser compreendido como um projeto de abertura e aproximação fraterna da Igreja Católica no sentido de estabelecer, ao lado das diversas religiões, passos seguros e constantes na busca deste objetivo. Entretanto, todo Concílio está sujeito à prova da recepção e da implementação, sendo necessário considerar, segundo Dupuis:

O magistério da Igreja pós-conciliar, para ver se e até que ponto as intuições do Concílio foram coerentemente seguidas nos anos seguintes, se foram ulteriormente aprofundadas e promovidas, se a doutrina da Igreja sobre as outras religiões avançou durante os trinta anos que nos separam do Vaticano II²³⁴.

Agora, com mais de 55 anos do Concílio Vaticano II as vivências e experiências vividas no seio da Igreja e nos movimentos eclesiais modificam e dão novo tom à história. Destacamos nas próximas páginas a experiência de ‘encarnação’ vivenciada pelo Movimento dos Focolares no diálogo com o

²³³ Para citar alguns, quais sejam: a) o diálogo da vida, b) o diálogo das obras, c) o diálogo dos intercâmbios teológicos e o d) diálogo da experiência religiosa.

²³⁴ DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 227.

Mundo e juntamente com a Igreja que se abre a aventura do diálogo inter-religioso.

4.1 Chiara Lubich e o nascimento do Movimento dos Focolares

Chiara Lubich, nasceu em Trento, uma cidade ao norte da Itália, a 22 de Janeiro de 1920, a segunda de quatro filhos, foi batizada na Igreja de Santa Maria Maior, da mesma cidade. Durante a sua vida sempre teve uma grande atração pelos estudos, pela filosofia, pelo desejo do conhecimento de Deus, chegou a inscrever-se na Faculdade Estatal de Filosofia de Veneza, mas devido aos contratempos causados pela II Guerra Mundial, não conseguiu prosseguir ²³⁵.

No período da II Guerra Mundial, em meados de 1943, aos 23 anos, Chiara Lubich²³⁶ sente um forte chamado de Deus a uma entrega total da sua vida e recebe a permissão para a sua consagração. Consagra-se nesse mesmo ano no dia 7 de dezembro. Esta data representará uma nova etapa na vida de Chiara e que dará início ao Movimento dos Focolares.

Nesse período a humanidade vivenciava um grande momento de desunião e intolerância, uma guerra de proporções mundiais, em meio aos bombardeios, onde tudo desmoronava ao redor da pequena cidade de Trento, Chiara Lubich reuniu um grupo de jovens e as convidou a viverem radicalmente o Evangelho, arriscando as suas próprias vidas. As palavras do evangelho, conta Chiara²³⁷ pareciam iluminadas por uma nova luz, a oração que Jesus dirigiu ao Pai antes de morrer: “que todos sejam um”²³⁸, tornou-se a meta de suas vidas. “De tempos em tempos o Espírito Santo envia à sua Igreja certos dons, os ‘Carismas’, para responder às expectativas da humanidade e resolver problemas específicos da época, frequentemente indicados pelos ‘sinais dos tempos’, como lhe chamou o Papa João XXIII”²³⁹

²³⁵ Cf. FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 50.

²³⁶ Silvia Lubich, adota o nome de “Chiara”, no período que esteve integrada como membro da Terceira Ordem Franciscana.

²³⁷ Fundadora do Movimento dos Focolares.

²³⁸ Jo 17,21

²³⁹ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 13.

Nos anos de 1950, o Focolare tem uma expressiva difusão dentro da Itália, fato que chama atenção e causa dúvidas no mundo católico, dada a originalidade presente e marcante no Movimento. Alguns bispos e a Igreja de Roma passam a estudar atentamente o Movimento o qual se difunde e que não se encontra enquadrado nos cânones tradicionais das associações leigas dessa época.

Em meados de 1960 inicia-se a difusão do “ideal da unidade” fora dos limites territoriais da Itália. Chiara Lubich envia médicos, profissionais de diversas áreas membros do Movimento dos Focolares, para trabalhar nos países da “cortina de ferro”, que separava a Europa em dois blocos: o oriental (comunista) e o ocidental (capitalista). O testemunho de ação concreta de vivência do cristianismo, da fraternidade nesses países suscita a admiração e o apreço nas pessoas, de modo marcante entre as autoridades comunistas.

Em 1962 acontece a aprovação definitiva do Movimento, como Obra de Maria, por João XXIII. O Movimento é aprovado em um contexto original da Igreja, que é chamada a dialogar com o mundo, novo momento teológico com ares de mudanças. Em 1963, início do pontificado do Papa Paulo VI, Chiara expôs a novidade que o Movimento dos Focolares trazia à Igreja nas várias audiências que aconteceram (Figura 1). Tais encontros foram fecundos, pois o próprio Papa ajudou Chiara a redigir o Estatuto dos Focolares. Em suas palavras, Chiara revela: “ele (o Papa Paulo VI) ajuda-me a escrever, trecho a trecho, um Estatuto, que corresponde perfeitamente ao desenvolvimento que então tinha o Movimento. E a Obra é aprovada completamente”²⁴⁰.

²⁴⁰ LUBICH, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000, p. 102.



Figura 1 - A primeira audiência de Chiara Lubich com o Papa Paulo VI em 1964 ²⁴¹.

Ressaltamos este ponto que nos parece fundamental. Antes do Movimento abrir-se ao diálogo com todos, cumprindo um desígnio dado pelo Espírito Santo, qual seja fomentar a unidade e a fraternidade universal, Chiara Lubich, como fundadora, desde os primórdios, tudo realizou em perfeita sintonia e consonância com a Igreja Católica dando um testemunho concreto de unidade a qual inicia no seio de sua Igreja e, juntamente com ela, leva a todos os povos, religiões, não religiosos, ou seja, a todos, este Ideal iluminado por Deus. Em suas palavras: “da primeira vez que fui recebida por ele em audiência, dissera-me ‘Diga-me tudo. Aqui tudo é possível’. O Senhor entrevistava então, usando o Papa. O pensamento de Deus na Igreja acabava agora por coincidir com o de Deus na Obra”²⁴².

Por ocasião da aprovação dos estatutos, a Igreja evidenciou que a característica do apostolado realizado pelo Movimento é o amor recíproco, estabelecendo que a finalidade é a unidade que deve ser “reavivada entre católicos, a ser realizada com os irmãos cristãos de outras denominações, com fieis de outras religiões e a ser alcançada com pessoas de convicções mais diversas”²⁴³. Abrindo assim um horizonte a uma experiência que não tem fronteiras.

²⁴¹ Fonte: Cf: <https://www.focolare.org/pt/news/2015/10/17/paolo-vi-e-chiara-lubich-due-carismi-che-sincontrano/>

²⁴² LUBICH, Chiara. *op.cit*, p. 102.

²⁴³ LUBICH, Chiara. **Como um Arco-íris**: Aspectos Concretos da vida do Movimento dos Focolares. São Paulo: Cidade Nova, 2016, p.84.

Atualmente o Movimento dos Focolares, também denominado Obra de Maria, é um movimento eclesial de espiritualidade, predominantemente leigo e está presente em 182 países no mundo, de origem cristã-católica, mas também envolvendo cristãos de várias igrejas, fiéis de diversas confissões religiosas e pessoas que não professam uma fé religiosa.

Com 77 anos de história, o Movimento dos Focolares possui cerca de dois milhões de internos, aderentes e simpatizantes, entre os quais 140 mil são seus animadores, estão divididos em 22 setores e distribuídos em 36 regiões ao redor do mundo. Conta ainda com aproximadamente 50 mil fiéis de 350 Igrejas e Comunidades Eclesiais cristãs e mais de 7 mil os fiéis de várias religiões (judeus, muçulmanos, budistas, hinduístas, taoístas e outros), além de serem cerca de 100 mil os amigos de convicções não religiosas²⁴⁴.

4.2 Mariápolis permanentes ao redor do mundo

As Mariápolis permanentes são pequenas cidades dos Focolares ao redor do mundo que se desenvolveram ao longo da história do Movimento e nasceram por inspiração da sua fundadora. São locais onde as pessoas residem, trabalham, estudam e procuram colocar em prática o mandamento do amor evangélico: “Amai-vos uns aos outros como eu vos ameï” (Jo 15,12).

Atualmete existem 33 ‘pequenas cidades’ do Movimento presentes em diversos países, tais como: Itália, Suíça, Áustria, Alemanha, Bélgica, Croácia, Polônia, República Tcheca, Grã-Bretanha, Irlanda, Portugal, Espanha, França, Holanda, Estados Unidos, México, Brasil, Argentina, Chile, Venezuela, Filipinas, Camarões, Costa do Marfim, Quênia, Líbano, Paquistão, Austrália e Loppiano²⁴⁵.

Na figura 2 podemos visualizar a presença do Movimento dos Focolares ao redor do mundo.

²⁴⁴ Cf: site oficial do Movimento dos Focolares. <https://www.focolare.org/pt/chi-siamo/>, acesso em 11 de Maio de 2020.

²⁴⁵ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 552.



Figura 2- Mariápolis permanentes ao redor do mundo.²⁴⁶

A primeira Mariápolis permanente surgiu em 1964 e está localizada em Loppiano na Itália, nos arredores de Florença e conta atualmente com cerca de 800 (oitocentos) habitantes procedentes dos 5 continentes: há focolarinos e focolarinas, famílias, jovens, leigos empenhados no trabalho pela sociedade, sacerdotes, religiosos e ocasionalmente um bispo. Loppiano destaca-se por ser um centro internacional de formação.

No Brasil, há 3 (três) Mariápolis permanentes, quais sejam:

a) Mariápolis Santa Maria, localizada em Igarassu-PE que possui uma vocação social, haja vista estar inserida em um contexto de fortes problemas sociais. No local funciona a Escola Santa Maria a qual iniciou suas atividades no final da década de 1960 como resposta concreta ao problema do analfabetismo existente localmente. Foi reconhecida de forma oficial pelo Estado de Pernambuco em 1982 como um projeto ligado ao Movimento dos Focolares. A Escola continua em pleno funcionamento atendendo cerca de 500 (quinhentas) crianças com educação de qualidade e formação humana do ensino infantil ao fundamental, desta forma contribuindo para redução das desigualdades sociais.

²⁴⁶ Fonte: <http://mariapolispiero.org/the-mariapolis-piero/permanents-mariapolis-in-the-world/>, acesso em 10 de Novembro de 2020.



Figura 3 - Alunos na Escola Santa Maria e Figura 4 - imagem aérea da Mariápolis Santa Maria²⁴⁷.

b) Mariápolis Glória, localizada em Benevides-PA, pequena cidade com pouco mais de 50 mil habitantes também com forte desigualdade social e contexto de violência, a qual nasceu no início da década de 1970 como centro de formação das comunidades do Movimento dos Focolares que estavam na Região Norte do País. No local funciona a Escola Fiori, um centro de acolhimento para o período pós-escola, como um segundo turno para as crianças. São cerca de 300 (trezentas) crianças que desde a primeira infância até o quinto ano do ensino fundamental recebem um reforço educacional e são valorizados em um clima de família e paz. Interessante é que os operadores do centro são todos ex-alunos, já formados pela Escola, e que representam um modelo emancipatório para os mais jovens.



Figura 5 - Mariápolis Glória, Benevides-PA²⁴⁸.

²⁴⁷ Fonte: <https://centromariapolisne.org.br/>, acesso em 10 de Novembro de 2020.

²⁴⁸ Fonte: <https://centromariapolisgloria.org.br>, acesso em 10 de Novembro de 2020.

c) Mariápolis Ginetta, localizada em Vargem Grande Paulista-SP, a qual nasce em 1972 e hoje conta com famílias, jovens, crianças, profissionais, sacerdotes e religiosos de todo lugar do Brasil e do mundo. Encontram-se vários frutos desta experiência, na área social com iniciativas na educação (no Jardim Margarida e no Bairro do Carmo os quais atendem crianças com risco de violência e drogas); também funciona como centro de formação nacional para membros do Movimento dos Focolares, a editora nacional, qual seja a “Cidade Nova” e local onde nasceu a Economia de Comunhão, em 1991.



Figura 6 - Imagem X: Mariápolis Ginetta, Vargem Grande Paulista-SP²⁴⁹.

4.3 O Método por Excelência da Espiritualidade da Unidade

Experiências vivenciadas nas últimas décadas pelos membros do Movimento dos Focolares em diversas regiões do mundo apontam pistas concretas e efetivas de um diálogo fraterno, corresponsável com o mundo da vida entre membros de diversas religiões.

Em uma entrevista, sobre a difusão da espiritualidade do Movimento e a sua expansão no mundo, referenciando o método, o caminho, as atitudes concretas, Chiara responde: “o método por excelência que deve estar na base de qualquer outro é o ‘amor’ o amor ao irmão que deriva, como efeito de sua própria causa, do amor a Deus”²⁵⁰.

A originalidade proposta pelo Movimento dos Focolares, se traduz no, “que todos sejam um” que se reconhecem como irmãos e irmãs filhos de um

²⁴⁹ Fonte: <https://cmginetta.org.br/estrutura>, acesso em 10 de Novembro de 2020.

²⁵⁰ LUBICH, Chiara. **Chiara Lubich e o Movimento dos Focolares**. São Paulo: Cidade Nova. 1983, p.31.

único Pai. A vivência concreta da fraternidade é capaz de gerar a transformação cultural, social, relacional que o mundo precisa.

Por ocasião de um convite recebido pela ONU para discursar aos embaixadores e a personalidades do diálogo inter-religioso em maio de 1997, Chiara afirma:

É necessária uma reciprocidade capaz de levar cada protagonista da vida internacional a 'viver o outro', as suas necessidades e capacidades; não é só em situações de emergências, mas a partilhar cotidianamente a sua existência²⁵¹.

E continua: "Excluir a guerra não basta, devem ser criadas as condições para que cada povo sinta-se impelido a amar a pátria alheia como a própria, num intercâmbio desinteressado de dons".²⁵²

Em um discurso realizado em Londres, em 22 de Junho de 2004, Chiara Lubich afirmou que: "Outra questão central provém da necessidade de defender e valorizar a riqueza proveniente das diferenças étnicas, religiosas, culturais, mesmo no horizonte dos irreversíveis processos de globalização em andamento"²⁵³.

Para Chiara Lubich o diálogo vai além da tolerância, não que esta não seja importante e necessária, entretanto o diálogo é outra coisa completamente diferente: é um enriquecimento recíproco, é apreciar-se, é sentir-se irmãos, é criar uma fraternidade universal já nesta terra²⁵⁴.

O Papa João Paulo II em visita à sede central do Movimento dos Focolares, em agosto de 1984, pôs em evidência como núcleo central da

²⁵¹ LUBICH Chiara. **Discurso na ONU**, por ocasião do Simpósio: "Rumo à Unidade das Nações e à Unidade dos Povos". Sede das Nações Unidas, New York, 28 de Maio de 1997. Disponível em: <https://www.focolare.org/wp-content/uploads/2016/10/UTR-DS-19970528-TT-A-pt1.pdf>. Acesso: 14 de maio de 2020.

²⁵² *Idem, ibidem.*

²⁵³ LUBICH, Chiara. **Libertad, igualdad... qué fin tuvo la fraternidad?** Londres, 2004, disponível em: <http://www.mppu.org/es/documentos/chiara-lubich/47-libertad-igualdad-que-fin-tuvo-la-fraternidadpdf.html> acesso em 15 de Maio de 2020.

²⁵⁴ LUBICH, Chiara. **Diálogo como cultura**. Maracaibo: Universidad Católica Cecilio Acosta, 2005, p. 112.

espiritualidade da unidade que anima esta obra, seja o amor e como viver a radicalidade do amor seja a sua específica vocação²⁵⁵.

Muitos relacionamentos foram construídos ao longo dos anos, tendo como premissas “fazer-se um”, a fraternidade universal e o diálogo autêntico com a vida. Diversos membros do Movimento, focolarinos e focolarinas doaram as suas próprias vidas, transferindo-se de suas terras natais, deixando a própria pátria e família no desejo de contribuir para que tais premissas se tornassem realidades vivas.

4.4 A “arte de amar” como chave profícua para o diálogo

Neste momento da pesquisa abordaremos o caráter pedagógico e formador presente no Movimento dos Focolares, uma espécie de cartilha de vivência da espiritualidade do carisma da unidade, explicando passo-a-passo à luz do Evangelho como um membro da Obra de Maria deve comportar-se em seus relacionamentos. Será de suma importância para entendermos a fecundidade dialógica estabelecida com todos os seres humanos. A fundadora denominou de “arte de amar”.

A “arte de amar” contém 6 (seis) passos, quais sejam: amar a todos; amar por primeiro; amar a todos como a si mesmo; fazer-se um; amar Jesus no outro e o amor mútuo (recíproco). Discorreremos sobre cada um deles, mas algo já desperta atenção, qual seja o amor, presente em todos eles que se traduz na prática de várias formas na multiplicidade das relações e que fora ressaltado pelo Papa João Paulo II ao afirmar: “Há também o radicalismo do amor de vocês [...] um radicalismo que descobre a profundidade do amor nas diferentes situações e que busca fazer que esse amor vença sempre em cada circunstância, em cada dificuldade”²⁵⁶.

²⁵⁵ LUBICH, Chiara. *L’amore reciproco: nucleo fondamentale della spiritualità dell’unità*. In: CIARDI, Fabio. *L’unità un segno dei tempi: i giovani religiosi si interrogano*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 23.

²⁵⁶ Cf: LUBICH, Chiara. *A arte de amar*. São Paulo: Cidade Nova, 2006, p. 13.

Também o termo “arte”, o qual deriva do latim *ars* significando técnica ou habilidade humana em sentido plural se enraizando na própria cultura. Vejamos cada um dos pontos.

Ainda antes de iniciarmos o primeiro ponto, ressaltamos o referencial de toda “arte de amar”: Deus é amor. Inserido dentro do magistério da Igreja Católica e arrimado no Evangelho de Jesus, o Movimento dos Focolares orienta que Deus convoca todos os cristãos a amar e, desta forma, defendem a centralidade ocupada pelo amor no cristianismo. Consideram que a prática da “arte de amar” surge da vivência do Evangelho o qual reflete na dimensão espiritual e humana resignificando todas as manifestações do ser humano nos mais variados âmbitos, portanto, tem o poder de renovar a cultura, política, economia, ciência, etc.

O primeiro ponto: Amar a todos. Consideram como a primeira qualidade do cristão, um amor que não exclui ninguém por mais diferente que seja, portanto, nada pode ser um empecilho para o amor como pátria, cor, religião, idade. Para alcançar este objetivo, defendem a fraternidade universal ao considerarem todos como filhos de um mesmo Pai. De maneira pedagógica estabelecem que todos são importantes, portanto, pretendem afastar os julgamentos pois não há superioridade de nenhuma natureza e os pré-julgamentos destroem qualquer possibilidade de unidade. Utilizam o “amar ao próximo” como fora lecionado por Jesus, um de cada vez, reconhecendo Jesus em cada um. Este amor ao irmão não deve encontrar limites (nem mesmo os inimigos são excluídos). Relacionam amar a servir, por isso estão à serviço de todos, neste sentido: “o cristianismo é uma coisa séria, não é uma mão de verniz, um pouco de compaixão, de amor, de esmola. O cristianismo é exigente, é plenitude de vida”²⁵⁷. Este amor pregado deve igualmente ajudar, esperar, acolher e perdoar. Objetivam a criação de um mundo novo onde todos se amam.

O segundo ponto é: Amar por primeiro. Seguindo a “cartilha” do diálogo, o Movimento dos Focolares propõe que seus membros devem dar o primeiro passo, amando por primeiro, ou seja, tomando a iniciativa, sendo

²⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 22.

protagonistas em primeira pessoa, expondo-se, abrindo-se ao outro, imitando a Deus pois reconhecem que Ele sempre amou a todos em primeiro lugar, relembram o Evangelho segundo São João que adverte: “se Deus assim nos amou, devemos nós também, amarmos uns aos outros”²⁵⁸. Envolve gratuidade e não esperam retorno, pois “no amor o que vale é amar”²⁵⁹, também desejam ver as pessoas sempre com olhos novos e perdão renovado sem ficarem presos ao passado, isso é chamado de “pacto de misericórdia”.

Vislumbramos uma radicalidade evangélica na prática diária e uma extrema confiança nas palavras de Jesus ao afirmar: “quem me ama, a ele me manifestarei” (Jo, 14,21). Assim é conduzido este ponto da “arte de amar” desenvolvido desde os primórdios deste Movimento, pois em meio ao intenso bombardeio em Trento (norte da Itália) durante a II Guerra Mundial e todo o caos gerado por esta triste página da história da humanidade, não havia muita gente disposta a isso, apenas uma motivação maior, divina, é que poderia suscitar em um grupo pequeno de moças este sentimento e ação concreta que desde então se alastrou no mundo inteiro.

O terceiro ponto: Amar como a si mesmo, encontra fundamento na “regra de ouro”, presente nas mais diversas religiões, bem como nas pessoas de boa vontade, o “fazer aos outros o que gostaria que fosse feito a você”, esta é considerada pelos Focolares como a medida do amor fraterno.

O próximo passo da “arte de amar” traz ensinamentos de como pôr em prática o verdadeiro amor pelo próximo, qual seja “fazer-se um”. Para Chiara significa “assumir os fardos deles, as preocupações deles, partilhar os sofrimentos e as alegrias deles”²⁶⁰.

No desenvolvimento deste ponto, há a referência à primeira carta de São Paulo aos coríntios quando ele exclama que para os fracos se fez fraco. Também é arrimada na própria experiência de Jesus que sendo Deus, fez-se

²⁵⁸ Cf: Jo 4,11.

²⁵⁹ *Idem, ibidem*, p. 27.

²⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 38.

homem, em tudo igual ao gênero humano, exceto no pecado²⁶¹, de fato, Ele foi o primeiro a “fazer-se um” com todos.

O amor é a chave do profícuo diálogo desenvolvido pelo Movimento dos Focolares e o modo de amar é esse: “fazer-se um”, aliás, a unidade é o carisma deste Movimento cristão. “Não poderemos penetrar o íntimo de um irmão para compreendê-lo, para ouvi-lo, para partilhar seu sofrimento, se nosso espírito estiver rico de uma apreensão, de um julgamento, de um pensamento...”²⁶²

Na pedagogia do Movimento estudado, “tudo deve ser cedido ou posposto por amor dos irmãos”²⁶³, inclusive, por exemplo, estar disposto a perder Deus na missa ao encontrar Deus no irmão necessitado de ajuda à beira da estrada. Neste ponto observamos mais uma inspiração evangélica análoga a parábola do bom samaritano e em Santo Agostinho quando afirmava “ama e faz o que quiseses”. A advertência dos Focolares é “cortar tudo aquilo que pode servir de obstáculo”²⁶⁴, além de “arregaçar as mangas e agir: obras, obras, fazer, fazer”²⁶⁵. Tentam deste modo mais uma vez imitar Jesus, pois Ele não se limitou às palavras, mas em inúmeros atos de amor concreto. Isto é importante, pois mesmo fazendo muito uso da palavra, sejam nos vídeos gravados, músicas, nas centenas de livros, revistas... não descuidam das ações concretas as quais sustentam e corroboram aquilo que foi exposto. Mais uma vez verificamos o diálogo com a própria vida.

Amar Jesus em cada um atendendo às suas palavras “cada vez que o fizestes a um desses irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Chiara expõe:

Se, de algum modo, Cristo está presente em todos, não podemos fazer discriminações nem ter preferências. Vão pelos ares os conceitos humanos que classificam os homens por país, idade, condição social, dotes pessoais, bens ou outros critérios. Cristo está por trás de cada um, Cristo está em cada um.²⁶⁶

²⁶¹ Também aqui os Focolares tentam imitar Jesus, pois devem se fazer um com todos, menos no pecado.

²⁶² *Idem, ibidem*, p. 39.

²⁶³ *Idem, ibidem*, p. 39.

²⁶⁴ *Idem, ibidem*, p. 41.

²⁶⁵ *Idem, ibidem*, p. 42.

²⁶⁶ *Idem, ibidem*, p. 51.

Por fim, na pedagogia fraterna da “arte de amar”, é apresentado o amor mútuo, também denominado de amor recíproco, o qual atende as palavras de Jesus: “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

Estes pontos apresentados são essenciais para compreendermos a abertura ao diálogo com todos realizado pelo Movimento dos Focolares e a cartilha que seguem, bem como aquilo que os motiva. O sucesso no relacionamento duradouro com pessoas de outras religiões, bem como as que não professam fé religiosa, também no seio da própria Igreja Católica e os demais cristãos não-católicos, deve-se em grande parte a esta disposição de amar, pondo na prática cotidiana da vida as mais diversas faces da arte de amar.

4.5 As Ramificações dos Diálogos Potencializados pela Espiritualidade da Unidade

No decorrer dos anos com a difusão e aprovação do Movimento pela Igreja Católica, nasceram diversos diálogos espontâneos os quais percorreram trajetórias diferentes, no seu contato, na sua abordagem, porém todos permeados pela Espiritualidade da Unidade.

Chiara Expressa:

Dialogar significa, em primeiro lugar, colocar-se no mesmo plano. Não acreditar que se é melhor que os outros. E significa também ouvir o que o outro tem no coração. Significa afastar todos os nossos pensamentos, os afetos do coração, os apegos. Afastar tudo para poder entrar no outro. Depois, naturalmente, se pode pedir também ao nosso interlocutor para nos ouvir. Dessa maneira, entendemos os elementos comuns e concordamos em vive-los juntos. Isso realiza a fraternidade universal, pela qual queremos agir. Dessa maneira, é possível reunir-se mesmo com as pessoas mais distantes e diversas²⁶⁷.

O Diálogo proposto por Chiara passa pela escuta autêntica do outro, pela ação na descoberta de novos caminhos para a construção de pontes,

²⁶⁷ ZANZUCCHI, Michele. *Mille lune. In India con Chiara Lubich*. Roma: Città Nuova, 2001, p. 67.

onde desmoronem os preconceitos, renovem-se os relacionamentos e promovam a unidade e fraternidade universal.

Para tal empenho, para que este seja concretizado, Chiara propõe algumas linhas mestras no encontro com o outro que nascem dos pontos da espiritualidade coletiva que são resumidos em cinco diretrizes ou princípios, a saber: a) a visão radical de que todos os seres humanos são candidatos à unidade, b) que cada próximo é ‘um Jesus’ para amar, c) a prática do serviço aos irmãos de modo desinteressado, d) a necessidade de compreender as suas exigências, e) a ponto de fazer-se um, criar relacionamentos. Este pode ser alcançado vivendo o amor a Jesus crucificado e abandonado, experimentado não apenas como uma chave de união pessoal com Deus, mas também de unidade com os irmãos. A unidade que é Jesus em Meio, a comunicação plena é Jesus em Meio.²⁶⁸

Chiara Lubich leciona que a desconfiança e o medo ocorrem pela falta de fraternidade nos relacionamentos humanos, pois no mundo globalizado encontramos “uns ao lado dos outros, mas não junto com os outros”²⁶⁹. Em seus escritos enfatiza o valor da relação valorizando a reciprocidade e sedimentando no amor fraterno.

Essas linhas apresentadas são fundamentais para a compreensão dos métodos e diálogos com diversos setores da sociedade que foram desabrochados ao longo dos tempos no Movimento, tendo como finalidade “o que todos sejam um”²⁷⁰.

O Papa João Paulo II em ocasião do sexagésimo aniversário do Movimento, define os focolarinos como ‘apóstolos do diálogo’, vejamos:

As Focolarinas e os Focolarinos tornaram-se apóstolos do diálogo, como um caminho privilegiado para promover a unidade: diálogo dentro da Igreja, diálogo ecumênico, diálogo inter-religioso, diálogo com os que não têm uma fé religiosa. Nestes sessenta anos, muitas mudanças sociais rápidas e

²⁶⁸ BACK, Joan Patricia. *II Contributo del Movimento dei Focolari Alla Koinonia Ecumenica: uma spiritualità del nostro tempo al servizio dell'unità*. Città Nuova. Roma, 1988, p.97.

²⁶⁹ LUBICH, Chiara. Mensagem ao I Congresso Nacional sobre o tema “Direito e Fraternidade”. Rocca di Papa, 25 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.comunionediritto.org/br/30-testi/brasile-2008/330-i-congresso-nacional-sobre-o-tema-direito-e-fraternidade.html>, acesso em: 27 de Maio de 2020.

²⁷⁰ Jo 17,21

profundas marcaram a vida do mundo! A humanidade tornou-se cada vez mais independente e, procurando interesses passageiros, acabou por perder os seus valores de referência. E agora corre o risco de se encontrar quase “sem alma”, isto é, sem o princípio unificador fundamental de todos os seus projetos e atividades²⁷¹.

Assim as ramificações do diálogo são potencializadas em cinco dimensões, o diálogo com a Igreja, o diálogo ecumênico, o diálogo inter-religioso, o diálogo com pessoas de convicções não religiosas e por fim o diálogo com a sociedade e a cultura.

É muito importante destacar que no nascimento e fundação do Movimento dos Focolares não estavam previstas essas estruturas e que todas foram frutos do desejo de unidade e de realização do ‘que todos sejam um’, da fraternidade universal.

Passaremos neste momento à análise destes diálogos.

4.5.1 O primeiro diálogo: no interior da Igreja

O chamado primeiro diálogo no Movimento dos Focolares refere-se àquele realizado no interior da própria Igreja Católica com os demais carismas, congregações religiosas, associações leigas e movimentos eclesiais no sentido de assegurar a unidade. Estar em unidade com a Igreja Católica sempre foi uma premissa indispensável externada pela Fundadora, Chiara Lubich, para tanto há obediência às decisões do Vaticano e a busca em atuar em sintonia.

Neste sentido, o diálogo no interior da Igreja inicia-se logo nos primórdios do Movimento, qual seja nos anos quarenta, período em que nas igrejas italianas nasciam constantemente grupos de leigos os quais mobilizavam forças católicas no interesse de causas comuns. Assim logo nos primeiros anos do Movimento são estabelecidos com outros fundadores de

²⁷¹ JOÃO PAULO II. Mensagem do Papa João Paulo II à fundadora do Movimento dos Focolares, Sra Chiara Lubich, no 60º aniversário de fundação. 4 de dezembro de 2003. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/december/documents/hf_jp-ii_spe_20031206_chiara-lubich.html. Acesso em 5 de agosto de 2019.

Movimentos um relacionamento autêntico, de reciprocidade, estima e dispostos a trabalharem juntos.

Dentre os fundadores e suas respectivas obras destacamos, a título meramente exemplificativo, mas que demonstra o desejo de dialogar, o Padre Leone Veuthey em 1947, fundador da “cruzada da caridade”; Padre Riccardo Lombardi, fundador do “Movimento por um mundo melhor”, em 1956; Padre Patrick Peyton fundador da “Cruzada do rosário em família”; com o Padre Pedro Richards fundador do “Movimento familiar cristão”, em 1948; também nas décadas de 50 e 60 com os carismáticos, na interlocução com o Cardeal Suenens, com o Padre Virgínio Rotondi do “Movimento Oásis”; Kiko Arguello (fundador do “Caminho Neocatecumenal”); Dom Luigi Giussani (fundador de “Comunhão e libertação”); Madre Tereza de Calcutá (fundadora das “Irmãs da caridade”); Werenfried Van Straaten (fundador da “Ajuda à Igreja que sofre”), Andrea Riccardi (fundador da Comunidade de Santo Egídio)²⁷².

O relacionamento dialogal de Chiara com os demais fundadores era o de promover um “encontro” dos carismas suscitados pela ação do Espírito Santo no sentido de que todos pudessem partilhar a riqueza de cada um em profundidade e comunhão sem contudo deixar o seu próprio.

Em 1984, João Paulo II visitou o centro internacional do Movimento dos Focolares e em 1985 Chiara Lubich foi nomeada consultora do Pontifício Conselho para os leigos, além de, a partir de 1985, participar de vários sínodos dos bispos, tais como: 20º aniversário do Concílio Vaticano II; a de vocação e missão dos leigos em 1987; sobre a Europa em 1990 e 1999. Em 1997, Chiara foi convidada a apresentar o Movimento na Assembléia Geral da Conferência Episcopal filipina, em Manila; após esta, nos anos seguintes, foi convidada pelas Conferências Episcopais de Taiwan, Suíça, Argentina, Brasil, Croácia, Polônia, Índia, República Checa, Eslováquia e Áustria²⁷³.

Destacamos como fato significativo para a história da Igreja, dos Movimentos e das Comunidades, que marca a entrada para o novo milênio, a

²⁷² FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, pp. 341-346.

²⁷³ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://focolares.pt/chiara-lubich/na-igreja-catolica/>, acesso em 31 de Maio de 2020.

Vigília de Pentecostes em Maio de 1998, evento especial na praça de São Pedro que contou com a participação de vários fundadores e de mais de 300 mil pessoas. Em seu discurso Chiara expressa o empenho de responder prontamente ao desejo de união realizado pelo Papa João Paulo II:

Sabemos que a Igreja deseja a comunhão plena entre os movimentos, a sua unidade que, de resto, já começou. Mas nós queremos assegurar-lhe que, sendo o nosso carisma específico a unidade, nos empenharemos com todas as nossas forças para contribuir para a sua plena realização.²⁷⁴

Em sua fala, o Papa João Paulo II saudou Chiara e outros fundadores: “Dirijo um pensamento de particular gratidão a Chiara Lubich, Kiko Arguello, Jean Vanier e Mons. Luigi Giussani pelos seus comoventes testemunhos”²⁷⁵.

Esse momento na praça de São Pedro oportunizou diversos outros encontros abrindo a porta da Igreja para o Terceiro Milênio.

4.5.2 O segundo diálogo: Ecumênico

A Espiritualidade da Unidade abre-se também ao diálogo com outras confissões cristãs um relacionamento que cresce pelo desejo fraterno de unidade, fazendo brotar o diálogo ecumênico dentro do Movimento com Luteranos, Reformados e Anglicanos. Chiara Lubich ressalta a dimensão ecumênica, nas suas palavras:

A espiritualidade do Movimento contém em si elementos muito úteis ao diálogo com as várias Igrejas. O amor e a vida tocaram de forma especial os nossos irmãos e irmãs ortodoxos, coptas, etíopes, armênios, siro-ortodoxos e assírios. Depois, a Palavra de Deus, sublinhada no Movimento de um modo muito especial, abriu uma comunhão com os evangélicos luteranos. A unidade despertou interesse sobretudo nos anglicanos, a começar pelas autoridades. “Onde estão dois ou três unidos no Meu nome, Eu estou no meio deles” (cf. Mt. 18, 20) é, finalmente, a palavra-chave para o diálogo com os irmãos da Igreja reformada”.²⁷⁶

²⁷⁴ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 346.

²⁷⁵ JOÃO PAULO II. Discurso na VIGÍLIA DE ORAÇÃO DURANTE O ENCONTRO DOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E DAS NOVAS COMUNIDADES. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/may/documents/hf_jp-ii_spe_19980530_riflessioni.html, acesso em 31 de maio de 2020.

²⁷⁶ LUBICH, Chiara. **A Unidade e Jesus Abandonado**. Lisboa: Cidade Nova, 1985, pp. 97-98.

Assim dá-se início a inúmeros encontros, os primeiros foram realizados na Alemanha, na década de 1960, quando um grupo de Evangélicos-Luteranos escutou pela primeira vez Chiara Lubich, em Darmstadt, ficaram tocados pela sua proposta, simples, mas radical, de uma vida alicerçada sobre a Palavra de Deus. No mesmo período, devido a numerosos contatos e encontros informais, foi fundada uma secretaria para o ecumenismo, chamada “Centro Uno”, em Roma. Igino Giordani foi o primeiro diretor e continuou neste cargo até a sua morte, em 1980²⁷⁷. Embora os encontros tenham iniciado na década de 1960, Chiara revela: “mas já antes de 1960 tínhamos iniciado este tipo de diálogo. Pio XII, numa audiência, tinha-no-lo confiado, mas apenas em relação à Itália”²⁷⁸.

Posteriormente com representantes da Igreja Anglicana e com representantes da Igreja Reformada da Suíça sucessivamente.

Destacamos de modo especial o relacionamento do Movimento dos Focolares, de Chiara em primeira pessoa, com a Igreja Ortodoxa por intermédio do Padre Angelo Beghetto²⁷⁹. No ano de 1967, o patriarca Atenágoras I, tendo ouvido falar dela e de sua espiritualidade, convida Chiara a Istambul, este momento seria a pedra fundamental das relações com os ortodoxos. Nessa ocasião o patriarca Atenágoras expressa:

É grande coisa conhecer-nos; temos vivido isolados, sem ter irmãos, sem ter irmãs, por muitos séculos, como órfãos. Os primeiros séculos da Igreja foram para os dogmas e a organização da Igreja. Nos dez séculos seguintes tivemos os cismas, a divisão. A terceira época, esta, é a do amor²⁸⁰.

Abre-se uma estrada de comunhão entre Atenágoras e Chiara, ao todo foram vinte e cinco encontros, permeados por um diálogo de vida, de espiritualidade.

²⁷⁷ Cf: site oficial do Movimento dos Focolares. <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/chiese-cristiane/> acesso em 13 de Maio de 2020.

²⁷⁸ Lubich, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000, p. 101.

²⁷⁹ Padre Angelo Beghetto, italiano, franciscano, foi um dos primeiros religiosos a aderir à espiritualidade da unidade, em 1960 chega a Istambul, e abre um importante caminho ecumênico com a Igreja Ortodoxa.

²⁸⁰ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 360.

Do relacionamento construído com o patriarca Chiara escreve:

Desde o início, houve uma convergência de pensamentos, sentimentos e métodos porque Atenágoras tinha fé acima de tudo no 'diálogo do amor'. [...] e via no Movimento uma maneira de implementar esse 'diálogo do amor'. Portanto, mostrou desde o início uma confiança comovente no Movimento e um amor caloroso, porque ele viu que nosso ecumenismo era feito de vida, de comunhão de almas. De fato, costumava sorrindo definir-se como um 'simples membro' do Movimento, dizendo: 'Todos nós precisamos desse espírito'²⁸¹.

Destacamos que esses momentos foram concomitantes aos encontros de Atenágoras e Paulo VI, os quais tiveram o intermédio de Chiara pela sua aproximação de ambos líderes religiosos²⁸². Em uma carta até então inédita, datada de 3 de março de 1968, Paulo IV escreve a Chiara:

À diletta filha em Cristo, Chiara Lubich, queremos expressar quanto conforto, quanta edificação, quanta esperança trouxeram ao nosso espírito as notícias que a senhora nos comunicou depois de suas conversas com o venerando patriarca Atenágoras, tão admirado e amado por nós na caridade de Cristo. Queira o Senhor assistir, com suas luzes e sua graça, os passos em comum que vamos dando rumo à perfeita comunhão de fé e de amor, na única Igreja de Cristo. Pedindo-lhe e assegurando de nossa parte orações por esse altíssimo fim, nós a abençoamos de coração. Paulus PP.VI²⁸³

Após a morte do patriarca Atenágoras I, o relacionamento teve continuidade com os seus sucessores, quais sejam Demétrios I e posteriormente, Bartolomeu I. Também após a morte de Chiara Lubich em 2008 e por ocasião da eleição da nova presidente do Movimento, Maria Emmaus Voce, o patriarca Bartolomeu I, quis encontrar-se com ela num encontro oficial perante a sua Igreja em Constantinopla para reiterar a

²⁸¹ BACK, Joan Patricia. ***Il contributo del Movimento dei Focolari Allá koinonia ecumenica: uma spiritualità del nostro tempo al servizio dell'unità***. Roma: Città Nuova Editrice, 1988, p.227

²⁸² "A providência quis que eu fosse o intermediário oficioso entre ele e o Santo Padre Paulo VI. Quis que conhecesse o seu pensamento, o seu pungente e veemente desejo de unidade da Igreja ortodoxa com a nossa Igreja, que fosse durante anos embaixadora do seu terno, delicado amor pelo Papa. E também portadora das respostas do Papa a ele". LUBICH, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000, p. 103.

²⁸³ TORNO, Armando. **Levar a Ti o mundo em meu braços**: vida de Chiara Lubich. São Paulo: Cidade Nova, 2011, p. 85.

amizade crescente com os membros do Movimento e estes como ligação permanente com a Igreja Católica²⁸⁴.

A espiritualidade proposta pelo Movimento dos Focolares paulatinamente teve a adesão de cristãos das Igrejas ortodoxas orientais: siro-ortodoxos, coptas, etíopes, armênios e assírios. Interessante é que Chiara Lubich, referindo-se ao diálogo ecumênico, discorre que: “nunca pensamos ser chamados a fazê-lo, mas o fato é que o programa desta Obra está todo no céu”²⁸⁵.

Ao longo dos anos os encontros ecumênicos multiplicaram-se, gerando espaços de diálogo, comunhão e vida. Fruto desses relacionamentos com as diversas Igrejas cristãs nasce em Otmarling (Alemanha) em 1968 nos arredores de Augsburg, uma Mariápolis permanente²⁸⁶ ecumênica pela ‘Fraternidade de vida comum’, tendo como finalidade contribuir no efetivo diálogo ecumênico. Atualmente a pequena cidade possui um centro de espiritualidade que recebe visitantes do mundo inteiro para conhecer e experimentar de modo pessoal esta convivência ecumênica marcada pelo amor cristão.

Tantos outros eventos e encontros ocorreram e continuam a ocorrer no âmbito do Movimento em relação ao diálogo ecumênico.

4.5.3 O terceiro diálogo: inter-religioso.

O diálogo inter-religioso representa uma das expressões externas mais significativas do Movimento dos Focolares, desde os anos 60 o relacionamento tornou-se cada vez mais estreito e frutuoso com outras tradições religiosas: budistas, religiões tradicionais africanas, hindus, Muçulmanos xiitas e sunitas, judeus entre outras.

²⁸⁴ VOCE. Emmaus Maria. **Desafios:** a Presidente dos Focolares Fala da Igreja, Sociedade e do Próprio Movimento. In: Alexandre Magno de Araújo (Trad). São Paulo: Cidade Nova, 2014, p.34

²⁸⁵ LUBICH, Chiara. **O Grito.** Parede: Cidade Nova, 2000, p. 99.

²⁸⁶ As Mariápolis permanentes “podem ser definidas como um esboço de sociedade nova – com casas, escolas, oficinas de trabalho, etc. – cuja lei é o amor recíproco, proposto pelo Evangelho. Surgiram pelo desejo de dar uma continuidade permanente à experiência realizada nas Mariápolis (Cidade de Maria). As Mariápolis, que se realizam desde 1949, são encontros onde pessoas de todas as idades e profissões formam uma cidade em miniatura e onde todos procuram viver a lei evangélica do amor recíproco”. Disponível em: <https://focolares.pt/sobre-as-cidadelas/>. Acesso em 19 de julho de 2020.

Sendo esse um dos objetivos da nossa pesquisa no item 4.5 discorreremos as experiências vivenciadas fruto desse relacionamento embasado no diálogo fraterno e mútuo reconhecimento²⁸⁷.

4.5.4 O quarto diálogo: com pessoas de convicções não religiosas

Um outro diálogo muito importante desenvolvido pelo Movimento dos Focolares é aquele realizado com pessoas não religiosas²⁸⁸, pois segundo Roberto Montanelli: “crente e não-crente, nós e vós, são barreiras mentais obsoletas quando se trata de dialogar a sério”²⁸⁹. De fato, a escuta, o diálogo sincero e respeitoso, sem julgamentos nem proselitismo, buscando encontrar pontos em comum nas grandes questões que envolvem a humanidade, sempre evidenciar o positivo, os acertos do outro, fez brotar um ambiente livre e frutuoso entre um Movimento cristão católico e pessoas autodeclaradas não religiosas.

Interessante é perceber e descobrir a vivência do Evangelho nas pessoas que não se consideram religiosas, mas cuja prática não os rotula em nenhuma religião, mas os reveste com outros conceitos tais como justiça social, solidariedade, caridade, desapego, alteridade, fraternidade, políticas públicas, economia de comunhão, ética pública... esta beleza em encontrar tanta potencialidade e concretização evangélica, um verdadeiro testemunho (talvez inconsciente) religioso no sentido de “amar o irmão que vê”, impulsionou o Movimento dos Focolares a desenvolver cada vez mais este “4º diálogo” o qual representa uma troca muito interessante onde cada um não perde suas convicções, ao contrário, sentem-se livres para partilhar em um clima acolhedor e de mão dupla, onde se dá e também recebe com a mesma abertura, pois não há o desprezo a ninguém porque todos são chamados a viver a unidade.

²⁸⁷ Conforme o art. 135 do Estatuto Geral da Obra de Maria, o qual, na parte oitava, estabelece a “norma para o relacionamento com os fiéis de outras religiões”, o qual dispõe: “podem aderir à Obra de Maria, nos seus ramos, na qualidade de colaboradores, os fiéis das religiões não cristãs que amam a Obra na sua fisionomia espiritual ou por qualquer característica particular, que se sintam ligados a essa e que desejem, enquanto for para eles possível, viverem o espírito e compartilhar os fins”.

²⁸⁸ Afasta-se a concepção dicotômica de crente e não-crente, pois as pessoas sempre crêem em algo ou alguém, como um pensador, um filósofo, etc.

²⁸⁹ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 408.

Chiara Lubich percebeu muito cedo – e acima de seu tempo histórico – que o divino está impregnado no ser humano e se manifesta externamente de diversas maneiras, por este motivo não permite a exclusão de ninguém. Segundo Chiara, cada um em particular tem uma vontade de Deus específica, um desígnio divino²⁹⁰, esta constatação a encantava e perceber esta particularidade era algo que a impulsionava na interação com todos.

A aproximação do Movimento dos Focolares com pessoas não-religiosas foi natural e sempre existiu desde o início, unidos pelos apelos da humanidade e necessidades sociais, “até que a Igreja, pela boca de Paulo VI, encorajou explicitamente estes contatos”²⁹¹. No ano de 1964, Paulo VI, em uma audiência com Chiara, parece dar voz explícita à vontade de Deus no Movimento, afirmando: “como você fez com cristãos não-católicos, agora abra um diálogo com ateus”²⁹².

Vale ressaltar que o Papa João XXIII, na Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963), não se dirigia somente aos católicos, mas:

A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus²⁹³.

A partir deste marco histórico, passos concretos foram dados como a busca em compreender suas convicções. Em 1978 surgiu o “Centro internacional para o diálogo com pessoas de convicções não religiosas”; No ano de 1992 aconteceu, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo (Roma), o 1º Congresso Internacional, evento que vem se repetindo ao longo do tempo;

²⁹⁰ TORNO, Armando. **Levar a Ti o mundo em meus braços**: vida de Chiara Lubich. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2011.

²⁹¹ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 411.

²⁹² DAL RI, Claretta. **Diálogo com persone di convinzioni diverse**: nella prospettiva aperta da Chiara Lubich. Roma: Città Nuova, 1996, p. 10.

²⁹³ JOÃO XXIII. **Carta Encíclica Pacem en Terris**. 11 de abril de 1963. Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html, acesso em 1º de junho de 2020.

em 2003 foram criados cursos de aprofundamento e a organização de escolas de formação específicas para este diálogo (com preparação em conjunto), sendo que:

Talvez pela primeira vez, na história da Igreja, quem tem convicções não-religiosas é olhado não só com um amor preferencial e privilegiado, mas mais profundamente compreendido 'de dentro', quer como pessoa, quer como pertencente a uma cultura histórica".²⁹⁴

O fundamento metodológico destas escolas reside em uma via de mão dupla que naturalmente é aceito por todos em pontos de partida imprescindíveis como conhecer a própria identidade; o respeito pelo outro e sua cultura; reciprocidade, bem como a disponibilidade e paciência em: "escutar para compreender e confrontar-se com as razões do outro, consideradas sempre e de qualquer modo, um enriquecimento; a consciência que as convicções do outro tem dignidade plena, tanto quanto as nossas"²⁹⁵.

Nas palavras de Chiara:

Queremos exaltar quer a humanidade de Jesus, quer a sua divindade. Vocês ajudam-nos a colocar em evidência o aspecto humano de Jesus, os seus valores: a paz, a unidade, os direitos humanos, a liberdade, tudo coisas que estão em vosso patrimônio²⁹⁶.

Na sequência, Chiara expõe sua percepção acerca do que significa "religião", as suas palavras são importantes para nossa investigação uma vez que denota de forma muito clara a orientação da fundadora aos demais membros dos Focolares, explicando a motivação em desenvolver um diálogo com todos. Percebemos um imenso amor a Jesus, pois nunca duvidou de sua fé, vocação e amor incondicional à Igreja Católica, mas tais convicções, ao invés de afastá-la daqueles que não professavam sua fé, a impelia a uma abertura dialogal na busca das riquezas trazidas pelos demais. Em suas palavras:

²⁹⁴ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 411.

²⁹⁵ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/persona-di-convinzioni-non-religiose/>, acesso em 02 de Junho de 2020.

²⁹⁶ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. *Op. cit.*, p. 413.

Nós acreditamos numa religião não relegada só para o céu, mas profundamente humana. Sabemos que Deus é amor: demonstrou-o o fato que não ficou no céu a gozar da sua infinita bem-aventurança mas, no Filho, fez-se um de nós. E é isto que permite uma profunda ligação convosco, empenhados como estais em respeitar, potenciar o ser humano, cada homem, com o incremento e a salvaguarda dos seus valores²⁹⁷.

O testemunho de Chiara e dos Focolares, não apenas em palavras, mas em ações concretas no desenvolvimento do diálogo com todos, sem excluir ninguém, mas igualmente sem pretensões de conversão, proselitismo ou qualquer outra ação estratégica, colocando-se em paridade com o outro numa relação fraterna aproximou as pessoas que não se sentiam julgadas ou condenadas previamente por não compartilharem a mesma fé. Segundo Lubich: “Um diálogo construído sem amor, não seria diálogo, mas outra coisa, proselitismo, por exemplo. O proselitismo deve estar do lado de fora desta porta, não pode estar aqui, porque, senão, não há diálogo”²⁹⁸. Para ela o proselitismo é contrário ao cristianismo porque não é amor para o outro, é amor por si mesmo, por seu grupo ou por sua Igreja, e adverte que temos que ser amor para os outros²⁹⁹.

Observamos, na literatura (teoria), no Estatuto Geral³⁰⁰ e na prática dos Focolares, um empenho em trabalhar juntos com as pessoas independentemente da fé religiosa professada ou mesmo a ausência dessa fé. Desta forma, oferecem um testemunho de diálogo profícuo. Chiara mesma dirigindo-se às pessoas de convicções não religiosas afirmou: “sem vocês o Movimento perderia a sua identidade”³⁰¹. Clarià discorre que no Movimento dos Focolares: “a presença deste diálogo não é opcional, é um elemento

²⁹⁷ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 415-416.

²⁹⁸ LUBICH, Chiara. **Diálogo como cultura**. Maracaibo: Universidad Católica Cecilio Acosta, 2005, p. 112.

²⁹⁹ *Idem, ibidem*, p. 113.

³⁰⁰ Conforme o art. 136 do Estatuto Geral da Obra de Maria, o qual, na parte nona, estabelece a “norma para o relacionamento com aqueles que não têm uma fé religiosa”, dispondo que: “Podem aderir à Obra de Maria na qualidade de colaboradores, pessoas de boa vontade que não têm fé religiosa, mas que valorizam a Obra por sua espiritualidade ou por qualquer de suas características e que desejam, como é possível, viverem seu espírito e compartilhar sua finalidade”.

³⁰¹ CLARIÀ, Carlos. **In diálogo tra persone di convinzioni diverse: storia e sviluppo**. In: *In dialogo per la solidarietà*. Castel Gandolfo: Città Nuova, 1999, p. 16.

essencial, a presença de nossos amigos de convicções não religiosas. Uma realidade para construir entre todos, juntos”³⁰².

Não poderia ser diferente, pois Chiara Lubich entendeu sob o bombardeio em Trento, na Segunda Guerra Mundial, que tudo passa, só Deus permanece. Intuímos que a experiência vivida em meio ao caos da guerra despertou na fundadora do Movimento dos Focolares a percepção do amor de Deus por todos, sem distinção, onde cada um possui um valor único e irrepetível, logo, o fato de ninguém ser excluído no diálogo com o Focolare confirma o carisma da unidade, o *ut omnes*, todos um.

4.5.5 O quinto diálogo: com a cultura e a sociedade

Em 1998, surge o chamado quinto diálogo no Movimento dos Focolares chamado de “inundações”, termo inspirado em São João Crisóstomo, o qual falara que a sabedoria cristã era semelhante a um rio a inundar a humanidade e suas realidades. Objetiva criar um diálogo com a cultura e a sociedade em geral considerando os mais variados âmbitos, mas sempre arrimados em valores contidos no Evangelho, em outras palavras, deseja contribuir para a construção de uma cultura baseada nos ensinamentos de Jesus na interlocução com os diversos atores sociais, entre eles os políticos, economistas, acadêmicos de todas as áreas do conhecimento humano, tudo isso animado pelo espírito de unidade e fraternidade universal. Neste sentido, são organizados eventos, publicações, fóruns e encontros os quais fomentam estudos nas mais diversas disciplinas, a partilha e o diálogo.

Expressões concretas destas “inundações”, por exemplo, é o “Comunhão e Direito” o qual envolve os profissionais da área jurídica; “Eco One”, com as preocupações ecológicas; Movimento Político pela Unidade (MPPU) em 1996, fomentando o Ideal da unidade entre os políticos dos mais variados partidos; Economia de Comunhão (EDC) em 1991, o qual envolve os economistas e aqueles que se dedicam à temática; a rede *Health, Dialogue, Culture* (HDC) envolvendo os profissionais da área de saúde e os interessados em discutir e aprofundar os temas relacionados; *Social One* com os estudiosos das ciências sociais; Clartè: artistas em diálogo em 1999;

³⁰² *Idem, ibidem.*

NetOne: rede de comunicadores sociais (2000). Estes são apenas exemplos ilustrativos deste quinto diálogo.

No Brasil, ressaltamos que em maio de 1991, Chiara Lubich, em mais uma visita ao país, período em que por aqui passava mais uma forte recessão econômica, e como durante toda a sua história palco de desigualdades sociais presentes nas imagens contraditórias de “barracos e favelas” e edifícios grandiosos “verdadeiras catedrais ao deus consumo”. É nesse contexto, em um evento realizado na Mariapólis Gintetta em São Paulo, que Chiara lança um projeto, nas suas palavras:

Aqui deveriam surgir empresas cujos lucros fossem livremente colocados em comum, com o mesmo objetivo das comunidades cristãs: antes de tudo para ajudar aqueles que precisam, oferecer-lhes trabalho, de modo não exista mais nenhum pobre indigente. Além disso, os lucros serviriam para desenvolver a própria empresa e para formar homens novos: sem homens novos não se faz uma sociedade nova.

Assim, como um sonho, sonhado juntos com todos ali presentes naquela sala, e depois com todos os membros do Movimento dos Focolares no Brasil, nasce a Economia de Comunhão (EDC) que citamos acima. A proposta de Chiara envolveu a todos e principalmente aos empresários que aderiram a nova lógica embasada na comunhão, na tripartição dos lucros, a integração entre empresas, pobres e cultura de comunhão.

Com mais de 30 anos de existência a Economia de Comunhão, difundiu-se por diversos países, encontrando adesão principalmente entre as comunidades do Movimento ao redor do mundo, que possibilitou investimentos em projetos educacionais, projetos de habitação e projetos de promoção da saúde.

Tantos diálogos não são concretizados apenas de forma intuitiva e sem formação, ao contrário, o Movimento dos Focolares oferece aos seus membros escolas apropriadas para cada situação específica, deste modo, há as Escolas Ecumênicas, Escolas de Ecumenismo³⁰³, Escolas para o diálogo

³⁰³ LUBICH, Chiara. **Como um arco-íris**: aspectos concretos da vida do Movimento dos Focolares. São Paulo: Cidade Nova, 2016, p. 397: “as Escolas Ecumênicas reúnem os membros da Obra das diversas confissões. As Escolas de Ecumenismo são voltadas aos membros católicos da Obra, para sensibilizá-los quanto às exigências do ecumenismo e dotá-los dos conhecimentos necessários”.

inter-religioso, Escolas para o conhecimento do ensino social da Igreja Católica, Escolas para o diálogo com a cultura ocidental contemporânea, dentre outras³⁰⁴.

4.6 O florescimento do Diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares

Com o passar dos tempos e pela vivência radical do Evangelho, e com aprovação da Igreja Católica, os membros e simpatizantes do Movimento dos Focolares multiplicaram-se pelo mundo. Alargou-se entre membros de outras Igrejas cristãs com o chamado ao Ecumenismo como vimos anteriormente, e com pessoas de diferentes denominações religiosas. “Parecia que o Senhor quisesse usar também do nosso Movimento para fazer desmoronar preconceitos inveterados e para promover um recíproco conhecimento e estima, premissas úteis à unidade que se realizará”³⁰⁵.

Assim nasce e cresce uma espiritualidade que busca o ideal da unidade não somente entre os cristãos, mas que se abre e compromete-se com o diálogo com pessoas de outras religiões, o que representa uma necessidade urgente, mas também um desafio dos tempos atuais.

Pela “regra de ouro”: “Faça aos outros aquilo que gostaria que fosse feito a você”. É possível estabelecer uma abertura ao diálogo e gerar frutos, experiências concretas de vida e atuação conjunta.

Na sequência apresentaremos alguns acenos importantes da trajetória do diálogo no Movimento dos Focolares com diversas tradições religiosas, que geraram bases sólidas e relações de amizade duradoura. Também destacamos Chiara Lubich, como primeira mulher e cristã a falar numa mesquita, ou na Índia com os hindus de inspiração gandhiana, ou em Tóquio e na Tailândia onde contou a sua experiência de cristã a monges e monjas budistas, na República dos Camarões a um grupo de tradição animista.

³⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 397.

³⁰⁵ AA.VV., **O Movimento dos Focolares**. São Paulo: Cidade Nova. p. 67.

4.6.1 O diálogo da vida: Religiões tradicionais africanas

Em 1966, em Fontem, na República dos Camarões, começou a nascer o diálogo inter-religioso com a tribo Bangwa, de religiões tradicionais africanas, também aqui a fraternidade foi posta em ação.

Este povo faz parte de uma pequena tribo na atual região do sudeste dos Camarões, devido a uma alta taxa de mortalidade infantil, de 98%, causadas pela doença do sono e por outras doenças, estavam se encaminhando para a extinção. Ciente do iminente perigo, o Fon Defang, rei dos Bangwas juntamente com os chefes e anciões da tribo pediram ajuda ao Bispo católico Mons. Peeters e este quando esteve em Roma em 1962, por ocasião do Concílio Vaticano II encontrou-se com Chiara Lubich e compartilhou com ela o pedido de ajuda.

Chiara atendeu prontamente o pedido enviando para Fontem um grupo de médicos e enfermeiros focolarinos, esses começaram a cuidar das crianças e dos doentes, inicialmente em uma cabana de madeira com poucos recursos, porém havia muitos doentes e a necessidade de um hospital era urgente. Poucos meses da chegada dos primeiros focolarinos em Fontem, Chiara foi visitá-los em 1966, estabelecendo um vínculo de fraternidade e diálogo com o Fon e o seu povo. Juntos lançaram a pedra fundamental do hospital³⁰⁶.

Nos anos que se sucederam os jovens e membros do Movimento dos Focolares recolheram fundos, por meio de atividades e campanhas para ajudar na construção do Hospital em Fontem. Após três anos, como prometido, Chiara retornou a Fontem para a inauguração do *Mary Health of Africa Hospital*, que ajudou a salvar inúmeras vidas e atualmente destaca-se como centro de referência regional.

³⁰⁶ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2014/04/10/lhai-fatto-a-me-storia-di-fontem-narrata-da-chiara-lubich-2/>, acesso em 05 de junho de 2020.



Figura 7: Visita de Chiara Lubich em 1966 junto ao Fon de Fontem³⁰⁷.



Figura 8: O povo Bangwa recebe Chiara Lubich em Fontem em sua segunda visita em Janeiro de 1969³⁰⁸.

Vários foram os encontros e trabalhos em conjunto em favor da vida que se sucederam, Chiara expressa o reconhecimento dos valores que encontrou no povo Bangwa: “nunca, em nenhum outro lugar, encontrei tanta bondade, valores humanos tão profundos, tanto amor e fé quanto aqui em Fontem”³⁰⁹.

³⁰⁷ Fonte: <https://www.focolare.org/pt>, acesso em 22 de Julho de 2020.

³⁰⁸ Fonte: <https://www.focolare.org/pt>, acesso em 22 de Julho de 2020.

³⁰⁹ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://focolare-fontem.org/about-us/history/>

Em maio de 2000, Chiara realizou a sua última viagem à Fontem, nesta ocasião, propôs um “pacto de amor recíproco” entre o Fon de Fontem e o Fon de Fonjometaw e com todos os presentes.



Figura 9: Em Maio de 2000, Chiara em Fontem (Camarões), encontro com os Fons (Reis) de Fonjometaw e Fontem³¹⁰.

Em 2009, foi anunciada a criação da fundação Chiara Lubich, que tem como objetivo favorecer o acesso das crianças à educação, difundir a fraternidade universal, o diálogo inter-religioso e ecumênico.

Fontem permanece nos dias atuais sendo um modelo de desenvolvimento e convivência fraterna de diálogo inter-religioso, no coração da floresta africana, a mortalidade infantil caiu para 1% e a localidade conta com escolas, creches, usina hidrelétrica, oficinas de carpintaria, sempre seguindo as necessidades do povo.

Chiara descreve em um de seus discursos na Alemanha na cidade de Aquisgrana³¹¹ a sua intuição da relação que se estabeleceria entre as religiões não-cristãs, nas suas palavras:

Um dia o chefe da tribo, o Fon, e todo o seu povo se reuniram para fazer uma festa numa clareira no meio da floresta, para que conhecêssemos as suas canções e danças. Pois bem, foi ali que tive a nítida sensação de que Deus, como um imenso sol, abraçava a todos, nós e eles, com o seu amor. Pela primeira vez na minha vida intuí que teríamos alguma ligação com pessoas de tradição não cristã.

³¹⁰ MOVIMENTO DOS FOCOLARES, disponível em: <https://www.focolare.org/press/pt/news/2016/09/20/chiara-lubich-in-africa/>, acesso em: 10 de Junho de 2020.

³¹¹ Discurso de Chiara na Catedral de Aquisgrana - 1998

Por certo ali era realmente só o início de todo o desenrolar das relações que se sucederam entre o Movimento dos Focolares e os irmãos de outras religiões, assim dá-se início ao diálogo inter-religioso.

O Marco referencial e de destaque no que tange o diálogo inter-religioso entre o Movimento dos Focolares e as grandes religiões foi o Prêmio Templeton para o Progresso da Religião, atribuído a Chiara no ano de 1977, em Londres. O público ali reunido contava com a presença de diversas origens étnicas, culturas e religiões, a fundadora, dirigindo-se ao grande público, contou-lhes a sua experiência evangélica e de como os membros do Movimento procuravam colocar em prática o testamento de Jesus – «que todos sejam um»³¹².

Ao Término do discurso, o assentimento que se verificava na face de todos foi manifestado pelas saudações que os membros de outras religiões fizeram a Chiara, budistas, muçulmanos, judeus, siks, hindus e taoístas.

A Fundadora intuiu nesse momento que aquela ocasião indicava uma nova abertura, um sinal claro de Deus que a espiritualidade do Movimento devia ser alargada não só a todas as comunidades eclesiais mas também aos irmãos e irmãs de outros credos³¹³.

Este acontecimento na história de Chiara Lubich e do Movimento dos Focolares é de fato um marco referencial e decisivo, como afirma Catalano:

Pela abertura do Focolare ao diálogo com outras religiões, não se pode passar em silêncio, a consonância que ocorre dez anos depois, com a experiência de João Paulo II em Assis, em 1986. A fundadora do Focolare, de fato encontrou na experiência do Papa uma confirmação à sua de Londres³¹⁴.

Posteriormente ao prêmio Chiara foi convidada por várias lideranças religiosas para falar a seus pares da sua experiência espiritual cristã. A seguir destacamos estes diálogos.

³¹² Jo 17,21

³¹³ CATALANO, Roberto. *Spiritualità de Comunione e dialogo interreligioso: a l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari*. Roma: Città Nuova, 2010, p.50

³¹⁴ *Idem, ibidem*.

4.6.2 O diálogo com os budistas

Na Ásia, com os budistas, primeiro no Japão, depois na Tailândia, Taiwan e Coreia, viver o amor foi o fundamento no qual foram construídos os diálogos, em uma atmosfera de crescente confiança e compreensão recíproca³¹⁵.

Os primeiros contatos de Chiara Lubich, presidente do Movimento dos Focolares, com Nikko Niwano, fundador da Rissho Kosei-Kai e também um dos fundadores da Conferência Mundial das Religiões pela paz (W.M.R.P World Conference of Religions for Peace), aconteceram em 1979, ano em que Nikko Niwano recebe o prêmio Templeton, premiação conferida às personalidades que contribuem de modo significativo para a construção do diálogo entre as religiões.

Chiara esteve no Japão em duas ocasiões 1981 e 1985, em Tóquio, a pedido de Nikko Niwano encontrou-se com Budistas, da Rissho Kosei-Kai, cerca de 12 mil membros, um público seletivo e atento, que acolheu com profundidade as suas palavras, ela expôs sua experiência pessoal e falou da espiritualidade da unidade (Figura 5). Desse momento nasceu um relacionamento duradouro de amizade e colaboração mútua entre os membros do Movimento dos Focolares e os budistas do Movimento da Rissho Kosei-Kai.



Figura 10: Em 1981, na cidade de Tóquio (Japão) encontrando com Rev. Nikkyo Niwano, fundador do Movimento leigo para a renovação budista, a Rissho Kosei-kai³¹⁶.

³¹⁵ LEE, Christina. **Chiara Lubich e il dialogo**: In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 44.

³¹⁶ MOVIMENTO DOS FOCOLRES. Disponível em: <https://centrochiaralubich.org/en/biographic-information/>, acesso em 05 de Junho de 2020.

A aproximação de Chiara e Nikko Niwano foi bastante profícua nos anos que se sucederam promovendo iniciativas conjuntas com ambos movimentos de caráter cultural e social, grupos de jovens trocaram visitas e organizaram várias atividades em comum na Ásia e na Europa. Destacamos o envolvimento e participação ativa na Conferência Mundial das Religiões pela Paz.

As palavras de Nikko Niwano expressam o forte desejo de unidade em busca da paz:

A paz no mundo não pode ser pensada sem a colaboração das religiões. Todas as religiões devem unir os corações e construir a paz, porque se ficarmos parados, a paz não vem por si só. Se nos unirmos aos membros do Focolare, a força se multiplica para alcançar a paz.³¹⁷

Nos anos seguintes o diálogo inter-religioso com o budismo foi sendo aprofundado, mas é na experiência vivenciada com monges budistas tailandeses, que esse relacionamento fraterno se estreita. Em 1997, Chiara vai a Tailândia a convite dos líderes do budismo tailandês, nessa viagem, ela também comunica a sua experiência de vida, mas há uma troca e escuta mútua, das realidades vivenciadas na busca do bem comum.

O relacionamento com monges budistas Theravada na Tailândia foi aprofundado e ampliado pelas atividades comuns que são realizadas regularmente pelos focolares dos países asiáticos com irmãos e irmãs de tradições budistas³¹⁸.

Em Manila (Filipinas), em uma das Mariápolis permanentes do Movimento dos Focolares, é aberta uma escola para o diálogo inter-religioso, que atualmente recebe fiéis de várias religiões que comungam e desejam conhecer a Espiritualidade da Unidade.

³¹⁷ AKAGAWA, Keiichi. **Dialogo con i Movimenti Buddhisti Mahayana: La Rissho Kosei-Kai e il Focolare**. In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p.71.

³¹⁸ CATALANO, Roberto. **Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso: l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari**. Città Nuova Editrice, 2010.

4.6.3 O diálogo com os Muçulmanos³¹⁹

Em nossa investigação encontramos diversos momentos históricos do diálogo entre o Movimento dos Focolares e os muçulmanos. Em 1966 chegavam os primeiros focolarinos consagrados em Tlemcen, capital da cultura islâmica na Argélia e o diálogo foi se desenvolvendo naturalmente pelo modo de viver e pelo estilo de vida dos focolarinos. Didier Lucas, um dos primeiros a chegar, destaca: “não conhecíamos ninguém, não falávamos árabe, não sabíamos nada do Islã”³²⁰.

Destacamos, como exemplo, a experiência de Ulisse Caglioni³²¹. A convivência os impulsionaram a formarem grupos para meditar e viver uma palavra do Evangelho, do Alcorão ou das palavras de Maomé.

Estes encontros cada vez reuniam mais pessoas até que em 1994 fizeram um evento internacional, pois já ultrapassava as fronteiras da Argélia. Segundo Fondi: “deve ser também referida no Paquistão, a Dalwal, uma cidadela de testemunho islamo-cristão edificada para demonstrar que é possível viver juntos e em paz, como crentes num único Deus”³²².

Nos Estados Unidos em 1997 por ocasião de um encontro da fundadora com o Imã W. D. Mohammed³²³, fundador da *American Society of Muslims* (1981). Chiara é a primeira mulher branca, cristã e leiga a narrar a sua experiência de vida na mesquita de Malcolm Shabazz, em Harlem (Nova Iorque), a mais de 3 mil muçulmanos, abrindo assim as portas ao diálogo com o mundo islâmico afro-americano³²⁴ (Figura 6). Ela destacava a raiz comum

³¹⁹ CODA, Piero. **Nella moschea di Malcolm X: con Chiara Lubich negli Stati Uniti e in Messico**. Roma: Città Nuova, 1997.

³²⁰ In: **Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana**. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 165.

³²¹ Cf: COCCHIARO, Matilde. **Nel deserto fiorisce la fraternità: Ulisse Caglioni fra i musulmani**. Roma: Città Nuova, 2006.

³²² FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho: Chiara Lubich e os Focolares**. Apelação: Paulus, 2004, p. 390.

³²³ W. D. Mohammed já conhecia o Movimento dos Focolares desde 1996 quando na ocasião visitou membros da Obra em Chicago.

³²⁴ Serenella Silvi conta em detalhes este momento histórico: “Naquele dia, em Harlem, ao lado de Chiara. «18 de maio de 1997. A lembrança daquele dia ficará para sempre na minha alma. Eu estava ao lado de Chiara quando atravessamos a entrada da Mesquita Malcolm Shabazz, ambas com a cabeça coberta pelo chador. Havia uma grande multidão. Chiara havia se preparado com grande dedicação. Ela sentia que estávamos para viver um momento muito importante. A atmosfera possuía algo de inacreditável, e depois, durante o seu discurso, era como se estivesse falando a pessoas que conhecia há muitos anos.

entre o Cristianismo e o Islamismo, qual seja “na vocação e na fé de Abraão”³²⁵.



Figura 11- Chiara Lubich em 18 de maio de 1997 em discurso na Mesquita Malcolm Shabazz³²⁶ e Figura 12 - O encontro com W. D. Mohammed³²⁷.

Este profícuo encontro foi assim narrado por ela: “(...) pude falar na mesquita do Harlem, e que fraternidade foi criada! Pareceu-me que eu os conhecia. Que dignidade! Tanta sabedoria! ali nasceu a amizade com esse Movimento, que era mais que amizade: era fraternidade”³²⁸.

. Dá-se início a uma importante aproximação entre Cristãos e Muçulmanos, que teve continuidade nos anos seguintes em vários países –

Ao terminar a programação, estávamos saindo quando, improvisamente, ela tomou o meu braço e disse: “*Venha, preciso que você traduza para mim*”. Eu fui com ela até o escritório do Imã Izak-El M. Pasha, onde havia entrado também o Imã W. D. Mohammed. “*Imã Mohammed – disse Chiara – façamos um pacto no nome do único Deus, de trabalhar assiduamente pela paz e a unidade*”. A resposta do Imã foi imediata: “*Este pacto está firmado para sempre*”, ele disse. “*Deus seja testemunha que você é minha irmã. Eu sou seu amigo e a ajudarei sempre*”. Foi um momento muito forte. Eram dois grandes líderes que estavam respondendo a um chamado de Deus, para fazer nascer um mundo de paz e de amor, e haviam compreendido que trabalhando juntos teriam contribuído para que isso se tornasse realidade.

O Imã Mohammed e Chiara Lubich provinham de duas culturas e de duas religiões muito diferentes entre si. Tinham conhecimento um do outro, mas naquele dia encontravam-se pela primeira vez pessoalmente. Ao convidar Chiara, o Imã tinha feito um grande ato de confiança, certo de que ela seria capaz de ajudar o seu povo.

Quando saímos da sala eu tentei acompanhar Chiara no pequeno elevador que nos levaria à saída do terceiro andar da mesquita, onde estávamos. Mas ela me deixou, dizendo: “*Deixe-me andar no meio dessas pessoas*”. Ela já amava os seguidores do Imã W. D”. MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2012/05/10/new-york-focolari-e-moschea-malcomx-in-un-cammino-di-fraternita/>, acesso em 16 de Junho de 2020.

³²⁵ LUBICH, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000, p. 102.

³²⁶ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <http://www.focolares.org.br/wp-content/uploads/2012/03/grandes-religoes-04-e1481225716243.jpg>, acesso em 8 de Agosto de 2020.

³²⁷ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2017/06/09/usa-o-pacto-de-harlem/>, acesso em 8 de Agosto de 2020.

³²⁸ LUBICH, Chiara. **II dialogo islamo-cristiano nel Movimento dei Focolari**. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018, p. 89.

em especial na Europa – com uma comunhão entre “a comunidade dos Focolares e grupos de muçulmanos provenientes de diversos países islâmicos e estabelecidos no continente europeu ou já há séculos presentes em várias zonas, como os Balcãs”³²⁹.

Interessa-nos intuir o porquê do estabelecimento tão direto e auspicioso entre dois fundadores de Movimentos pertencentes a duas religiões aparentemente antagônicas e de difícil entendimento. A chave de resposta parece-nos simples, qual seja, a abertura ao outro de forma recíproca, com confiança e humildade. W. D. Mohammed não se colocava, assim como Chiara Lubich, ao lado e nem acima de Deus como únicos fiéis detentores de uma verdade imposta a todo custo, mas estavam dispostos a ouvirem e falarem no mesmo patamar, como irmãos, partindo de premissas importantes como paz e reconciliação.

Apenas alguém seguro de suas convicções religiosas, madura na fé, pode descobrir na beleza de outra religião, a potencialidade da maravilha (muitas vezes nova, pois vista de outro ponto) da própria fé. W. D. Mohammed assim expressou: “você dizem que eu sou grande? Então, espero dar-vos a conhecer gente que é semelhante a mim, que tem a mesma fé que eu tenho, senão maior”³³⁰.

Esta fala confirma que o diálogo permeado da fraternidade, com humildade e escuta recíproca, sem ação estratégica nem proselitista, em igualdade de condições, mantendo-se a identidade dos interlocutores e baseado nos pontos convergentes é algo real e concreto, expresso com a vida cotidiana, natural, oportunizando a aproximação de todos os dispostos a fazê-lo mesmo que não compartilhem a mesma religião.

O método dialógico em buscar os pontos convergentes em comum facilitou o diálogo com os muçulmanos, haja vista a raiz comum de acreditarem no mesmo Deus e pontos importantes da espiritualidade como

³²⁹ CATALANO, Roberto. *Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso: l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari*. Città Nuova Editrice, 2010, p. 54.

³³⁰ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. *Um Povo Nascido do Evangelho: Chiara Lubich e os Focolares*. Apelação: Paulus, 2004, p. 387.

amar a Deus sobre todas as coisas, o amor ao próximo, a unidade e a pureza de Maria, mãe de Jesus, bem como o compartilhamento da “regra de ouro”.

No Islamismo se acredita que Deus é amor, Chiara pergunta: “como se pode pensar a fraternidade e unidade do mundo sem a união de toda a humanidade como uma só família?”³³¹ A narrativa de perceber Deus como único e verdadeiro na fé islâmica em consonância com a fé cristã impulsionou a união de seus filhos, mesmo se diferentes, cujo amor ao próximo encontra fundamento na Bíblia assim como no Alcorão. Farouk Mesli, muçulmano e membro do Movimento dos Focolares, diz:

Encontrando o Movimento dos Focolares, eu iniciei uma nova vida orientada à renúncia de mim mesmo por amor a Deus. Eu descobri a verdade da minha fé, que foi reforçada graças a esta espiritualidade, que me dá discernimento, acolhimento e abertura maior em relação ao próximo (...) todo mundo tem a convicção que a unidade entre nós seja um pouco a novidade do que vamos viver: a unidade entre nós é real, a tocamos, a vivemos e dá grande esperança; primeiro de tudo a nós, mas é ao tempo mesmo uma esperança para o mundo. Cada um está convencido que pode ser ator da construção da fraternidade universal³³².

Em 1999, na Conferência Mundial das Religiões para a Paz, realizada na capital da Jordânia (Amã), Chiara apresentou a “arte de amar do Evangelho” e “esta simples arte de amar foi recebida ao longo dos anos e feita sua por budistas, muçulmanos, judeus e hindus além de criar pontes para crentes de outros credos”³³³.

No ano 2000, em Washington, Chiara e o Imã encorajaram a promoção do encontro denominado: “No Espírito da Fraternidade Universal”, o qual pôs cristãos e muçulmanos a compartilharem os pontos em comum entre as duas religiões. Jo-Ellen relata que nestes encontros havia o sentimento de serem todos uma grande família³³⁴.

³³¹ LUBICH, Chiara. *Il dialogo islamo-cristiano nel Movimento dei Focolari*. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018, p. 89.

³³² TEISSIER, Henri. *Storia del dialogo islamo-cristiano in Algeria*. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018, p. 83.

³³³ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. *Um Povo Nascido do Evangelho: Chiara Lubich e os Focolares*. Apelação: Paulus, 2004, p. 384.

³³⁴ In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 173.

Muhammad Khamenei, então diretor do Centro de Estudos Filosóficos do Irã, em Teerã, em virtude de um encontro com Chiara, em Roma (2001), declarou:

Posso dizer que nesta visita ‘vivemos’ elementos comuns: responder ao convite do amor, amar o próximo com um amor profundo, sentir-se da família de Deus e sentir uma responsabilidade para com esta família. Estes sentimentos, vividos no Movimento os Focolares, também nós os temos no Islamismo. De fato, posso dizer que encontrei noutra parte do mundo irmãos e irmãs que pensam exatamente como nós. Irmãos e irmãs que estão a fazer o bem, caminham na estrada certa³³⁵.

Logo, a construção do diálogo inter-religioso no Movimento dos Focolares com o Islamismo revela um percurso vitorioso de entendimento e respeito gerador de uma convivência fraterna e tendo no amor recíproco um porto seguro de unidade mesmo com abissais diferenças de rito, estrutura, hierarquia, história e cultura.

4.6.4 O diálogo com os Judeus

Segundo Chiara, “revelou-se particularmente significativo o diálogo com os judeus, a quem João Paulo II chamou ‘os nossos irmãos mais velhos’”³³⁶.

Nos anos 1970 e 1980 foi iniciado o relacionamento. Em 1977, em seu discurso por ocasião do recebimento do Prêmio Templeton, em Londres, Chiara afirmou: “com os fiéis do nobre e agredido povo judeu o diálogo é fácil. Dividimos com eles parte da revelação. Somos gratos a eles por nos darem Jesus judeu e os apóstolos judeus. Também Maria era judia”³³⁷.

Em 1995 representantes da comunidade judaica em Roma presentearam Chiara com uma oliveira reconhecendo o empenho do Movimento dos Focolares em promover a paz entre cristãos e judeus.

³³⁵ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. *op. cit.*, p. 398.

³³⁶ CATALANO, Roberto. ***Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso: l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari***. Città Nuova Editrice, 2010, p. 54.

³³⁷ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/grandi-religioni/ebraismo/>, acesso em 23 de Junho de 2020.

Em 1996 foi realizado, em Roma, o primeiro congresso internacional entre judeus e cristãos promovido pelo Movimento. O tema centralizou-se no amor a Deus e ao próximo e foi realizado, proposto por Norma Levitt (religião judaica) um “pacto de amor e de misericórdia” a fim de que houvesse reconciliação entre cristãos e judeus.

Destaca-se, ainda, em 1998, a visita de Chiara a Argentina e seu encontro com os judeus em um profícuo diálogo evidenciado pelos pontos em comum entre as duas religiões e que se estende até os dias atuais na realização de “jornadas pela paz”, encontros promovidos conjuntamente, simpósios internacionais em Roma, Buenos Aires e Jerusalém; entretanto, há diversas experiências de convivência e união fraterna ao longo de todo o ano.



Figura 13- “Num grande candelabro de 7 hastes (o *menorah*) as velas foram acesas solenemente uma a uma: a primeira representa a luz, a segunda a justiça, a terceira a paz, a quarta a benevolência, a quinta a fraternidade, a sexta a concórdia. Chiara e o presidente da B’nai B’rith, Dr. Jaime Kopec, foram convidados para acender a sétima, aquela central: a vela da verdade, o selo de Deus, o coração da vida”³³⁸.

Em 1999, em Jerusalém, na Sinagoga da *Hebrew Union College*, a fundadora do Movimento fortaleceu o diálogo ressaltando os pontos comuns entre as duas religiões e, em resposta a uma pergunta acerca do porquê do sofrimento, citou o *Talmud*: “aquele que não experimenta o encobrimento do vulto de Deus não faz parte do povo judaico”³³⁹. Na ocasião, o Rabino David Rosen³⁴⁰ declarou: “não é preciso ser supersensível para ver mais Deus. Este

³³⁸ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2013/06/10/ebrei-e-cristiani-una-relazione-fraterna/>, acesso em 23 de Junho de 2020.

³³⁹ Talmud Babiloness, Trattato Chaguigah, 5ª.

³⁴⁰ O Rabino David Rosen foi o responsável pela seção israelita da *anti-defamation league*, bem como foi diretor internacional das relações inter-religiosas para a *American Jewish*

é o milagre, a Sua presença, o milagre que somos juntos. Este é o dom do Focolare. Que esta luz continue a iluminar o mundo”³⁴¹.

Percebemos mais uma vez que conhecer a fé do outro, onde ela está enraizada, é um bom ponto de partida para o estabelecimento do diálogo ao buscar ideias convergentes.

Em 2005 foram realizados os dois primeiros Simpósios Internacionais Judaico-Cristão promovidos pelo Movimento dos Focolares no Centro Mariápolis em Castel Gandolfo no qual buscou-se dar vida à: “composição harmoniosa das diferenças”, tema do primeiro evento, o qual contou com a presença do Cardeal Kasper ressaltando o compromisso com o diálogo assumido pelo Papa João Paulo II e pelo Papa Bento XVI; Chiara com uma saudação especial; Zanguí³⁴² pondo em relevo a “abertura de cada um ao outro, numa escuta que conduz ao conhecimento no centro do amor” e Ibrahim Skorka³⁴³ desenvolvendo o tema: “conceito do homem”. O evento registrou a presença de grandes teólogos como Piero Coda e Jesús Castellano³⁴⁴.

Em 2009 ocorreu o terceiro simpósio, em Jerusalém com o tema: “caminhar juntos em Jerusalém”, cujo ponto alto foi o “pacto de amor recíproco” firmado no Monte Sião, no local onde Jesus orou pela unidade e no Muro das Lamentações³⁴⁵. Em 2011, o simpósio aconteceu em Buenos Aires onde judeus (ortodoxos, reformados e conservadores) e cristãos debateram o tema: “identidade e diálogo, um caminho que prossegue”. Em 2013 mais um encontro em Roma de aprofundamento nas tradições uns dos outros.

O diálogo vem sendo desenvolvido para além dos eventos de massa pois já sedimentou-se na vida e nos relacionamentos fortalecidos dia após

Committee, presidiu a Conferência Mundial das Religiões para a Paz (WCRP) e a *International Council of Christians and Jews*.

³⁴¹ FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho**: Chiara Lubich e os Focolares. Apelação: Paulus, 2004, p. 393.

³⁴² Na época era co-diretor do Movimento dos Focolares para o diálogo.

³⁴³ Na época reitor do seminário rabínico latino-americano em Buenos Aires.

³⁴⁴ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/grandi-religioni/ebraismo/>, acesso em 23 de Junho de 2020.

³⁴⁵ *Idem, ibidem*.

dia. No intuito de exemplificar o chamado diálogo com a vida estabelecido pelos Focolares com todo ser humano, destaca-se a experiência de Natália Dallapiccola (a qual ocupou o cargo de responsável pelo diálogo inter-religioso do Movimento dos Focolares entre 1977 a 2007) com o Rabino David Rosen, foi seu primeiro contato com um membro deste Movimento. Natália não falava inglês e o Rabino não falava italiano, deste encontro tão peculiar ele conta:

Começamos a dialogar com a ajuda de um tradutor, mas tive logo a sensação de uma comunicação direta entre nós (...) ela não era diplomática, nem muito menos superficial. Era capaz de descobrir e iluminar as coisas mais preciosas do coração humano. Recordo que a segunda vez que nos encontramos, senti reencontrar uma irmã e a abracei calorosamente. Creio tê-la chocado um pouco. Naquela ocasião ela me perguntou qual mensagem eu teria para enviar a Chiara. Então, escrevi um bilhete de agradecimento por ter permitido que eu conhecesse a beleza e o amor do Movimento, através de Natália³⁴⁶.

4.6.5 O diálogo com os Hindus

Com os hindus também floresce, num ambiente vasto e plural, o diálogo e uma amizade profunda, em nível pessoal, mas também em nível acadêmico. No final dos anos 1980, por ocasião da Conferência Mundial das Religiões pela paz (WCRP), dá-se um dos primeiros encontros entre Dr. M. Aram³⁴⁷ e o Movimento dos Focolares, ele desejou que Chiara pudesse visitar a Índia e com ela estabeleceu profundos diálogos que, mesmo após a sua morte em 1997, continuaram com a sua família e seus colaboradores como uma herança relacional. A sua esposa, a Senhora Minoti Aram, pacifista gandhiana e juntamente com seu marido fundadora do laboratório de paz e de compromisso social *Shanti Ashram*, afirma sobre essa relação construída com Chiara:

Desde o dia em que conhecemos Chiara [...] meu marido repetia sempre: Chiara realiza um trabalho maravilhoso, é uma obra de Deus, Chiara é mais gandhiana do que qualquer outra pessoa [...] quando ela visitar a Índia devemos recebê-

³⁴⁶ COCCHIARO, Matilde. *Natália, la prima compagna di Chiara Lubich*. Roma: Città Nuova Editrice, 2013, p. 120.

³⁴⁷ Educador pacifista, membro do senado indiano, foi um dos presidentes da *Conferência Mundial das Religiões pela Paz* (atualmente, *Religiões pela Paz*)

la com grande honra, à maneira gandhiana, em nome do Movimento Gandhiano³⁴⁸.

A visita de Chiara a Índia tornou-se realidade em 2001, na ocasião recebeu o prêmio “Defensor da Paz” de duas Instituições gandhianas, *Shanti Ashram* e o *M. Sarvodaya* (Figura 10). A seguir reproduzimos um trecho da citação do prêmio:

Chiara Lubich, empregando a força humana mais poderosa, amor e fé forte na unidade de toda a raça humana como exposto nos ensinamentos de Jesus Cristo, foi escolhida por seu incansável papel na sementeira de paz e amor entre todos os povos [...] Em particular, ela deu vida ao Movimento cristão leigo dos Focolares, que serve as pessoas do mundo através da oração e da ação e pela promoção de um melhor diálogo, tolerância e cooperação frutífera entre pessoas de diferentes religiões. Em homenagem a seu trabalho, as pessoas deste antigo país da Índia, amantes da paz, e em particular o Movimento Sarvodaya e o Shanti Asham, desejam apresentar a ela neste dia, dia 5 de janeiro de dois mil e um, o oitavo Prêmio Defensor da Paz³⁴⁹.



Figura 14- Chiara Lubich e Minoti Airam na Índia³⁵⁰ e Figura 15- Chiara recebendo o prêmio “Defensor da Paz em Coimbatore, sul da Índia, em 2001,”³⁵¹

³⁴⁸ In: **Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana**. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 109.

³⁴⁹ GABIJAN, Crescencia C. **Dialogue, Light and Fire: Chiara Lubich and the Spirituality of Unity**. Manila: UST Publishing House, 2017, p. 98.

³⁵⁰ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2016/01/13/india-sarvodaya-il-sogno-del-bala-shanti/>, acesso em 8 de Agosto de 2020.

³⁵¹ MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Disponível em: <https://centrochiaralubich.org/en/biographic information/>, acesso em 24 de Junho de 2020.

No mesmo momento desenvolve-se também o diálogo em nível acadêmico. Chiara é convidada pela professora Kala Acharya, a falar em Mumbai na Universidade Somaiya, para um público de 600 pessoas, entre os quais estudantes, professores e outras personalidades. Sobre o primeiro contato com Chiara, ela descreve: “No momento no qual nos olhamos, nos tornamos irmãs espirituais”³⁵².

Segundo Catalano, o diálogo construído com o hinduísmo foi muito importante para o Movimento dos Focolares no desenvolvimento de diversas ações no âmbito inter-religioso e social, “como a organização de simpósios, mas também atividades de colaboração social e formação para a paz, especialmente para jovens”³⁵³.

Nasce um relacionamento que ultrapassa as visões de mundo entre ocidente e oriente. O professor e diretor do departamento de estudos ghandianos da Universidade *Madurai Kamaraj* de Tamil Nadu, Índia, S. Andiappan discorre sobre Chiara e Ghandi:

vemos que ambos são apaixonados pela verdade, plenos de compaixão, absolutamente humildes e que viveram pela igualdade de todos. Foram verdadeiramente pessoas espiritualizadas, e ao mesmo tempo pessoas de ação. Estes são os modelos de diálogo inter-religioso pela paz, que todos deveríamos seguir³⁵⁴.

4.7 Características do Diálogo no Movimento dos Focolares

Percorrido boa parte do percurso desta investigação temos condições de apresentar as características do diálogo desenvolvido pelo Movimento dos Focolares, quais sejam:

³⁵² ACHARYA, Kala. **Chiara Lubich e il dialogo**. In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 51

³⁵³ CATALANO, Roberto. **Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso**: l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari. Città Nuova Editrice, 2010, p. 64.

³⁵⁴ ANDIAPPAN, S. **Riflessioni sul dialogo del Movimento dei Focolari alla luce della prospettiva gandhiana**. In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 121.

a) um diálogo interessado na escuta recíproca baseada no princípio que todos têm algo a dar e receber, “dialogar significa amar, dar o que temos dentro de nós por amor ao outro e também receber e enriquecer-se”³⁵⁵.

b) fundamenta-se no amor, desinteressado e verdadeiro³⁵⁶, “O diálogo é verdadeiro se for movido pelo amor verdadeiro. E o amor é verdadeiro se for desinteressado, se não, não é amor, é egoísmo”³⁵⁷.

c) abertura ao outro, não apenas de maneira formal e além da tolerância, mas uma “partilha plena do ser do outro, ver na diversidade uma possibilidade de enriquecimento”³⁵⁸, em outras palavras, procuram ver o mundo como o outro vê;

d) não se colocam na defensiva ou com julgamentos acerca do diferente;

e) cada interlocutor mantém sua identidade. “a espiritualidade é uma maneira de viver a própria fé que nos permite estar abertos às verdades propostas por outros, permanecendo enraizados nas verdades de nossa própria tradição”³⁵⁹;

f) valorizam aquilo que os une, os valores humanos fundamentais, e não o que divide. Chiara expressa: “primeiro queremos nos conhecer melhor, estabelecer relações profundas de estima e confiança: com base nisso, temos certeza de que também podemos confrontar os pontos que ainda nos separam e, com nova luz, tentar novas soluções”³⁶⁰;

g) conforme as palavras acima transcritas, também há o enfrentamento das questões conflituosas, mas existe uma serenidade e

³⁵⁵ LUBICH, Chiara. **Diálogo como cultura**. Maracaibo: Universidad Católica Cecilio Acosta, 2005, p. 112.

³⁵⁶ Tal disposição gera o amor mútuo, pois: “além disso, esse amor mútuo, essa vida evangélica mostrou-se particularmente apropriada a favorecer o diálogo ecumênico entre os cristãos das diversas Igrejas e Comunidades Eclesiais”. LUBICH, Chiara. **O amor mútuo**. São Paulo, Cidade Nova, 2013, p. 120.

³⁵⁷ LUBICH, Chiara. *op. cit.*, p. 112.

³⁵⁸ CLARIÀ, Carlos. **In diálogo tra persone di convinzioni diverse: storia e sviluppo**. In: *In dialogo per la solidarietà*. Castel Gandolfo: Città Nuova, 1999, p. 21.

³⁵⁹ LEE, Christina. **Chiara Lubich e il dialogo**. In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Castel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014, p. 42.

³⁶⁰ CLARIÀ, Carlos. *op. cit.*, p. 25.

respeito na busca de novas soluções iluminadas pela unidade construída coletivamente que é maior que a soma dos participantes;

h) apresentam um diálogo fraterno com a vida, na concretude das ações e não apenas teórico, “Nos empenhamos a colocar em prática a compaixão, a benevolência, a misericórdia, segundo nossas próprias tradições, das quais nasce uma profunda fraternidade”³⁶¹;

i) confiam na força da unidade e, entenda-se bem, no respeito à diversidade de cada um, portanto, unidade e não uniformidade;

j) procuram viver a “regra de ouro” presente nas mais diferentes religiões;

k) consideram que o divino tem a capacidade de elevar a condição humana tornando-o cada vez melhor, o amor mútuo constrói confiança, respeito e “encontro” naquilo que é essencial;

l) o desejo do “encontro” no reconhecimento fraterno;

m) a busca pela unidade e fraternidade universal. Nas palavras de Martin & Porto: “a unidade na diversidade é algo positivo. A unidade sem pluralismo é uniformidade. Pluralismo sem unidade é desintegração”³⁶². Chiara discorre: “nosso Ideal é a unidade e a fraternidade universal”³⁶³.

n) a exposição das ideias de forma sincera, clara e com grande respeito pela opinião do outro na busca em entender e ser entendido;

o) buscam construir relações verdadeiras e duradouras. Uma destas relações foi construída com o Patriarca Ecumênico de Constantinopla Atenágoras I, o qual expressou: “Estou desarmado pela vontade de ter razão, de me justificar desqualificando os outros, não estou mais na defensiva, zelosamente voltado para a minha riqueza. agora eu acolho e compartilho”³⁶⁴;

p) é um diálogo de vida e fraternidade “amadurecida através de um longo caminho de amor e confiança crescente e recíproca, nos abrindo a

³⁶¹ LEE, Christina. *op. cit.*, p. 43.

³⁶² MARTIN, Leonardo; PORTO, Humberto. **Unidade e fraternidade**. São Paulo: Paulinas, 1982, p. 16.

³⁶³ LUBICH, Chiara. **L' Unità**. Roma: Città Nuova, 2015, p. 95.

³⁶⁴ CLARIÀ, Carlos. **In diálogo tra persone di convinzioni diverse: storia e sviluppo**. In: *In dialogo per la solidarietà*. Castel Gandolfo: Città Nuova, 1999, p. 21.

dimensões novas e nos levando sempre mais a buscarmos juntos o caminho de esperança”³⁶⁵. Chiara entende que:

O diálogo que nós, membros do Movimento, mantemos com esses irmãos de outras religiões não é de palavras. Nós os amamos como são, interessando-nos por tudo que lhes diz respeito e, portanto, também por sua vida religiosa. Somos amados e muitas vezes nascem numerosas conferências, nas quais a preocupação de todos é buscar as verdades que mais nos unem para convivê-las e contar umas às outras as experiências que demonstram interesse em Deus e por nossos irmãos e irmãs³⁶⁶.

Em suma, verificamos, no tocante ao diálogo inter-religioso realizado pelo Movimento dos Focolares a consciência de que o “Espírito Santo sopra aonde quer”, pois reconhecem a semente do verbo nas diversas religiões. Este fato gera aproximações importantes, quais sejam: o divino e transcendental, embora com diferentes manifestações de fé, é compartilhado entre todos, qual seja a religiosidade. Segundo Lubich: “quando nos abrimos um para o outro no diálogo feito de benevolência humana, de estima recíproca, de respeito, de misericórdia, abrimo-nos também para Deus”³⁶⁷.

Consideram o encontro dialogal das diferentes religiões importante para conhecer a beleza do outro e, deste modo, descobrir a beleza da própria fé. A liberdade e autonomia de cada religião deve sempre ser considerada, bem como a igualdade quando se dialoga.

³⁶⁵ MOUSSALLEM, Rita. **Costruire insieme il futuro**. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018, p. 29.

³⁶⁶ ZANZUCCHI, Michele. **Mille lune. In India con Chiara Lubich**. Roma: Città Nuova, 2001, p. 91.

³⁶⁷ LUBICH, Chiara. **O amor mútuo**. São Paulo, Cidade Nova, 2013, p. 124.

CAPÍTULO 5. Entrevista com membros do Movimento dos Focolares: análise e discussão dos dados

Nesse capítulo apresentamos as análises das entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os membros do Movimento dos Focolares, os quais já vivenciaram momentos de diálogo inter-religioso e participam há mais de 20 anos do Movimento, sendo este o nosso corte epistemológico, totalizando o quantitativo de 40 entrevistados.

Para análise das entrevistas semi-estruturadas, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo de Laurence Bardin, percorrendo as seguintes fases: a) Pré-análise, onde organizamos o material investigado e posteriormente realizamos a b) Exploração do material, processado que nos possibilitou uma maior compreensão e interpretação. Na terceira fase, concluímos: c) O tratamento dos resultados, onde elencamos as categorias centradas na pertinência das respostas, lógica e coerência, sendo este processo balizador na construção de novas propostas.

Bardin³⁶⁸ apresenta a análise de conteúdo como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações que mediante a procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição visa obter indicadores que possibilitem a inferência de conhecimento relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Escolhemos como forma de sistematização das categorias mais citadas nos discursos dos(as) entrevistados(as) os gráficos apresentados a seguir, bem como elencamos algumas falas consideradas importantes no contexto da nossa pesquisa.

Na sequência, no item 5.9, apresentamos algumas entrevistas semi-estruturadas que realizamos com fiéis de outras religiões momento no qual foi possível a apreciação da percepção destes em relação ao Movimento dos Focolares.

³⁶⁸ BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010. P.42

5.1 Perfil dos entrevistados: religião, faixa etária e gênero.

Contamos com a participação de 40 entrevistados, 23 mulheres e 17 homens, distribuídos nas seguintes faixas etárias: 11 pessoas com mais de 65 anos; 15 pessoas entre 55 a 65 anos; 12 pessoas de 36 a 46 anos e 2 pessoas com menos de 36 anos, todos membros internos do Movimento dos Focolares, 39 de religião católica e 1 de Religião Anglicana como apresentado na figura 16.

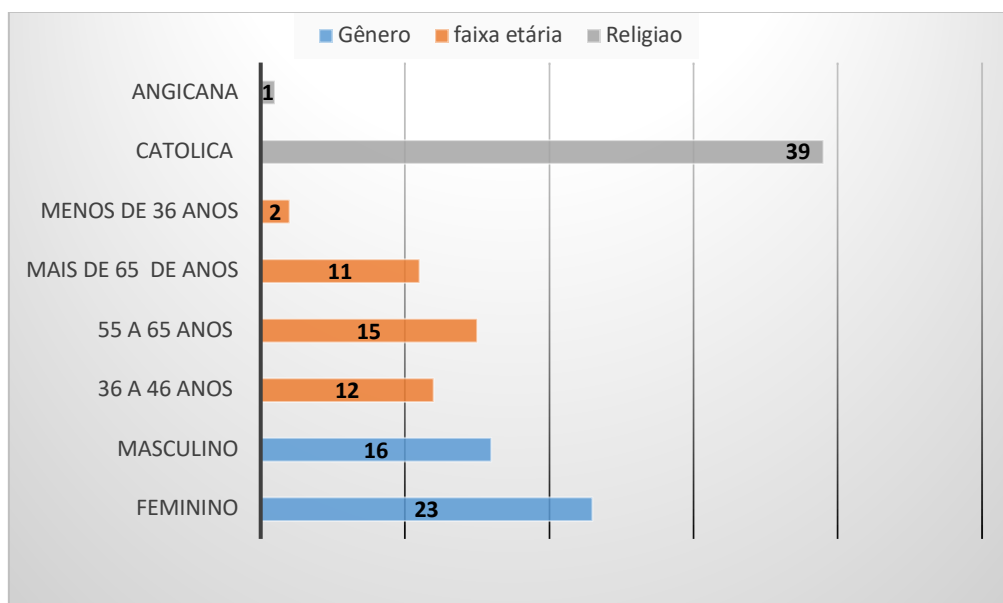


Figura 16- Perfil dos entrevistados por faixa etária, gênero e religião.

5.2 Descoberta e participação no Movimento dos Focolares

Nesse item verificamos, como proposto na nossa metodologia, como cada entrevistado (a) conheceu o Movimento dos Focolares, bem como o tempo que participa como membro interno (considerando um corte temporal a partir de 20 anos) e tenham vivenciado momentos de diálogo inter-religioso.

Verifica-se que 65% dos entrevistados conheceram o Movimento por meio de encontros por ele promovidos e 35% responderam ter sido por contato pessoal. Verifica-se que não obstante a maioria relatada, o contato pessoal é meio importante de conhecimento do Movimento dos Focolares. Como podemos verificar na figura 17.

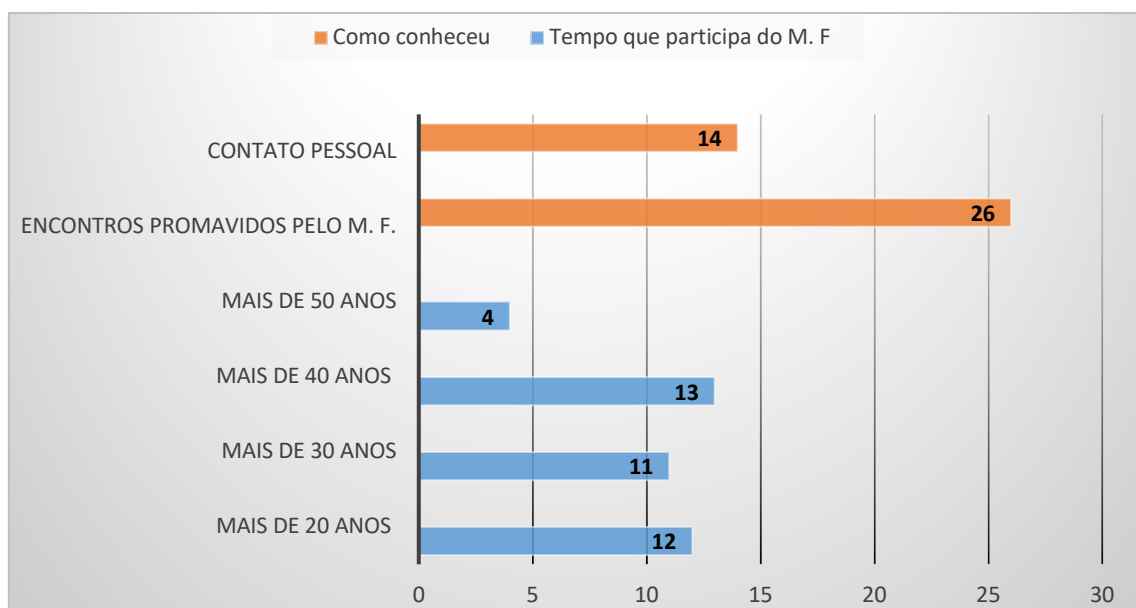


Figura 17- Como conheceu o Movimento dos Foculares / Tempo que participa

5.3 O Diálogo inter-religioso e sua abordagem dentre os participantes do Movimento dos Foculares.

Quando questionados se o tema do diálogo inter-religioso havia sido abordado durante o período no qual participa do Movimento dos Foculares, a totalidade dos entrevistados responderam que sim. A pergunta seguinte foi mais específica, pois gostaríamos de saber em quais ocasiões ocorreram essas abordagens, se em encontros abertos a qualquer pessoa ou em momentos de formação específica para membros internos. O resultado mostrou que 58% responderam ter tido contato com o tema em formação específica e 42% em encontros abertos, como podemos conferir na figura 18.

Ao analisar as respostas chegamos à conclusão que o tema do diálogo inter-religioso é abordado, discutido e apresentado a todas as pessoas que têm contato com o Movimento dos Foculares, independentemente de serem internos ou não.

Consideramos nas falas dos (as) entrevistados (as) como formação específica as Escolas promovidas pelo Movimento em âmbito nacional e internacional para membros internos e como “encontros abertos” os eventos de massa, sejam locais, nacionais ou internacionais, os quais são abertos ao público em geral.

Muito significativos os comentários a seguir, neles percebe-se claramente nos membros do Movimento uma adesão pessoal ao diálogo inter-religioso. Vejamos.

A entrevistada de nacionalidade brasileira E19, que atualmente mora em uma comunidade do movimento dos focolares em Nova York, relata: “Quando fazia parte do grupo de jovens do Focolares ouvi dizer das várias experiências no mundo, mas na minha cidade Manaus não tive tanta oportunidade de interagir com pessoas de outras religiões. Depois, na minha formação como membro consagrado (feita na Europa) tive cursos nesse âmbito e visitei locais sagrados de várias religiões e, atualmente, vivendo em Nova York, tenho contato direto e cotidiano com amigos judeus e muçulmanos”.

A entrevistada E20 de nacionalidade Francesa, mas que atualmente mora no Líbano, relata que viveu diversas experiências de proximidade e de diálogo, expõe: “Venho do Líbano onde se faz experiência de fraternidade com os muçulmanos e como diz o Papa Francisco (o futuro é no diálogo, ou não se tem futuro) ”.

A entrevistada E15, de nacionalidade brasileira, que atualmente reside na Mariápolis Ginetta, em Vargem Grande Paulista afirma: “Nas aulas de formação, nas escolas de diálogo com budistas, muçulmanos e outros, nas experiências do dia-a-dia de Chiara Lubich acompanhando todos os diálogos que abriu com muitíssimas religiões, sendo estimada e muito amada por todos os expoentes dessas religiões”. O entrevistado E39, de nacionalidade italiana e que atualmente mora no Brasil relata uma experiência empírica: “Sim, o tema é desenvolvido muitas vezes seja durante a Mariápolis, seja na vida da comunidade, com experiência direta com os muçulmanos e hindus”.

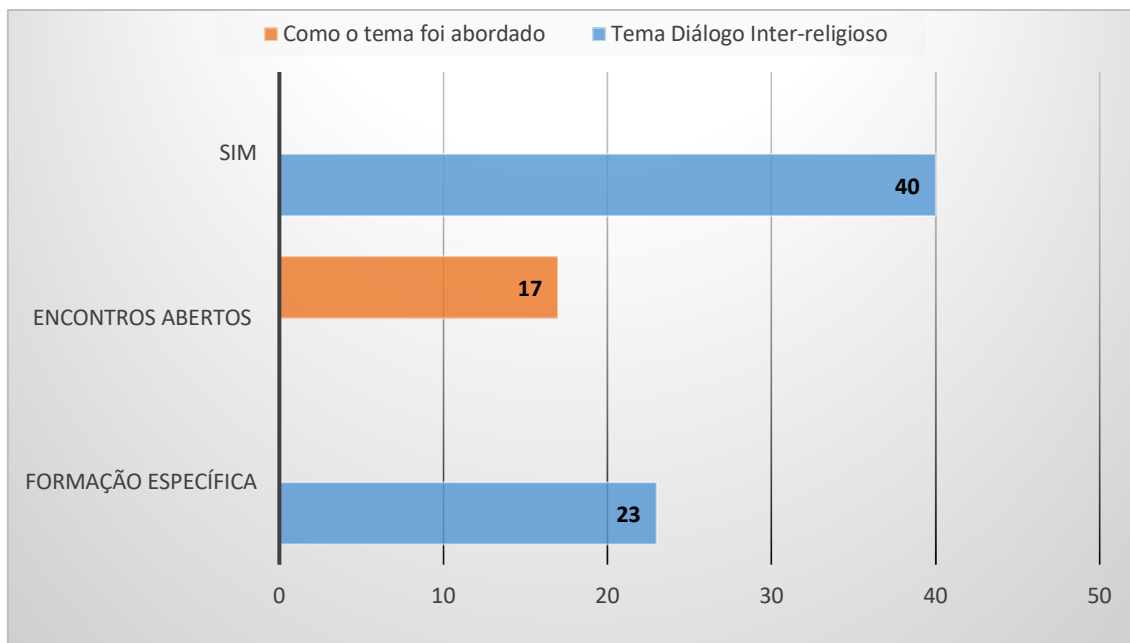


Figura 18- Abordagem do tema do diálogo inter-religioso na formação como Membro.

5.4 A importância do diálogo inter-religioso para os membros do Movimento dos Focolares.

A totalidade dos entrevistados consideraram importante o diálogo inter-religioso na construção de um mundo unido, na busca pela paz e fraternidade universal, princípios que nos unem enquanto membros de uma mesma família humana. Há necessidade de dialogar, para se conhecer, as incompreensões nascem por desconhecimento recíproco. Na figura 19 destaca-se as categorias mais apontadas pelos entrevistados nas suas falas.

A entrevistada E2, de nacionalidade brasileira, expõe: “Considero essencial, vivemos em um mundo de muitas diferenças e saber dialogar é um aprendizado contínuo. Portanto, o diálogo inter-religioso nos ensina a caminhar juntos com nossos irmãos e irmãs de outras religiões a valorizar tudo o que temos de comum”. No pensamento da entrevistada E6, de nacionalidade argentina, o diálogo inter-religioso: “É muito importante na nossa sociedade multiétnica e multicultural. O diálogo nos permite entender os valores comuns e a riqueza das outras religiões como um dom”. A entrevistada E19 faz a menção que fazemos parte de uma única família humana. “Eu acredito que como irmãos e irmãs somos diferentes uns dos outros, mas devemos nos conhecer (...) que só no relacionamento fraterno e mútuo entre fiéis de várias religiões e convicções, no respeito da diversidade

e identidade de cada um, podemos construir uma sociedade pacífica”. A entrevistada E21, de nacionalidade italiana, e atualmente reside em uma comunidade do Movimento os Focolares em Istambul, pontua que: “O diálogo inter-religioso é fundamental para conhecermos e superar os medos e julgamentos, e descobrir a beleza uns dos outros e trabalhar juntos pelo bem da humanidade”. O entrevistado E37, de nacionalidade brasileira, discorre que sem dúvida o diálogo inter-religioso é importante, enfatizando que: “não é apenas um dos diálogos previstos no Regulamento da Obra de Maria, mas também, e principalmente, porque todos são convidados à unidade”.

Em relação ao porquê da importância do diálogo inter-religioso, elencamos as categorias mais recorrentes nas falas dos (as) entrevistados (as), estas foram: “fraternidade universal” com 55%, “unidade” com 33% e “crescimento cultural” com 12%. Como vimos no capítulo anterior, esses temas estão presentes no discurso e na prática do Movimento dos Focolares e pudemos observar, no processo das entrevistas, que também os seus membros fazem menção de forma constante. A entrevistada E8, de nacionalidade brasileira, nos diz que é importante o diálogo inter-religioso como: “caminho de fraternidade universal, no reconhecimento de que somos todos filhos e filhas de um mesmo Pai”. Nas palavras da entrevistada E9, de nacionalidade brasileira: “O diálogo é um degrau para alcançar o objetivo ‘que todos sejam um’, para alcançar a unidade”. No pensamento da entrevistada E13, de nacionalidade brasileira, o diálogo inter-religioso é importante porque: “ele me abre ao universo cultural e religioso de pessoas de outros credos e abre portas ao diálogo com quem pensa e vê o mundo de modo diverso do meu”. O entrevistado E11, de nacionalidade brasileira, aponta como fundamental “considerando que através do diálogo inter-religioso pode acontecer o conhecimento mais aprofundado da religião de cada um e com isso um crescimento cultural e um respeito recíproco”.

O entrevistado E12, de nacionalidade alemã e atualmente reside no Brasil, discorre que: “se o nosso objetivo é a fraternidade universal, não podemos prescindir do diálogo com tão grande parte da humanidade e com todos os que têm convicções diferentes”.

Nas falas percebemos em alguns entrevistados que o diálogo inter-religioso não é apenas importante, mas é um empenho da própria vida.

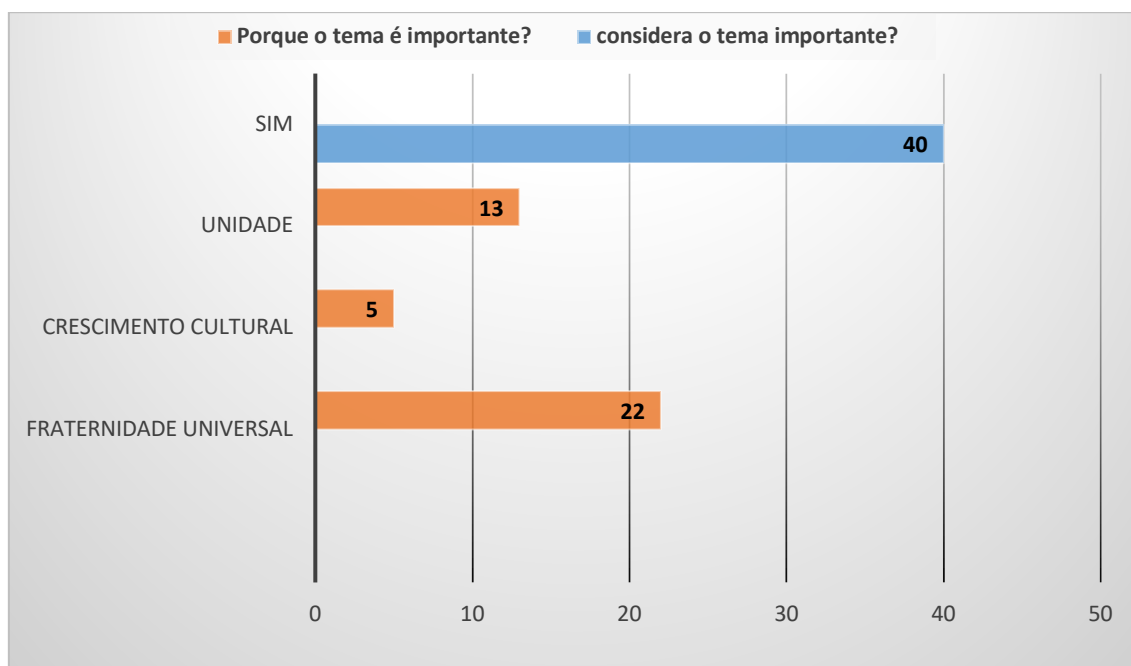


Figura 19- Importância conferida ao diálogo inter-religioso.

5.5 Vivência de experiências concretas do diálogo inter-religioso promovido pelo Movimento dos Focolares.

O diálogo com a vida, torna-se na perspectiva do diálogo inter-religioso experiências concretas que possibilitam ações conjuntas com vistas ao bem comum. Quando indagados sobre essa questão, 95% dos (as) entrevistados (as) responderam que sim, como verificamos na figura 20, porém em diferentes níveis, passando por visitas e momentos de convivência com as respectivas famílias, até experiências em países que vivenciam a guerra e a intolerância religiosa.

Nessas relações é muito importante um amor desinteressado que possa querer antes de tudo o bem do outro. A entrevistada E20 relata a experiência de acolhimento a muçulmanos xiita do Líbano durante a guerra contra Israel no início do século XX. O entrevistado E22, de nacionalidade brasileira e atualmente reside na Itália em uma comunidade do Movimento, discorre que: “todos os 23 anos que vivi no Focolare da Tailândia foi em diálogo com os budistas e também com muçulmanos, participei a uns 10

simpósios budistas/cristãos promovidos pelo Movimento que tiveram um timbre acadêmico, mas também de vida e troca de experiências”. O entrevistado E35, de nacionalidade brasileira, relata a “convivência com pessoas de diferentes denominações em eventos, especialmente na celebração anual do Movimento inter-religioso em Brasília da qual o Movimento dos Focolares faz parte”. A entrevistada E2 expõe que: “tive ocasião de estar presente nas manifestações da *Rischo Kosei Kai* que é um Movimento budista. Também algumas vezes em alguns eventos onde estavam presentes pessoas de várias religiões que querem construir juntamente conosco a fraternidade universal’.

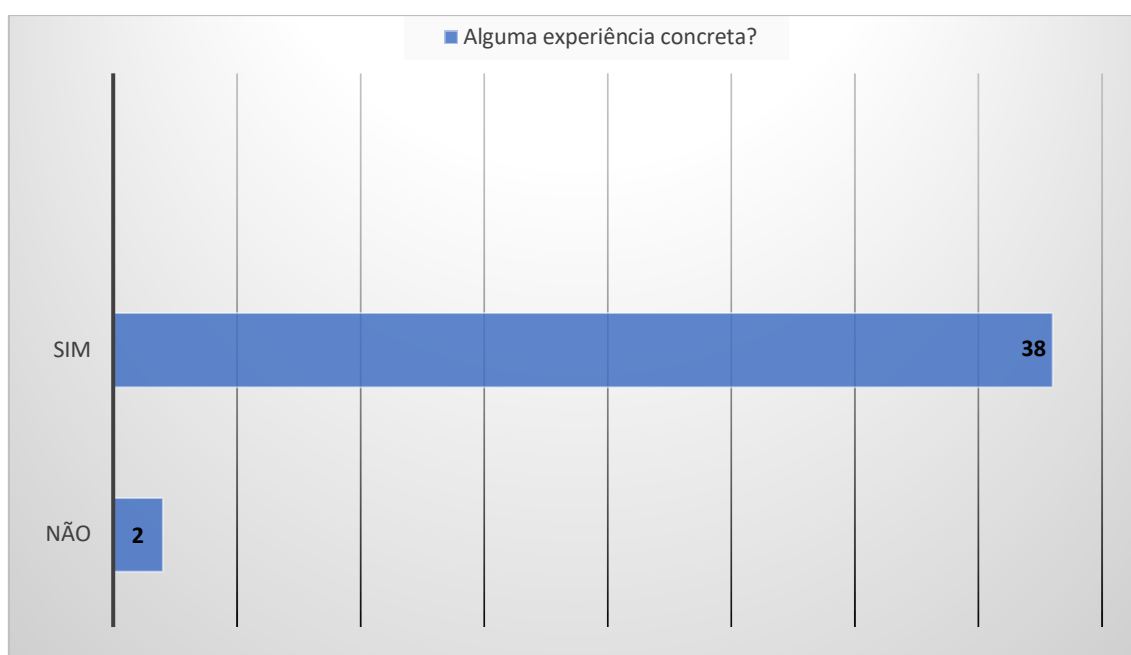


Figura 20- Vivência do diálogo inter-religioso promovida pelo Movimento dos Focolares.

5.6 Percepção da fraternidade como premissa do Movimento dos Focolares na efetivação do diálogo inter-religioso.

Os entrevistados (as) responderam essa questão, destacando algumas premissas para a efetivação do diálogo inter-religioso como: respeito mútuo, o amor desinteressado, o reconhecimento do outro, a escuta, o conhecimento recíproco e o reconhecimento que somos filhos de um mesmo Pai.

Em relação à caracterização das premissas do Movimento dos Focolares na efetivação do diálogo inter-religioso, observamos que 45% consideraram

reconhecer o próximo, 25% o respeito, 18% a escuta do outro e 12% a unidade, como podemos verificar na figura 21. Impressionante foi perceber que 95% dos entrevistados consideraram que a fraternidade é uma das premissas ao diálogo inter-religioso, evidenciado na nossa pesquisa, o diálogo inter-religioso permeado de um agir fraterno, pode promover uma comunicação que permita a melhor compreensão da própria religião e abertura de conhecimento do outro.

Ao serem indagados sobre o caso específico de acreditarem ser a fraternidade uma premissa para o diálogo inter-religioso, todos (as) foram unânimes em responder que sim, porém alguns destacaram a fraternidade entre dois polos, como premissa e finalidade última. Vejamos: a entrevistada E2 afirma: “que com certeza a fraternidade é uma premissa e também um objetivo a ser alcançado pelo qual podemos trabalhar juntos”, no seu pensamento, outra premissa muito necessária é: “a escuta, juntamente com a regra de ouro ‘faça aos outros aquilo que gostaria que fosse feito com você’”. O entrevistado E5, de nacionalidade brasileira, expõe que a fraternidade é a premissa fundamental, “reconhecer cada ser humano um irmão alguém que é um dom para os outros.

A fraternidade é uma premissa fundamental para estabelecer um diálogo construtivo e enriquecedor” O entrevistado E12 enfatiza que: “a fraternidade é objetivo final, mas não deixa de ser uma premissa, pois não há diálogo se não houver uma atitude de respeito, sinceridade, honestidade, igualdade, humildade, aceitação, etc, típicos da fraternidade”.

A entrevistada E13 diz que: “o respeito às crenças do próximo, o acolhimento total da sua pessoa, o anúncio respeitoso, a fraternidade posta em prática”. A entrevistada E19: “reconhecer a pessoa com a qual se estabelece o diálogo como irmão, criado à imagem de Deus e com o qual caminhamos juntos, para a construção de um mundo melhor. Sim, sem dúvida, a fraternidade é uma das premissas”.

A entrevistada E31, de nacionalidade portuguesa, relata que: “sim, a fraternidade universal é uma premissa, mas também um objetivo último. O amor incondicional a todas as pessoas sem segundas intenções e considerar querer amar o outro como a si mesmo”.

O entrevistado E21 pontua: “A premissa mais importante, penso, é aquela de reconhecer-nos todos filhos de um mesmo Pai, Deus, e portanto, irmãos e irmãs, chamados a caminharem e trabalharem juntos para o bem da humanidade”.

E26, de nacionalidade italiana, discorre: “Respeito e amor desinteressado. Creio que a fraternidade seja premissa, motivo para continuar e objetivo do diálogo inter-religioso”. O entrevistado E40, de nacionalidade italiana, discorre que: “A fraternidade é uma ação que permite o diálogo e traz consigo ‘o respeito, a gratidão, a atenção profunda às exigências do outro’”.

Sem dúvida, o efetivo diálogo inter-religioso, a partir de uma perspectiva fraterna, significa ser capaz de ouvir e dialogar com quem pensa diferente de nós, mas sobretudo, querer-se verdadeiramente bem, e reconhecer o outro como corresponsável na construção do bem comum.

As pessoas enfatizaram o amor como algo importante para o reconhecimento da fraternidade conducente ao diálogo inter-religioso. Em diversos trechos de variados entrevistados foi posto em relevo o “amor incondicional”, o “amar ao próximo como a si mesmo” e o “amor desinteressado”. Analisando tais respostas vislumbramos que os membros entrevistados não se colocam em posição de superioridade em relação aos demais e nem entendem sua fé como única e verdadeira. Destaca-se nas respostas a importância de estar atento às exigências do outro, demonstrando o cuidado em “fazer-se um”.

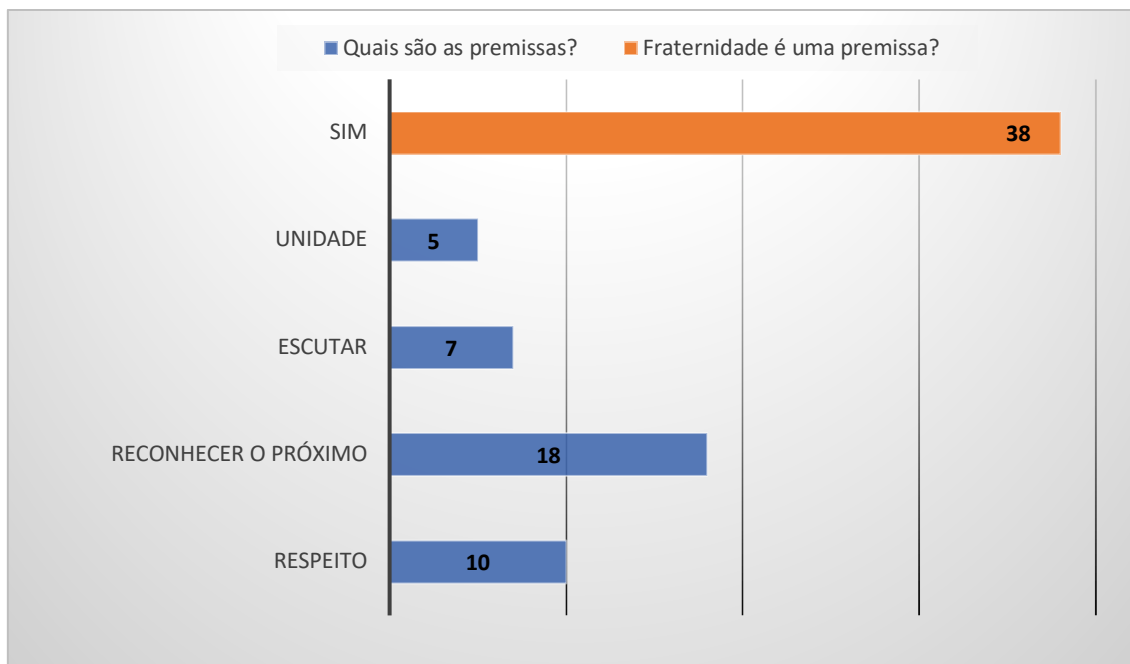


Figura 21- Categorias apresentadas sobre as premissas do Movimento dos Focolares para a efetivação do diálogo inter-religioso.

5.7 A relevância do conceito de fraternidade.

Verifica-se nas respostas que em relação ao conceito de fraternidade há uma variação conceitual e de relação com a própria palavra, perpassando pelo sentido de união, amor, partilha, troca e respeito, mas a maioria, 70% das pessoas responderam que a fraternidade significava “todos irmãos e irmãs” e 30% entenderam estar relacionada com uma “relação pessoal de proximidade com o outro”, podemos conferir na Figura 22.

Na nossa pesquisa foi importante identificarmos nas respostas dos (as) entrevistado (as) o que significa fraternidade nas suas construções de pensamento e nas repostas obtidas verificamos que há uma clara ampliação do sentido, desvinculado de laços de sangue, e ampliando-se para laços universais na busca de um reconhecimento efetivo de alteridade, de diversidade e de reciprocidade.

O entrevistado E4, de nacionalidade brasileira, expõe o significado para ele perpassa pelo entendimento que: “Somos filhos de um único Pai, portanto, irmãos entre todos, sem distinção étnica, gênero, cultura, religião. Viver como a grande família humana uma e distinta”.

A entrevistada E14, de nacionalidade brasileira, discorre para ela: “a Fraternidade é estar sempre imersa na condição humana em que vivemos. Para ser fraterno é preciso ser próximo fisicamente das pessoas”. O entrevistado E32 expõe: “penso tratar-se de um conceito que – ao lado dos conceitos da liberdade e da igualdade – pode ajudar as pessoas ser mais humanas, tendo uma percepção melhor e maior com o outro”.

O entrevistado E35 esclarece ser: “A capacidade de relacionamento entre iguais indistintamente. Também um princípio civil e político que nos leva a entendermo-nos como membros da mesma família humana, irmãos em humanidade”. O entrevistado E11 discorre: “A fraternidade é tratar e considerar todo o ser humano como irmão, isto significa respeitar as diferenças que existem entre os seres humanos, superar os limites do nosso egoísmo para construir uma civilização do amor”.

A entrevistada E21 diz que para ela a fraternidade: “é descobrir no outro um outro eu, com o qual posso aprender, e sem o qual não posso viver. A fraternidade é um caminho que se constrói amando”. O entrevistado E22 esclarece que é: “reconhecemo-nos todos filhos de Deus, no seu amor. A fraternidade nos faz uma família, nos coloca na posição de comunhão recíproca que leva à unidade”.

Para a entrevistada E25, de nacionalidade belga, a fraternidade: “fala do amor ao irmão, quer dizer que se constrói uma família, mas uma verdadeira família onde se quer bem ao ponto de dar a sua vida, até perder a própria ideia para acolher o outro”. Para a entrevistada E20 é: “caminhar juntos no amor recíproco até uma só meta ‘Deus’”.

A entrevistada E1, de nacionalidade brasileira, diz que a fraternidade: “A fraternidade é amor ao próximo, é estar sempre atento a necessidade do outro”. A entrevistada E19 fala que: “reconhecemo-nos como irmãos e irmãs, parte da família humana que se constitui de pessoas que reconhecem e respeitam a dignidade de todas as pessoas, também com as suas particularidades”.

O entrevistado E12 esclarece: “como diz o próprio nome, é a atitude que se espera de irmãos, filhos dos mesmos pais, que se pode sintetizar no amor

recíproco, na partilha plena de dons e bens materiais e espirituais”. O entrevistado E40 diz ser: “um modo da relação capaz de unidade e multiplicidade ao mesmo tempo”.

Nas respostas analisadas consideramos que o olhar ou a perspectiva sobre o conceito de fraternidade vai além de um sentido apenas religioso ou etimológico adentrando numa ação relacional de troca de experiências e vida concreta, assim o sentido de fraternidade não se torna uma palavra vazia mas alcança a comunhão, a partilha de bens, a corresponsabilidade no agir concreto da vida.

Também verificamos que nas respostas obtidas todos (as) reconheceram que a palavra fraternidade engloba todos e todas, irmãos e irmãs e partícipes da condição de filhos e filhas de um mesmo Pai.

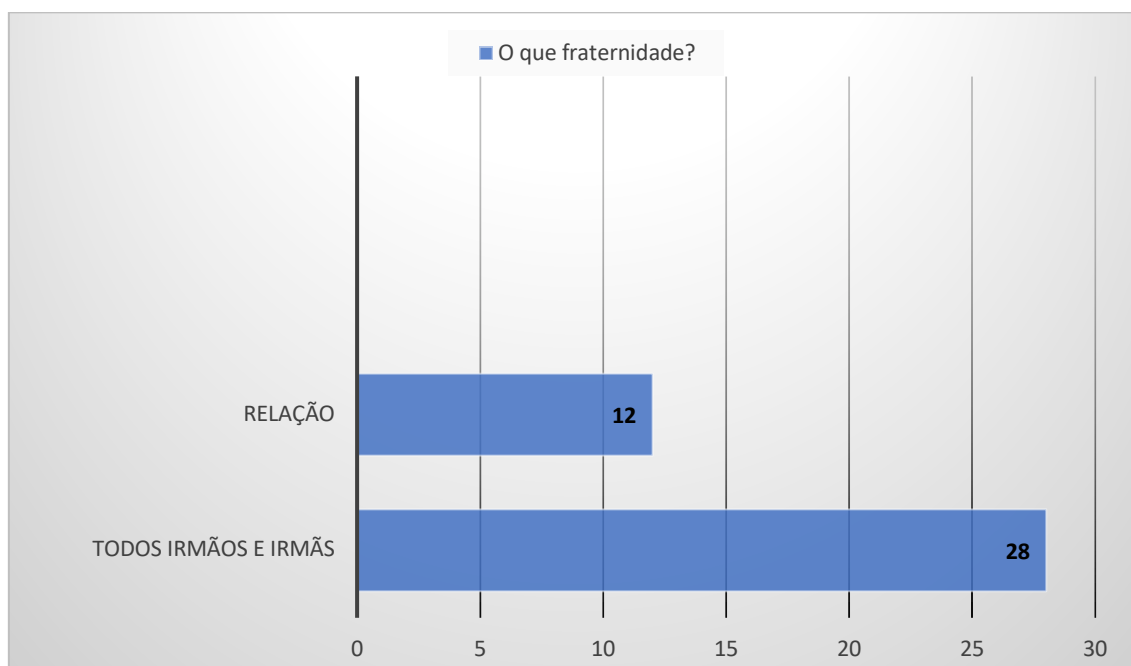


Figura 22- Significado do termo fraternidade.

5.8 Os desafios da vivência do diálogo inter-religioso dentro do Movimento dos Focolares.

Quando analisamos as categorias relatadas, verificamos que 48% das pessoas apontaram como desafios da vivência do diálogo inter-religioso dentro do Movimento dos Focolares a necessidade de formação cristã dentro da estrutura da Igreja Católica. 22% das pessoas puseram como desafio uma

mudança de mentalidade, 15% expuseram que o tempo para dialogar é um desafio assim como 15% apontaram como desafio o medo de lidar com o diferente, conferir figura 23.

Como todos os buscadores de diálogo, as repostas apresentaram os desafios reais como a formação pessoal na sua crença de origem, as informações distorcidas pela mídia de massas, o tempo para as relações, os focos de fundamentalismos e a intolerância por partes de alguns grupos religiosos, mas logo em seguida possíveis soluções e novos caminhos para o diálogo.

A entrevistada E19 nos responde enfatizando a importância de uma formação sólida e aberta ao diálogo como fortalecimento da própria fé: “eu acredito que o maior desafio seja a formação dos membros cristãos, especialmente católicos, ao conhecimento adulto e profundo da própria religião, em modo a serem capazes de interagir com amigos/irmãos de outras religiões reconhecendo a riqueza de cada tradição na diversidade, na unidade e não na arriscada confusão de identidades religiosas”.

O entrevistado E12 destaca a: “necessidade de formação; conhecimento das religiões (inclusive a própria); ocasiões de convivência com os ‘diferentes’; em alguns casos, superação de preconceitos; interagirmos; maniqueísmos que podem transparecer em raros casos de pessoas com pouca formação. Vejo como sempre possível, oportuno e desejável o diálogo com pessoas de religiões diferentes”.

Interessante a análise que faz na sequência de sua resposta, pois destaca a distinção entre o diálogo inter-religioso entre pessoas e entre Instituições, em suas palavras: “Imagino que seja mais complexo o diálogo institucional entre religiões, sobretudo quando existem de um lado ou de outras posições do tipo ‘só eu estou com toda a verdade, todos os que pensam diferente estão no erro e não possuem nada da verdade, o diálogo só acontece com a conversão do outro para a minha verdade...”.

A entrevistada E3, de nacionalidade brasileira, diz que: “muitas vezes existem dificuldades, atritos seculares entre algumas religiões e temos que ter paciência de amar e esperar até que o outro esteja pronto para a abertura.

Dar tempo ao outro”. A sua resposta adentra em um desafio que não envolve apenas os membros do Movimento dos focolares, mas de modo geral, é importante a abertura, mas sobretudo respeitar o tempo do outro.

A entrevistada E26 respondeu que: “creio que o desafio do diálogo é ter juntos amor e transparência honesta. Chegar a um ponto no qual ninguém tenha medo de exprimir suas próprias dúvidas e encontrar pessoas que com amor possam responder, sem se sentir ofendido”.

A entrevistada E14 enfatiza que: “devido aos processos que o Movimento ao longo dos anos vivenciou é nossa catolicidade de formação que precisa ser mais adequada aos novos tempos”.

O entrevistado E7, de nacionalidade argentina, nos diz que: “nem todos compreendem que o diálogo não é coincidência de ideias. Não o vêm como uma realidade cotidiana com quem passa ao nosso lado. Não vencemos o temor de não sermos capazes”. A entrevistada E6 expõe: “eu gostaria que todos compartilhassem esse banquete de amor e se reconhecessem como um só povo com as mesmas raízes no céu. Podemos viver o diálogo tendo consciência de viver com aqueles que estão próximos de nós. Acredito que as inundações e até os movimentos de massa deveriam nos envolver com esses nossos irmãos”.

O entrevistado E35 discorre: “superar barreiras dos que pensam que somente católicos são filhos de Deus e destinatários da salvação”. A entrevistada E33, de nacionalidade brasileira, relata: “pessoas disponíveis para estudarem a fundo todas as religiões para deste modo poderem se dedicar ao diálogo inter-religioso. Sem esse conhecimento não é possível começar diálogo.

O entrevistado E32 expõe: “continuar provocando encontros; ter grupos de estudo permanentes sobre o tema; poder ter um grupo que promova o diálogo entre os diversos grupos dentro do Movimento que tratam o diálogo inter-religioso”. A entrevistada E28 diz: “responsabilizar todos os membros para esta realidade; organizar encontros ‘bi-religiosos’ e outros para o conhecimento da identidade dos outros e estabelecer relações fraternas;

promover, com os outros crentes, ações conjuntas para o bem das sociedades”.

Para a entrevistada E16, de nacionalidade brasileira: “o desafio principal é a atitude de criar espaço e mentalidade para esta realidade e dar-lhe a devida prioridade nos eventos do Movimento dos Focolares”. Para a entrevistada E13 é: “crescer na abertura e aceitação dos nossos irmãos, conhecer melhor para melhor amar, isto exige tempo, dedicação, viver pelo ‘que todos sejam um’”.

A entrevistada E15 enfatiza que: “os desafios são os mesmos também para os outros diálogos, depende e requer uma mudança de mentalidade, cultivar em nós mesmos uma cultura nova, aquela do amor”. O entrevistado E11 aponta: “fazer com que aquele irmão de outra convicção compreenda que não desejamos que ele mude, que ele se converta ao catolicismo e que desejamos realmente amá-lo fraternalmente. Fazer com que cada um de nós, membros do Movimento dos Focolares, procure ver o positivo que existe nas outras religiões”. A entrevistada E9 enfatiza que é: “olhar para o outro e reconhecê-lo ou aceita-lo como irmão”.

A entrevistada E2 destaca que: “como qualquer diálogo e em qualquer lugar é lidar com o diferente. É uma conquista diária superar as diversidades para construir a fraternidade”. O entrevistado E37, de nacionalidade brasileira, aponta como dificuldades: “formação mais aprofundada e contínua e o fortalecimento das comunidades na vivência das palavras do evangelho”.

A entrevistada E23, de nacionalidade inglesa, relata: “Não devemos ter medo do diferente e abrimos o nosso coração. Não devemos julgar o outro. O julgamento destrói a unidade, devemos arriscar vivermos completamente abertos ao amor, para que ele mesmo possa nos conduzir”. A entrevistada E21 aponta: “um desafio constante é o medo e os julgamentos difundidos pelas mídias de massa, isto em nível geral”.

O entrevistado E37 aponta como desafio a necessidade no atual momento de “formação mais aprofundada e contínua para todos os membros”.

O entrevistado E40 diz: “o maior desafio é permanecermos abertos às sementes da verdade que cada religião leva consigo”.

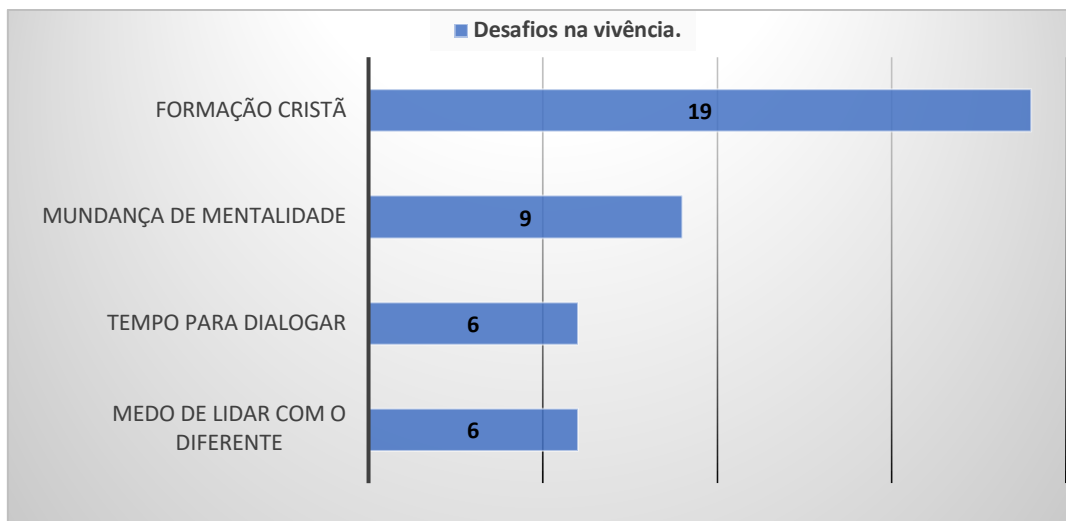


Figura 23- Desafios da vivência do diálogo inter-religioso.

Na vivência do diálogo inter-religioso, mesmo que haja o desejo e a disposição a dialogar entendemos e constatamos que não é sempre fácil, muitos desafios surgem e por vezes podem se tornar barreiras para o relacionamento aberto e sincero. Assim perguntamos aos (as) nossos (as) entrevistados (os) se existiam e quais os desafios enfrentados pelo Movimento dos Focolares na vivência do diálogo inter-religioso.

Finalizando as entrevistas com os membros dos Focolares, pontuamos a necessidade de conhecer a relação estabelecida considerando a perspectiva dos fiéis de outras religiões que fazem parte do Movimento, a qual realizamos no item seguinte.

5.9 A relação dos fiéis de outras religiões com os membros do Movimento dos Focolares.

Como referenciado anteriormente, fiéis de diversas religiões no mundo todo participam de algum modo da espiritualidade do Movimento dos Focolares. Juntamente constroem e amadurecem a vivência do diálogo entre eles. Um exemplo foi a Escola de Diálogo Inter-religioso, que ocorreu entre os dias nos dias 17 a 23 de junho de 2019 em Castel Gandolfo, Roma, o *Interreligious Dialogue Meeting*, evento que recebemos o convite para participar, tendo a oportunidade de realizar algumas entrevistas

semiestruturadas com representantes de outras religiões que estavam presentes no encontro.

O encontro internacional contou com aproximadamente 140 participantes de diversas correntes filosóficas e tradições religiosas, provenientes de 32 países, sendo um campo fértil para a finalização das entrevistas e levantamento de dados, mas também uma possibilidade de inserção com os participantes da Escola, traduzidos em momentos de formação, escuta, conhecimento, diálogo, troca de experiências e sobretudo de fraternidade entre as pessoas.

A Escola de Formação traduziu-se em um espaço de diálogo e escuta, onde era expresso o desejo de entender profundamente o outro, nas suas tradições, nos seus cultos e na sua história. Por certo o relacionamento presente entre os participantes não fora iniciado nesses dias de encontro, mas ao longo de décadas, em momentos de convivência, trocas de experiências e pelo trabalho concreto na construção da paz.

Para nossa pesquisa, após analisar a descoberta, o sentido e a vivência do diálogo inter-religioso para os membros internos do Movimento, tornou-se importante para a nossa investigação verificar a percepção quanto à relação que os membros de outras religiões estabelecem com o Movimento dos Focolares.

A seguir apresentamos as entrevistas realizadas com alguns participantes da Escola de Diálogo inter-religioso. As questões que realizamos versavam inicialmente sobre a importância do diálogo inter-religioso, do sentido de fraternidade na religião do entrevistado e a relação pessoal com o Movimento dos Focolares.

Para Shahrzad houshmand, muçulmana xiita, a importância do diálogo inter-religioso dá-se pela necessidade do nosso crescimento religioso, intelectual, mas sobretudo espiritual. Destaca inicialmente na sua fala:

Cristãos, Muçulmanos e também Hebreus, sobretudo essas três religiões monoteístas o seu primeiro ponto que creem é que Deus é um, um Deus que criou todo universo, com todas as criaturas, um só Deus, assim se somos diferentes esse fato faz parte da vontade de Deus, a nossa diversidade, que é propriamente a riqueza da existência humana.

E continua:

Se nós nos fechamos nos nossos grupos religiosos, étnicos ou nacional praticamente fechamos a janela da nossa casa a Deus e ao universo junto, ao invés se nos abirmos a Deus, cada um de nós pode conhecer, pode colher uma parte do mistério mas se nos nutrimos uns dos outros podemos compreender sempre mais esse mistério infinito.

Shahrzad, destaca na sua fala que a fraternidade é um valor espiritual religioso importantíssimo e necessário para os que creem.

Na oportunidade relata também o seu encontro com Chiara Lubich há 30 anos atrás, que permanece sempre presente em seus pensamentos.

Recordo que foi um amor à primeira vista, desejei logo conhecer mais dessa espiritualidade, e digo que no início não era fácil, abrir-me assim a uma nova espiritualidade pois possuía uma identidade muito forte islâmica, mas logo entendemos que não deveria perder a minha identidade islâmica, hoje trabalho no centro do diálogo inter-religioso posso contribuir com essa realidade, eu me sinto discípula e filha de Chiara, vivi uma intimidade muito profunda com ela.

Entrevistarmos a Dra. Shubhada Joshi e a Dra Meenal Katarnikar, indianas, ambas professoras do departamento de Filosofia da Universidade de Mumbai, na Índia, que também eram presentes no encontro, um momento muito singular e especial enquanto pesquisadora, a disponibilidade e a atenção às perguntas, propiciou um clima de partilha e posso dizer de encontro.

Ao conversarmos sobre o diálogo inter-religioso e sua importância para a sociedade atual a Dra. Shubhada Joshi argumenta:

Globalmente vemos que a sociedade é pluralista, agora é importante entender-se um ao outro e viver juntos para poder vivermos juntos é importante conhecer o outro e se nós fazemos com amor adquire-se significado. Com amor podemos verdadeiramente alcançar o mundo do outro. É muito importante estudar a nível acadêmico o diálogo inter-religioso, porém esta parte do amor também é muito importante.

Seguindo a mesma temática a Dra Meenal Katarnika nos fala:

Para ser religioso você deve ser inter-religioso, isso quer dizer que se você quer conhecer bem a sua religião, deve possuir

uma clara imagem da religião do outro, deve conhecê-la, na Índia por exemplo, vivemos juntos canto a canto com pessoas de outras religiões e se nós não as conhecemos, que coisa o outro pensa, que coisa o outro sente, não saberemos como agir corretamente. É importante que nós conheçamos o que outras religiões dizem, pois dividimos o mesmo ar, a mesma Terra, se não nos conhecemos com amor não podemos viver em paz.

Adentrando no tema da fraternidade, indagamos se existia esse termo na religião das entrevistadas e qual o significado. A Dra. Shubhada Joshi, nos relata que não existe propriamente essa palavra, mas que há palavras que englobam essa realidade, do sentido de fazermos parte de uma mesma família, e expõe:

A cultura indiana tem um testemunho dessa realidade, no acolhimento por exemplo dos zoroastrianos persas, foram refugiados na Índia, mas jamais foram perseguidos e puderam contribuir com a cultura, com a educação, com a arte de um modo muito importante[...]. É como dizer tu dás amor e o amor te retorna. Também os Hebreus estiveram na Índia, mas nunca foram perseguidos, as sinagogas fazem parte da cultura.

Quando conversamos sobre o relacionamento estabelecido entre elas e o Movimento dos focolares na Índia, nos falaram de proximidade, mas não apenas em um nível acadêmico ou formal, mas de relação, de ações em conjunto de patilha de sentir-se família, nos fala a Dra. Shubhada Joshi:

Quando tivemos o primeiro contato com os membros do Movimento dos Focolares, jamais pensamos ‘eles são estrangeiros’, nós pudemos interagir com eles livremente, como irmãos e irmãs, assim nos sentimos livres de ir uns na casa dos outros, participar das suas festividades e eles participarem das nossas festividades, fazendo parte uns das vidas dos outros. Eles também participaram das celebrações pessoais, porém não eram hóspedes, mas parte da nossa vida, da nossa família.

A Dr^a. Meenal Katarnikar, completa “Nós não temos entre nós um relacionamento formal, mas é verdadeiramente do coração, um ato de amor, somos uma família”.

Continuamos a sequência de entrevistas com o Muçulmano, Dr. Adnane Mokrani, professor de estudos Islâmicos na Pontifícia Universidade

Gregoriana de Roma, no que tange a importância do diálogo inter-religioso, o entrevistado nos diz que este é praticamente a salvação de uma religião, porque uma religião sem o diálogo inter-religioso pode correr o risco de fechar-se, ao isolamento, ao fundamentalismo, ou mesmo de torna-se uma identidade fechada e agressiva. E enfatiza:

O diálogo inter-religioso permite as religiões, as pessoas religiosas, de abrir-se ao mundo, de conhecer e descobrir o vulto de Deus universal em todas as culturas e assim compreendemos que Deus é maior do que a nossa experiência religiosa porque se comunica, fala com todos em todos os lugares. O diálogo inter-religioso não é uma opção 'facultativa' para um pequeno grupo de especialistas, mas uma atividade fundamental a educação humana, para humanizar e curar a alma das 'doenças' atingir as experiências religiosas.

Ao adentrarmos no tema da fraternidade, o Dr. Adnane Mokrani, nos diz que na sua religião este termo refere-se ao sentido de que todos os seres humanos fazem parte de uma família alargada e inclusiva, que é a humanidade. E destaca: “Todos somos filhos de Deus, criaturas de Deus, estamos todos em um sonho divino, dentro de cada um de nós tem um sopro divino, tem o espírito de Deus. Não se pode pensar o humano separadamente do divino”.

Em seguida conversamos sobre a sua relação com o Movimento dos Focolares, ele nos relata que conheceu o Movimento há mais de 20 anos em 1998, num encontro com muçulmanos em Castel Gandolfo, na Itália. Na ocasião estava morando na região e como teólogo muçulmano havia recebido uma bolsa de estudos no Vaticano para estudar teologia cristã. Afirma que o encontro com os membros do Movimento, propiciou um conhecimento mais profundo do cristianismo. Nas suas palavras:

O Movimento me permitiu conhecer o cristianismo de modo mais profundo, não de modo acadêmico, por livros ou por uma bela biblioteca, que são coisas importantes, mas pelo encontro humano, aquilo que podemos chamar de espiritualidade do encontro humano, portanto, pude tocar e sentir o perfume de ser cristão de modo autêntico, de modo muito aberto e muito dialógico, sem o encontro, sem a experiência com o Movimento esse conhecimento não teria sido completo.

Também tivemos a oportunidade de conversar e entrevistar a Rabina Silvina Chemen que desenvolve seu trabalho na Congregação *Bet El*, em Buenos Aires, para ela o diálogo inter-religioso é importante não só porque possibilita a compreensão e troca de experiência, mas contribui com a construção da cidadania. Nas suas palavras:

O diálogo inter-religioso é importante porque é diálogo. É uma matriz para a construção de uma cidadania mais forte. As religiões são uma parte sensível da formação humana. Talvez o mais sagrado e mais cuidado. Se as pessoas ousam compartilhar suas experiências mais sensíveis, se procuram espaços para conhecer outras pessoas, com outras crenças, é gerada uma base social mais protetora de diversidades e diferenças. Por sua vez, gera uma base social mais saudável, mais consciente do lugar social que cada um possui e da capacidade de contribuir para a vida do cidadão.

Quando adentramos no tema da fraternidade, seu significado e importância na sua religião, a Rabina Silvina Chemem, nos diz que essa palavra é expressa como responsabilidade com o outro, que não é apenas um sentimento, mas um compromisso. Vejamos:

A palavra irmão em hebraico era dita "ach", e a palavra outro era dita "acher". Ou seja, o "outro" é considerado um irmão. E a palavra responsabilidade disse "achraiut" tem a palavra "ach" e a palavra "acher". Eu sou responsável pelo meu irmão. É isso que se chama fraternidade. Não é um sentimento. É um compromisso social, é um preceito. Um mandato religioso para ser irmão do meu vizinho e cuidar dele.

Ao conversamos sobre a sua relação pessoal como os membros do Movimento dos Focolares ela nos diz:

Eles são meus irmãos, meus companheiros de vida, andamos juntos no caminho do amor, da responsabilidade. Eles são minha família. Nós estudamos juntos. Compartilhamos celebrações. Eu os conheço há muitos anos. Faço parte do Centro Internacional de Diálogo Inter-Religioso para o Centro da Obra. Foram eles que me aproximaram de um cristianismo profundo, amoroso, sincero e atual.

O Movimento, mantém na Itália um centro de diálogo inter-religioso permanente, que tem como um dos seus corresponsáveis Roberto Catalano, focolarino italiano que viveu na Índia por mais de 28 anos, o qual também

tivemos a oportunidade de entrevistar. Sobre a importância do diálogo inter-religioso na sociedade atual ele nos diz:

Neste momento o diálogo inter-religioso é fundamental como ressalta o Papa Francisco, é dever de todos os cristãos e não cristãos, pois a situação mundial é aquela que é, e, portanto, as religiões estão no centro de grandes problemas na humanidade, não pelas religiões em si, mas porque os 'lobbys' políticos descobriram a importância da religião e jogam sobre a religião para criar fraturas entre as pessoas.

Sobre a importância da Fraternidade na construção do diálogo inter-religioso, Roberto Catalano afirma:

Bem o conceito de fraternidade é sem dúvida fundamental, recordo que em um dos primeiros escritos de Chiara em 1940, ela diz em uma de suas cartas, devemos olhar sempre Deus como um único Pai de todas as criaturas e com o olhar da alma ir além de certos estereótipos que temos, e olhar todos como filhos de um único Pai e, portanto, como irmãos e irmãs. Nesta época Chiara ainda não imaginava que deveria fazer um diálogo inter-religioso, porém esta era uma atitude que ela já possuía, considerar Deus como Pai, porque é amor e, portanto, homens e mulheres filhos deste mesmo Pai. O conceito de fraternidade é como o DNA do Movimento [...] para quem crê no amor o diálogo é possível, para quem não crê no amor o diálogo é impossível, para quem tem uma perspectiva de fraternidade o diálogo é possível e para quem não tem o diálogo é impossível.

Roberto Catalano, referindo-se aos desafios que o Movimento tem na vivência do diálogo inter-religioso expõe, justamente, que podem ocorrer o risco de atribuírem os diversos diálogos aos especialistas e encarregados da obra, quando na realidade, todos os membros são chamados a vivenciarem os diálogos, haja vista ser algo constitutivo do carisma da unidade.

Em todas as entrevistas com fiéis de outras tradições religiosas que tiveram contato com os membros do Movimento dos Focolares, percebemos que o relacionamento estabelecido vai além de um contato formal ou acadêmico, mas como um diálogo de vida. Nas suas relações, há expresso, mesmo na diversidade, uma disposição à reciprocidade, de encontro autêntico, de perceber o outro enquanto 'dom', 'dádiva' na construção

peçoal, também podemos constatar a construção do diálogo fraterno no sentido de pertencimento da mesma condição humana e ligação com o divino.

Nas palavras do Papa Francisco:

O carisma da unidade de Chiara Lubich é uma dessas graças do nosso tempo, que experimenta uma mudança histórica e pede uma reforma espiritual e pastoral simples e radical, que leve a Igreja à fonte sempre nova e atual do Evangelho de Jesus³⁶⁹.

Os membros do Movimento dos Focolares continuam a suscitar em várias partes do mundo um espírito de comunhão fraterna, um diálogo animado pelo verdadeiro amor, desinteressado, encontrando consenso e adesão ente fiéis pertencentes as mais variadas tradições religiosas. A presidente atual do Movimento Maria Voce e o co-presidente Jesus Moram permanecem a incentivar a promoção do diálogo inter-religioso nas mais variadas partes do mundo.

³⁶⁹ Disponível em: https://www.cidadenova.org.br/editorial/inspira/3742-uma_coletanea_de frases_dos_papas_sobre, acesso em 20 de Janeiro de 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizada a investigação proposta acerca da “fraternidade e diálogo inter-religioso na experiência do Movimento dos Focolares” pode-se chegar às seguintes conclusões.

Inicialmente verificamos que na construção de um diálogo deve-se considerar a necessidade de superação e quebra de paradigmas, ultrapassando os óbices trazidos pelo utilitarismo, consumismo e individualismo, e deste modo, impedindo a reprodução de nefastos cenários de intolerância, violência e indiferença.

Mesmo considerando os pontos de vista diferentes, o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíproca, porquanto deve adentrar no ‘pensamento dialógico’ o qual possui como característica a passagem de uma racionalidade monológica para uma racionalidade da intersubjetividade, sujeito-sujeito.

A pluralidade da sociedade atual globalizada tornou mais visíveis as expressões multiculturais, multirraciais e multirreligiosas de uma maneira sem precedentes na história com possibilidades e desafios. Deste modo é preciso conhecer o diferente para ser possível uma convivência harmônica, pois a diversidade enseja a responsabilidade de promoção de um diálogo autêntico.

É necessário refletir sobre as possibilidades de dialogar e abrir-se às diferenças, o diálogo faz parte da natureza humana da sua constituição, mas para que não corramos o risco de torná-lo uma meta inalcançável, uma utopia, se faz sempre relevante um aprofundamento antropológico do diálogo, uma escuta sincera e verdadeira do outro, há a necessidade de silenciar para pensar.

A ação dialogal deve congrega formas concretas de colaboração e formação do gênero humano de modo integral no que tange as questões éticas que os circundam como a defesa da vida, a justiça, a igualdade social, a convivência harmônica e pacífica, sendo assim é *mister* salientar uma base comum entre as religiões e pôr em relevo as premissas convergentes.

O diálogo mostra-se essencial nas relações humanas nos mais diversos aspectos, inclusive no âmbito religioso, pois o diálogo inter-religioso propicia o conhecimento do outro, e deste modo, combate o fundamentalismo e afasta a visão unilateral, haja vista que pressupõe uma predisposição à escuta autêntica do outro. Deste modo, ao abrir-se à diversidade de pensamento e crença mostra-se capaz de gerar ações consonantes ao bem comum.

Com o crescimento de manifestações fundamentalistas em escala global, com permanentes fluxos migratórios e a não aceitação da pluralidade das diferenças não só culturais, mas religiosas, o diálogo inter-religioso torna-se cada vez mais necessário na preservação das relações e compreensão recíproca entre os povos. Ele dinamiza as relações entre tradições religiosas e permite a pluralidade da manifestação do sagrado na humanidade.

Abrir-se ao diálogo não quer dizer converter-se à religião do outro ou perder a sua própria identidade, mas gerar possibilidade de reconhecimento mútuo, tal objetivo se materializa concretamente em atitudes fraternas.

No desenvolvimento do diálogo inter-religioso, escutar o outro é tão importante quanto falar e expor seus pontos-de-vista, portanto a escuta facilita o diálogo e promove um ambiente saudável e confiável. O diálogo se dá entre pessoas, assim também o diálogo inter-religioso deve surgir dessa relação, desse contato com o outro, tornando-se mais fecundo, pois parte de uma relação construída, de um encontro. Este não deve fechar-se a sistemas, a estruturas.

Uma das exigências fundamentais do diálogo inter-religioso é a recepção do outro na sua tradição religiosa e o reconhecimento da pluralidade e aceitação das diferenças. O Diálogo inter-religioso pode provocar essa mudança concreta em busca da paz. Por outro lado, a falta de diálogo impõe uma relação de desconfiança e preconceito, impõe também a demarcação de estereótipos e produzem um distanciamento entre religiões. É necessário ultrapassar as barreiras da ignorância e abrir espaço para o conhecimento e compreensão do outro e incorporar o diálogo como caminho que por certo é uma via privilegiada para a promoção da paz. O sentimento de dependência mútua e reconhecimento promovem o respeito recíproco.

O diálogo inter-religioso enseja atitude, escuta compassiva, aceitação do outro do modo que se apresenta, sem pretensão de modificá-lo, mas de acolhê-lo, traduzindo-se em um ato de amor gerador de liberdade. Neste ambiente de amor e liberdade torna-se possível a criação de elos, entre os sujeitos participantes do diálogo, capazes de sanar conflitos e cicatrizes históricas, bem como abrir espaço para esperança de uma verdadeira reconciliação além das fronteiras das diferenças rumo à construção de um mundo de paz.

O diálogo, com este desenho ideal, obriga um dinamismo pessoal, que perpassa pelo acolhimento, disponibilidade, humildade e abertura, que são essenciais no conhecimento do ponto de vista do outro, no agir conjuntamente em direção ao bem comum, de causas comuns, na habilidade de doar os próprios pontos de vista com mansidão, sem violência ou proselitismo.

O diálogo inter-religioso propicia a percepção da riqueza, beleza e grandiosidade que todas as tradições religiosas expressam e refletem em direção ao Bem Supremo nas suas aproximações e distanciamentos, nas convergências e divergências.

Mesmo diante de tantos impasses e desafios contamos também com uma mudança por vezes tímida, mas sempre crescente das identidades religiosas que desejam entrar em relação, sem perder a própria identidade, saem de uma concepção exclusivista e abrem-se para uma concepção dialogal, nunca houve na história da humanidade um período tão fértil e propício para o diálogo inter-religioso como o que estamos vivendo, pois torna-se necessário diante de um mundo cada vez mais plural.

No âmbito da Igreja Católica, a partir do Concílio Vaticano II houve a promoção de novas práticas eclesiais e reflexões teológicas, que geram a convicção de que o diálogo entre as religiões pode ser um contributo para reconstrução de laços da família humana. Dos documentos oficiais da Igreja Católica produzidos durante o Concílio Vaticano II destacam-se como essenciais para se compreender a abertura e promoção da Igreja ao diálogo inter-religioso e com o mundo, a Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as religiões não-cristãs; a Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a liberdade religiosa e a Constituição *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. Tais

documentos foram capazes de gerar a cultura do encontro com as grandes religiões.

A Declaração *Nostra Aetate* convida ao diálogo, promovendo o respeito e inspirando a Igreja a reprová-lo qualquer tipo de discriminação ou perseguição por causa das diferenças de raça, cor, condição ou religião. A Constituição *Gaudium et Spes* marca de modo significativo a passagem de uma postura exclusivista para uma postura aberta ao diálogo com o mundo. Na Declaração *Dignitatis Humanae* a Igreja condena qualquer meio coercitivo estatal, que explore o medo ou utilize outros meios para obrigar as pessoas a aderirem ou rejeitarem qualquer que seja a religião e estabelece que o ser humano deve ser livre, conforme sua consciência, para aderir e reconhecer com retidão e verdade, livremente, as determinações da lei divina.

Em relação aos três documentos conciliares apresentados verificamos a abertura ao diálogo promovido pela Igreja Católica, caminho que fora continuado em documentos oficiais pós-conciliares que continuam aprofundando as implicações doutrinárias e práticas do diálogo com outras religiões e culturas. Chamou atenção a tentativa de reconciliação conducente ao recomeço, procurando curar as feridas do passado e colhendo tudo aquilo que foi positivo e edificante entre as religiões. Destacamos, dentre estes documentos, Diálogo e Anúncio, que com a sua proposta didática de apresentar as formas de diálogo abre espaço para intercâmbios de vida e experiências religiosas. O chamado ambiente fraterno foi considerado como essencial para o desenvolvimento do diálogo inter-religioso.

Como percebemos na investigação, o reconhecimento de que todos os seres humanos são irmãos e irmãs, co-responsáveis uns dos outros se constitui imprescindível passo para o estabelecimento de um diálogo. A fraternidade significa amor ao próximo, união ou convivência como de irmãos, harmonia, paz, concórdia e mostrou-se indispensável à criação e manutenção de um compromissado diálogo inter-religioso.

O conceito de Fraternidade traz em si a potencialidade da plena cidadania entre os seres humanos, quando se reconhecem como iguais, irmãos, *fraternal*, que fazem parte de uma mesma família adentrando no

reconhecimento do outro por um ato de amor um ato de comunhão. Entre irmãos exige-se a paridade, igualdade.

A palavra fraternidade contém na sua essência o sentido de corresponsabilidade, de interdependência e gera relacionamentos autênticos que possibilitam a concretização do bem-comum, de sentir-se partícipe da grande família humana, é voltada à construção do *ut omnes* no sentido do reconhecimento do outro que é diferente de mim, mas ao mesmo tempo igual a mim.

A fraternidade não pode ser vista apenas como um sentimento, mas um princípio norteador das relações humanas onde o bem comum perpassa na vivência, no agir de cada indivíduo e tenha como fim o bem-estar da coletividade. A humanidade laica e politizada encontra na fraternidade construída e reconstruída ao longo do tempo e da história, um elemento potencializador e caracterizador da própria condição humana em sua dignidade intrínseca e natural. Uma atitude fraterna consiste em não negar, não prejudicar a liberdade do outro em suas escolhas haja vista serem legítimas. Traz consigo uma corresponsabilidade, mesmo percebendo diferenças.

A relação fraterna não está isolada da liberdade e igualdade, nem as prescinde, pois estes são pressupostos indispensáveis para compreendê-la. Uma relação humana baseada na fraternidade exige o protagonismo de todos os envolvidos em um plano horizontal, proativo e atuante (liberdade), bem como equivalência entre todos permeada de reciprocidade, pois os agentes compreendem não possuir apenas direitos, mas também obrigações (igualdade), é preciso lembrar que há, na fraternidade, um comprometimento, um dever, mas este não é suportado por uma parte dos envolvidos, mas por todos.

A fraternidade se relaciona com a interculturalidade por gerar inter-relação, diálogo, solidariedade e reciprocidade, a abertura à escuta silenciosa e o respeito aos posicionamentos dos diferentes é facilitada pelo espaço fraterno construído e aceito por todos os envolvidos no processo dialogal; envolve a paridade, pois não permite que uma cultura seja dominante, pois entre irmãos não há o binômio dominante/dominado, mas a interação

comunicativa das diferentes culturas denota igualmente a multiplicidade do gênero humano em suas mais variadas expressões, inclusive e sobretudo religiosa, posto que estas realidades são constitutivas do ser humano.

A fraternidade não pode ser restrita à busca pelo consenso e afastamento do conflito, este continua a existir dada a multiplicidade dos interlocutores, de suas experiências, desejos, história, cultura, mas a forma de equacionar os conflitos é diferente pois em uma ambiência fraterna há elementos como confiança recíproca, igualdade e liberdade com plena autonomia.

Assim entendemos que o diálogo inter-religioso permeado de um agir fraterno, pode promover uma comunicação que permita a melhor compreensão da própria religião e a abertura de conhecimento a do outro, numa dimensão de reciprocidade que possibilita viver e agir juntos nas situações concretas da vida. Situações que necessitam de uma maior sensibilidade, frente aos sofrimentos gerados pela indiferença, pelo individualismo, pela intolerância e pela falta de paz.

O diálogo com efeito pode tornar-se vida, e mesmo que possa parecer insuficiente frente aos desafios postos pelo mundo contemporâneo, pode ser o início para a mudança de postura, para a abertura ao outro, e negação a tudo o que fere a dignidade humana.

A fraternidade promove uma interação autêntica ao oportunizar o encontro de diferentes, mas que se reconhecem em mesmo patamar, assim vislumbramos que numa sociedade onde permita tal concepção a fraternidade, o agir fraterno, será uma resposta ao desejo permanente da humanidade de reconhecer-se como irmão, possibilitando o fortalecimento do diálogo inter-religioso.

Consideramos que a ação fraterna propicia ao ser humano a responsabilidade do cuidado com o outro e com o mundo em que vive, há um compromisso que se estabelece nas relações nas ações de cada indivíduo mesmo na sua diversidade de pensamento e diferentes concepções de mundo. A fraternidade potencializa ao máximo o verdadeiro diálogo gerando frutos duradouros que se eternizam no tempo e na história.

Em todo este contexto ventilado acima, nossa investigação lançou os olhares para a experiência da construção de um diálogo verdadeiramente fraterno no âmbito do Movimento dos Focolares como um movimento eclesial de espiritualidade, predominantemente leigo, de origem cristã-católica, mas que envolve cristãos de várias igrejas, fiéis de diversas confissões religiosas e pessoas que não professam uma fé religiosa.

A inquietação repousava em compreender como este Movimento, nascido na Itália na década de 1940, conseguia estabelecer um diálogo inter-religioso tão profícuo e frutuoso.

Experiências vivenciadas nas últimas décadas pelos membros do Movimento dos Focolares em diversas regiões do mundo apontam pistas concretas e efetivas de um diálogo fraterno, corresponsável com o mundo da vida entre membros de diversas religiões.

A originalidade proposta pelo Movimento dos Focolares, se traduz no, “que todos sejam um” que se reconhecem como irmãos e irmãs filhos de um único Pai. A vivência concreta da fraternidade no chamado “diálogo da vida”.

O ponto de partida do diálogo empreendido neste Movimento é a “arte de amar” a qual possui 6 (seis) pontos, quais sejam: amar a todos; amar por primeiro; amar a todos como a si mesmo; fazer-se um; amar Jesus no outro e o amor recíproco.

Consideram como a primeira qualidade do cristão, um amor que não exclui ninguém por mais diferente que seja, portanto, nada pode ser um empecilho para o amor como pátria, cor, religião, idade. Para alcançar este objetivo, defendem a fraternidade universal ao considerarem todos como filhos de um mesmo Pai. De maneira pedagógica estabelecem que todos são importantes, portanto, pretendem afastar os julgamentos pois não há superioridade de nenhuma natureza e os pré-julgamentos destroem qualquer possibilidade de unidade.

O Movimento dos Focolares propõe que seus membros devem dar o primeiro passo, amando por primeiro, ou seja, tomando a iniciativa, sendo protagonistas em primeira pessoa. Igualmente procuram vivenciar 5 (cinco) pontos: quais sejam: a visão radical de que todos os seres humanos são

candidatos à unidade; que cada próximo é ‘um Jesus’ para amar; a prática do serviço aos irmãos de modo desinteressado; a necessidade de compreender as suas exigências; a ponto de fazer-se um, criar relacionamentos.

O Movimento investigado realiza o diálogo em cinco dimensões: o diálogo com a Igreja, o diálogo ecumênico, o diálogo inter-religioso, o diálogo com pessoas de convicções não religiosas e por fim o diálogo com a sociedade e a cultura. Nossa investigação explorou cada um destes diálogos, mas, nos limites impostos a esta tese e como corte epistemológico, o foco repousou mesmo no diálogo inter-religioso, embora podemos chegar à conclusão que existe uma mesma “fórmula” presente em todos eles.

Os Focolares são portadores do carisma da unidade e sua espiritualidade exige a interlocução não somente entre os cristãos, mas aberta e comprometida com todos, inclusive pessoas de outras religiões.

Destacamos na tese o auspicioso diálogo com as religiões tradicionais africanas, um diálogo de amor concreto, teórico e visível na prática das obras de cunho fraterno, pois construídas coletivamente resguardando a dignidade e paridade entre todos. Também ressaltamos o relacionamento dialógico teórico e prático com os budistas tailandeses e da Rissho Kosei-Kai, bem como com os muçulmanos, judeus e hindus.

O sucesso da promoção de um diálogo inter-religioso real, efetivo e verdadeiro promovido pela teoria e prática no Movimento dos Focolares conduziu a observação, nesta pesquisa, das características deste diálogo desenvolvido, quais sejam tratar-se de um diálogo interessado na escuta recíproca baseada no princípio que todos têm algo a dar e receber; fundamentado no amor, desinteressado e verdadeiro; aberto ao outro, não apenas de maneira formal e além da tolerância, mas uma partilhando o ser do interlocutor vislumbrando na diferença as possibilidades de enriquecimento mútuo, também na procura de ver o mundo como o outro vê; não se colocam na defensiva ou com julgamentos acerca do diferente; cada interlocutor mantém sua identidade; valorizam aquilo que os une, os valores humanos fundamentais, e não o que divide; enfrentam as questões conflituosas, mas com serenidade e respeito na busca de novas soluções iluminadas pela unidade construída coletivamente que é maior que a soma

dos participantes; apresentam um diálogo fraterno com a vida, na concretude das ações e não apenas teórico; acreditam na força da unidade e, entenda-se bem, no respeito à diversidade de cada um, portanto, unidade e não uniformidade; procuram viver a “regra de ouro” presente nas mais diferentes religiões; consideram que o divino tem a capacidade de elevar a condição humana tornando-o cada vez melhor, o amor mútuo constrói confiança, respeito e “encontro” naquilo que é essencial; praticam o desejo do “encontro” no reconhecimento fraterno; buscam a unidade e a fraternidade universal; expõem as ideias de forma sincera, clara e com grande respeito pela opinião do outro na busca em entender e ser entendido; buscam construir relações verdadeiras e duradouras; trata-se de um diálogo de vida e fraternidade.

A possibilidade de reunir Milhares de pessoas de diferentes religiões e culturas na experiência de diálogo e ações concretas da vida, é constatar que a fraternidade a corresponsabilidade com o outro, de fato pode ultrapassar barreiras e promover o sentido de pertencimento a uma única família humana torna-se realidade. Em uma representação metafórica seria como um único jardim com a beleza da multiplicidade das flores mantendo-se, todavia, a importância particular.

O diálogo inter-religioso imbuído de um agir fraterno, pode promover uma comunicação que permita a melhor compreensão da própria religião e a abertura de conhecimento a do outro, numa dimensão de reciprocidade que possibilita viver e agir juntos nas situações concretas da vida. Situações que necessitam de uma maior sensibilidade, frente aos sofrimentos gerados pela indiferença, pelo individualismo, pela intolerância e pela falta de paz.

Em suma, verificamos, no tocante ao diálogo inter-religioso realizado pelo Movimento dos Focolares a consciência de que o “Espírito Santo sopra aonde quer”, pois reconhecem a semente do verbo nas diversas religiões. Este fato gera aproximações importantes, quais sejam: o divino e transcendental, embora com diferentes manifestações de fé, é compartilhado entre todos, qual seja a religiosidade.

O conceito e entendimento do tema que antes era restrito a líderes religiosos, passa a fazer parte e torna-se mais frequente entre as

comunidades de fiéis de diferentes credos, o sentimento de dependência mútua e reconhecimento promovem o respeito recíproco.

O chamado a viver em diálogo, que por certo, não é algo pronto, acabado ou definitivo mas que está em construção de um novo modelo que necessita ser flexível, mas sem perder as próprias convicções, porém muito ainda precisa ser feito para que se concretize na sociedade, na educação de novos sujeitos, onde seja possível acolher com sinceridade a posição do outro, um diálogo que possibilite torna viva as palavras bíblicas, “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” esse próximo que independe de raça, cor, condição ou religião, mas que faz parte dessa grande família humana, gerando assim a possibilidade de uma ética comum compartilhada por todas as religiões rumo a fraternidade universal.

REFERÊNCIAS

- ACHARYA, Kala. **Chiara Lubich e il dialogo**: In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014.
- AKAGAWA, Keiichi. **Dialogo con i Movimenti Buddhisti Mahayana: La Rissho Kosei-Kai e il Focolare**. In: *Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana*. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014.
- ANDRADE, Ana Paula Cavalcante Luna de. **A ética do discurso habermasiana: novo paradigma na sociedade moderna e possível meio de integração social**. Dissertação de Mestrado defendida no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE, Recife, 2007.
- ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **A libertação desdobra-se em diálogo?** Teologia da libertação e diálogo inter-religioso. In *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1717, out./dez. 2013.
- ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **Diálogos interculturais e diversidade religiosa**. Recife: FASA, 2017.
- ARAGÃO, Gilbraz de Souza. **Lógica e diálogo**: a física e a teologia do diálogo inter-religioso. In: *Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap*. Recife: FASA, anual, ano 4, n. 4, p. 76-127, 2005.
- ARAÚJO, Jurandyr Azevedo. **Diálogo inter-religioso: considerações, elementos unificadores e desafiantes**. Disponível em: <http://www.salesianos.br/news/artigo-dialogo-inter-religioso-consideracoes-elementos-unificadores-e-desafiantes>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.
- ARAÚJO, Luiz Bernardo Leite. Apresentação à edição brasileira HABERMAS, Jurgen. Fé e Saber. São Paulo: Editora Unesp, 2012
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: Palavras e ação**. Porto alegre: Artes Médicas, 1990.
- BACK, Joan Patricia. **Il contributo del Movimento dei Focolari Allá koinonia ecumenica: uma spiritualità del nostro tempo al servizio dell'unità**. Roma: Città Nuova Editrice, 1988.
- BAGGIO, Antonio Maria. (Org.). **Fraternidade e reflexão politológica contemporânea**. In: BAGGIO, Antonio Maria (Org.). *O Princípio Esquecido/2*. São Paulo: Cidade Nova, 2008.
- BAGGIO, Antonio Maria (org). **O princípio esquecido**. São Paulo: Cidade Nova, 2008.

BAGGIO, Antonio Maria. **La fraternidad antagonista: la interpretación freudiana y la fundación de la sociedad igualitaria y conflictiva**. In: BAGGIO, Antonio Maria (org.). *La fraternidad em perspectiva política: exigências, recursos, definiciones del principio olvidado*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2009.

BAGGIO, Antonio Maria. **La fraternità: una nuova categoria nello spazio pubblico**. In: OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; VERONESE, Josiane Rose Petry. *Direitos na pós-modernidade: a fraternidade em questão*. Florianópolis: Funjab, 2011.

BARZOTTO, Luís Fernando. **Fraternidade**: uma aproximação conceitual. In: MACHADO, Carlos Augusto Alcântara; JABORANDY, Clara Cardoso Machado; BARZOTTO, Luciane Cardoso. *Direito e Fraternidade: em busca de concretização*. Aracaju: EDUNIT, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética pós-moderna**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BARROS, Marcelo. **A unicidade e universalidade salvíficas de Jesus Cristo e da Igreja**. *A Dominus Jesus cinco anos depois e a Teologia na América Latina*. In: Livros Digitais Koinonia. Volumen 1. Versión 1.01 (25-10-2005). Disponível em: <http://servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK1port.pdf>, p.14. Acesso em 27 de abril de 2019.

BERGOGLIO, Jorge Mário; SKORKA, Abraham; FIGUEROA, Marcelo. **A solidariedade**. Sandra Martha Dolinsky (Trad.) São Paulo: Benvirá, 2013.

BIZON, Cônego José. SCHLESINGER, Rabino Michel (orgs.) **Diálogo inter-religioso**: religiões a caminho da paz. São Paulo: Paulinas, 2018.

BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

BORIN, Luiz Cláudio. **Educação para a Paz: uma proposta pedagógica para a não violência**. Disponível em: http://www.faac.unesp.br/pesquisa/tolerancia/texto_educacao_borin.htm, acesso em 30.08.2012.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **Caminos de utopía**. Ciudad de Mexico: Fondo de cultura economica, 1987.

BUBER, Martin. **Do Diálogo e do Dialógico**. Trad: Marta Ekstein de Souza Queiroz, Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BROGNA, Giusy. **Dialogo com l'Islam in Italia**. In: Ekklesia, Rocca di Papa: Città Nuova, Aprile/Giugno 2019.

CARDITA, Ângelo. **Vaticano II 40 anos depois**. Coimbra: Ariadne Editora, 2005.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **O anti-semitismo nas Américas**: memória e história. São Paulo: EDUSP, 2007.

CATALANO, Roberto (et alli). **Interreligious Dialogue in the Teachings of the Church**. Tagaytay City: School of Dialogue with Oriental Religions, 2009.

CATALANO, Roberto. **Mohammad Shomali: l'ottimismo del dialogo**. In: *Nuova Umanità: Rivista bimestrale di cultura*, Nov.-Dez. 2013.

CATALANO, Roberto. **Spiritualità di comunione e dialogo interreligioso: l'esperienza di Chiara Lubich e del Movimento dei Focolari**. Città Nuova Editrice, 2010.

CATÃO, Francisco. **Vaticano II**: mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007.

CERVIÑO, Lucas. **A fraternidade em conflito e o conflito fraterno: contribuições a partir da interculturalidade**. In: LOPES, Paulo Muniz (org.). *A fraternidade em debate: percurso de estudos na América latina*. São Paulo: Cidade Nova, 2012.

CERVIÑO, Lucas. **Fraternidad y insituciones políticas: propuestas para una mejor calidad democrática**. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2012.

CHIARETTO YAN, Kin Sheung. **Il Vangelo oltre la grande muraglia: sfide e prospettive del cristianesimo in Cina**. Bologna: Emi, 2015.

CIARDI, Fabio. **L'unità un segno dei tempi: i giovani religiosi si interrogano**. Roma: Città Nuova, 1990.

CICCHESE, Genaro. **Incontro a te**: antropologia del dialogo. Roma: Citta Nuova, 2010.

CICCHESE, Genaro. **Antropología del diálogo**: hacia el “entre” de la interculturalidad. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2011.

CIROCCO, Luciana (et alli). **ATTI del corso di approfondimento per “amici del dialogo” tra persone di convinzioni diverse**. Castel Gandolfo: Città Nuova Editrice, 2006.

CLARIÀ, Carlos. **In diálogo tra persone di convinzioni diverse: storia e sviluppo**. In: *In dialogo per la solidarietà*. Castel Gandolfo: Città Nuova, 1999.

COCCHIARO, Matilde. **Natália, la prima compagna di Chiara Lubich**. Roma: Città Nuova Editrice, 2013.

COCCHIARO, Matilde. **Nel deserto fiorisce la fraternità: Ulisse Caglione fra i musulmani.** Roma: Città Nuova Editrice, 2006.

CODA, Piero. **Dio che dice Amore: lezioni di teologia.** Roma: Città Nuova, 2007.

CODA, Piero. **Nella moschea di Malcolm X: con Chiara Lubich negli Stati Uniti e in Messico.** Roma: Città Nuova, 1997.

COX, Cristián. **El principio de fraternidad em los valores, instituciones y relaciones sociales de la educación escolar latinoamericana.** In: MARDONES, Rodrigo. *Fraternidad y educación: um princípio para la formación ciudadana y la convivencia democrática.* Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2012.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião.** São Paulo: Paulinas, 2001.

CRUZ, Ramiro Loureiro da. **Diálogo inter-religioso: o desafio do nosso tempo.** In: Além Mar (perspectiva missionária). Jan. 2007, disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEyZIEIVVukhUYCFUa>, acesso em 08 de Dezembro de 2016.

DAL RÌ, Claretta. **Dialogo com persone di convinzioni diverse nella prospettiva aperta da Chiara Lubich.** Rocca di Papa: Città Nuova Editrice, 1996.

DANEO, Sílvio. **Impensate Vie: Evoluzione e sviluppo del dialogo ecumênico e interreligioso nella Chiesa cattolica.** Torino: Hever Edizioni, 2014.

DANEO, Sílvio *Et alli.* **The meaning of suffering in Asian religions: Hinduism, Buddhism, Islam and Christianity.** School of Dialogue with oriental religions, 2017.

DEBRAY, Régis. **Le moment fraternité.** Paris: Gallimard, 2009.

DE MARCO, Viviana. **Amare la Chiesa dell'altro come la propria.** Klaus Hemmerle e l'unità dei cristiani. In: Nuova Umanità> Rivista bimestrale di cultura, nº 204, 2012.

DECOCK, Diana Chao. **Sobre a religião universal em Vivekananda.** In: Voluntas: Revista Internacional de Filosofia (UFSM). v. 10, n. 2 (2019).

DE FIORES, Stefano; GOFFI, Tullo. **Dicionário de espiritualidade.** São Paulo: Paulinas, 1989.

DUQUE, João. **Sob o signo da universalidade: breve impulso para uma leitura da Gaudium et Spes.** In: CARDITA, Ângelo (Org). **Vaticano II: 40 anos depois.** Coimbra: Ariadne, 2005.

DUPUIS, Jaques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EFKEN, Karl-Heinz. **Razão comunicativa e integração social em Jürgen Habermas**. In: Revista Symposium, Recife, Vol. 8, nº 1, Jan./Jun. 2004.

FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FITZGERALD, Michael. **A unidade desejo de Deus: quarenta anos de diálogo inter-religioso**. São Paulo: Cidade Nova, 2008.

FONDI, Enzo Maria; ZANZUCCHI, Michele. **Um Povo Nascido do Evangelho: Chiara Lubich e os Focolares**. Apelação: Paulus, 2004.

FRISOTTI, Heitor. **Passos no Diálogo: igreja católica e religiões afro-descendentes**. São Paulo. Paulus, 1996.

GABIJAN, Crescencia C. ***Dialogue, Light and Fire: Chiara Lubich and the Spirituality of Unity***. Manila: UST Publishing House, 2017.

GUEDES, Gabriel Pinto; GUEDES, Priscila Dal Ponte Amado; BARZOTTO, Luciane Cardoso (orgs.) **Direito e Fraternidade: em busca de respostas**. Porto Alegre: Editora Sapiens, 2016.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão destranscendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Comentários à ética do discurso**. Trad. Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1990.

HABERMAS, Jürgen. **Racionalidade e Comunicação**. Trad. Paulo Rodrigues. Lisboa: Edições 70, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e Ciência como “Ideologia”**. Lisboa: Edições 70, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa I**. Madrid: Taurus, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la Acción Comunicativa II**, Madrid: Taurus, 2003.

HASSELHOFF, Görg K. **Modelos de Diálogos Inter-Religiosos na História da Igreja**. Roberto Hofmeister Pich (Trad.). Disponível em revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/11301/7708, acesso em 08 de Dezembro de 2016.

JONES, Lindsay (editor in chief). **Encyclopedia of religion**. 2nd ed. Farmington Hills, 2005.

KÜNG, Hans. **El Islam. Historia, presente, futuro**. Trotta, Madrid, 2006.

KÜNG, Hans. **Para que um ethos mundial?: religião e ética em tempos de globalização**. São Paulo: Loyola, 2005.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 2003.

KUNG, Hans. **Religiões no mundo. Em busca dos pontos comuns**. Campinas: Verus, 2004.

LAIN, Vanderlei. **Nova consciência: a autonomia religiosa pós-moderna**. Recife: Fasa, 2012.

LEE, Christina. **Chiara Lubich e il dialogo: In: Chiara e le Religioni: insieme verso l'unità della famiglia umana**. Gastel Gandolfo: Asian trading Corporation, 2014.

LIBANIO, J. B. **Concílio Vaticano II**. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.

LUBICH, Chiara. **A arte de amar**. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

LUBICH, Chiara. **Discurso** em Innsbruck (Áustria), no Congresso "1000 cidades para a Europa". Novembro de 2001.

LUBICH, Chiara. **Chiara Lubich e o movimento dos focolares**. São Paulo: Cidade Nova. 1983

LUBICH. Chiara. **Como um Arco-íris: Aspectos Concretos da vida do Movimento dos Focolares**. 2016.

LUBICH, Chiara. **Diálogo como cultura**. Maracaibo: Universidad Católica Cecilio Acosta, 2005.

LUBICH, Chiara. **Il dialogo islamo-cristiano nel Movimento dei Focolari**. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018.

LUBICH, Chiara. **L'amore reciproco: nucleo fondamentale della spiritualità dell'unità**. In: CIARDI, Fabio. L'unità un segno dei tempi: i giovani religiosi si interrogano. Roma: Città Nuova, 1990.

LUBICH, Chiara. **Libertad, igualdad... qué fin tuvo la fraternidad?** Londres, 2004, disponível em: <http://www.mppu.org/es/documentos/chiara-lubich/47-libertad-igualdad-que-fin-tuvo-la-fraternidadpdf.html> acesso em 15 de Maio de 2020.

LUBICH, Chiara. **L' Unità**. Roma: Città Nuova, 2015.

LUBICH, Chiara. Mensagem ao I Congresso Nacional sobre o tema “Direito e Fraternidade”. **Rocca di Papa, 25 de janeiro de 2008. Disponível em:** <http://www.comunionediritto.org/br/30-testi/brasile-2008/330-i-congresso-nacional-sobre-o-tema-direito-e-fraternidade.html>, acesso em: 27 de Maio de 2020.

LUBICH, Chiara. **O amor mútuo**. São Paulo, Cidade Nova, 2013.

LUBICH, Chiara. **O Grito**. Parede: Cidade Nova, 2000.

MACHADO, Sílvia. **Diálogo inter-religioso: afinidades entre Islamismo e Cristianismo e a perspectiva de entendimento entre as tradições**. Curitiba: AD Santos, 2014.

MALLARI, Roberto (*et alli*). **The meaning of suffering in Asian religious: Hinduism, Buddhism, Islam and Christianity**. Tagaytay City: School of Dialogue with Oriental Religions, 2017.

MARDONES, Rodrigo. **Hacia una precisión conceptual de la fraternidad política**. In: BARRENECHE, Osvaldo. (org.) *Estudios recientes sobre fraternidad: de la enunciación como principio a la consolidación como perspectiva*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2010.

MARDONES, Rodrigo. **Por uma exatidão conceitual da fraternidade política**. In: LOPES, Paulo Muniz (org.). *A fraternidade em debate: percurso de estudos na América latina*. São Paulo: Cidade Nova, 2012.

MARTIN, Leonardo; PORTO, Humberto. **Unidade e fraternidade**. São Paulo: Paulinas, 1982.

MENEZES, Anderson de Alencar. **A evolução do diálogo na Igreja Católica: A Ecclesiam Suam**. Trabalho de Graduação em Teologia defendido no Instituto Teológico Pio XI, São Paulo, 2002.

MENEZES, Anderson de Alencar. **Religiões e espaço público: uma perspectiva pós-secular na ótica de Jurgen Habermas**. In: Revista de Cultura Teológica, n. 88, 2016.

MOUSSALLEM, Rita. **Costruire insieme il futuro**. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018.

NIÑO, Miguel. **Diálogo y fraternidad en la construcción de paz**. In: BAQUERO, Javier; NUIM, Susana (orgs.) Memorias del VI Seminario Internacional sobre estudios de fraternidad: perspectivas de lo político desde la fraternidad. Caruaru: Editora ASCES, 2018.

PACE, Enzo; OLIVEIRA, Irene Dias de; AUBRÉE, Marion (orgs.) **Fundamentalismos religiosos, violência e sociedade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico prática**. 17. ed. Campinas: Papirus, 2012.

PANASIEWICZ, Roberley. **Os níveis ou formas de diálogo inter-religioso: uma leitura a partir da teologia cristã**. In: Horizonte, v. 2, nº 3, Belo Horizonte, 2003.

PANIKKAR, Raimon. **L'incontro indispensabile: dialogo delle religioni**. Milano: Jaca Book, 2001.

PANIKKAR, Raimon. **The Intra-religious dialogue**. New Jersey: Paulist press, 1999.

PANIKKAR, Raimon. Prólogo em: VALLESCAR PALANCA, Diana de. **Tender puentes, abrir caminos: vida consagrada y multiculturalidad**. Madrid: Clarentianas, 2007.

PARLAMENTO DAS RELIGIÕES MUNDIAIS. **Declaração de Ética Mundial**, 4 de setembro de 1993 Chicago, E.U.A. Disponível em: https://www.weltethos.org/1-pdf/10-stiftung/declaration/declaration_portuguese.pdf, acesso em 22 de Maio de 2020.

PIZZOLATO, Filippo. **A fraternidade no ordenamento jurídico italiano**. In: BAGGIO, Antônio Maria. O princípio esquecido. São Paulo: Cidade Nova, 2008.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O diálogo das religiões**. São Paulo: Paulus, 1997.

RESTA, César. **O Direito Fraterno**. Tradução Sandra Regina Martini Vial (Coord.). Santa Cruz do Sul - RS: EDUNISC, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: metodos e tecnicas**. São Paulo: Atlas, 2012.

RIES, Julien. **La scienza delle religioni**. Milano: Jaca Book, 2008.

ROPELATO, Daniela. **Notas sobre participação e fraternidade**. In: BAGGIO, Antonio Maria (Org.). O princípio Esquecido I: A fraternidade na reflexão atual das ciências políticas. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2008.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

SILVA, Marconi Aurélio e; ANDRADE, Fernando Gomes de; LOPES, Paulo Muniz (orgs.) **Cidadania, participação política e fraternidade: uma abordagem multidisciplinar**. Recife: Editora da UFPE, 2014.

SINISCALCO, Paolo. TOSCANI, Xenio. **Paolo VI e Chiara Lubich: La profezia di una chiesa che si fa dialogo**. Brescia: Istituto Paolo VI: Edizioni Studium, 2015.

SALENSON, Christian. **L'Échelle mystique du dialogue**. Paris, Bayard, 2018.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

SOUZA SILVA, Juliana. SOUZA NETO, Samuel de. **Projeto 'Escola de Educadores': a fraternidade como prática pedagógica**. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd91/ee.htm>, acesso em 28.10.2011.

STÜRNER, Rosângela. **Diálogo inter-religioso**. In Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura. Ano II, n. 15.

SWIDLER, Leonard. **Toward a universal theology of religion**. New York: Orbis Books, 1987.

TEISSIER, Henri. **Storia del dialogo islamo-cristiano in Algeria**. In: Nuova Umanità, 232, Ottobre/Dicembre 2018.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo: itinerários inter-religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso: a arte do possível**. Aparecida: Santuário, 2008.

TORNO, Armando. **Levar a Ti o mundo em meus braços**: vida de Chiara Lubich. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2011.

USARSKI, Frank (org.) **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2007.

USARSKI, Frank. **A Construção do Diálogo**: o Concílio Vaticano II e as religiões. São Paulo: Paulinas, 2018.

VATICANO. **Declaração Nostra Aetate**. Papa Paulo VI. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html>, acesso em 05 de Dezembro de 2019.

VARGAS, José Arturo Luna. **La persona, comunicación política y ética. Puntos claves para la construcción de lo público**. In: BAQUERO, Javier; NUIM, Susana (orgs.) Memorias del VI Seminario Internacional sobre estudios de fraternidad: perspectivas de lo político desde la fraternidad. Caruaru: Editora ASCES, 2018.

VERONESE, Josiane Rose Petry; OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; MOTA, Sérgio Ricardo Ferreira (orgs.) **O Direito no Século XXI o que a Fraternidade tem a dizer**. Florianópolis: Insular, 2016.

VERONESE, Josiane Rose Petry; OLIVEIRA, Olga Maria Boschi Aguiar de; MOTA, Sérgio Ricardo Ferreira (orgs.) **O Direito revestido de Fraternidade**. Florianópolis: Insular, 2016.

VOCE, Emmaus Maria. **Desafios**: a Presidente dos Focolares Fala da Igreja, Sociedade e do Próprio Movimento. In: Alexandre Magno de Araújo (Trad). São Paulo: Cidade Nova, 2014.

WOLFF, Elias. **Espiritualidade do diálogo inter-religioso**: contribuições na perspectiva cristã. São Paulo: Paulinas, 2016.

WOLFF, Elias. **Ministros do diálogo**: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

ZANZUCCHI, Michele. **Mille lune. In India con Chiara Lubich**. Roma: Città Nuova, 2001.

ANEXO 1

Roteiro de Entrevista

Entrevista com Membros do Movimento dos Focolares

Identificação Pessoal

Gênero

- Feminino
- Masculino

Idade

- Até 35 anos
- 26 a 46 anos
- 47 a 54 anos
- Mais de 55 anos

- 1) Qual a sua Religião/ confissão religiosa que faz parte?
- 2) Há quanto tempo participa do Movimento dos focolares?
- 3) Como conheceu o Movimento dos focolares?
- 4) Na sua formação como membro do Movimento dos Focolares o tema acerca Diálogo Inter-religioso foi abordado?
- 5) Como membro do Movimento dos Focolares você considera importante o diálogo Inter-religioso? Porquê?
- 6) Você já vivenciou alguma experiência concreta de diálogo Inter-religioso promovida pelo Movimento dos Focolares?
- 7) Para você quais as premissas do Movimento dos Focolares para a efetivação do Diálogo Inter-religioso? Você acredita que a fraternidade é uma das premissas?
- 8) Para você o que é a Fraternidade?
- 9) Quais os desafios da vivência do Diálogo Inter-religioso dentro do Movimento dos Focolare.

ANEXO 2

Roteiro de Entrevista

Entrevista semi-estruturada com fiéis de diferentes tradições religiosas, colaboradores do Movimento dos Focolares.

- 1) Para você, o que significa a palavra fraternidade? Como entendem seu significado? Há essa palavra na sua religião?**
- 2) Como pensa o diálogo inter-religioso e qual a sua importância?**
- 3) Qual a relação que você tem com o Movimento dos Focolares? Como está relação foi e continua sendo construída?**